Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Artes

Ana Paula Chaves Mello

Elogio à dispersão: o Coletivo Mesa e os Percursos Urbanos como uma experiência estético-política na cidade de Fortaleza/CE

Rio de Janeiro
2012

Ana Paula Chaves Mello

Elogio à dispersão: o Coletivo Mesa e os Percursos Urbanos como uma experiência estético-política na cidade de Fortaleza/CE

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História e Crítica de Arte.

Orientadora: Profª. Dra. Vera Beatriz Cordeiro Siqueira

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

M527 Mello, Ana Paula Chaves.
Elogio à dispersão: o coletivo mesa e os percursos urbanos como uma experiência estético-política na cidade de Fortaleza/CE / Ana Paula Chaves Mello. – 2012.
179 f. : il.

Orientadora: Vera Beatriz Cordeiro Siqueira.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Arte e sociedade – Teses. 2. Artistas – Teses. 3. Espaços públicos – Teses. 4. Grupos sociais – Teses. 5. Arte interativa – Teses. 6. Participação social – Teses. I. Siqueira, Vera Beatriz. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 7:301

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Ana Paula Chaves Mello

Elogio à dispersão: o Coletivo Mesa e os Percursos Urbanos como uma experiência estético-política na cidade de Fortaleza/CE

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História e Crítica de Arte.

Aprovada em: 30 de março de 2012.

Banca examinadora:

_____

Profª. Dra. Vera Beatriz Cordeiro Siqueira (orientadora)
Instituto de Artes da UERJ

_____

Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares
Sociologia da UFPE

_____

Prof. Dr. Marcelo Gustavo Lima de Campos
Instituto de Artes da UERJ

Rio de Janeiro

2012

Aos meus pais
Olga e Floriano
em memória.

Às minhas irmãs
Karla e Claudia
pela força.

A Leo, meu amor.

À amiga Mara.

AGRADECIMENTOS

À Orientadora Vera Beatriz Siqueira por assumir e apoiar esse percurso.

À amiga Jacqueline Medeiros pela indicação do Coletivo Mesa e pelas conversas, apoio, e calorosa recepção em Fortaleza.

A Julio Lira e Thais Monteiro, do Coletivo Mesa, pelas longas conversas e generosa recepção em Fortaleza.

Aos Percursos Urbanos que me apresentaram as ‘cidades’ de Fortaleza e despertaram o interesse pela minha cidade.

Ao Professor Mario Orlando Favorito pelos incentivos desde a graduação.

Ao Núcleo Experimental de Educação e Arte MAM RJ pelo apoio, pelas conversas que alimentaram esse percurso e a paciência pelas ausências frequentes.

Aos amigos Robson Reis e Julia Costa pelas tardes de café e as longas conversas.

À amiga Márcia Aparecida pelos constantes votos de carinho.

Ao amigo Leo Bertolossi pelas saudosas conversas e incentivos para realização do mestrado.

Às amigas Andreza Bittencourt e Maíra Dias pelo “impulso vital”.

Aos Professores Sheila Cabo Geraldo, Maria Berbara, Aldo Victorio, Malu Fatorelli, Rodrigo Guéron, Luiz Sérgio de Oliveira (UFF), Marcelo Campos e Liliane Heynemann pelas aulas e orientações.

Ao Professor Paulo Marcondes (UFPE) pela generosa atenção.

[...] o mais importante e bonito, do mundo, é
isto: que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas – mas que elas
vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.
Verdade maior. É o que a vida me ensinou.

João Guimarães Rosa

RESUMO

MELLO, Ana Paula Chaves. *Elogio à dispersão*: o coletivo mesa e os percursos urbanos como uma experiência estético-política na cidade de Fortaleza/CE. 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado em História e Crítica de Arte) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Esta dissertação apresenta uma reflexão sobre os processos que levaram os artistas a atuarem em formações grupais e/ou coletivas e os desdobramentos que essas práticas produziram na arte. A partir de diferentes contextos, o estudo analisa algumas concepções sobre 'grupo' e 'coletivo' e em que medida a arte envolve-se em regras e organizações correlativas as que governam as estruturas de uma sociedade. Analisamos a produção dos artistas nos grupos, uns respondendo à lógica mercantil e outros se organizando em torno das questões sociais e políticas dos seus respectivos contextos a fim de produzir diferentes reflexões e intervenções. Ao pensarmos na cidade como território para essa discussão, analisamos o Coletivo Mesa que utiliza como método de trabalho a lógica da dispersão, assumindo a noção de coletivo como ação, movimento, fluxo de entrada e saída de diferentes saberes e concepções no espaço urbano. Apresentamos o projeto Percursos Urbanos que funciona como uma plataforma volante de investigação e convivência que se estrutura a partir de um ônibus comum, um mediador e 'passageiros' que juntos realizam uma partilha de experiências e saberes, lançando novas descobertas e olhares sobre a cidade de Fortaleza/CE. Buscamos ampliar a partir da pesquisa, a possibilidade de incluir na história da cidade, aspectos que não obedeçam somente o caminho traçado pelos monumentos, mas o exercício da *flânerie* como experiência estética e o discurso como dispositivo mediático.

Palavras-chave: Coletivo. Intervenção urbana. Mediação.

ABSTRACT

This dissertation presents a reflection on the processes that persuaded artists to act in group and/or collective formations and the consequences produced by these practices in art. Departing from different contexts, the study analyzes some conceptions of “group” and “collective” and at which extent art is enmeshed in correlative rules and organizations that govern the structures of a society. We analyzed the production of artists in groups, some answering to market logics and others organizing themselves around social and political issues of their respective contexts in order to produce different reflections and interventions. By thinking the city as a territory for such discussion, we analyzed Coletivo Mesa, a group that employs the logics of dispersion as a work method, understanding the concept of collective as action, movement, an entry and exit flow of different types of knowledge and conceptions within the urban space. We present the project Percursos Urbanos that functions as a steering platform of research and exchange structured as a common bus, a mediator and “passengers” who together share experiences and knowledge, casting new discoveries and glances over the city of Fortaleza/CE, Brazil. Departing from our research, we attempted to expand the possibility of including in the history of the city aspects that do not only obey the path outlined by monuments, but the practice of *flânerie* [wandering] as an aesthetical experience and the discourse as a mediatic dispositive.

Keywords: Collective. Urban intervention. Mediation.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	08
1	**MEDIAÇÃO I: COLETIVO E GRUPO: ALGUNS DIAGRAMAS**	12
1.1	**Retratos de grupo**.....	12
1.1.1	*Lodges* e *guildas*: grupos-controle.....	18
1.2	***Avant-garde*: expressões coletivas**.....	22
1.3	**Coletivo como não-grupo**.....	29
2	**MEDIAÇÃO II: O COLETIVO MEDIAÇÃO DE SABERES FORTALEZA/CE**.....	35
2.1	**Elogio à dispersão: *moho mucilaginoso***.....	35
2.2	**"Campos de concentração": apartheid social**.....	41
2.3	**Pauta do dia: Percursos Urbanos**.....	49
2.4	**Às margens de uma cidade de água e sal: espaços invisíveis da cidade turística**.....	58
2.5	**A prática discursiva como experiência estética e política**.....	63
2.6	**Os Percursos Urbanos e o conceito de escultura social de Joseph Beuys**.....	69
3	**MEDIAÇÃO III: O SISTEMA DE ARTE E AS PRÁTICAS COLABORATIVAS**	73
3.1	**Arte e vida cotidiana(s)**.....	73
3.2	**Arte pública: democratização do território?**.....	80
3.3	**A mediação como dispositivo discursivo social e cultural**.....	86
4	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....	93
	REFERÊNCIAS.....	98

ANEXO A - Programação dos Percursos Urbanos no CCBN (2012 a 2004)..... 104

ANEXO B - Alguns Percursos Urbanos..... 168

INTRODUÇÃO

Iniciamos essa pesquisa com o seguinte questionamento: Por que os artistas se organizam coletivamente? Essa questão nos levou a um problema mais amplo: Como a sociedade se organiza e o que entendemos por coletivo, coletividade, coletivização no contemporâneo? O que significava para a experiência social, a prática coletiva? Começamos a analisar se havia diferenças conceituais e estruturais na formação de grupos e coletivos e como refletiam no campo da arte. Em um mapeamento inicial, percebemos que havia inúmeras manifestações que envolviam a noção de coletivo e grupo 'dentro' e 'fora' do circuito oficial das artes[1]. Precisávamos fazer um recorte. Resolvemos optar pela análise das representações do conceito de coletivo no contexto urbano. Ao pensarmos na cidade como território para essa discussão, iniciamos um mapeamento dos grupos e coletivos que trabalhassem, sobretudo com intervenção urbana.

Nossa primeira iniciativa foi pesquisar plataformas virtuais que discutissem a noção de coletivo em arte. Conhecemos o CORO (Colaboradores em Rede e Organizações),[2] uma plataforma de mapeamento virtual que tem por objetivo promover intercâmbios, encontros e debates entre coletivos de arte, iniciativas e espaços independentes, ações continuadas, associações, cooperativas e colaboradores no Brasil e exterior, articulado por Flávia Vivacqua, artista, educadora e designer cultural para sustentabilidade[3]. Através do CORO, tivemos a oportunidade de participar do projeto "Reverberações 2010", um festival organizado a cada dois anos, desde 2004, na cidade de São Paulo, com o intuito de conectar os principais coletivos de arte, artistas, produtores culturais, pesquisadores, e ativistas.

O projeto "Reverberações" pretende ser um "encontro aberto e participativo, que articula e agrega diferentes profissionais que trabalham com novas metodologias, processos coletivos de criação e/ou iniciativas culturais colaborativas [...]."[4], além de reunir as palavras 'colaboração', 'autogestão', 'autonomia' como princípios da "inter-independência na produção atual das artes visuais e cultura brasileira."[5] No entanto, ao participarmos de um dos quatro encontros, percebemos nos debates que cada 'coletivo' deseja individualizar-se, deseja

---

[1] Entendendo por museus, galerias, salões de arte, bienais etc.

[2] Disponível em < http://www.corocoletivo.org/> Acesso em 09 mar 2012.

[3] Assim denominada pela artista em seu blog <http://flaviavivacqua.wordpress.com/textos/por-flavia-vivacqua/> Acesso em 09 mar. 2012.

[4] Trecho do texto do projeto "Reverberações 2010". Disponível em < http://blog.reverberacoes.com.br/> Acessado em 09 mar. 2012.

[5] Idem

um “lugar ao sol”, isto é, arrecadar um “Fundo” solidário do Estado para incentivo de suas práticas artísticas, o que consequentemente, em nossa análise, os levarão automaticamente a fazer parte do hall dos grupos de artistas do circuito oficial das artes. Uma contradição diante do que ‘reverberam’ alguns coletivos de artistas e ativistas enquanto discurso quando decidem atuar nas ‘periferias’ da arte colocando-se à margem do seu centro hegemônico quando na verdade, suas pretensões envolvem também, ter o trabalho financiado por uma corporação.

A partir desse encontro e da plataforma de discussão do CORO, começamos a nos indagar sobre as diferentes concepções de coletivo e iniciamos um mapeamento de alguns interesses que mobilizavam os projetos dos coletivos de artistas e ativistas. Dentre uma gama de intenções, elencamos algumas citações retiradas do banco de dados do CORO[6] para ilustrar os caminhos iniciais que percorremos para realizar essa pesquisa: “encurtar as distâncias entre arte e vida” (Coletivo GIA); “necessidade de experiências de imersão nas diversas realidades que constituem a vida urbana” (Coletivo C.O.B.A.I.A.); “intervenções públicas de cunho político, como a ação em espaços da cidade abandonados pelo poder público” (Coletivo Entorno); “movimento individual/coletivo expande-se até o diálogo com comunidades tradicionais” (Newton Goto); “buscar uma interação maior entre o fazer artístico, o público e a cidade” (Coletivo Poro); “micropolíticas no cotidiano partindo de intervenções-obras-experiências pontuais e efêmeras” (Coletivo Curto-Circuito); “os artistas trabalham de maneira coletiva, sem, contudo, podar o processo criativo individual” (Grupo Gomo); “não limitando seus campos de atuação ou seu corpo, a ideia é a de um coletivo aberto, um organismo rizomático que figure como plataforma de aproximações” (Brecha Coletivo) etc.

A partir desse mapeamento, começamos a delinear um percurso que pudesse discutir o coletivo segundo seu campo discursivo e identificar em que momentos históricos o artista esteve envolvido em práticas coletivas e quais desdobramentos ocorreram ao longo desse processo. A prática coletiva, em si, nada tem de nova. Como tradição na arte, produzir em colaboração esteve presente não só durante todo o século XX, como em todos os modos de organização em que o artista esteve inserido.

Consideramos em primeira análise, que atuar coletivamente é a possibilidade de se ter voz e dar voz, obter escuta e praticar escuta, em que todas as opiniões serão discutidas e postas em acordo publicamente. Uma utopia? Talvez. Mas ao analisar nossa própria experiência, percebemos que constituímos e/ou integramos grupos continuamente. E muitos, mesmo antagônicos, persistem. São criados em suas diversidades e diluídos a todo o

[6] Disponível em < http://www.corocoletivo.org/> Acesso em 10 mar 2012.

momento. Desse modo, observamos os mesmos fenômenos quando se referem aos grupos e coletivos de arte. Justifica-se portanto, a intenção de pesquisar os coletivos como dispositivos e não isolá-los como objetos dados, construídos, mas pensá-los como máquinas, como produção de acontecimentos, como invenção de novas cenas e atos que desmancham territórios cristalizados.

Percebemos nesse processo uma dicotomia: o indivíduo que se distingue do grupo para manter sua individualidade, ou que a perde para manter-se no grupo. Será que podemos pensar o coletivo com linhas nômades, abertas a novas conexões que provoquem discussões em relação à dicotomia individuo – sociedade?

Ao adotarmos a noção de coletivo como dispositivo, acionando suas capacidades de múltiplas leituras sobre seu emprego na história da arte, identificamos algumas variáveis que expressam a noção de arte como fenômeno coletivo aplicado à colaboração de artistas, artesãos e operários ao executarem grandes empreendimentos; colaborações de artistas com propósitos comuns ao tornar público suas pretensões; artistas como propositores de experiências coletivas ao inserir o espectador como participador, colaborador da obra, considerando-a como um ato coletivo e não mais individualizado e os usos do coletivo nas práticas atuais cujo referencial é, sobretudo, discursivo.

Escolhemos para análise o Coletivo Mesa que atua sobre a lógica da dispersão, isto é, não atua enquanto grupo fechado ou aberto a colaborações, mas como ação, movimento, fluxo de entrada e saída de diferentes saberes e concepções. E não somente a proposta do coletivo nos interessou, mas optamos também, por um dos projetos que este desenvolve chamado Percursos Urbanos, em que culminará toda a discussão sobre o estar coletivo, o pensar coletivo no espaço urbano e as diversas percepções individuais que em colaboração se apresentam como temas de cidades dentro da cidade de Fortaleza.

Há muitas afirmações e interseções sobre a ideia de grupo e coletivo. No primeiro capítulo apresentamos alguns ‘retratos de grupo’, coletando algumas definições dos dicionários sobre os verbetes ‘grupo’ e ‘coletivo’ e referenciais teóricos que discutem os termos e suas variações para em seguida, fazermos uma incursão às formações de grupos de artistas e artesãos que atuavam coletivamente sob os domínios das corporações no período medieval. Interessa-nos analisar a produção e a recepção coletiva da obra de arte nesse contexto, correspondendo aos interesses das instituições. A produção coletiva voltada para interesses mercantis nos leva a discussão da autonomia da arte e as mobilizações dos artistas no final do século XIX e no decorrer do século XX através de questionamentos sobre o distanciamento entre arte e vida cotidiana.

No segundo capítulo, analisamos o Coletivo Mesa e os Percursos Urbanos a partir de uma entrevista realizada com Julio Lira, sociólogo, artista e idealizador do projeto e criamos um percurso a fim de apresentar sua metodologia de trabalho, a Fortaleza histórica e suas ressonâncias; o andar pela cidade como um exercício da *flânerie* e o entendimento de que a cidade pode ser um território de compartilhamento político, estético e social a partir de uma colaboração de saberes. E por fim, os pontos de contato entre a proposta do Coletivo e o conceito de escultura social de Joseph Beuys.

Iniciamos o terceiro capítulo pela discussão deflagrada nos capítulos anteriormente sobre as aproximações entre arte e vida, trazendo à tona algumas leituras sobre o cotidiano, optando por uma breve análise dos autores Heller (1998), Lukács (1966) e Guattari (2005) sobre a produção de subjetividade e distanciamentos e possíveis aproximações entre arte e vida. Abordamos também as iniciativas dos movimentos da década de 1960/70 sobre a participação do espectador e suas ambiguidades quanto a sua inserção nas produções artísticas e como o sistema da arte tem se apropriado do conceito de “colaboração”, tornando ‘pública’ essa relação do ‘público’ e as transformações desses domínios nas experiências estéticas da arte ‘pública’ no contemporâneo. Desse modo, o conceito de mediação é explorado enquanto um dispositivo social e cultural que funciona como modo-controle da produção de saberes, sobretudo das comunidades.

Para as considerações finais, partimos para uma análise sobre as diversas concepções do que é arte, entendendo os desafios e as buscas por definições no que se refere à diversidade de manifestações que se autodenominam ou são denominadas pelo atual discurso do sistema de arte quanto à sua dimensão coletiva.

1 MEDIAÇÃO I: COLETIVO E GRUPO: ALGUNS DIAGRAMAS

1.1 Retratos de grupo

> Art starts from groups. Collectivity is the basis for artistic production. Special forms of social relations are the soil in which artists are rooted. […] The collective in Western art is rooted in the workshop structure of art and artisan production, rooted to the teaching routines of the art academy.[7]

Falar sobre grupo e coletivo é falar sobre sociedade. Iniciaremos esse capítulo apresentando, através de alguns recortes históricos, os processos que levaram os indivíduos a atuarem em formações grupais e/ou coletivas e os desdobramentos que essas práticas produziram no campo ampliado da arte ou, inversamente, se foi tarefa do próprio sistema de arte produzir esses territórios de compartilhamento.

Consultaremos os dicionários, em termos mais gerais, analisando-os inicialmente sobre a forma de verbete, para que ao longo do texto possamos interrogá-los e deslocá-los da sua compreensão comum e, sobretudo percebamos como se desenvolvem no campo da arte.

Organizado por Antônio Geraldo da Cunha, pesquisador da língua portuguesa, o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa data do ano de 1813, de onde extraímos a seguinte definição da palavra ‘grupo’: “reunião de pessoas, animais ou coisas formando um todo, um conjunto”. Já o termo ‘coletivo’, é anterior, data do século XVII e vem do francês *collectif* que, por sua vez, deriva do latim *collectivus*, de *collectus*, particípio de *colligere*, ‘reunir’(CUNHA, 2010).

Consultamos também, o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2011) que complementa a definição de ‘grupo’ de Cunha (2010), enfatizando características, traços, objetivos e interesses em comum na formação dos conjuntos. No final do verbete, há a seguinte indicação: “do italiano *groppo ou gruppo*, entendido como “nó, conjunto, reunião” (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. 993).

Sobre o termo ‘coletivo’, Houaiss e Villar (2011, p. 493) trazem além de sua definição outras variações que nos interessarão mais a frente. Coletivo é relativo a várias pessoas ou coisas. E acrescenta a seguinte sentença que nos pareceu um tanto paradoxal: “[...] aquilo que diz respeito a toda a coletividade (indivíduos que se preocupam mais com o individual que com o coletivo)”. Em busca da definição de ‘coletividade’, localizamos o termo datado no ano

---

[7] MOORE, Alan. General Introduction to Collectivity in Modern Art. Paper for “Critical Mass” exhibition, Smart Museum, University of Chicago. 2002. Disponível em <http://www.journalofaestheticsandprotest.org/3/moore.htm> Acesso em 01 fev. 2012.

de 1881, compreendendo “qualidade ou caráter do que é coletivo”, e com o seguinte complemento: “antônimo de indivíduo”. Encontramos ainda, ‘coletivismo’ e ‘coletivização’, como formas políticas. O primeiro, de 1913, seria “um sistema social em que os bens de produção e consumo são igualmente distribuídos por cada membro da coletividade” e o segundo, do século XX, um “sistema criado na antiga URSS, pretendia transformar as pequenas propriedades agrícolas em cooperativas estatais.” Nestes últimos percebemos a associação a práticas decorrentes de ideologias socialistas; contudo, não nos interessa, por enquanto, buscar o aprofundamento dessas informações, mas evidenciá-las como ponto de partida para iniciarmos o debate adiante.

Não satisfeitos, consultamos outros dois dicionários. Um dicionário prático ilustrado de 1928 e um vocabulário analógico. O dicionário do início do século XX traz sentenças muito próximas aos outros dicionários, como a definição de ‘grupo’ enquanto reunião de pessoas ou coisas, mas com o detalhe: “que se vê de uma vez ou com um lance de olhos” (SÉGUIER, 1928, p. 548). Mesmo parecendo uma definição coloquial, esta aponta para uma das características referentes à formação de grupos sociais, que não necessariamente são duradouros. Grupos se formam na rua, na fila de ônibus, no mercado, na praça, no cinema, no restaurante de maneira que não há uma estrutura fixa de formação – são agrupamentos que se transformam a todo o momento – se fazem e refazem na velocidade dos fluxos e necessidades comuns cotidianas.

Sobre ‘coletivo’, afirma ser um “conjunto de indivíduos da mesma espécie.” O exemplifica “como exército, rebanho” e enfatiza também que o antônimo de coletivo é “individual”. (SÉGUIER, 1928, p. 241).

Já o vocabulário analógico, de 1933, traz um capítulo dedicado a substantivos. Um dos itens é sobre *collectivos* e como característica comum, apresenta diversos substantivos relativos a conjuntos de coisas e pessoas: catálogo, frota, noticiário, família, assembleia etc. O que nos chamou a atenção é que, dentro do próprio item ‘coletivo’, há o verbete *collectivos* que, diferente de todos os outros dicionários, é descrito no sentido “apreciativo” como “*phalange”* e “*plêiade”* e “pejorativo” como “*cáfila”* e “*corja”* (COSTA, 1933, p. 150-155). O interessante é que, *phalange* é definida como reunião “de heróes, de trabalhadores” e o termo *plêiade* é “relativo a poetas”. Enquanto *cáfila* e *corja* são grupos ditos marginais, de ladrões e vadios respectivamente. Por mais conservadora que possa parecer esta versão, o fato é que os grupos, sob a perspectiva das relações sociais, se organizam por afinidades e também por antagonismos. Não necessariamente um grupo surge de forma voluntária. E a associação que faz a trabalhadores é recorrente no que iremos observar adiante.

Sabemos que os dicionários são escritos, sobretudo com uma forte influência da sua época. Mesmo aqueles que datam o possível surgimento do termo, complementam a definição de acordo com seu contexto. Como nos 'dicionários' virtuais, por exemplo, a Wikipédia, que é uma plataforma de pesquisa não confiável pois não apresenta valor científico, mas que comporta não só termos mas todos os tipos e espécies de informação. Mesmo sem confiarmos no seu conteúdo, o site é uma referência de pesquisa rápida na internet e, surpreendentemente, traz a palavra 'coletivo' atualizada de acordo com o contexto que iremos abordar: "grupos de pessoas que assumem uma mesma orientação política, artística e/ou estética e reúnem-se em associações (normalmente de caráter informal) conhecidas como coletivos"[8]. A página ainda fornece uma atualização. O termo foi modificado em dezembro de 2010.

Como uma prospecção, utilizamos esses meios para constatar as diversas compreensões que os termos vão assumindo e os interesses que governam estas mudanças. E, de fato, analisar se a compreensão de grupo e coletivo é a mesma no contexto da arte, ou se, historicamente, há diferenças nestas formações. Considerando os dicionários como um levantamento de dados, observamos que em um século, por exemplo, não há tantas transformações. A maioria dos vocabulários aponta os significados dos termos 'grupo' e 'coletivo' para direções semelhantes: "reunião de pessoas", "conjunto", e afirmam objetivamente a dicotomia grupo – indivíduo. Mas observamos que as noções de grupo e coletivo surgem em momentos nos quais se inicia uma valorização dos espaços privados aos públicos.

Haveria outras perspectivas de grupo e coletivo, diferentemente do que os dicionários nos informam? De fato, há todo um contexto político, social, cultural que intervém nessas 'reuniões de pessoas', sobre o que é preciso empreender uma análise. Obviamente, não poderemos mapear e analisar todas as manifestações grupais que existiram no campo da arte, mas nos interessa discutir de que maneira o artista esteve inserido em grupos instituídos para contrapor com o que encontramos no contemporâneo, coletivos como grupos e coletivos que já destituem a noção de grupo e atuam como o Coletivo MESA, sobre a lógica da dispersão, ou seja, o coletivo como um dispositivo discursivo, como ação e não mais como grupo circunscrito.

A primeira referência que nos foi apresentada sobre grupo, foi o livro "Grupo: a afirmação de um simulacro" escrito pela psicóloga e professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Regina Benevides de Barros, fruto de sua

[8] Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Coletivo> Acesso 07 Jun 2011.

tese de doutorado com orientação de Suely Rolnik no Núcleo de Subjetividade da PUC/SP. Barros (2009, p. 22-29) inicia o livro, discutindo grupo como intermediário entre o indivíduo e a sociedade, o qual denomina de "modo-indivíduo" e em um segundo momento, cria o conceito de "grupo-dispositivo", uma prática com dimensão processual "operando desconstruções que visam a efeitos "desindividualizantes", um paradigma ético-estético-político[...]", uma resistência aos modos individualizantes. Assim como a autora, também não nos interessa transformar a noção de grupo em objeto sobre o qual aplicá-lo teorias. Mas mapear discussões que o retirem de lugares constituídos e o pense como dispositivos: "como acontecimentos que desmancham territórios cristalizados", vislumbrando suas possíveis transfigurações nas práticas coletivas que emergem no campo da arte contemporânea.

Encontramos também em "Crítica à razão dialética" de Jean Paul Sartre (2001), dois capítulos dedicados à discussão sobre coletivo e grupo. Para Sartre, o coletivo é o ser fundamental da sociabilidade e corresponde a uma estrutura serial, ou seja, indivíduos[9] que convivem socialmente, ativos, porém encontram-se num estado de inércia e alienação. Contudo, da serialidade poderá surgir uma práxis comum, um acontecimento que fuja à regra do cotidiano e gere interesses mútuos sobre situações nas quais estão inseridos, deflagrando uma organização, o surgimento de um grupo: "o grupo produz-se a partir da dissolução mais ou menos profunda dos coletivos e na unidade de uma práxis comum." (SARTRE, 2001, p. 741). Convém salientamos que ambas as estruturas constituem formas de agrupamentos concomitantes e que o coletivo não precede o grupo, como afirma Sartre:

> Em particular, veremos adiante que o indivíduo prático entra em conjuntos muito diferentes, por exemplo, no que eu chamo de séries e o que se chama de grupos. Não entra, de modo algum, em nosso projeto determinar se as séries precederam os grupos ou reciprocamente, seja originalmente ou em tal momento particular da História. Muito pelo contrário: veremos que os grupos nascem das séries e, muitas vezes, acabam por serializar-se. (SARTRE, 2001, p. 181)

Importa contextualizar que Sartre faz menção à história pela luta de classes e conduz também, essa discussão, à passagem das classes exploradas, do estado que compreende por coletivo, serial, para uma práxis comum, revolucionária de grupo. Considerando que, a formação de grupos não é somente um referencial dos dominados, mas daqueles que dominam também, e que historicamente iremos reconhecer nos processos de ascensão e afirmação da classe burguesa, um esforço para 'transcender' sua "existência de fato" para a existência "jurídica". (SARTRE, 2001, p.448)

---

[9] Entendendo indivíduo, segundo Guattari e Rolnik, "como o resultado de uma produção de massa. [...] serializado, registrado, modelado." (2007, p. 40).

Para Guattari (2005) o conceito de ‘coletivo’ não é restrito ao campo social ou dos grupos sociais. Ele implica uma multiplicidade heterogênea de agenciamentos de ordem biológica, maquínica, social etc.

> Cabe assinalar que ‘coletivo’ aqui não deve ser entendido somente no sentido de agrupamento social, pois implica igualmente a entrada de diversas coleções de objetos técnicos, de fluxos materiais e energéticos, de entidades incorporais, de idealidades matemáticas, estéticas, etc. (GUATTARI, 2005, p. 383)

Estes processos nunca são individuais, psicogenéticos ou remetidos a estruturas universais, pois o conceito de subjetividade vai discutir a formação do sujeito como resultado de um campo de relações, divergindo da noção de indivíduo como resultado de uma produção de massa; os agenciamentos coletivos de enunciação propõem em determinados contextos, que a subjetividade se faz individual: “uma pessoa, tida como responsável por si mesma, se posiciona em meio às relações de alteridade regidas por usos familiares, costumes locais, leis jurídicas...” e se faz coletiva, porém enfatiza que isso não quer dizer que se torne “exclusivamente social”. Explica que o conceito de coletivo é exterior ao indivíduo e, “deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade [...], junto ao socius, [...], derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos.” (GUATTARI, 2009, p. 19-20)

No campo teórico da arte, Felipe Scovino, curador e crítico de arte e Renato Resende, artista visual, organizaram um livro chamado *Coletivos* (2010) em que empreendem uma breve análise sobre as diversas posições que os coletivos como grupos assumem em sua maioria, uma gestão autossuficiente em relação aos circuitos ‘oficiais’ das artes. Contudo, observam que há um movimento de retorno dos grupos ao circuito, contradizendo, em parte, seus discursos iniciais de resistência ao sistema.

Ricardo Rosas[10], importante militante na arte ativista, considera que os trabalhos em rede já são modos “terceirizados” do capitalismo. Enfatiza que a mudança do ‘perfil’ dos coletivos, que já são tradição na história da arte, é a dimensão política – a fusão efetiva entre arte e política. O autor relembra que no Brasil, os coletivos surgem desde o século XIX, com o grupo dos românticos em São Paulo e cita “os grupelhos de poetas simbolistas, os modernistas da década de 1920, o grupo antropofágico, os concretistas nos anos 1950, o coletivo Rex de artistas na década seguinte [...]”[11] e no contemporâneo, afirma que os coletivos surgem e agem, sobretudo pelo viés da internet como meio ativo de comunicação.

---

[10] Ricardo Rosas foi um importante escritor, crítico, tradutor, ativista e editor do site www.rizoma.net.

[11] ROSAS, Ricardo. Nome: coletivos. Senha: colaboração. Disponível em < http://intervencaourbana.org/rizoma/rizoma_intervencao.pdf> Acesso 02 mar 2012

Ao realizar um levantamento histórico do aparecimento do vocábulo *gruppo* no século XVII e XVIII, em seu texto “Século XX: o grupo como “intermediário” entre o indivíduo e a sociedade”, Barros (2009, p. 77-78), nos mostra os processos de autonomia do *status* da burguesia e apresenta ‘grupo’ como “designação de uma forma artística ao retratar um conjunto de pessoas”. Esses grupos possuem uma afinidade entre si e estão associados a movimentos sociopolíticos e à reunião de pessoas que representa a expressão de um laço social, sobretudo retirado da vida tipicamente burguesa, como uma valorização dos acordos sociais.

Utilizaremos o livro Teoria da vanguarda de Peter Bürger (2008) para nortear a discussão dos processos de autonomia do *status* do artista, uma vez que faz uma análise histórica das formas coletivas e individuais quanto a sua produção e recepção, identificadas nos contratos realizados no campo da arte, da relação do artista com as instituições dos períodos medievais até a afirmação da classe burguesa que passa a operar todos os aparelhos da cultura.

Bürger (2008, p. 104) cria um esquema a fim de reconhecer o desenvolvimento da produção do artista, observando que na arte sacra este se encontrava ainda num modo coletivo, entendendo que essa união estava atrelada a outros trabalhadores. Dentro da lógica do mecenato cortesão, há um corte na produção coletiva do artista que começa a receber encomendas. Contudo, assim como para a Igreja e para a nobreza, a recepção das obras de arte permanece coletiva, ou seja, são obras ligadas a “práxis vital” do receptor: “[...] como objeto de culto, vale dizer, como objeto de representação, as obras de arte possuem uma finalidade de aplicação”, apesar dos conteúdos serem distintos. Porém, evidencia que é na sociedade burguesa que o *status* social do artista ganha autonomia. Sua produção se distancia da práxis vital, processo esse iniciado na arte cortesã: “[...] o modo de produção individual, característico da arte na sociedade burguesa, surge dentro já do mecenato cortesão. [...] na esfera da recepção, a transformação decisiva sobrevém apenas com a arte burguesa; esta é recebida pelo indivíduo isolado”.

A produção e a recepção coletiva da arte são percebidas, nesse contexto, com uma função específica que corresponde aos interesses das instituições. Coletivo, aqui, corresponde ao que observamos anteriormente, como um grupo que se organiza, não por afinidades e interesses, mas pelo comando de outros grupos. É entendido também, como o agrupamento dos “receptores”, a sociedade, o povo, a massa, de um modo geral. Para exemplificarmos essas formas de organização, faremos uma ‘incursão’ na história, porém, não desejamos criar analogias ou concordâncias de tempos com o que entendemos ou praticamos como grupos-

coletivos hoje. Mas, nosso intuito é investigar os processos pelos quais os artistas estiveram inseridos em práticas grupais e como, na historia, estas organizações foram assumindo novas formas e intenções.

1.1.1 *Lodges* e *guildas*: grupos-controle

Para o controle e a organização de artesãos, artistas e operários, instituições corporativas chamadas '*lodge'* ou '*bauhütte*' nos séculos XII e XIII como narra Hauser (1972, p.324), historiador da arte: "[...] era uma organização cooperativa de artistas e artesãos contratados para a construção de uma grande igreja ou catedral, sob a direção artística e administrativa de pessoas indicadas ou aprovadas pela entidade que havia encomendado o edifício."

Hauser (1972, p.19) afirma que, na Antiguidade, os egípcios e os gregos também desenvolviam formas de organização coletiva de trabalho, mobilizadas para execução de grandes projetos, contudo era um regime que obedecia a uma lógica escravocrata. Diferentemente da *lodge*, que funcionava como "um grupo profissional autônomo e com mobilidade." Somente associações colaborativas, que eram um conjunto oficinas pertencentes ao mosteiro, se assemelhavam à *lodge*, na construção de edificações nos primeiros tempos da Idade Média.

As *lodges* representavam um sistema social rigidamente organizado, com uma hierarquia claramente definida. O material era fornecido pelo administrador e o mestre pedreiro ou arquiteto era encarregado pelo plano artístico e era responsável pela distribuição de tarefas. Além disso, grupos de operários e aprendizes também integravam esse grupo.

Com o fortalecimento das cidades, desenvolvimento da manufatura e a expansão de atividades comerciais, a economia monetária aumenta com o aparecimento dos mercadores, que inauguram um tipo de sociedade baseada no lucro e na acumulação de capital e, dos artífices, mão de obra ativa e volumosa pronta para as grandes empreitadas. Desse modo, quando o dinheiro entra em uso, a organização do trabalho se modifica e um mercado interlocal começa a surgir apresentando um caráter permanente, assim o emprego de artistas e artífices era mantido por mais tempo.

A economia monetária no comércio de edificações transparece na complexidade da construção de uma igreja gótica em relação a uma românica. Havia necessidade maior de mão de obra, organização no trabalho e disciplinas impostas nas relações de produção. O que implicava tanto no treino do operariado, quanto na compreensão da divisão do trabalho em

hierarquias: arquiteto – mestre – artífice, no qual os aspectos individuais subordinavam-se por completo às necessidades artísticas de uma tarefa comum.

> Este fim só podia se atingido, onde quer que se verifique, entre todos os componentes do grupo, uma unidade real de espírito, porque somente uma subordinação voluntária dos desejos pessoais à vontade do arquiteto e um contato íntimo e contínuo entre o diretor artístico e cada um dos seus operários, podiam tornar possível obter a necessária uniformização das diversidades individuais, sem prejuízo da qualidade artística das obras produzidas. (HAUSER, 1972, p. 332)

Os artesãos conservaram-se nessas organizações durante dois séculos. As *guildas* surgem como organizações econômicas e coletivas devido à concentração de artistas e artesãos trabalhando na cidade, ameaçados com a competição exterior.

As corporações artesanais ou corporações de ofício eram associações de artesãos de uma mesma atividade profissional que procuravam garantir seus interesses através de regulamentos. Tinha por objetivo a proteção dos membros da corporação e determinava uma ética de grupo. Também havia as associações de mercadores, que monopolizavam determinados trechos de comércio.

Lodge e *guilda* apresentavam algumas diferenças. A primeira era uma associação de trabalhadores hieraticamente organizados e a segunda era uma associação de empreiteiros que continham oficinas individuais e trabalhavam livres na utilização do seu tempo e na escolha dos meios artísticos.

No período românico, toda a decoração da igreja, inclusive a pintura mural, era efetuada sobre os andaimes. As corporações ofereciam um lugar mais adequado e melhor equipado para o artista atuar. Oficinas eram construídas próximo à igreja, separando o local de trabalho do artista do restante da obra. Essa mudança interessa a burguesia, que ao formular nas cidades um mercado regular de obras de arte, começa a gerar um consumo e produção de “artefatos” menores e mais rentáveis ao seu bolso, além de alimentar a pequena escala do artista independente e privatizar cada vez mais sua produção e consequentemente sua recepção.

Trazemos a referência dada por Barros (2009) sobre a representação artística dos retratos de grupo no século XVII, como parte dos processos de consolidação da classe burguesa. Observamos nas pinturas holandesas seiscentistas as habilidades e desafios dos artistas em revelar, na composição, a representação dos grupos. Sabemos, no entanto, que retratos de grupo já eram realizados por artistas do Renascimento como Paolo Uccello (1397-1475) e Rafael Sanzio (1483-1520). Contudo, são cenas que evidenciam agrupamentos de pessoas e não grupos mais específicos, como no caso da pintura holandesa, que retratava em sua maioria, grupos de milícias organizados pelas *guildas* para defesa das cidades

independentes dos Países Baixos. São os holandeses, desde o século XV, que vão receber um grande volume de encomendas de retratos coletivos, cujo gênero era bem popular nestes lugares. Os retratos eram designados às salas públicas de instituições nas quais estavam vinculados seus clientes.

Mesmo seguindo os critérios estabelecidos para as encomendas, o retrato também espelha a interpretação subjetiva do artista. Em algumas análises realizadas por Slive (1998), historiador da arte, em seu livro "Pintura Holandesa – 1600-1800", percebemos que não era uma tarefa muito fácil retratar grupos. Muitos artistas tentavam resolver questões na abordagem dos indivíduos e do grupo – das partes e do todo – obedecendo às hierarquias e a quanto cada retratado pagava pelo seu rosto incluído na pintura. Slive (1998) comenta:

> [...] ele deve não só reproduzir os traços de cada indivíduo, mas também revelar algo da natureza do grupo e da relação dos retratados em seu interior. De modo geral, os retratistas holandeses acentuavam mais a representação individual que o caráter grupal. [...] As pessoas retratadas ficavam assim lisonjeadas: um lugar no quadro era uma espécie de recompensa social. (SLIVE, 1998, p. 249)

Esses retratos expressam, a nosso ver, a transformação da posição social do artista, ainda valorizada pelo aumento de encomendas, cujo desenvolvimento do mercado de arte possibilitou outro tipo de "relacionamento" com as filiações coorporativas. Assim como menciona o historiador da arte Michael Baxandall (1991):

> Pode-se estabelecer uma distinção mais relevante entre as encomendas controladas por grandes instituições corporativas, como os ateliês das catedrais, e aquelas feitas por indivíduos ou pequenos grupos: empreendimentos coletivos ou comunitários, de um lado, e iniciativas pessoais, de outro. O pintor geralmente era, embora isso não fosse regra geral, empregado e controlado por um indivíduo ou um pequeno grupo. (BAXANDALL,1991, p. 16)

Os pintores holandeses estavam subordinados aos problemas de representação dessas companhias. Pintavam sempre a mesma estrutura: indivíduos sentados ou em pé ao redor de uma mesa, com destaques às suas diferentes habilitações identificadas pelas indumentárias e o lugar à mesa ocupado, mas permitindo um enfoque geral sobre a posição social do grupo. Não podemos deixar de salientar que o envolvimento dos artistas não era apenas aquele que executava uma encomenda, mas muitos estavam inseridos politicamente nesses grupos, ora retratando, ora sendo retratado. E o teor de seu envolvimento na criação do quadro sofria muitas implicações.

Mas foi Rembrandt (1606-1669) quem pintou, segundo seus próprios critérios, e com grande liberdade artística, uma pintura de oficiais e soldados, erroneamente interpretada pelos críticos do século XIX, intitulada “A Ronda noturna”, pela qual desconstrói os tradicionais retratos de grupo e insere os oficiais em diversas narrativas presentes numa riqueza de detalhes que vão conduzindo o espectador a várias áreas do quadro. A linearidade do grupo é totalmente quebrada, figuras não são mais enfileiradas e a variedade de movimentos e direções provoca revoluções nesse tipo de representação. Rembrandt estabelece, além da representação e da relação que institui entre seus clientes retratados no quadro, figuras extras que completam e enriquecem a dramaticidade complexa da cena.

Muitos artistas alcançavam tamanha notoriedade e eram levados a instituir corporações para dar conta de todas as demandas. Usaremos como exemplo, e, certamente haverá outros em outras épocas, o ateliê de Peter Paul Rubens (1577- 1640), no qual empregava muitos artistas promissores que trabalhavam em numerosos e grandiosos projetos. Seu estúdio foi comparado a uma fábrica. A produção dos quadros obedecia a um esquema montado por Rubens, segundo o qual ele realizava todos os primeiros esboços e encarregava os aprendizes de montar um modelo em escala menor, que era apresentado ao cliente. Se aprovado, o artista traçava o desenho a lápis na tela e depois os discípulos colocavam a cor e o óleo, cabendo ao mestre de novo fazer a ‘arte final’.

Alguns assistentes eram selecionados por atingir um grau mais avançado para a execução de obras de arte baseadas em desenhos de Rubens. Além de seus aprendizes, o pintor selecionava para o trabalho, artistas peritos no design de flores, animais, paisagens e assim, montava um grupo com diversas especialidades. Seu ateliê se desenvolveu em tal estado avançado de organização que, mesmo durante suas ausências para jornadas diplomáticas, a produção quase não diminuía. Reconhecendo o enorme valor de suas pinturas para a dispersão e a comercialização de suas ideias, Rubens também estendeu à organização corporativa de seu estúdio a inclusão de gravadores que se tornaram essenciais no processo de produção em grande escala.

Sabemos que formas de organização, quando associadas a um grande número de trabalhadores atuando coletivamente para determinado fim e sob um comando, constituem ponto de partida da produção capitalista. A força coletiva é garantia de um trabalho mais produtivo: “[...] o simples contato social, na maioria dos trabalhos produtivos, provoca emulação entre os participantes, animando-os e estimulando-os, o que aumenta a capacidade de realização de cada um [...].” (MARX, 1971, p. 375). Segundo a histórica divisão social do trabalho, no sentido cunhado por Marx, a prática do artista se modifica, quando este começa a

se diferenciar do artesão, do trabalho ‘coletivo’. Assim como expressa Marx (1971, p. 405): “[...] com a diferenciação das ferramentas diferenciam-se cada vez mais os ofícios que fazem essas ferramentas”, sua produção, diferente dos interesses capitalistas das grandes escalas, isola-se à condição de ‘mestre solitário’ e fora da práxis comum, dos processos alienantes próprios da divisão do trabalho, seu ‘produto’ alcança um sentido mais elevado e voltado para si mesmo. Bürger (2008) sinaliza que o desligamento da arte do contexto da práxis vital está associado a um processo histórico, cuja autonomia está agregada a uma dimensão ideológica, como ‘essência’ da arte.

Até este momento, empreendemos uma narrativa sobre o artista inserido em corporações com interesses estritos à lógica mercantil. Contudo podemos utilizar estas imagens dos retratos de grupo para a discussão da formação de grupos na arte, considerando-os formados por indivíduos que estão inseridos em diferentes classes. E que as noções “formam um todo”, “conjunto de pessoas”, “interesses em comum” atendem a uma primeira camada de significações, mas que não dá conta da estrutura complexa que definem os grupos e em suas diferentes intencionalidades.

A arte, nesse contexto, está inserida em um campo de relações de poderes e em uma política de propriedade e tem sua função social determinada pelas corporações que investem paulatinamente em uma autonomia, instituindo sua independência face às ‘pretensões sociais’ de interesses externos a ela própria. Isso corrobora os processos de autocrítica posteriores, guiados, sobretudo, pelos movimentos de vanguardas, que irão discutir a independência da arte; ou seja, quando as questões estéticas sobrepõem-se às políticas, no sentido do “descolamento da práxis vital, que sempre se constituiu em status institucional da arte na sociedade burguesa” e no momento em que a práxis “transforma-se em conteúdo das obras” (BÜRGER, 2008, p.65). Desse modo, as cenas de mobilização coletiva insufladas pela sociedade em fins do século XIX viram assunto e, em seguida, uma práxis comum surge, quando “transpostas” das fronteiras bidimensionais das representações pictóricas, configurando-se em ações coletivas de artistas e colaboradores que estreitam cada vez mais uma consciência crítica e renovadora da relação entre arte e sociedade.

1.2 Respirações *avant-garde*: expressões coletivas

"O coletivo de gente era multidão, agora é a internet." Retiramos essa frase do blog[12] de um publicitário que num breve texto, associa a ideia de multidão a um movimento em massa de pessoas, sem perspectivas e delimitadas geograficamente podendo ser comandadas para o 'bem' e para o 'mal'. Mas considera que, com o advento da internet, a ideia de multidão ganhou uma dimensão coletiva, ou seja, é possível criar multidões interessadas em causas específicas e que "sabem para onde estão indo"[13].

Diante dessa ideia que possa exemplificar a compreensão de uma maioria, sobre o senso comum de multidão, seu relato, em parte, tem procedência. Ao pensarmos em multidão, a imagem que construímos imediatamente é de um aglomerado de pessoas. Porém, a ideia de multidão atualmente ganha outras significações, sobretudo quando se trata de uma ação política comum. Mas começando pela sua associação à internet, basta um clique e uma 'multidão' de pessoas apóia todos os tipos de movimentos que são inaugurados diariamente em blogs, sites de relacionamento, redes sociais etc. São pessoas inclinadas a apoiar determinadas causas, no conforto do seu lar, mas não sabem o que exatamente estão apoiando. Na maioria dos casos, é um apoio simbólico, é o 'curtir'. Sabemos também que com o mesmo clique estas mobilizações se desfazem. No entanto, não podemos negar que, a internet, como um poderoso meio de comunicação e produtor massivo de redes, rapidamente conecta e mobiliza um grande número de pessoas para um determinado assunto. Em pouco tempo, grupos se organizam e movimentos de luta eclodem. Os egípcios, por exemplo, auxiliados pelas redes sociais, postavam no *twitter* "#jan25" – símbolo que inaugurou uma campanha que levou milhares de pessoas às ruas nessa mesma data –, combinando esforços de uma grande massa organizada, entre outras questões que não cabem comentar aqui, para a deposição do regime ditatorial de Hosni Mubarak que durava trinta anos no Egito.

Mobilizar uma multidão para efeitos revolucionários envolve não somente aspectos econômicos, mas sociais e biopolíticos também. Tomemos a pergunta impressa no livro "Multidão" de Hardt e Negri (2005, p. 146): "Que pode vir a ser multidão?" para compreender melhor essa questão.

Os autores apresentam, inicialmente, os contrastes que o senso comum expressa sobre 'multidão', 'povo' e 'massa'. A 'massa' compreende uma entidade coletiva, composta por indivíduos passivos, inertes, que necessitam de alguma condução, sendo suscetíveis a manipulações. Diferente do conceito de 'multidão', que funciona como um "sujeito social",

---

[12] Disponível em <http://tarrask.com/blog/o-coletivo-de-gente-era-multidao-agora-e-internet/> Acessado em 03 Fev 2012.
[13] Idem

plural, composto por singularidades, que não pode ser reduzido a uma uniformidade, e do conceito de “povo” que reúne uma variedade de indivíduos cujas diferenças são sintetizadas a favor de uma unidade: “A multidão é um sujeito social internamente diferente e múltiplo cuja constituição e ação não se baseiam na identidade ou na unidade (nem muito menos na indiferença), mas naquilo que tem em comum.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 140).

Segundo os autores, a multidão desafia a tradição da soberania que localizava somente os grupos sociais unificados como aqueles que detinham o poder de governar, como o monarca, o partido, o povo ou o indivíduo. A multidão, não sendo una, mas múltipla, possui o caráter de se autogovernar e automanipular. Argumentam que, diferente da tese de Marx sobre a classe operária que, sob o controle do capital é, a única classe a lutar contra seus domínios, o conceito de multidão, hoje, agrega não só as classes operárias, mas todos os trabalhadores que estão inseridos nessa lógica. Isso inclui, sobretudo, os trabalhadores que geram produtos imateriais, como o conhecimento, a informação, a comunicação, mais frequentes para a economia global em fins do século XX, do que anteriormente marcada pela hegemonia da produção industrial. Contudo, alertam que a produção imaterial não sobrepôs a industrial, pelo contrário, continua sendo a minoria da produção global e restrita a determinadas regiões dominantes do mundo, mas que influenciam qualitativamente outras sociedades.

Consideram que a produção imaterial é composta por duas formas: o “trabalho intelectual ou lingüístico” concentrado na produção de “ideias, símbolos, códigos, textos, formas lingüísticas, imagens [...]” e o “trabalho afetivo” que “produz ou manipula afetos” associado ao compromisso do ‘bem estar’ reverberado por tantas empresas e que está associado diretamente à biopolítica “na medida em que produz diretamente relações sociais e formas de vida”. (HARDT; NEGRI, 2005, p. 151)

O termo biopoder, cunhado originalmente por Michel Foucault, expressa no geral, o domínio do poder sobre a vida, a produção de conhecimento sobre os corpos para melhor entendê-los e manipulá-los. Para o autor, os séculos XVIII e XIX produziram os fenômenos de disciplinarização da sociedade, formando corpos politicamente dóceis, economicamente rentáveis e uma individualidade disciplinar. E a partir do século XX outras estratégias são criadas e o poder passa a incidir sobre a população. Esse poder que se exerce sobre a vida, tendo em vista o desenvolvimento de tecnologias de controle e dominação do ser vivente, Foucault chamou de biopoder. Deleuze (2004), desenvolvendo a tese foucaultiana, denominou sociedade de controle a forma de ordenamento político-social em que o poder se explicita, ocorrendo sem mediação, sobre as potencialidades da vida: “[...] Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo

e comunicação instantânea.” (DELEUZE, 2004, p. 216). Isso não quer dizer que um processo deu lugar a outro, pelo contrário, funcionam concomitantemente até os nossos dias.

Ao invés de considerar o poder uma propriedade detida pelo Estado ou por uma classe social, Foucault define o poder, antes, como um exercício de forças cuja função é ordenar; isto é, produzir afetos que se integrarão em comportamentos devidamente normatizados. O poder não é algo que se possua, ou sobre o qual se tenha propriedade, o que existem são práticas, relações de poder que atravessam toda a sociedade, produzindo discursos, formando saberes. Esses discursos operam, constituem as existências e dão certo regulamento à experiência social, tornando a vida cotidiana enunciada e produzindo novas formas de individualidade para fins de controle social. As funções políticas do dispositivo do poder seriam efêmeras, caso não fossem integradas por meios de formação de subjetividade.

A luta cotidiana para identificar a força que está embutida no poder e as formas de que ele se reveste para produzir efeitos faz com que esse combate se coloque numa perspectiva diferente quando se compreende o sentido da positividade do poder em Foucault, em que diz que o que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente o fato de não pesar só como uma força que diz não, mas que produz coisas e induz, forma saber, produz discursos:

> O poder delineia uma segunda dimensão irredutível à do saber, embora ambos constituam mistos concretamente indivisíveis – o saber é feito de formas, relações de forças, [...] O poder é precisamente o elemento informal que passa entre as formas do saber, ou por baixo delas. Por isso ele é dito microfisico. Ele é força, e relação de força, e não forma. (DELEUZE, 1988, p. 43)

Procuramos compreender que não existe ‘o poder’, mas sim relações de poder, que através de seus mecanismos atua como uma força coagindo, disciplinando e controlando os indivíduos. Entendemos que a formação da massa é instituída a partir da compreensão de que o sujeito poderá determinar o rumo dos acontecimentos através de uma iniciativa estabelecida na relação de poder.

A arte, dentro dessa lógica das sociedades de controle, assume um dos serviços da ‘alma’ das corporações; segundo Deleuze “até a arte abandonou os espaços fechados para entrar nos circuitos abertos do banco.” (DELEUZE, 2004, p. 224) Desse modo, todas as manifestações que expressavam resistência ao mercado da arte, consequentemente são incorporadas. Os artistas que se organizaram para combater a arte pela arte e sua função ‘distanciada’ de um engajamento político e social passam posteriormente a ser o objeto de controle assumido pela maioria das grandes mostras que o sistema da arte produz. Longe do nosso interesse em demonizar esta relação, consideramos que a arte, quando motivada pelas

vanguardas artísticas, volta a aproximar-se da discussão do social e assume efetivamente a noção de coletividade em seu discurso. Contudo, no contemporâneo, novos modos de existência, incluindo a cooperação nas redes, produzem um artista envolvido pelas questões sociais, que ao acolher as singularidades e a 'realidade' social as transforma em conteúdo e produto artístico.

Esta questão será mais elaborada no terceiro capítulo, por hora consideramos conveniente, retomar a questão da multidão como uma ação e produção política que se evidencia nos movimentos coletivos, sobretudo no entre guerras, dos quais são formalmente denominados de vanguardas artísticas que inauguram novas discussões às finalidades estéticas da obra de arte. Segundo Gullar (1978, p.13), as origens que marcam esses movimentos estariam evidentes no controle do Estado assumido pela burguesia e no Romantismo que surge para contrapor essa força, mas que se distancia da realidade e, em fuga se entrega ao "fluxo dos pensamentos e sentimentos". Diante disso, surge uma retomada dos artistas na relação da arte e a realidade social, assim como expõe criticamente:

> [...] os artistas se unem sob uma mesma bandeira, organizam-se em "movimento", editam antologias, realizam palestras, cursos, fazem propaganda de suas idéias. A experiência política deixou neles a sua marca, e a "politização" penetra no campo da arte, provocando inclusive a divisão do movimento em facções, em correntes, que polemizam entre si. O caráter coletivo e partidário dos movimentos estéticos modernos nasce aí. (GULLAR, 1978, s/p)

Quando a autonomia da arte é definitivamente instituída, iniciam-se discussões em torno da sua relação com as questões culturais e sociais próprias da época, o que evidencia o uso de temas e problemas da realidade histórica por parte dos artistas. Cientes das variadas fases que os movimentos artísticos irão apresentar entre a metade do século XVIII e início do século XX faremos um breve mapeamento das organizações de artistas, mas nosso interesse está focado na relação da arte com movimentos de independência e que deflagram a noção de coletivização na arte moderna e consequentemente seus desdobramentos e suas produções na arte contemporânea.

"De fato, parte da história da arte moderna é a história de artistas se organizando em grupos" (BATCHELOR, 1998, p.18). Os artistas na busca pela independência das instituições mobilizam-se na criação de estruturas que possam viabilizar e divulgar suas obras, defender seus interesses e conquistar uma posição pública. A intelectualidade cultural é a atividade principal na organização e formação dos grupos, não só de pintores, mas também de escritores, poetas, músicos, arquitetos etc. E assim como mencionado anteriormente por Ferreira Gullar, os movimentos editavam textos, ensaios, premissas, manifestando seus

objetivos, além de criar um circuito de palestras, exposições, encontros, produção de periódicos, projetando assim seu nome, mas, sobretudo, o interesse em intervir politicamente nas tendências artísticas e nas constantes mudanças que vinham ocorrendo na sociedade.

Possivelmente, as iniciativas de Courbet, artista representativo do Realismo, na Comuna de Paris em 1871, precedem as formas de organização de artistas nas vanguardas. Socialista, partilhava a crença de que a arte tinha uma força social. Líder da Federação dos Artistas na França escreveu, em uma carta, sobre a necessidade da união dos artistas e da adesão à função social diretamente relacionada às suas atividades:

> Meus queridos companheiros artistas, vocês me deram a honra, em sua reunião, de me indicar seu presidente. [...] Aproveitaremos também esse encontro para apresentar diversas ideias que surgiram durante o exercício de nossas atividades, em uma proposta para uma nova reorganização da Administração das Belas Artes, que tem como objetivo promover a Exposição e os interesses das artes e dos artistas. [...] para tomarmos decisões sobre bases mais racionais e mais adequadas aos nossos interesses comuns, no intuito de abolir os privilégios, as falsas distinções que estabelecem entre nós hierarquias perniciosas e ilusórias, é desejável que os artistas (como nas províncias e em todos os países vizinhos) definam seu próprio curso.[14]

Dessa forma, observaremos em muitos movimentos artísticos os ideais de independência sinalizados por Courbet, que considerava a realidade material como problema central da arte e da sociedade. A tarefa do artista seria procurar expressar o ser humano como um ser histórico, produtor e produto do meio em que vive.

Atentos a essa concepção, remetemos à citação de Marx (2007, p. 33) sobre o ser histórico: “o primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história.” Contudo, com as derrotas das experiências revolucionárias da Comuna e o fortalecimento cada vez mais expressivo da burguesia, o distanciamento da arte das questões sociais é expresso na maioria das vanguardas que convergiam seus esforços mais para o campo das reformulações estéticas, no que compreende o ineditismo da obra, quebra das tradições, transformações na categoria de obra de arte e da produção individual do artista, ou seja, concepções muito próprias de processos artísticos que queriam discutir o próprio campo da arte. Como os grupos assim elencados por Batchelor (1998):

> [...] o grupo impressionista, [...] o grupo de Pont Aven, formado na Bretanha em torno de Gauguin no final dos anos de 1880, a Sala Fauve no Salon d’ Automne de 1905, a exposição do grupo Die Brücke na fábrica Seifert em Dresden no decorrer de 1906, as exposições do

[14] Carta aos artistas de Paris, originalmente publicada em *“Le Rappel”*, em 19 de março de 1871. Disponível em < http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5070/3598> Acesso em 03 fev 2012.

> grupo Blaue Reiter de 1911, a sala Cubista no Salon des Indépendents [...] e as atividades futuristas em Milão. (BATCHELOR, 1998, p. 18)

Ao retomarmos nosso texto do início, vemos que nas variações do termo coletivo, os vocábulos ‘coletivismo’ e ‘coletivização’ surgem no século XX e constituem sistemas políticos e sociais. Em alguma dimensão, iremos verificar esse sentido empenhado em algumas organizações de artistas, como os expressionistas alemães, os futuristas, dadaístas, e ainda, com significativa expressão, a vanguarda russa que intencionalmente imprime em suas propostas, uma revolução política e artística.

Com a Revolução Russa de 1917 e a instauração do socialismo, a função da arte passa a ser vista como uma realidade política; o posicionamento do artista, nesse contexto, estava completamente associado às transformações que a sociedade viria atravessar e, também, comprometia-se com os rumos ‘educativos’ e culturais do povo. A Revolução, por sua vez, almejava nesses artistas sua principal base de apoio, exercendo função central na reorganização da cultura e sobre sua produção intelectual. O novo Estado manipularia a massa ao produzir cartazes para alfabetizá-la literal e funcionalmente, além “do interesse da vinculação da arte à propaganda, já que a ‘instrução’ do povo se daria pela imagem, [...] uma idéia de que a revolução cultural era condição premente para a sobrevivência da revolução político-econômica.” (GRECO, 2007, p. 5)

O proletariado vitorioso desfilava pelas ruas com bandeiras suprematistas que, na origem do movimento eram ininteligíveis aos trabalhadores, mas os artistas logo incorporam seus elementos formais e iconográficos como maneira de sobrevivência e adaptação em uma sociedade transformada. Para o novo governo e para alguns artistas, a arte deveria estar a serviço da revolução e eliminar qualquer tipo de hierarquia entre as classes. Assim expressa Argan (1992):

> Não mais existem artes maiores e menores: como forma visual, uma cadeira não difere em nada de uma escultura, e a escultura deve ser funcional como uma cadeira. [...] é preciso dar ao povo a sensação também visual da revolução em andamento, da transformação de tudo, [...]. (ARGAN, 1992, p. 326)

Para os construtivistas, a ação artística tem uma dimensão educativa que se reflete na cidade, não somente na profusão dos cartazes e nos objetos utilitários, mas em novos projetos arquitetônicos, através dos quais se imaginava construir uma urbe sobre os moldes socialistas, atendendo os interesses das diferentes classes.

Dentro dessas perspectivas, podemos observar que a função social da arte, nesse contexto, produz uma dimensão coletiva quando esta se baseia em aspectos que compreendem sua direta inserção nas realidades políticas e nos ideais revolucionários. Um alcance mais

coletivo da prática artística está, em alguma medida, associada aos artistas diretamente ligados, enquanto indivíduos, no exercício da práxis comum, englobando não somente seus interesses, mas de outros. Por outro lado, sua produção artística, em parte, vincula-se a essa posição, entre outras questões que também são discutidas além dos problemas políticos da produção da obra de arte.

Será a ação coletiva – na construção dos interesses dos artistas, compreendendo uma prática mais abrangente – o elemento diferenciador da formação circunscrita dos grupos para os coletivos como uma ferramenta de intervenção estrutural na sociedade contemporânea?

1.3 Coletivo como não-grupo

Claudia Paim, artista e doutora em artes visuais, traz em sua tese "Coletivos e iniciativas coletivas: modos de fazer na América Latina Contemporânea"[15] a seguinte definição introdutória sobre coletivos:

> [...] agrupamentos de artistas ou multidisciplinares que, sob um mesmo nome, atuam propositalmente de forma conjunta, criativa, autoconsciente e não hierárquica. O processo de criação pode ser inteira ou parcialmente compartilhado e buscam a realização e a visibilidade de seus projetos e proposições. (PAIM, 2009, p.11)

A questão base é: por que coletivo e não somente grupo? Essa noção trazida pela autora é o que basicamente norteou e norteia todos os grupos formados por artistas e "multidisciplinares", incluindo profissionais de outros campos de conhecimento, unindo esforços para atender, sobretudo, seus interesses perante as questões que o sistema da arte ou o próprio sistema político, social e cultural propõem.

Evidencia ainda, algumas diferenciações que determinam coletivos enquanto unidades fechadas ou abertas e uma variação nessa condição, podendo ser mais abertos ou mais fechados, dependendo da intenção de seus proponentes. Alguns possuem um núcleo central que propõe práticas colaborativas com o objetivo de agregar diferentes parceiros para diferentes projetos. Contudo, cria uma distinção entre os coletivos e as iniciativas coletivas, cuja formação é completamente aberta e sem a pretensão de se tornar um coletivo, ou seja, "não pretendem estabelecer vínculos" (PAIM, 2009, p. 12). Exemplifica com as iniciativas dos eventos conhecidos como ateliês de portas abertas que reúnem uma gama de artistas mobilizados para um momento específico.

---

[15] Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17688/000722624.pdf?sequence=1> Acesso em 16 fev 2012.

Para o debate, consultamos outro pesquisador das práticas coletivas, André Mesquita, que discute em sua dissertação "Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva"[16] o pensar coletivo para além do seu surgimento enquanto estrutura, mas como resposta às condições históricas específicas evidenciadas, geralmente, em períodos mais conflituosos, como observamos anteriormente o período entre - guerras e as vanguardas artísticas.

É importante salientar que estamos conduzindo uma reflexão sobre a formação de 'grupo' e 'coletivo' do ponto de vista ocidental, ou seja, marcado inicialmente pelo trabalho das corporações de ofícios e fortemente conduzido pela força do trabalho individual. No que vem se constituindo enquanto grupo-coletivo, observamos uma mudança de eixo, quando parte dos seus interesses é justamente questionar a tradição do objeto artístico e ampliar seus sentidos.

A ideia trazida por Alan Moore, "Na história da arte, coletivos surgiram quando eles são necessários"[17], expressa, por exemplo, no grupo Fluxus um 'nascimento' necessário no pós Segunda Guerra Mundial. Um grupo de artistas, mobilizados diante de o que restou dos destroços materiais e humanos deixados pela guerra e pelas ideias de George Maciunas, interessava-se em abolir as linhas divisórias entre o que pertencia ao mundo da arte e ao lugar-comum da experiência do cotidiano: "Se o homem pudesse ter uma experiência do mundo, o mundo concreto que o cerca, da mesma maneira que tem a experiência da arte, não haveria necessidade de arte, artistas e de elementos igualmente não-produtivos." (MACIUNAS apud DANTO, 2002, p. 25). Sabemos que os interesses pelo "quão extraordinário é o comum" advindos do Romantismo, mobilizavam as vanguardas das primeiras décadas do século XX e da década de 1950/60, como a arte pop, os minimalistas, que não faziam mais distinção nos usos dos materiais tradicionais e industriais para compor suas obras. Contudo diferenciava-se o Fluxus pelo desinteresse em transformar as imagens ou materiais ordinários em objetos artísticos ou pinturas a óleo.

Temos clareza que, por mais que se evidencie a noção coletiva, essas iniciativas apresentam sempre um idealizador, alguém que convoca, chama, convida, anima, polariza suas intenções em relação ao grupo que se forma ao seu redor conduzido por suas ideias, seus manifestos como vemos no grupo futurista (Marinetti), Surrealista (Andre Breton), Construtivista (Malevich) e no Fluxus (George Maciunas). Porém, no contexto deste último,

---

[16] Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03122008-163436/pt-br.php> Acesso em 16 fev 2012.

[17] MOORE, Alan. General Introduction to Collectivity in Modern Art. Paper for "Critical Mass" exhibition, Smart Museum, University of Chicago. 2002. Disponível em <http://www.journalofaestheticsandprotest.org/3/moore.htm> Acesso em 01 fev. 2012.

Maciunas afirma que suas aspirações são sociais e não estéticas, considerando que nenhum artista individual pode ser beneficiar economicamente do movimento sendo este voltado completamente para uma coletividade. Obviamente seus radicalismos provocaram rupturas entre alguns artistas que não compartilhavam integralmente de tal posicionamento.

Em seu manifesto, Maciunas apresenta máximas muito próximas a outros manifestos vanguardistas, especialmente ao Dada, como purgar o mundo da sociedade burguesa, da arte erudita, das hegemonias européias, enfatizando a anti-arte, a arte viva pronunciando um transbordamento para todas as estruturas sociais: "FUNDIR as estruturas culturais, sociais e revolucionárias políticas para chegar em uma frente unida e ação." (MACIUNAS, 2002, p.94). Para tanto, não importava mais identificar qual objeto pertencia ao mundo da arte ou não, mas "qual é a nossa percepção de algo se o vemos como arte." (DANTO, 2002, p. 31). O interesse, sobretudo de Maciunas, era promover uma arte acessível a todos e não somente aos especializados, sair das categorizações, das rotulações, ampliar a noção de arte e poder ser debatida por todos. Por isso, a noção de fluxo, algo que não pode ser definido.

E como definir um grupo como Fluxus? A diversidade de artistas e demais envolvidos é tão plural, que muitos teóricos cunharam o termo "fluxismo" na tentativa de enquadrar seus colaboradores, tamanha era a heterogeneidade de suas ações. Mas o que nos parece mais óbvio e o próprio Maciunas nos afirma que, "Fluxus é uma espécie de não-grupo" (MACIUNAS, 2002, p. 109), o que transcende todas as regras que geralmente regem um grupo de artistas e que, consequentemente, os transformam em algum 'ismo'. Mais do que teorias sobre a nova tendência artística, o Fluxus diante das suas utopias, configurava-se como um estado mental e não própria e tradicionalmente como um estado artístico. No entanto, mesmo com todas as resistências a conceituações estéreis, o conceito de Fluxus ganha um lugar na história da arte e hoje é reconhecido como um movimento artístico da década de 60. A exposição que aconteceu no Centro Cultural Banco do Brasil em 2002, sobre o Fluxus foi uma tentativa por parte do curador Jon Hendricks de elucidar o que originalmente foi esta experiência e provocar algumas distinções do que havia sido exibido com a logomarca do "Fluxus".

Não podemos deixar de abordar, ainda, o texto "Esquema geral da Nova Objetividade", de Helio Oiticica, que fundamenta suas ideias sobre o movimento de retorno à figuração no Brasil, compreendendo a arte na esfera coletiva também como estado e não como um movimento dogmático. Apresenta características muito próprias às mudanças de consciência por parte dos artistas nas décadas de 1960/70 no contexto brasileiro, com

semelhanças ao contexto internacional. Oiticica (2009) enumera da seguinte forma suas premissas:

> 1. vontade construtiva geral; 2. tendência para o objeto ao ser negado e superado o quadro do cavalete; 3. participação do espectador (corporal, táctil, visual, semântica etc.); 4. abordagem e tomada de posição em relação a problemas políticos, sociais e éticos; 5. tendência para proposições coletivas e conseqüente abolição dos "ismos" característicos da primeira metade do século na arte de hoje (tendência esta que pode ser englobada no conceito de "arte pós-moderna" de Mario Pedrosa); 6. ressurgimento e novas formulações do conceito de antiarte. (OITICICA, 2009, p. 154)

O artista organiza todo um pensamento em torno dos propósitos que a arte deveria assumir, considerando que a sociedade brasileira, desde as iniciativas do movimento modernista, estava à procura de uma "caracterização cultural e nacional", convocando os esforços individuais a coletivizarem-se em prol de uma "vontade construtiva geral" (OITICICA, 2009, p. 155/156). E sob a plataforma da coletividade, Oiticica propõe a participação objetiva do espectador, apoiado nos argumentos de Ferreira Gullar, ao considerar a obra em aberto para qualquer indivíduo poder "criar" na sua dimensão lúdica referente ao ato e no que envolve uma nova produção de linguagem no contato com as novas proposições estéticas e políticas da arte. Evidencia uma preocupação por parte dos artistas no que se refere aos rumos políticos e sociais do país ao ampliar a noção de participação não somente dos espectadores, mas de todos os intelectuais a uma não-alienação da situação que caracterizava por um "colonialismo cultural" massivo no Brasil. (OITICICA, 2009, p. 165)

Quando propõe, em seu Esquema, uma arte coletiva enfatiza a descoberta das manifestações populares como as escolas de samba, frevo, feiras etc., uma inserção no campo da arte não mais como riquezas nacionais representadas sob valores pictóricos idealizados dos anos vinte, mas como o próprio sentido de arte. Desse modo, como uma espécie de *happening*, incorpora a participação total do espectador num "processo criador fenomenológico da obra" (OITICICA, 2009, p. 166). No entanto, a experiência do espectador foi intensamente problematizada pelo artista em correspondências à Lygia Clark em 1968, um ano após o texto aqui mencionado, em que produz uma severa crítica à "estetização da participação do espectador" (CLARK; OITICICA, 1996, p.70) pelos academicismos. O próprio artista considera que,

> [...] o lado formal do problema foi superado, há muito, pelo lado da "relação nela mesma", dinâmica, pela incorporação de todas as vivências do precário, do não formulado, e às vezes o que parece participação é apenas um detalhe dela, porque na verdade o artista não pode medir essa participação, já que cada pessoa a vivencia de um modo. (CLARK; OITICICA, 1996, p.70)

E analisa do ponto de vista do espectador a não-passividade diante das proposições e suas tensões, seus conflitos divergentes daquilo que se pretendia supor com e para uma proposta-vivência. Oiticica é bem radical em sua análise, pois narra um público revoltado, agressivo, mas ainda assim considera essencial tal reflexão para o que se realiza como não-repressivo ou repressivo e como isto é recepcionado pelo espectador.

Clark (1996, p.84-85) em resposta a esta questão, justifica a reação agressiva do espectador ao entendimento do que é a proposição – "pensamento e expressão" – e que a sua recepção não está ligada diretamente ao artista, mas à obra aberta para a qual é convidado a dar sentido: "E quanto mais diversas forem as vivências, *mais aberta é a proposição* e então é mais importante."

Essas inquietações reverberadas pelos artistas há mais de quarenta anos continuam frequentes e apropriadas cada vez mais pela estética contemporânea. Helio Oiticica anteviu o novo papel do artista ao rediscutir a tradição do objeto circunscrito em si mesmo: ao criar proposições abertas à participação popular, o artista estaria assumindo o papel de educador e até mesmo de empresário numa dimensão 'coletiva' da arte.

Becker (1997), sociólogo americano, defende que a arte em si é uma ação coletiva. Considera que há diversas camadas, geralmente invisíveis, que formam uma rede de colaboração na qual, diversos profissionais fazem parte. Como uma exposição de pinturas, que envolve não só o trabalho do artista, mas quem produziu as telas, quem montou no espaço, quem pensou a peça gráfica para divulgar o vernissage etc. Contudo, analisa que em alguns casos o que determina o 'artista' é uma questão consensual. Conta sobre os 'conflitos estéticos' que ocorrem com o artista e o 'pessoal de apoio' quando estes precisam orientar como melhor utilizar o material ou a técnica influenciando assim o próprio processo do artista. Afirma que a arte é social na medida em que é criada a partir de uma rede de relações e pessoas trabalhando para esse fim.

Observamos ao longo desse capítulo que a arte parte das relações sociais e que, inserem-se em formações grupais envolvendo-se em regras e organizações como as que governam as estruturas de uma sociedade. Os artistas sempre atuaram em grupos, uns respondendo à lógica mercantil e outros se organizavam em torno das questões sociais e políticas dos seus respectivos contextos para produzir diferentes reflexões à forma como percebiam ou representavam o mundo. Assim como observa Cipiniuk: "a história social da

arte procura situar a obra considerando, além dos aspectos ou valores estéticos que lhes são específicos, outros, como os econômicos e sociais.”[18]

Essa perspectiva sociológica da arte nos permite analisar as diversas formações em que os artistas estavam inseridos, do ponto de vista das relações e, as transformações relativas ao seu posicionamento quanto aos desdobramentos da produção em um contexto mais colaborativo. Veremos adiante, novas dimensões dessas práticas colaborativas e como a noção aqui apresentada sobre coletivo, grupo, não-grupo, amplia-se para conceitos como fluxo e dispersão, que se configuram no próprio entendimento de coletivo apropriado pelo sistema de arte contemporânea.

[18] CIPINIUK, Alberto. *Para lá do aparente. Uma pequena reflexão sobre a história social da arte.* Disponível em < http://www.concinnitas.uerj.br/resumos5/cipiniuk.pdf> Acesso em 03 mar 2012

2 MEDIAÇÃO II: O COLETIVO MEDIAÇÃO DE SABERES -FORTALEZA/CE

2.1 Elogio à dispersão: *moho mucilaginoso*

O Coletivo Mediação de Saberes surge a partir dos interesses de alguns profissionais em desenvolver projetos independentes, cuja participação não se restringe apenas aos seus idealizadores, mas provocar uma ampla colaboração de diversas pessoas interessadas sobretudo na discussões que envolvem a cidade que habitam. Desse modo:

> [...] se afirma como um espaço para a criação e desenvolvimento de novos formatos para circulação dos saberes artísticos, populares, científicos, filosóficos que rompem confinamentos e limitações das instituições tradicionais e possam ser aproveitados como instrumentos de políticas culturais.[19]

O Coletivo assume características comuns a diversos coletivos existentes, como já estudados por Paim (2009), que trouxe algumas definições como "grupo de artistas que atuam de forma conjunta. Buscam realizar seus projetos pela união de esforços e compartilhamento de decisões" (PAIM apud REZENDE, 2010, p. 8). Inclusive sinaliza a formação híbrida do coletivo, assim como se apresentam Julio Lira e Thais Monteiro que tem como formação a sociologia e as ciências sociais respectivamente, mas que também desenvolvem ações como artistas. É bastante comum encontrarmos formações de grupos que atuam com esta diversidade.

O que desperta nossa atenção desde o primeiro contato com o Coletivo Mesa é o princípio da 'dispersão' como método de trabalho. Quando pergunto, em entrevista, a Julio sobre o que entende por coletivo, ele assume a seguinte metáfora:

> [...] tem um livro de filosofia que eu vi uma coisa que achei fabulosa e guardei isso e sempre que posso fico repetindo para a gente associar a isso. Estava em espanhol, mas em português seria molho mucilaginoso. Ele diz que são seres unicelulares que os cientistas não sabem se são bichos, da biologia ou se são da botânica. Não se consegue encontrar identidade. Mas são seres unicelulares que se organizam de acordo com os recursos existentes. Se existe luz, eles se organizam de um jeito. E esse jeito é bem coletivo e chega a ter especializações. Uma parte dos seres vai assumir tal função, outra parte, outra função de tal forma que eles ficam como um ser complexo. Chega a dar fruto, tem vários organismos dentro desse "trem". Mas quando falta o recurso, aí eles vão caminhar individualmente atrás da luz, atrás do próprio recurso. E aí eles ficam como seres individuais. A gente usa isso, essa metáfora para aceitar com naturalidade os fluxos que a gente tem entre as pessoas. De separação, de ida, de vinda. Nós conseguimos incorporar uma concepção de que permite vários estágios dentro da nossa vida.[20]

A metáfora para coletivo nos parece interessante, ao colocá-la atrelada ao aspecto de fluxos. Existe a condição de agrupamentos, mas que expressa uma complexidade por estar

---

[19] Trecho retirado de um texto cedido por Julio Lira em que narra a proposta do Coletivo Mesa (não publicado).
[20] Entrevista realizada em Fortaleza em 09 de Jul 2010.

constantemente em movimento. Faz-se e desfaz-se de acordo com as circunstâncias, gerando novas condições. Enfim, está em pleno trânsito. Não é um organismo fixo. É fluido. Por isso, podemos compreender a concepção de coletivo como ação e não mais como uma formação constituída com características específicas como identificadas por Paim acima. Coincidentemente, tanto Julio quanto Deleuze e Guattari importaram conceitos da biologia para suas teorizações. Os autores aos utilizarem os termos exteriores às suas 'naturezas', produzem novas significações.

> Mas há também noções fundamentalmente inexatas e, entretanto absolutamente rigorosas, das quais os cientistas não podem abster-se, e que pertencem ao mesmo tempo aos cientistas, aos filósofos, aos artistas. Trata-se com efeito de lhes dar um rigor que não é diretamente científico, e de modo tal que quando um cientista chega aí ele é também filósofo ou artista.[21]

E ainda exemplificam,

> Seja um exemplo atual, de um livro que teve muita repercussão: *La Nouvelle Alliance*, de Prigogine e Stengers. Entre todos os conceitos que esse livro cria, há aquele de zona de bifurcação. Prigogine o cria do fundo da termodinâmica, da qual é especialista, mas é precisamente um conceito que é inseparavelmente filosófico, científico e artístico. Inversamente, não é impossível que um filósofo crie conceitos utilizáveis cientificamente.[22]

Certamente há uma dimensão metafórica, no uso que Júlio Lira faz do termo *moho mucilaginoso*, pelas semelhanças entendidas na sua formação, e mesmo importado da biologia, seu conteúdo pode ser entendido como um sistema aberto, "quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências" [23] para novas significações, capaz de criar convergências inesperadas quando o utiliza para pensar filosoficamente seu trabalho.

Deleuze critica, nesta entrevista, a supremacia do uso dos termos e conceitos por parte de alguns campos de conhecimento e porque não pensar nas suas aplicações e descobertas como fontes de interlocução e não apenas monólogos. É importante salientar que Deleuze não estava fazendo filosofia de outros domínios, uma reflexão de outras coisas, acredita na dimensão do criar: "[...] Quando se vive em uma época pobre, a filosofia se refugia em uma reflexão 'sobre'... Se ela nada cria, que mais pode fazer senão refletir sobre? [...] O filósofo é criador e não reflexivo." (DELEUZE apud MACHADO, 2010, p.12). Reivindica para a filosofia a desinstituição do status de metadiscurso para produção de conhecimento, criação

---

[21] Debate entre Gilles Deleuze e Christian Descamps, Didier Eribon, Robert Maggiori, intitulado: "Mil Platôs não formam uma montanha, eles abrem mil caminhos filosóficos." Publicado no jornal "*Liberation*" em 23 de outubro de 1980. Tradução do francês por Ivana Bentes. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de (org.). Dossiê Deleuze. Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991, p. 3. Disponível em <http://www.4shared.com/file/143777769/6e077d82/mil_platos_nao_formam_montanha.htm > Acessado em 15 de Dez. 2011.
[22] Idem
[23] Idem

de pensamento. E, o que é próprio da filosofia – da criação de conceitos e o ato de criar – é sempre o ato de obter ideias. O documentário, *Abecedário de Deleuze*, discorre sobre 'ideia' como uma tarefa difícil. Ter uma ideia não é fácil e ao tê-la é preciso analisar sobre que forma se apresenta, como no caso da filosofia sobre a forma de conceitos. E no mundo da arte, as ideias surgem também na forma de "perceptos" descritos como "um conjunto de percepções e sensações que vão além daqueles que as sentem [...] há todo um complexo de sensações [...] criando uma independência radical de quem as sentiu provocar [...] uma duração ou uma eternidade."[24]

Ao investigar o *moho mucilaginoso* na biologia, descobrimos que mesmo observado microscopicamente, as ciências não conseguiram defini-lo. Não é animal, nem vegetal, parece ser um reino separado da natureza 'reconhecível', mas o classificaram de micetozoário. John Bonner, Professor Emérito de Biologia da Universidade de Princeton, observa beleza, uma organização altamente sofisticada, uma forma de inteligência quando só vêem sujeira e desordem. Com domínio, explica que "Mesmo assim, eles conseguem ter vários comportamentos que são iguais aos dos animais que possuem músculos e nervos com gânglios - ou seja, os cérebros simples. Pertence ao quinto reino da vida, o menos entendido pelos cientistas". (BONNER apud MACPHERSON, 2010). Percebe que quando separados, buscam se reunir imediatamente. Exibem auto-sacrifício quando é atingida ausência de nutrientes, formam um caule e então um corpo de frutificação. Essas células que compõem o talo morrem e os 'frutos' reiniciam um novo processo. Mas em que situações, os auto-sacrifícios acontecem?

Comparativamente à narrativa do processo dos micetozoários, o Coletivo Mesa acontece a partir de pessoas interessadas nos encontros que se conectam a outras pessoas que desejam produzir novos encontros com outras pessoas interessadas em outros novos encontros. É um movimento cíclico. Podemos, assim dizer, que o coletivo é um organismo vivo, que busca contatos, conexões e não somente a adesão o compõe, mas também, rompimentos, afastamentos e até auto-sacrifícios. A ideia trazida por Julio Lira é a concepção de coletivo alimentada não só pela "boa alma cristã" (BISHOP, 2008, p.154), mas que também há falta de recursos que provocam a sua dispersão, que neste caso é parte do processo. E é exatamente nesta busca que o coletivo nos parece constituir.

A imagem trazida por Julio Lira para a noção de coletivo assume uma 'ideia' bem interessante, que se assemelha em alguns pontos ao que Deleuze e Guattari (1995) trouxeram

[24] Citação retirada da entrevista de Gilles Deleuze – "I" de Ideia. Disponível em < http://www.youtube.com/watch?v=U5CmI-8DhoE> Acesso em 23 de Dez. 2011.

sobre rizoma. Sobre o termo, os autores apresentam alguns princípios como o de "conexão e heterogeneidade", cuja conexão se dá de qualquer ponto a outros pontos: "Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, as lutas sociais." Não há uma figura dominante, mas heterogênea. E dentro das configurações do Coletivo Mesa, seu nome já induz a esta compreensão: 'mediação de saberes', um descentramento do saber, que engloba uma diversidade de perspectivas, uma "multiplicidade" – terceiro princípio do rizoma: "Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões, que não podem crescer sem que mude de natureza [...]." (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16)

A ideia de *Moho mucilaginoso* faz rizoma com o conceito de coletivo. Desterritorializa as noções de coletivo e a reterritorializa como prática e ação e não como uma estrutura imóvel – um "grupo formado" – como o reconhecemos na arte. Os "micetozoários" não são a mimese do coletivo, mas põem em discussão o quão complexo e, sobretudo, inteligente poderia ser o trabalho coletivo, assim como anima a Julio Lira, ao criar analogias que faz das imagens 'dispersões' e 'espiral' parte do seu trabalho. Contudo, os 'auto-sacrifícios' nos fazem pensar sobre o que acontece quando as circunstâncias não estão favoráveis. Algumas células estão dispostas a morrer, para que outras sobrevivam, envolvendo-se em lutas e desafios tomados por alguns para fazer com que outros compreendam as suas próprias condições de sobrevivência.

Convém explicar que quando mencionamos os auto-sacrifícios na prática do Coletivo, não está associada ao que Bishop (2008, p.154), historiadora e crítica de arte, aponta: "tal sacrifício é acompanhado da ideia de que a arte deve retirar-se do domínio estético e fundir-se à práxis social", mas a todas as intempéries que um grupo atravessa para desenvolver um projeto sem financiamento público. O Coletivo Mesa inicia seus projetos no Centro Cultural Dragão do Mar sem recursos. Os investimentos são pessoais. Mais do que um projeto social, o Coletivo acreditava na potência da proposta e no que poderia reverberar para a cidade. Quando comentamos sobre os projetos que são financiados por instituições e que deverão obedecer aos seus interesses, Julio nos afirma que o Coletivo negocia com a instituição uma independência na elaboração da pauta, sobretudo quando se assume como ONG e passa a gerenciar também seus interesses juridicamente.

Retornando às imagens, a espiral pressupõe um centro 'observado' por diferentes ângulos, "de diferentes lugares sociais e lugares de conhecimento." [25] Existe um foco, um

[25] Entrevista realizada em Fortaleza em 09 de Jul 2010.

objetivo, e vários pontos de vista girariam em torno dele, em diversas áreas, colocando os 'observadores' sempre em movimento, em locomoção: "[...] ao invés de ir direto para o objetivo a gente iria olhando pela arte, pelo urbanismo, pela história oral, e sempre dando voltas e cada vez chegando mais perto daquele lugar."[26]

Ao pensarmos nesta imagem, imediatamente veio à tona o trabalho de Mary Vieira, artista brasileira de estética concreta, que define a espiral como uma "sequência de tempos de um movimento" (VIEIRA apud MATTAR, 2005, p.39), que colabora com o que menciona Júlio Lira sobre um ponto observado por vários pontos. Mas talvez haja uma contradição se formos unir estas duas imagens 'dispersão' e 'espiral' para definir uma prática. Mesmo que a espiral crie ressonâncias, uma sequência de ondas que parte sempre de um ponto, a dispersão entende-se, a priori, por algo que está espalhado, líquido, fluido. Porém, encontramos discussões sobre a dispersão como uma qualidade na mudança da direção da atenção que segundo estudos de subjetividade, apresenta muitos funcionamentos: "seletivo ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, voluntário ou involuntário" (KASTRUP, 2010, p.33). Argumentam que a atenção dirigida a algo específico é muito seletiva, induz a poucas descobertas e o território da observação deverá ser mais "flutuante" para evitar negligenciar novas possibilidades. Como o trabalho do cartógrafo que exercita esse olhar 'disperso' ao oferecer a dimensão de um mapa em aberto, que segundo Deleuze e Guattari (1995):

> [...] é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22)

Pensando no traçado de mapas processuais, a cartografia como ferramenta para o conhecimento, trata de uma busca não linear, mas rizomática quando investiga e acompanha processos e não objetos. Trata de um território existencial, portanto relacional, coletivo e com uma pauta política construída a partir de um diagrama de forças envolvidas em contextos específicos. Julio Lira declara que o trabalho desejava ser "mais um espaço em que pudéssemos ser mais inquietos, em que não precisássemos estar no centro. A questão do lixo é o que está nos interessando? Então vamos passar dois meses na questão do lixo, ver se surge alguma ideia sobre isso."[27]

---

[26] Idem
[27] Entrevista realizada em Fortaleza em 09 de Jul 2010.

A prática da cartografia combina vários mapas, linhas, decalques[28], dicotomias, o que está neutralizado, o que está em curso, produz aprofundamentos sobre determinados temas e não os representa apenas. Não é uma prática com bases nos livros, mas com base nos encontros, quando se está aberto a eles. Diferentemente das conceituações das ciências humanas, o coletivo não está restrito a uma figura fechada, dicotômica, mas ampla na sua disposição de forças e formas segundo Escóssia e Tedesco (2010, p.94). Para as autoras, a formação da realidade compreende o que já está instituído, estabilizado e que operado por um coletivo de forças, está em "constante processo de transformação", como os processos críticos genealógicos – práticas discursivas ou dizíveis e as práticas não discursivas ou visíveis estão para os modos de ver e dizer o mundo em determinado momento.

É por isso que o método da cartografia nos é interessante para a análise do Coletivo como um plano transversal, cuja gênese está na própria concepção das linhas que compõem a formação da cidade de Fortaleza, incluindo a história do Estado do Ceará. Para tanto, utilizaremos como recurso metodológico, a maneira como Foucault conduziu suas análises sobre os saberes e poderes colocando-as em constante tensão. Experiência essa já iniciada no depoimento de Julio Lira que, ao narrar sobre a formação do Coletivo, realizou incursões na história política e social da cidade, na formação geográfica, na produção de algodão, passando pela explosão demográfica devido às secas do sertão, as estruturas fundiárias e os contrastes urbanos demarcados por um forte apartheid social e cultural. Mas do que uma análise arqueológica, compreendendo as camadas verticalizadas de tempo presentes na história pretendemos abordar no texto seu aspecto genealógico[29] cuja dimensão passada e presente não se limita a suas fronteiras temporais, mas territoriais[30].

Para a abordagem 'genealógica', utilizaremos os pares "ser-saber" e "saber- poder", evidenciados primeiramente em Foucault, para analisar brevemente os saberes insurgidos na história da formação da cidade, iniciando por uma medida descritiva (arqueológica) do quanto a sociedade é o resultado direto das relações de poder e saber, analisando o poder como "[...] prática social e, como tal, constituída historicamente" [31]. Machado salienta que Foucault analisou minuciosamente a mecânica do poder sustentado pelo Estado entre outras formas de exercício de poder locais que atuam inclusive na sua eficácia. Assim como Foucault aponta,

---

[28] Fenômenos de redundância segundo Deleuze e Guattari (1995)

[29] "[...] uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios do objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história." (FOUCAULT, 1979, p. 7)

[30] "[...] Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos". (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p. 388).

[31] FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.X.

“ninguém se preocupava com a forma como ele se exercia concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e suas táticas. Contentava-se em denunciá-lo no ‘outro’, no adversário, [...].” (FOUCAULT, 1979, p.6). Preferimos utilizar referências à obra de Foucault, seu uso como perspectiva mais do que teoria.

2.2 “Campos de concentração”: apartheid social

Parafraseando Foucault (1979, p.154): “Para começar, uma resposta empírica”. Antes de embarcar para a cidade de Fortaleza, iniciei uma pesquisa na internet e me deparei com as seguintes informações: “Viagens para Fortaleza: a capital da animação”; “Terra quente e de poucas chuvas, Fortaleza tem uma natureza exuberante no que se refere às suas praias de verdes mares, à grandiosidade de suas dunas, à força dos ventos e à sua luminosidade intensa. Apresenta um verão permanente e seu povo hospitaleiro é conhecido por uma contagiante alegria de viver.”; “É a rota mais curta do Brasil para Europa, Estados Unidos, África, a apenas 6 horas e meia de vôo [...]” [32] e as mais belas fotos do encontro da cidade com o mar. Também recebi referências de amigos que indicaram pousadas, hotéis, passeios nas dunas etc.

Ao chegar a Fortaleza, descartei o táxi (única indicação do *hostel*) e decidi fazer o trajeto pela rodoviária da cidade. Lá, observei olhares estranhados, pois não deveria ser comum um turista pegar ônibus àquele momento, por volta do horário do *rush*: sem lugares para sentar e trânsito intenso. Eu mesma não estranhei. Preferi ir de ônibus para começar o ‘percurso urbano’ e a memória do trânsito do Rio de Janeiro e do ônibus lotado ainda era a mesma. Ao chegar ao *hostel*, fui surpreendida por uma ex-moradora do Rio de Janeiro, que funcionava como se fosse uma ‘governanta’ da casa adaptada aos viajantes, que ao saber da perda do meu celular[33], imediatamente me alertou dos perigos da cidade. Dizia que assim como “lá” (no Rio), em Fortaleza também não podia estar desatento na rua. Entendi a preocupação, afinal de contas eu era estrangeira na cidade, mas ainda assim, não me surpreendia com os alertas.

Quando fui perguntar sobre o que havia na cidade para ser conhecido, se havia algum centro histórico, logo me atravessou dizendo que fora da cidade havia maravilhosos passeios e esportes radicais. Àquela altura, resolvi explicar que não estava na cidade somente a passeio, mas que estava a trabalho. Disse que era pesquisadora e que estava estudando o Coletivo

[32] Fonte de sites disponibilizados na primeira página de busca da Google. Disponível em http://www.google.com.br/search?gcx=c&sourceid=chrome&ie=UTF-8&q=fortaleza. Acesso 19 de Dez. 2011.
[33] Aconteceu no caminho da rodoviária para o *hostel*.

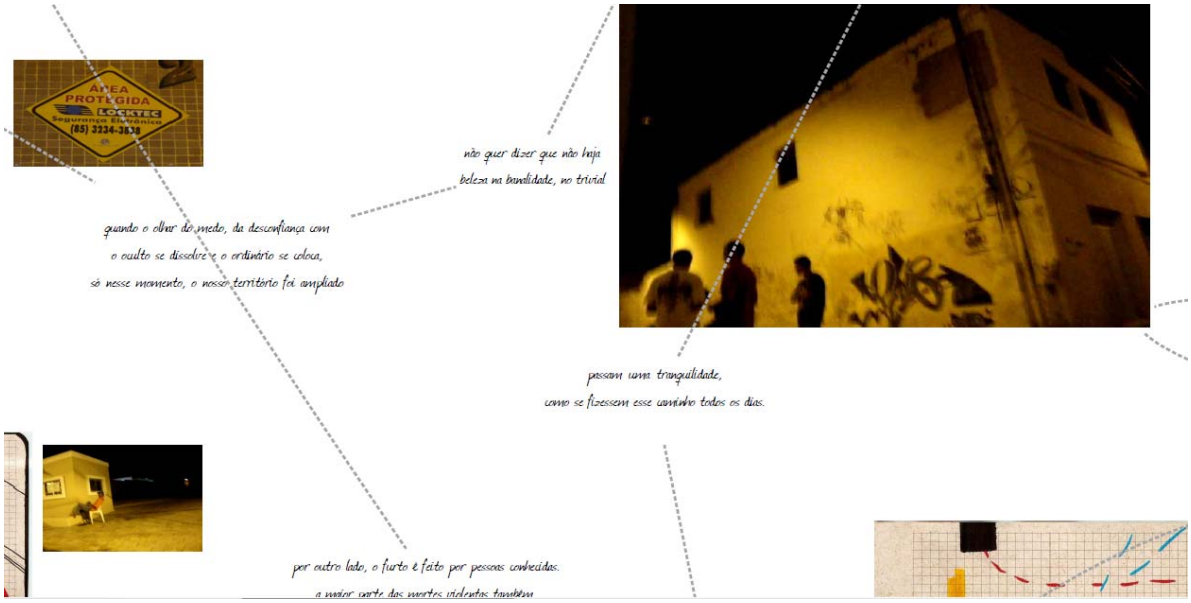
Mesa, do Julio Lira, mais especificamente o projeto Percursos Urbanos. Imediatamente ela lançou um "Ah!" e disse que o conhecia muito bem e que já havia frequentado muitos percursos. Aliás, salientou que quando chegou à cidade também se considerava turista, e ao saber dos "Percursos Urbanos", frequentou muitos encontros que a ajudaram a conhecê-la melhor. Perguntei como chegar até o centro da cidade e antes mesmo de explicar, alertou pela segunda vez dos perigos da rua e da atenção requerida nos seus arredores. Coincidências ou não, percebia que a cidade começava a se descortinar a partir do encontro com essa senhora. Mesmo não sendo natural de Fortaleza, os anos que dedicara à cidade que escolhera para viver e trabalhar ainda refletiam um certo estrangeirismo como a de seus hóspedes.

Posteriormente, em conversa com Julio Lira, mencionei sobre a recepção do temor e o culto ao medo que as pessoas produziam em cada esquina da cidade e como isso divergia das primeiras informações obtidas pelas mídias. E antes mesmo de iniciar seu depoimento sobre o Coletivo e os Percursos Urbanos, responde à minha reflexão com o que desde sempre o mobilizou e a outros integrantes do Coletivo: o violento apartheid presente na cidade: "[...] esse apartheid é super visível pelo espaço urbano, pela forma como está localizado e pela forma também como a população se percebe."[34] Identifica sua origem na história da formação da cidade. Comenta inclusive, outra coincidência, que eu havia me instalado em um *hostel* localizado na Avenida Dom Manuel que, mais ao sul, se transforma na BR116 que corta a região do nordeste longitudinalmente. Afirma que esta avenida revela o traçado que a cidade 'respeitou' desde a reforma haussmanniana separando uma região com pouca infraestrutura da outra dedicada ao aspecto da 'cidade-veraneio' caracterizada pelo comércio, turismo, hotéis etc. O medo é gerado diante de toda uma conformação histórica na qual o forte contraste social gera violência e consequentemente instaura-se o medo entre as pessoas.

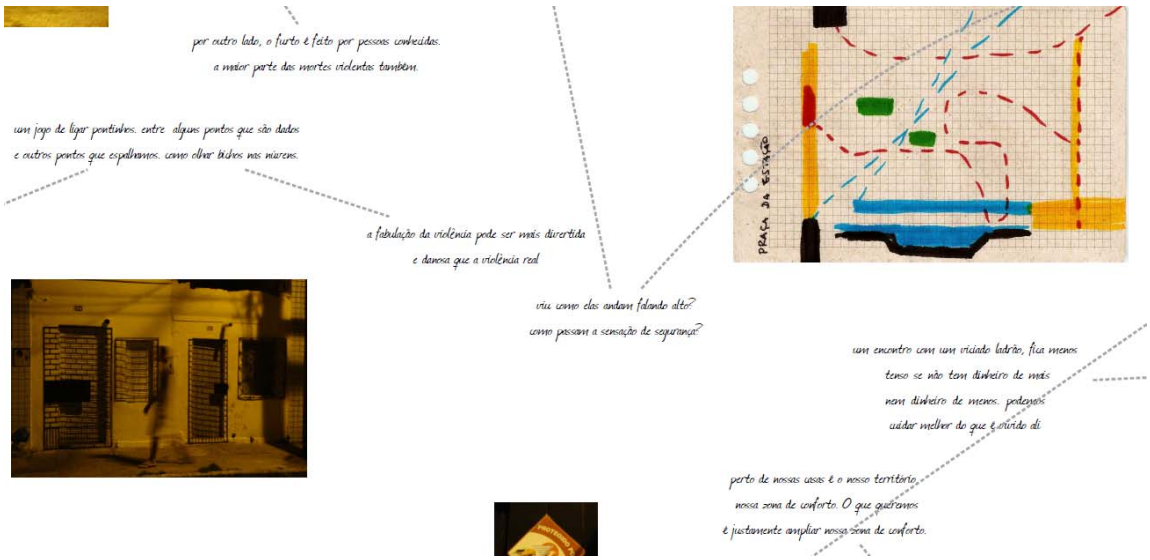
Esta questão chamou a atenção de Julio que desenvolveu o trabalho chamado "Mapas do medo", cuja proposta era convidar o amigo Ítalo Rodrigues[35] a caminhar após as vinte e três horas pelas áreas indicadas pelas mídias (jornal, televisão, internet) com altíssimo índice de violência. Este percurso foi realizado durante algumas noites e o resultado foi um grande mapa (2m x 1m) que interliga fotos, desenhos, definidos por cores que expressam legendas dispostas da seguinte maneira: azul para zonas de segurança, verde para instáveis, preto para desconhecidas, vermelho para áreas de risco e amarelo para estados de alerta, além de anotações geradas a partir do encontro com o que estava mais visível àqueles momentos. No

[34] Entrevista realizada em Fortaleza em 09 de Jul 2010.
[35] Amigo e "bom conversador" segundo Julio Lira.

diagrama gerado após as incursões, analisa o que faz parte de um imaginário construído, uma produção do medo e insegurança gerada pelos meios de comunicação e os códigos próprios dos lugares observados:



Parte integrante do diagrama “Mapas do medo”
“quando o olhar do medo, de desconfiança com o oculto se dissolve, o ordinário se coloca. Só neste momento o nosso território foi ampliado.”
Fonte: imagem cedida por Julio Lira.

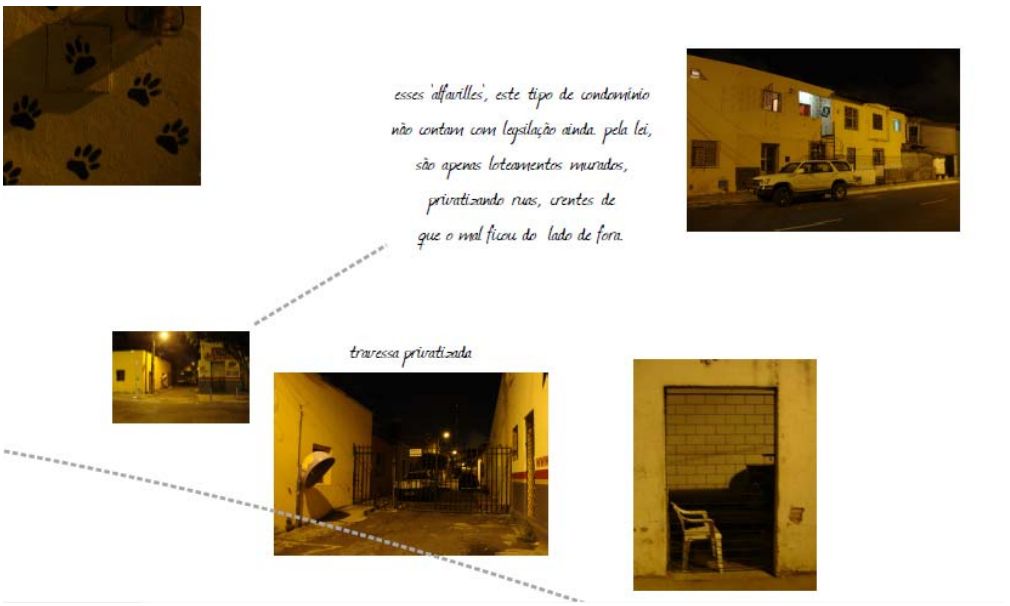


Parte integrante do diagrama “Mapas do medo”
“[...] se não tem dinheiro de mais nem dinheiro de menos, podemos cuidar melhor do que é vivido ali.”
Fonte: imagem cedida por Julio Lira.

Julio e Ítalo comentam que “a fábula da violência pode ser mais divertida e danosa que a violência real.” [36] Em meio à comunidade, espaços privatizados são produzidos e alertam para os perigos da aproximação: “Área protegida”; “Protegido por...”; “Perigo! Produto perfurante” (relativo às cercas de arame farpado) etc. Há uma produção de extraterritorialidade dos espaços construídos, nos quais as elites decidem transformar e distanciar-se social e economicamente daqueles que vivem ao seu lado.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2009) em seu livro *Medo e Confiança na cidade* analisa grandes áreas urbanas que se encontram sob os processos capitalistas que transformam a cidade em objeto de novos e intensos fluxos populacionais e que produzem uma elite que usufrui das oportunidades da economia de mercado e uma base periférica, pobre, marginalizada, senão miserável. O indivíduo urbano, supervalorizado, fragilizado e vulnerável, cria fortalezas e dispositivos para sua segurança, ao mesmo tempo em que polariza os espaços.

> [...] por meio de conexões dos espaços urbanos privilegiados, habitados ou utilizados por uma elite que pode se dizer global são os espaços abandonados e desmembrados – aqueles que Michael Schwarzer chama de ‘zonas fantasma’, nas quais ‘os pesadelos substituem os sonhos, e perigo e violência são mais comuns que em outros lugares’. (BAUMAN, 2009, p. 8)



Parte integrante do diagrama “Mapas do medo”
“esses *alfavilles*, esse tipo de condomínio não conta com legislação ainda pela lei, são apenas loteamentos murados, privatizando ruas, crentes de que o mal ficou do lado de fora.”
Fonte: imagem cedida por Julio Lira.

[36] Trecho retirado do diagrama.

Polarização acentuada, Bauman (2009, p.9) atenta para a emersão de dois “mundos-de vida”, situando a “primeira fila” como o grupo que não apresenta interesse pelo local que vive, seu foco encontra-se flutuante em outros lugares. Deseja apenas criar seus entretenimentos e negócios em benefício próprio e a terceiros: “[...] não estão interessados, portanto, nos negócios de ‘sua’ cidade: ela não passa de um lugar como outro [...] quando visto da posição privilegiada do ciberespaço, sua verdadeira – embora virtual – morada.” E a “última fila”, que faz deste espaço ‘terceirizado’ palco de lutas constantes por conquistas e condições mais confortáveis para sua sobrevivência na cidade.

A cidade de Fortaleza tem mapeado em suas cartografias históricas, o sentido de ‘segurança’ e domínio de território. Em continuidade ao seu depoimento, Julio comenta que em virtude de uma grande comercialização do algodão em fins do século XIX em Fortaleza, estradas de ferro foram construídas para facilitar os transportes da mercadoria, e a cidade começou a receber movimentos migratórios do Nordeste, cuja população migra para diversas áreas do país fugindo da seca.

O governo estadual do Ceará, para isolar os famintos da seca de 1915, considerada uma das mais trágicas de todos os tempos no Nordeste, criou ‘currais’ – campos designados com o objetivo de evitar que os retirantes chegassem à Fortaleza, trazendo “o caos, a miséria, a moléstia e a sujeira”, para o contato das elites, como informavam os boletins do poder público àquela época. Naquele ano, criou-se o campo de concentração do Alagadiço, nos arredores da capital cearense, cenário do livro de Rachel de Queiroz (1937), “O Quinze”, que chegou a juntar oito mil pessoas, que recebiam alguma comida e permaneciam vigiados por soldados.

> [...] Saía de casa às dez horas e findava a aula às duas. Da escola ia para o Campo de Concentração, auxiliar na entrega dos socorros. Os olhos doloridos de tanta miséria vista, só chegava de tardinha, fatigada, contando cenas tristes que também empanavam de água os óculos da avó. (QUEIROZ, 1937, p. 37)

A segregação dos miseráveis era lei. Muitos agricultores que perdiam suas plantações se viam a mercê do poder público e privado. Eram obrigados a permanecer nestes campos que prometiam comida, assistência médica e segurança. Nenhuma promessa foi cumprida e as estruturas dos campos eram extremamente insalubres. O poder público isolou os sertanejos em campos de concentração, distribuídos em lugares estratégicos para garantir o encurralamento de um maior número de pessoas. O medo das autoridades diante dos flagelados da seca tinha um antecedente. Em 1877, uma leva de cerca de cento e dez mil

pessoas famintas saiu dos sertões e tomou as ruas de Fortaleza, 'assombrando' os moradores que viviam a ilusão, importada de Paris, de urbanismo e civilidade. (RIOS, 2001)

Nos arredores de Fortaleza havia alguns campos que 'escoavam' populações sobreviventes às secas, para as areias do Pirambu, bairro localizado na área litorânea da cidade. Segundo Julio, "[...] grande parte chega ainda assim e vai para as areias do Pirambu, [...] pra onde iam os miasmas. Aí se cria o que foi durante muito tempo, a maior favela do Brasil. [...] É um bairro que se especializou em saúde. Incrível."[37]

É diante destes acontecimentos, tanto movidos pelas migrações da seca, como as reformas urbanísticas, que Fortaleza vai adaptando seu território, cujo traçado segundo a reforma haussmanniana substituindo as antigas estruturas coloniais pelas premissas da modernidade. Obedecendo ao alinhamento de ruas segundo um traçado em xadrez, de forma a disciplinar a expansão da cidade, Fortaleza segue esta estrutura até os dias de hoje com fortes demarcações que evidenciam contrastes sociais. Ao oeste, marcos 'segregadores' como a Santa Casa de Misericórdia, o Cemitério São João Batista, a Cadeia Publica e, mais a oeste ainda o 'Leprosário' vão determinando as áreas de ocupação. O passeio público, segundo Julio, determina o ponto central, observando amplamente, como marco divisor, "o passeio público que era o ponto de origem da cidade, ele meio que fica ali, fazendo um arco."[38] Pois do 'outro lado', há os investimentos e as especulações imobiliárias, áreas próximas à região da beira mar que são as mais ostentosas, inclusive do ponto de vista visual. Os complexos turístico-imobiliários que delineiam a orla são gigantes e luxuosíssimos, contrastam com ruas paralelas à Avenida Beira Mar evidenciando a prostituição infanto-juvenil.

Pergunto a Julio se Fortaleza se organiza por regiões norte, sul, oeste como no Rio de Janeiro, ao que ele responde que não é um costume e que mentalmente a cidade se organiza a partir da Aldeota, o bairro mais nobre da cidade. Dado que eu mesma constatei ao participar de um Percurso Urbano com jovens de um dos bairros com os mais altos índices de violência – o bairro Bom Jardim – cuja organização se dava a partir das referências 'civilizadas' dos moradores da Aldeota: as escolas, as lojas, o shopping, todos os recursos estavam 'do lado de lá'. Lastimavam que as linhas de ônibus fossem muito escassas para circulação e, que se não houvesse um esforço para uma 'baldeação' nunca sairiam do próprio bairro.

Realidade apontada nas linhas gerais do projeto original do Coletivo Mesa que menciona "[...] a cidade dispôs no seu lado leste os segmentos sociais ricos e dominantes,

---

[37] Entrevista realizada em Fortaleza em 09 de Jul 2010.
[38] Idem.

enquanto para oeste foram os pobres e subordinados." [39] E diante desta configuração, constatam que "[...] os espaços, serviços e equipamentos urbanos, acompanhando tal lógica, não são distribuídos e acessados de forma minimamente equitativa."[40] E com desejo de mudanças, pelo menos em parte, o Coletivo surge como um dispositivo de intervenção cultural. Diferentemente do que se entende por intervenção urbana, da qual Julio questiona não se tratar apenas de intervir em áreas urbanas com objetos artísticos ou performances, mas provocar uma intervenção mais profunda, uma mudança na relação das pessoas e, sobretudo, do poder público com a cidade. Além do desejo consciente de "colonizar", habitar algumas de suas áreas para trabalhos ao longo prazo a fim de obter transformações mais profundas.

O Coletivo Mesa seguindo estas premissas desenvolve uma série de projetos que atua de forma efetiva na cidade tendo como principais objetivos:

> [...] a interação entres diferentes grupos e segmentos sociais; mais especificamente a organização se volta para o desenvolvimento de **metodologias participativas** e de **processos e produtos culturais capazes de provocar alterações no contexto urbano.** Posiciona-se no campo da arte relacional como um laboratório de tecnologias sócio-culturais – aqui compreendidas como produtos, técnicas ou metodologias referenciais e/ou reaplicáveis, desenvolvidas na interação com diferentes comunidades e que representem soluções transformadoras da realidade social. Promove a interação de pessoas e instituições em diferentes espaços sociais, ressignificando a forma como se dá a apropriação da cidade e da cultura, criando oportunidades para a criação de novas e muitas vezes improváveis relações interpessoais e/ou interinstitucionais, induzindo situações de troca de saberes e afetos potencialmente 'alterativos'. (grifo nosso)[41]

- "**No menor lugar do mundo**" – um *box* ocupado no antigo Mercado dos Pinhões[42], como um micro-equipamento cultural, colocando em questão os investimentos públicos direcionados a grandes centros culturais. O projeto criou situações de convivências, encontros mediados por atividades, biblioteca e mapeamentos das demandas da comunidade.

- **"Narrativas em volta do fogo"** – projeto criado para o exercício da escuta. Pessoas são convidadas para falar enquanto outras somente escutam, em uma dimensão de tempo ampliada. "Uma plataforma para circulação de saberes orais"[43]. Literalmente uma fogueira é acesa nos jardins do Centro Cultural Dragão do Mar e um círculo de almofadas brancas circunscreve o espaço para que pessoas se acomodem ao redor daquele que narra suas histórias. O projeto também tem o objetivo de evidenciar pessoas 'invisibilizadas'.

---

[39] Citação retirada do documento cedido por Julio Lira sobre o Coletivo Mesa (não publicado).
[40] Idem.
[41] Idem.
[42] Mercado dos Pinhões ou Mercado da Carne é inaugurado em 1897, um dos únicos exemplares da arquitetura de ferro de fabricação francesa no Brasil.
[43] Citação retirada do documento cedido por Julio Lira sobre o Coletivo Mesa (não publicado).

- **“Bienal fora da Bienal” –** projeto que visa atentar às políticas públicas, os distanciamentos instituídos àqueles que moram nas periferias da cidade em aproximá-los a esfera cultural da cidade. Escritores são convidados a partilhar suas obras com pessoas que têm “muito a dizer e faz da conversação um caminho para sabedoria construindo situações de mão dupla entre artistas consagrados da literatura e indivíduos anônimos das comunidades.” [44]

- **Gestos pela Cidade – ocupação do Passeio Público e revoada de pipas –** proposta com apoio da prefeitura de Fortaleza, pretende criar situações propícias para o diálogo, a convivência e a contemplação, eventos que “buscam uma poetização do espaço urbano.”[45] Após uma reforma no Passeio Público, o Coletivo ressignifica esta área colocando espreguiçadeiras, biblioteca móvel, exposições de fotografias realizadas pelos funcionários da limpeza pública, eventos musicais etc., para circulação e reapropriação do espaço pela população. As revoadas acontecem na Praia de Iracema, num aterro inóspito, próximo ao centro da cidade que, ligado às linhas de ônibus das periferias, provocam os deslocamentos de pessoas de áreas distantes e próximas, promovendo um encontro de pessoas que cotidianamente não ocupariam o mesmo local, com o objetivo de se tornar um ponto de encontro entre pessoas que se interessam pelo tipo de atividade com pipas e brinquedos eólicos, segundo o Coletivo, há nesse projeto uma dimensão de cura, de saúde mental.

- **Pontos de Corte –** apoio (empréstimos de equipamentos) e formação básica para exibidores independentes de produções audiovisuais. O projeto estimulou novas relações de trabalho no mercado cultural da cidade, abrindo oportunidades para pessoas dos subúrbios atuarem com produtores de novos formatos de exibição e fruição, um campo de ação mais ocupado e restrito aos profissionais da classe média do bairro da Aldeota e adjacências.

- **Percursos Urbanos** – “Uma plataforma volante de investigação e convivência.”[46] Assim é caracterizado o projeto que se estrutura a partir de um ônibus comum, um sistema de som com microfone, um convidado semanal que estabelece um roteiro e ‘passageiros’ que farão a partilha de experiências e saberes, lançando novas

[44] Citação retirada do documento cedido por Julio Lira sobre o Coletivo Mesa (não publicado).
[45] Idem.
[46] Idem.

descobertas e olhares sobre a cidade. Os Percursos Urbanos é o estudo de caso desta pesquisa, que será mais bem descrito no subitem a seguir.

2.3 Pauta do dia: Percursos Urbanos

> Partimos do princípio de que a **apropriação e a identificação** da cidade no movimento cotidiano não ampliam as possibilidades de interação urbana. Ao contrário, tais propriedades proporcionam o movimento inverso de nos levar para dentro de casa. Logo, as imagens dos cenários públicos confirmam receios e preconceitos como aqueles levantados pela mídia. Deixa-nos cada vez mais distantes das situações de *flânerie* (flanar, vagar), do andar despreocupado, onde o cidadão – transformado em cidadão-artista – torna-se um leitor da cidade.[47] (grifo nosso)

É uma oportunidade conhecer, através dos Percursos Urbanos, a diversidade de pessoas que atravessam e apresentam a cidade, não somente como mediadoras[48], mas como transeuntes. Ao serem observadas, produzem imagens que delineiam características daquele ou de outros lugares. E, em muitas vezes, aparentam ser estrangeiras aos lugares que pertencem. Perceberemos ao longo do texto que, em certa medida, também somos estrangeiros à nossa cidade. Um conto de Edgar Allan Poe, "O homem na multidão"[49], nos apresenta estranhamentos e 'lentes ampliadas' de um narrador recém reabilitado de uma grave doença, que sente um prazer às coisas pelo simples fato de respirar. Em um café, lê o jornal e espia de vez em quando as cenas cotidianas que se revelam pela transparência da vidraça. Quando anoitece, percebe uma multiplicação de pessoas nas ruas e, ao acender as luzes da cidade, descarta as notícias sonolentas do jornal e se inebria com a profusão de tipos que circulavam por toda parte:

> De início, minha observação assumiu um aspecto abstrato e generalizante. Olhava os transeuntes em massa e os encarava sob o aspecto de suas relações gregárias. Logo, no entanto, desci aos pormenores e comecei a observar, com minucioso interesse, as inúmeras variedades de figura, traje, ar, porte, semblante e expressão fisionômica.[50]

O personagem dá início a uma novela de trajes, tipos, traços, expressões, profissões, gestos, aparências, com uma riqueza de detalhes que configuravam as características de uma massa urbana àquele cenário urbano. Conforme o tempo dedicado à observação, mais

---

[47] LIRA, Julio. 2008. "Os jogos dos passos" Disponível em < http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/05_05_ensaio2.htm> Acesso em 26 de Dez. 2011.
[48] Termo posteriormente discutido com mais profundidade no terceiro capítulo.
[49] POE, Edgar Alan. "O homem da multidão". Disponível em: < http://www.gabrieltorres.xpg.com.br/puc/homem_multidao.pdf > Acesso em 27 de Dez. 2011.
[50] Idem.

interesse tinha pela cena e mais detalhes e histórias tão ocultas colecionava a partir do olhar concentrado às expressões:

> Os fantásticos efeitos de luz levaram-me ao exame das faces individuais, e, embora a rapidez com que o mundo iluminado desfilava diante da janela me proibisse lançar mais que uma olhadela furtiva a cada rosto, parecia-me, não obstante, que, no meu peculiar estado de espírito, eu podia ler freqüentemente, mesmo no breve intervalo de um olhar, a história de longos anos. [51]

Contudo, em seu conto, Edgar Allan Poe revela, em seu narrador, que o interesse pelas descobertas ininterruptas de pessoas em seus ínfimos e poderosos detalhes é intensificado quando foge da esfera privada para pública transformando-a em privada novamente: quando da multidão, se diferencia num café e do café retorna à multidão na tentativa de diferenciá-la. Como em Benjamin (1994, p.35), ao mencionar o desfrute do flâneur às galerias luxuosas: "As galerias são um meio-termo entre a rua e o interior da casa. [...] A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes." Uma tentativa de ler uma multidão que é ilegível. Em alguma medida, à sua imagem e semelhança – à imagem e semelhança do homem moderno, numa sociedade capitalista, solitário e massificado, fazendo jus à personificação da embriaguês que lhe rouba a atenção. Um homem velho, solitário, vagando pela cidade sem rumo como um flâneur. Não seria um estado de embriaguês, a flânerie? Benjamin (1994) explicita,

> Uma embriaguez apodera-se daquele que, por um longo tempo, caminha a esmo, pelas ruas. A cada passo, o andar adquire um poder crescente; as seduções das lojas, dos bistrôs e das mulheres sorridentes vão diminuindo, cada vez mais irresistível torna-se o magnetismo da próxima esquina, de uma longínqua massa de folhagem, de um nome de rua. (BENJAMIN, 2009, p.462)

E Baudelaire (1995),

> O passeante solitário e pensativo extrai uma singular embriaguez dessa universal comunhão. Quem facilmente desposa a multidão conhece prazeres febris de que eternamente se privarão o egoísta fechado como um cofre, e o preguiçoso, internado como um molusco. Já ele chama a si todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que lhe apresente a circunstância. (BAUDELAIRE, 1995, p. 42)

A figura do flâneur se desdobra em alguém que observa a cidade embriagado pelas ruas que emanam "pura vida" e em uma figura irrequieta, drogada e vagante pela "selva social" evidenciada no conto que expressa as análises da moral social, cuja integração entre ricos e pobres é disfarçada pelo trânsito permitido pelas ruas, porém demasiadamente

---

[51] Idem.

distinguidas por “alguém” que as observa e faz “uso do seu incógnito” (BENJAMIN, 1995), como observamos em Poe:

> Muitos dos passantes tinham um aspecto prazerosamente comercial [...] Seu trajes pertenciam àquela espécie adequadamente rotulada de decente. [...]; Havia muitos indivíduos de aparência ousada, característica da raça dos batedores de carteiras, que infesta todas as grandes cidades. Eu os olhava com muita curiosidade e achava difícil imaginar que pudessem ser tomados por cavalheiros pelos cavalheiros propriamente ditos.[52]

No contemporâneo, como identificar um flâneur, senão aquele que inspeciona tipos e hábitos, “observador do mercado”[53] assim reconhecido por Benjamin? O capitalismo o envia e o cria como os andarilhos das ‘passagens’ encerradas entre paredes, lojas e vitrines do comércio mundano dos shoppings. O olhar coletivo, seletivo e comercial dos ‘flâneurs contemporâneos’ deposita na cidade, expectativas que possam justificar seu tempo de dedicação. O que a cidade dispõe aos transeuntes que andam por ela em busca de ofertas a cada esquina? O que mais poderá ofertar, senão a experiência dos seus excessos?

Na literatura, encontramos algumas admirações pelo flanar, como observado em alguns autores, como João do Rio (2007), com a *Alma encantadora das ruas*, que demonstra no exercício de andar pelas ruas, prazer inenarrável. Diz-se curioso e vagabundo, “[...] Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. [...] É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico.” (RIO, 2007, p. 5). E sobre o inútil, lembramos o poeta Manoel de Barros[54], que o cultiva quando compra seu ócio, sua vagabundagem para fazer somente poesia: “a poesia é a virtude do inútil”[55] Sua poesia revela tudo que viveu e observou ao seu redor. O poeta nos mostra que ‘o inútil’ poderá ser muito produtivo:

> Exploro os mistérios irracionais dentro de uma toca que chamo '**lugar de ser inútil**'. Exploro há 60 anos esses mistérios. Descubro memórias fósseis. Osso de urubu, etc. Faço escavações. Entro às 7 horas, saio ao meio-dia. Anoto coisas em pequenos cadernos de rascunho. Arrumo versos, frases, desenho bonecos. Leio a Bíblia, dicionários, às vezes percorro séculos para descobrir o primeiro esgar de uma palavra. [...] Essas leituras me ajudam a explorar os mistérios irracionais. Não uso computador para escrever. Sou metido. Sempre acho que na ponta de meu lápis tem um nascimento.[56] (grifo nosso)

---

[52] POE, Edgar Alan. “O homem da multidão”. Disponível em: < http://www.gabrieltorres.xpg.com.br/puc/homem_multidao.pdf > Acessado em 27 de Dez. 2011.
[53] Idem.
[54] Incluímos o poeta Manoel de Barros por considerarmos que exercita em sua poesia o prazer da *flânerie* apesar de viver no interior e não na cidade.
[55] “Só dez por cento é mentira” – documentário sobre vida e obra do poeta Manoel de Barros dirigido por Pedro Cezar.
[56] Entrevista concedida a José Castello, do jornal "O Estado de São Paulo", em agosto de 1996, ao ser perguntado sobre qual é a sua rotina de poeta. Disponível em http://www.releituras.com/manoeldebarros_bio.asp Acesso em 27 dez 2011.

Essa inutilidade aparente nos leva a reflexão que os poetas Rio (2007) e Baudelaire (1996) pensam sobre “o ser artístico” e sobre “o olhar de artista” respectivamente, cuja ênfase à curiosidade profunda e o tempo de “convalescência” se manifesta como o estado primordial para a descoberta das coisas: “o convalescente goza, no mais alto grau, como a criança, da faculdade de se interessar intensamente pelas coisas, mesmo por aquelas que aparentemente se mostram as mais triviais.” (BAUDELAIRE, 1996, p. 18). É o tempo em que o narrador do conto de Poe dispõe para mergulhar nos pormenores da multidão compondo como um quadro, assim evidenciado por Baudelaire (1996) em seu ensaio intitulado “O Artista, homem do mundo, homem das multidões e criança”, o espírito de convalescência que poderia ter.

Não seria anacrônico, pensarmos na figura do flâneur, hoje, em pleno século XXI? Afinal, a figura assume uma proposta estética que decorre de um ato inquietante e representativo do cenário urbano, revelado por Poe, Baudelaire e Benjamin sobre a vida social européia do século XIX, como contraponto à figura do burguês atarefado ao mundo dos negócios. Se a agitação da urbe moderna já provocava tais inquietações, o que faria o *flâneur* em nosso cenário atual, triplamente acelerado? Segundo Salles (1999), “numa sociedade na qual o automóvel é sonho de consumo e caminhar a esmo é um negócio arriscado para alguns, [...], com a violência urbana, a *flânerie*, tal como ela foi definida na modernidade, parece não ter futuro.”

Nas artes visuais, a ação *Quatro dias e Quatro noites* de Arthur Barrio levou ao extremo a experiência do flanar. O título do “trabalho-processo” foi o tempo em que o artista conseguiu permanecer nas ruas da cidade do Rio de Janeiro fazendo uso do seu corpo como o único veículo de contato com a cidade. O primeiro depoimento sobre esse trabalho consta em um texto do *CadernoLivro* assinado e datado em agosto de 1978, em que narra sua trajetória a partir do apartamento onde morava, em Botafogo. Saiu a pé da zona sul ao centro da cidade, registrou diversas imagens e impressionou-se com o desgaste do corpo e com o que viu. Não tinha dinheiro, comida, documentos, não falava e permaneceu horas sem dormir até levar a experiência ao limite. Segundo o artista, “era uma proposta mental que tinha o corpo como suporte. Era também uma tentativa de enfrentar o medo. Eu tinha receio de andar à noite pelas ruas, ao mesmo tempo queria intervir na paisagem física da cidade.” (BARRIO, 2000, p.80)

Ao recuperarmos a citação inicial de Julio Lira, observamos que os termos por ele empregados como “apropriação” e “identificação” não dão conta da interação urbana. Considerando, paradoxalmente, seu afastamento e reafirmando as imagens deturpadas da cidade produzidas pela mídia. O distanciamento das pessoas reforça o desconhecimento que cada um tem sobre sua cidade e consequentemente mudanças não podem ser provocadas. A

situação de *flâneur*, de 'cidadão-artista', de 'leitor da cidade', de 'observador', 'convalescente' pode ser acionada por iniciativas que despertem nos indivíduos, novos reconhecimentos e descobertas pelo espaço urbano que habitam até então desconhecidos. No conto de Poe, o narrador é levado pela figura instigante que o apresenta a lugares ainda não percorridos, flâneur ou não, mediado estava. E é dentro de uma proposta mediativa que o Coletivo Mesa cria os Percursos Urbanos.

Os Percursos Urbanos são realizados em um ônibus popular, que ao invés de trazer em sua frente o nome de algum destino, um bairro ou cidade, traz grafado em uma placa: Percurso Urbano. Segundo o idealizador, Julio Lira, o Coletivo fez questão de um ônibus comum, como esses que rodam pela cidade, para que as pessoas pudessem conversar com mais liberdade, dialogando e coletivizando o que está sendo dito pelos mediadores e com o que se observa pelas janelas transparentes. Diz, inclusive, que um pouco de calor, sem a refrigeração utilizada pelos ônibus de turismo, não o transforma em uma "cápsula protegida e distanciada do ser da cidade."[57]

Benjamin (2007) expõe no capítulo "O Flâneur", que anterior ao desenvolvimento dos meios de transportes coletivos, como bondes, trens e ônibus, as pessoas não tinham o hábito de se olharem e permanecerem juntas durante um tempo. Atualmente, esta experiência é naturalizada e, em alguns casos, se torna tão abusivamente desconfortável, que estes transportes perderam o *status* de comunicabilidade entre as pessoas. Contudo, os Percursos Urbanos dimensionam multiplicam a relação do indivíduo não somente com o ato de andar, mas também com o de estabelecer novos relacionamentos com o ônibus – meio de transporte banalizado nos trânsitos cotidianos, assim como explica Thais Monteiro:

> Formalmente é um ônibus comum desses de linha, com os bancos baixos, não é um ônibus de turismo. Isso para beneficiar nosso contato, nossa conversa, nosso contato com a cidade, inclusive dá mais visibilidade [...] que os ônibus de turismo que têm assentos altos e deixa todo mundo de frente para um único emissor que seria o guia e nesse caso todos nós vamos participar dessa troca. [...] o coletivo [...] esse nome e o uso que damos a ele no cotidiano é muito importante agregar para esse momento dos Percursos, tanto na hora de visualizar a cidade [...] e não causar estranhamentos quando chegamos nos lugares. É muito importante chegar sem abalar, [...] não produzir um instrumento de diferenciação. [58]

[57] Citação retirada do documento cedido por Julio Lira sobre o Coletivo Mesa (não publicado).

[58] Depoimento retirado de um vídeo sobre os Percursos Urbanos na Mostra de Arte SESC da cidade de São Paulo (vídeo não publicado).

Financiado e acolhido pela grade da programação do Centro Cultural Banco do Nordeste na cidade de Fortaleza[59], desde 2004, o projeto tem como objetivo inicial desenvolver roteiros em ônibus urbanos, apresentar e discutir temas e questões relacionados ao espaço urbano. Os percursos são utilizados como apoio para oficinas de investigação da cidade, realizadas com a participação de pessoas com diversos saberes. Articulado por Júlio Lira, sociólogo e artista conta na sua concepção com a participação de Thais Monteiro, cientista social e Tiago Coutinho, jornalista e professor universitário que inaugurou o projeto em 2011 no CCBN do Cariri[60].

Estas 'oficinas' em movimento são ministradas em locais determinados por mediadores, que poderão ser integrantes do Coletivo ou convidados, segundo o tema do percurso escolhido. Os temas são discutidos coletivamente e criados a partir de uma linguagem acessível para uma "comunicação, poetização da linguagem. É uma importante fase do trabalho: de criar o desejo."[61] O mediador planeja dentro do Percurso, três a quatro pontos na cidade onde haverá paradas e os passageiros deixarão o ônibus e percorrerão até o ponto marcado. Os pontos não são necessariamente próximos, geralmente após cada (re)conhecimento do lugar, todos retornarão ao ônibus até outro ponto da cidade. Estes intervalos são demarcados por intensas conversas. Aliás, é uma oportunidade que as pessoas têm para se conhecerem mais de perto. No segundo ponto, as pessoas já estarão mais à vontade e começam a conversar entre si.

O mediador, dentro do ônibus em curso, vai apresentando seu tema e quando alguém deseja partilhar uma experiência, o microfone lhe é passado para que todos possam escutá-lo. Segundo Julio Lira, "em geral ninguém quer falar. O nosso trabalho junto ao mediador-convidado, e que dentro da estrutura do banco é chamado de facilitador é de estimular os participantes a produzirem conhecimento, vitalidade também."[62] Muitas experiências aconteceram nesse momento em que se convive com diversas pessoas que apresentam suas leituras sobre a cidade. Thais Monteiro também sinaliza que os Percursos Urbanos identificam o quanto precisamos ultrapassar as impressões "chapadas" das paisagens urbanas instituídas ao longo da vida para perceber outros percursos e desativar hábitos antigos.

---

[59] Disponível em <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/centro_cultural/percursos_urbanos/gerados/apresentacao.asp> Acesso em 15 jan 2012

[60] Disponível em <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/Centro_Cultural_Cariri/percursos_urbanos/gerados/apresentacao.asp> Acesso em 15 jan 2012.

[61] Entrevista realizada em Fortaleza em 09 de Jul 2010.

[62] Entrevista realizada em Fortaleza em 09 de Jul 2010.

Quando os Percursos Urbanos estiveram na cidade de São Paulo a convite da Mostra SESC de Arte 2010, Lilian Amaral, artista visual e pesquisadora em arte pública foi convidada para mediar um dos Percursos e apresentou aos participantes a teoria do *habitus* discorrendo sobre como o ser humano tende a fazer o mesmo trajeto, a percorrer os mesmos caminhos e geralmente buscar o conhecido.

Ao investigar brevemente, a teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu, constatamos que não daríamos conta para este trabalho de pesquisá-la profundamente, no entanto, identificamos algumas relações com o que viemos abordando até aqui sobre o deslocamento em que os Percursos Urbanos provocam nas pessoas quando resolvem sair de seus percursos cotidianos e viver novas experiências na cidade. Para que não traíssemos o entendimento de sua complexa teoria, e, de alguma maneira, demonstrarmos nosso interesse para futuras pesquisas, acessamos um texto do sociólogo Loïc Wacquant (2007) recortando alguns apontamentos que realizou sobre sua teoria:

> [...] o *habitus* é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar "a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade", ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidaes treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente. (WACQUANT, 2007, p. 8)

Ao contrário do que se possa imaginar, o *habitus* não é uma aptidão natural, mas social e que apresenta suas variáveis nas relações de tempo, lugar e, sobretudo, nas escolhas ou submissões econômicas, políticas e sociais que cada pessoa tende a fazer.

Observamos que os pontos escolhidos, para muitos moradores, são lugares completamente desconhecidos e, em alguns casos, já haviam formado uma imagem repleta de preconceitos alimentados pelas mídias, provocando algumas resistências ao longo do Percurso. Em alguns casos, por exemplo, moradores da cidade de Fortaleza se recusavam a descer em pontos como a Praia de Iracema ou em bairros mais periféricos como Bom Jardim por acharem perigoso.

Os Percursos atingem também moradores de cidades de interior que haviam formado pré-conceitos em relação às capitais. Apresento o depoimento integral de Maira Dias, museóloga, pedagoga e educadora, em que expressa esse desconhecimento e o distanciamento que construiu durante muito tempo sobre a cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul em relação à sua cidade natal Novo Hamburgo, em que relata as mudanças provocadas pela experiência dos Percursos Urbanos realizada durante a 7ª Bienal do Mercosul:

Acho que o meu relato faz mais sentido se eu começar do começo. Já que as experiências tem pouco sentido se vistas como fatos isolados. Sou gaúcha, nasci no interior do Rio Grande do Sul, em uma cidade chamada Novo Hamburgo, que mesmo estando só 40 minutos da capital pertence a outro universo cultural. Vivi no RS até os 13 anos de idade e Porto Alegre sempre foi uma cidade desconfortável. Só ia quando precisava e era confusa, não me localizava, não conseguia curtir. Tinha memórias pontuais de lugares legais, mas a cidade, pra mim sempre foi mal-encarada - a tal cidade que é uma "estranha senhora, hoje sorri e amanhã te devora" cantada no Saltimbancos. Me mudei pro Rio de Janeiro e 9 anos depois, recém-formada em Museologia e, quase formada em Pedagogia, decidi trabalhar como mediadora na 7ª Bienal do Mercosul. O desafio do trabalho com a arte contemporânea, da participação em um grande projeto educativo e a intenção de descobrir Porto Alegre. Eu, que já tinha viajado pra tantas outras capitais, queria reinventar a minha relação com a capital do meu próprio estado. Começamos a formação dos mediadores através de um curso à distância. Depois a presença era obrigatória e fui pro Rio Grande do Sul, ainda alternando dias em Porto Alegre e Novo Hamburgo. Não sei em qual momento ouvi sobre os Percursos Urbanos. Mas tenho a recordação, já trabalhando como mediadora no "Absurdo"[63], de receber um folheto com ares de fanzine falando da proposta. Para participar de algum percurso eu precisava fazer alguma troca com algum colega, já que trabalhava de 9 às 15h. Assim me organizei e o dia que consegui a liberação tinha um percurso sobre "Habitação". [...]Confesso que achei curioso sentar em um ônibus escolar com um grupo de pessoas tão misturado, reunido pela simples intenção de circular de outro modo pela cidade, ver a realidade que para muitos era diária de outro ponto de vista, ouvir o Júlio Lira falar no microfone, nos apresentarmos todos, partilharmos as intenções... A primeira parada do nosso Percurso foi no Parque Farroupilha, ponto de referência para qualquer porto-alegrense, lugar que abriga os Fóruns Sociais Mundiais, as 'semanas farroupilhas' (evento tradicional no RS) e que é o lugar de moradia em boa parte do tempo de um grupo grande de "moradores de rua". Chegamos, descemos do ônibus e fomos caminhando pelo Parque até nos aproximarmos de onde parte desse grupo de moradores do Parque estava instalada. O Júlio se aproximou e fez a "mediação" do encontro, conseguindo que um dos moradores conversasse com a gente. Ele nos contou como era morar na rua em Porto Alegre, como era ficar pelo Parque, com que tipo de estrutura eles conseguiam contar, como era a relação deles com a direção do Parque e como faziam nestes grandes eventos (no último FSM eles tiveram um espaço e não foram expulsos como é de costume...), nos apresentou a sua família, nos disse que tipo de renda conseguia. Apresentou-nos uma cidade diferente, como se houvesse um lado B, uma realidade paralela. Caminhamos uns 10 minutos e, já fora do Parque, chegamos no "Chocolatão". Essa é uma pequena favela que ocupou um grande terreno baldio da Justiça Federal ao lado de um grande prédio marrom da Secretaria da Fazenda, que é conhecido como chocolatão e a comunidade acabou herdando esse nome. Fomos recebidos em uma das entradas pelo (se não me falha a memória) presidente da Associação de Moradores. Ele nos contou um pouco da história da formação da favela e com ele entramos pra conhecer. Becos apertados, chão de terra, lixo, muito lixo. Paramos em alguns lugares, conversamos com alguns moradores. Terminamos no galpão de reciclagem recém organizado. Nosso "anfitrião" falou da relação dos moradores com o lixo, que era a principal fonte de renda. Ao sair dali fez sentido ver montes de lixo na saída da comunidade. Voltamos para o ônibus e chegamos ao último ponto do Percurso: a Comunidade Autônoma Utopia e Luta, resultado de uma ocupação durante o primeiro Fórum Social Mundial em um prédio do centro. O grupo conseguiu ganhar o prédio e fez um acordo com a Caixa Econômica para fazer a reforma e transformar o prédio comercial na residência de muitas famílias. Conhecemos o teatro/auditório, a lavanderia, conversamos sobre como a comunidade se organizou, fomos até o terraço do prédio onde foi organizada uma horta. A cada andar uma pintura e uma frase. Uma inspiração. Outro paradigma de moradia, de habitação, de cidade. Antes de voltar para o ônibus passamos na padaria comunitária provamos e compramos um pão excelente (risos). Foi uma tarde marcante. Conheci Porto-Alegres. Experiências tensas, alegres, complexas, agradáveis. Amei conhecer o Utopia e Luta. Fiquei tocada pelas conversas no Parque Farroupilha e no Chocolatão, acompanhando sempre que possível a situação dessas pessoas. Como estava trabalhando em um ritmo puxado não consegui participar dos vários outros dias que tinham temas que me interessavam. Mas não desisti de participar mais uma vez. E consegui ir ao último Percurso Urbano, que tinha como tema a própria Bienal e teve como "mediadora" a coordenadora geral do Projeto Pedagógico Mônica Hoff, que vestiu seu uniforme de mediadora da 2ª Bienal do Mercosul para nos conduzir naquele percurso. Visitamos lugares marcantes para a Bienal e lugares que foram marcados pela presença da Bienal. Foi um roteiro mais suave, mas não menos crítico. Lembro de sutilmente aproveitamos (eu e os outros mediadores presentes) pra puxarmos algumas discussões sobre a experiência da mediação que já finalizávamos. Deste dia guardo a

[63] Título de um dos galpões que compunha a 7ª Bienal do Mercosul. Disponível em: <http://www.fundacaobienal.art.br/7bienalmercosul/en/absurdo > Acesso em 28 dez 2011.

> recordação daquela dinâmica, das trocas do grupo, das impressões e as histórias das pessoas se cruzando com a história da Bienal e da cidade. Ao final da Bienal tinha muitas experiências. Foram cerca de 45 dias intensos. Frutíferos. E se hoje, depois de mais de dois anos dessas experiências passadas, ainda guardo na memória com tantos detalhes o Percurso daquela primeira tarde é porque foi peça importante da ressignificação de Porto Alegre pra mim. No material do Projeto Pedagógico tem uma frase do John Cage que diz que "A Arte, em lugar de ser um objeto feito por uma pessoa, é um processo desencadeado por um grupo de pessoas. A Arte está socializada. Não é alguém dizendo alguma coisa, mas pessoas fazendo coisas, dando a todos (inclusive àqueles envolvidos) a oportunidade de ter experiências que de outra forma não teriam tido."[64] Pra mim não tem definição melhor para aquelas tardes de Percursos Urbanos."[65]

Maira nos faz refletir sobre o quanto esse tipo de experiência pode intervir na relação com as coisas do mundo e de que maneira reverbera no outro tais provocações. Quais dimensões apareceram no seu depoimento? Social, estética, política, relacional? Julio Lira afirma que os Percursos Urbanos é pauta política para a cidade: "o Percurso surge também pra isso, como uma forma de agregar e politizar. É uma proposta, antes de tudo, política."[66] O projeto possibilita qualquer pessoa revisitar e reconhecer sua própria cidade e, sobretudo, refletir sobre suas crises, problemas e oferecer visibilidades a lugares invisíveis, que, para o poder público, estarão sempre à margem e consequentemente invisíveis a uma grande parcela da população. Os depoimentos afirmam a importância de nos desfazermos de julgamentos superficiais e percebermos que as vozes da cidade não são somente dos seus dirigentes, mas, polifônicas, de todos aqueles que estão em constante exercício de resistência às possíveis transformações, mesmo as micro-transformações, do espaço público.

Massimo Carnevacci, antropólogo, em entrevista, argumenta sobre os 'entres' que a cidade manifesta tão importantes quanto à diversidade de tipos que a cidade produz:

> A cidade para mim é como se fosse um organismo subjetivo, vital, que absorve como uma esponja o que acontece e elabora a sua própria linguagem. Por isso, poderia se dizer que a linguagem da metrópole é baseada sobre lugares, espaços, e principalmente sobre interstícios, isto é, interstício, um espaço que está in between, que está entre, um espaço conhecido e um desconhecido. Esses interstícios favorecem um tipo de linguagem, que é dialogicamente entrelaçado com a linguagem do corpo.[67]

Esses interstícios mencionados pelo autor são explorados, diríamos, como matéria-prima pelos Percursos Urbanos, assim como Bourriaud (2009, p. 22) compreende sua lógica relacional, quando associa às práticas artísticas um aumento no intercâmbio entre as pessoas: "O interstício é um espaço de relações humanas que, mesmo inseridos de maneira mais ou menos aberta e harmoniosa no sistema global, sugere outras possibilidades de troca além das

---

[64] CAGE, John. De segunda a um ano. São Paulo: Editora Hucitec, 1985. p. 151

[65] Depoimento recebido via email em 23 dez. 2011.

[66] Conteúdo extraído do texto "Percursos Urbanos" autoria de Pedro Rocha, 2007. Disponível em < http://www.overmundo.com.br/overblog/percursos-urbanos > Acessado em 27 de Abril 2010.

[67] Entrevista realizada para a publicação Sextante e FABICO/UFRGS sob orientação do jornalista Wladymir Ungaretti, em agosto de 2007. Disponível em < http://www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-com-pensador-massimo-canevacci > Acessado em 28 de Dez. 2010.

vigentes nesse sistema". Argumenta que a arte, nesse sentido, sempre foi relacional por produzir espaços de diálogos e trocas, mesmo na forma de exposição.

2.4 Às margens de uma cidade de água e sal: espaços invisíveis da Fortaleza turística

O título deste tópico compreende dois percursos que foram realizados em momentos diferentes. O primeiro tinha como objetivo conhecer uma cidade para além de suas águas salgadas, suas diversas lagoas e seus respectivos moradores que resistem cotidianamente a uma cidade que, turisticamente, valoriza a beira mar. O que consequentemente, nos leva ao segundo tema: a cidade invisível, a outra face da Fortaleza turística, conforme seu título original. Mas ampliamos o debate para a cidade como um todo, pois compreendemos os Percursos Urbanos como um espaço que oferece visibilidades e uma dimensão crítica da sua realidade.

A cidade de Fortaleza é muito conhecida pelo seu fomento às atividades turísticas, de cultura e lazer. Mas para a construção da sua própria história, a história da cidade, o que há para além dessas características? Percebemos que, para qualquer leitura de uma cidade, algumas edificações são tradicionais marcos urbanos. Um farol, uma igreja, um centro histórico, uma praça e os objetos que a compõe – uma escultura, um busto em bronze – homenageando uma personagem marcante – são alguns dos elementos que o olhar poderá captar como um primeiro reconhecimento da cidade. Mas, para além desses elementos, o tecido urbano cidade é repleto de histórias construídas por pessoas que cotidianamente trabalham para sua ampliação e que, no entanto, permanecem anônimas.

Ao longo dos cinco anos, muitas conversas aconteceram nos Percursos Urbanos. Diversas cidades foram descobertas dentro da mesma cidade e conduzidas por pessoas em diferentes campos de discussão. Nos Percursos, são as pessoas que conduzem e tecem a história da cidade. Personagens do cotidiano, presentes cujas singularidades se configuram em formas criativas de reinvenção da vida, do cotidiano e do lugar em que vivem e atuam. Personagens que se destacam pelo potencial inventivo e transformador, expressando na própria vida o sentido da 'fortaleza' que o habita.

A cidade tal como foi representada por José Lopes Macedo, "seu Zequinha", terapeuta comunitário atuante na ONG Quatro Varas, organização que tem parceria com o Ministério da Saúde e com a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará. Mediou o Percurso "Pirambu da Saúde", que discutiu a situação da saúde mental e as práticas colaborativas a serviço da comunidade através do saber "universitário" e "popular".

Ou a cidade de “seu Vavá”, operador de projetor de cinema, 49 anos dedicados ao mundo da imagem em movimento, tendo ajudado a montar dezessete salas de cinemas Brasil a fora. Ele, cuja experiência do cinema é vital, foi o mediador da edição do Percurso chamada “Histórias que o cinema não contou”, criando narrativas invisíveis dos seus bastidores e de uma cidade que também tem o cinema como parte de sua história. Inclusive, o destaque dado pelas “Narrativas ao redor do fogo” em conjunção com o Projeto “Pontos de Corte” surgiram pesquisas e documentários para contar sua história[68].

No Percurso “Pela janela do bonde”[69], os passageiros conheceram a Fortaleza dos profissionais que conduziam as pessoas, ainda na época dos bondes elétricos: os motorneiros. Mediadas pelo Sr. Zenilo Almada, advogado e memorialista, os passageiros foram conduzidos pelas antigas linhas da cidade, a observar pelo ponto de vista do trilho do bonde, igrejas, escolas, pontos de encontro, bares famosos, residências, automóveis que fizeram a história e a paisagem da cidade.

“A Religiosidade Brasileira: a Cidade como Lugar de Culto”[70], foi tema de outro percurso, que teve como mediador convidado o pai-de-santo Cleudo Pinheiro de Andrade Junior (Pai Olutoji), babalorixá e babá egbé de candomblé, pesquisador e escritor, presidente do IAAGBA (Instituto de Articulação e Assessoria aos Grupos e Beneficiados Afro-Cearenses). Ele percorreu com os passageiros os símbolos e ritos presentes no cotidiano da cidade, como o culto à Iemanjá nas praias, às Almas Benditas e ao mestre Zé Pilintra no Cruzeiro do Cemitério São João Batista, além de apresentar e desconstruir alguns mitos em torno do comércio religioso do centro e de ervas no mercado São Sebastião, assim como dos lugares de oferendas – matas, estradas, encruzilhadas, praças e trilhos. Certamente, a intenção deste percurso foi rever a relação geralmente distanciada e a compreensão equivocada das práticas do candomblé, cujos rituais foram culturalmente incorporados pela sociedade.

No Percurso “Se Esta Rua Fosse Minha”[71], os visitantes tiveram a oportunidade de conhecer a Praia de Iracema através das memórias de uma antiga moradora, D. Alzira, que os conduziu a várias épocas, marcadas pela sua infância, juventude, casamento e trabalho. A conversa continuou no seu local de moradia, uma casa construída precariamente com folhas

---

[68] O documentário "Seu Vavá e a paixão pela sétima Arte" dirigido por Iasmin Matos foi contemplado pelo "Projeto Fortalezas" em comemoração aos seus 283 anos; realizado por iniciativa da Prefeitura Municipal de Fortaleza (SECULTFOR).

[69] Disponível em < http://percursosurbanosblog.blogspot.com/2008_04_01_archive.html> Acesso em 11 mar. 2011

[70] Disponível em <http://percursosurbanosblog.blogspot.com/2008/08/percurso-religiosidade-afro-brasileira.html> Acesso em 11 mar. 2011

[71] Disponível em <http://percursosurbanosblog.blogspot.com/2008/08/percurso-se-esta-rua-fosse-minha.html> Acesso em 11 mar. 2011

de madeira e pedaços de outros materiais sobre a Ponte Metálica[72], onde a arquiteta Lia Parente que também mediava o percurso, apresentou os projetos de requalificação do bairro, urgentes àquela comunidade. As memórias do bairro narradas pelos saberes de D. Alzira conduziram os visitantes a formar outras paisagens sobre aquele local, enquanto os saberes da arquiteta vislumbravam futuras paisagens à Praia de Iracema. Um indicativo social identificado por uma moradora que, em 64 anos de história, ainda sonhava com uma casa prometida pelo poder público, denunciava uma situação que reverberava, em nossa consciência, uma realidade instalada em todo o país.

Ao pensar uma história da arte na cidade, elegeríamos a priori, como primeiro dado, os valores histórico-estéticos presentes nas arquiteturas, preservados nos monumentos históricos, nos templos de pedra – que funcionam como marcos simbólicos e referenciais de uma época – e que delineiam uma suposta realidade social, econômica e política de uma cidade em desenvolvimento. Cada monumento expressa um estilo ou vários que se encontram incrustados em suas fachadas e em seus interiores, pela linguagem da pintura, da escultura, da presença dos detalhes ou não-detalhes, da sua funcionalidade ou organicidade com o ambiente. Assim como aparece no capítulo "As cidades e os símbolos" de Ítalo Calvino (1972) quando seu personagem, Marco Polo, ao chegar à cidade de Tamara, inicia um percurso descritivo dos detalhes presentes na paisagem urbana e os símbolos que o levam a interpretar e/ou reproduzir possíveis significados:

> O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que se deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (CALVINO, 1972, p. 9)

No entanto, o que nos parece familiar, cotidiano, é observado e discutido pelos Percursos Urbanos como algo que precisa ser estranhado. As simbologias presentes nos edifícios, nas casas, praças, ruas, são atribuições de valor dados por determinados grupos, em determinada época, configurando uma das camadas narrativas que a compõe. A partir do marco da sua construção, sua história vai sendo composta por intervenções, tanto pelo aspecto formal quanto, essencialmente, pelo vivencial, ou seja, por todos os eventos, acontecimentos produzidos pelos fluxos de indivíduos que de alguma maneira passaram e participaram das transformações daquele monumento. Assim como afirma Argan (2005), historiador da arte, mais do que planejamentos, muitos monumentos compõe o cenário da cidade como heranças que ao preservarmos, motivação de nossa cultura, atribuímos outros valores do que os

[72] Ponte dos Ingleses, também chamada "Ponte Metálica" foi um projeto de melhoramento da estrutura portuária de Fortaleza no início do século XX.

instaurados originalmente. Portanto, como exemplo, o que era um centro comercial, de trocas, como uma alfândega, ao longo do tempo perdeu sua funcionalidade e foi resignificado para um centro cultural. Sua função é outra, mas a permanência da arquitetura continua a mesma.

O que se mostra visível na cidade? Os valores estéticos ou históricos? Que visibilidades estarão aparentes e o que se mostra dizível?

Existe uma construção e uma desconstrução por trás do interesse voltado a uma nova formulação da experiência no tempo presente. Uma suspensão de todos os outros tempos para montar e remontar novas geografias. É um processo de descongelamento das grandes narrativas para um percurso gerado por micronarrativas, que produzem sobre a cidade novas experiências. A experiência que partilhamos sobre determinado lugar, nunca se dá de forma solitária, mas se constrói na relação: "A cidade, dizia Marsilio Ficino, não é feita de pedras, mas de homens. São os homens que atribuem um valor às pedras e todos os homens, não apenas os arqueólogos ou os literatos." (ARGAN, 2005, p. 228). Quando Argan faz esta afirmação, conclui ser óbvia a atribuição de valor simbólico que é dado por uma comunidade às edificações, e que se são valorizadas por uma elite, certamente está ciente do patrimônio que estará deixando de herança para futuras gerações. Pois bem, não tenhamos dúvida disto, embora a noção de patrimônio enfrente limitações quando se trata de interesses urbanísticos e de especulação imobiliária. Conhecemos muitos casos de monumentos históricos que foram derrubados para 'arejar' as cidades ou até mesmo, viabilizar a construção de novas malhas urbanas.

Podemos considerar então que, de acordo com a experiência e o ponto de vista de cada pessoa, a cidade pode ganhar diversas resignificações visuais e verbais. Cada narrativa faz emergir uma variedade de valores simbólicos, "de significados que a cidade assume para cada um de seus habitantes." (ARGAN, 2005, p. 231), presentificando milhares de cidades dentro de uma mesma cidade geograficamente delimitada. Caberia ao historiador da arte legitimar essas narrativas como potências estéticas e políticas, vistas como exceções dentro da regra geral e discuti-las como existência e resistência ao que está dado e instituído enquanto discurso hegemônico. Como operar os silêncios ou verborragias que podem comunicar algo significativo numa experiência compartilhada – numa esfera coletiva –, tendo a cidade como o ponto de encontro?

É importante pensar na construção e desconstrução do olhar, do que é visto e dito. O que marca a 'desorientação' do olhar, para a construção de uma nova experiência? O artista Robert Smithson, decide em 1967, fazer uma viagem até sua terra natal, Passaic em New Jersey. Compra o New York Times e um livro de bolso (*Earthworks* de Brian W. Aldiss).

Permanece durante toda viagem alimentando seus pensamentos e reflexões com notícias da seção das artes do jornal e com fragmentos do livro. Lendo a coluna de John Canaday[73], o artista se vê completamente inebriado com o que escrevia. A coluna falava sobre "Os Temas e as Usuais Variações", o que o despertou para a potência de algumas imagens que talvez, não fossem percebidas. Ao descer do ônibus, inicia uma série de fotografias intituladas *Monuments of Passaic 1967,* que discute justamente a transformação da imagem da esfera documental à monumentalidade:

> O ônibus passou pelo primeiro monumento. Puxei a corda da campainha e saltei na esquina da Avenida União com a Estrada do Rio. O monumento era uma ponte sobre o Rio Passaic que conectava o Condado de Bergen com o Condado de Passaic. O sol do meio-dia cinematografava o lugar, transformando a ponte e o rio em uma *foto* super-exposta. Fotografando-o com minha Instamatic 400 era como fotografar uma fotografia. [...] Quando caminhei sobre a ponte, era como se estivesse caminhando sobre uma enorme fotografia feita de madeira e aço, e abaixo o rio existia como um enorme filme que não mostrava nada a não ser um vazio contínuo. (JOURNAL, 2010) [74]

O local, que marca suas histórias de infância, naquele momento é deslocado para novas produções de sentido, conduzindo o artista a uma nova experiência estética e, sobretudo, política ao iniciar um processo de ressignificação de lugares, identificando em cada detalhe, em cada ruína – potências – como um arqueólogo que vasculha relíquias e denuncia o que se deteriora. Smithson capta toda uma cidade arruinada e marcada pelos restos de um território industrial desolado, não obstante, com grande capacidade de evocação. As suas viagens interpretavam as instalações industriais devastadas, como ruínas capazes de alcançar a imortalidade do monumento, assumindo aí a memória e a dignidade imersa de uma paisagem industrial esquecida. Em companhia de artistas Robert Morris, Carl Andre, Donald Judd, Michael Heizer e Nancy Holt, Smithson organizava expedições pelos subúrbios industriais em busca de novas configurações estéticas e da observação em grande escala.

Quantas histórias haverá sobre a mesma cidade? Ao fazermos uma leitura paralela à história das grandes narrativas do espaço urbano, o que encontraremos? Será que é possível mensurar a cidade que habita em cada cidadão e o seu valor simbólico como memória de um lugar? Há legitimidade histórica nessas linhas paralelas? E esta história que resiste às intempéries do tempo e dos interesses das elites, representa as minorias, incluindo todos àqueles que estão à margem do sistema e que trabalham diariamente para sustentá-lo?

Não nos interessa aqui, fazer uma critica da história até então escrita, até porque foi narrada também por pessoas que determinaram um contexto, um caminho, uma leitura.

---

[73] John Edwin Canaday (1907-1985) crítico de arte americano, autor e historiador da arte.

[74] JOURNAL, Renata. "Um tour pelos monumentos de Passaic, New Jersey (1967) – Robert Smithson", 2010. Disponível em <http://textosetextos.wordpress.com/2010/09/18/um-tour-pelos-monumentos-de-passaic-new-jersey-1967-robert-smithson/> Acesso em 27 fev. 2011

Buscamos ampliar as possibilidades de incluir na história, como cenário a cidade, aspectos que não obedeçam somente ao caminho traçado pelos monumentos e objetos estético-históricos que a compõe. Em Fortaleza como no Rio de Janeiro ou outras cidades brasileiras, as referências são semelhantes. Reforma urbanística – baseada em modelo europeu –, arquitetura neoclássica, herança francesa, inglesa etc. O que haverá para além de uma memória cultural e social da cidade senão o que fora determinado pelos monumentos velhos e novos que em sincronia narram sempre a mesma história? O que haverá para além da ostentação, das linhas curvas e ornamentadas, das linhas retas da modernidade, do douramento refeito e do brilho das volutas e cariátides que refletem no espelhamento dos vidros e ferros recém importados?

Se há uma história cuja referência parte destes monumentos, porque não inverter essa lógica e colocar como protagonista qualquer pessoa que participa ativamente na construção cotidiana da cidade? E em que aspectos a história da vida de cada pessoa pode ser interessante para construção da história de um lugar? E quais experiências estão em jogo na escuta e no compartilhamento destas histórias?

2.5 A prática discursiva como experiência estética e política

Os Percursos Urbanos, como os monumentos de Smithson, vão discutir, sobretudo, o sujeito da experiência que segundo Bondía,

> [...] seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. [...] É a experiência daquilo que "nos passa", ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (BONDÍA, 2002, p. 24) [75]

A liberdade de experimentar, de percorrer novas possibilidades, de se haver com o momento, com o presente, com a vida em si – que é experimental –, nos conduz à reflexão da arte como experiência, como vida. Porém, devemos aprofundar e problematizar as questões que engendram o binômio arte e vida, sem reduzi-la a uma questão apenas contemporânea, considerando que a vida sempre esteve relacionada à arte. O que nos interessa é a maneira como essa relação vem sendo discutida e a noção de diluição e/ou aproximação dessas fronteiras.

---

[75] BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência, 2002. Disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf Acesso em 02 mar. 2011.

O que, a princípio, podemos afirmar é que a vida não está em si, circunscrita ao seu discurso de sobrevivência, mas está na sua diversidade, que pode ser compartilhada, coletivizada, ressignificada a todo o momento. Está em trânsito, assim como a arte, sobretudo a contemporânea, que desloca a noção de fronteira entre arte e a vida para uma completa abstração. Percebemos a dissolução destas fronteiras e a paulatina descentralização e coletivização da própria arte que traspõe as barreiras imaginárias de suas hegemonias construídas para exercitar seu pensamento colaborativo, social e político. O que é de interesse do Coletivo MESA, que busca a interação entre diferentes grupos e segmentos sociais, através de uma iniciativa que gere uma discussão política, não no seu sentido militante-partidário, mas no intento de ressignificar, através do discurso e do conhecimento, a compreensão que se tem sobre o território da cidade e suas camadas de significados. Mais do que a valorização do depoimento individual, o Coletivo se volta para o desenvolvimento de metodologias participativas e de processos que vão romper com o que já se apresenta instituído no sistema de arte enquanto um discurso do artista para o artista e para o crítico.

Quando o Projeto Percursos Urbanos reúne em seus trajetos diversos 'mediadores' dentre eles escritores, cozinheiras, artistas, sociólogos, botânicos, palhaços, historiadores, mecânicos, empresários, antropólogos, radialistas, costureiras, músicos, jardineiras, sindicalistas, ufólogos e bailarinos –, em que cada um traça múltiplas leituras sobre a mesma cidade, ativando percepções sobre temas e lugares nunca antes visíveis ou talvez, não percebidos por outras pessoas interessadas em pensar a cidade como um instrumento semântico, que gera diferentes contextos e significados, tensionando diferenças e colocando-as em discussão. Segundo Julio Lira,

> [...] a gente tenta mostrar como é que essa cultura tá acontecendo, como é que ela tá se manifestando e tentamos fazer com que as pessoas percebam com naturalidade essas diferenças, que elas mergulhem no mundo de outra pessoa sem achar aquilo um absurdo.[76]

O ato de passear como prática estética e autoral inaugura novos territórios, e novas iniciativas de reconhecimento da cidade, conduzindo passageiros como D. Nilde Magalhães a buscar novas experiências. Em entrevista para o blog Overmundo conta:

> Eu mesmo sou uma pessoa que há 30 anos moro aqui na capital, mas vim do interior e eu entrei na cidade grande, porque tem gente que mora na cidade grande, mas não entra nela. Eu não vou dizer que conheço a cidade toda não, mas eu gosto que assim quando tem uma coisa nova que inaugura, eu gosto de ir, eu mesma ver. [...] Entrar na cidade é você não ficar alienado com o que acontece com a cidade. Não tudo, porque não tem como a gente absorver tudo, né?[77]

---

[76] Conteúdo extraído do texto "Percursos Urbanos" autoria de Pedro Rocha. 2007. Disponível em < http://www.overmundo.com.br/overblog/percursos-urbanos > Acesso em 21 fev. 2011.
[77] Idem.

Quando comenta sobre não se alienar, está se referindo à possibilidade de conhecer o que até então era desconhecido, sobretudo pelo viés do encontro compartilhado com outras experiências. Observa, discute, reflete, produz conhecimento sobre o que percebe. Desloca um espaço da cidade, outrora distanciado, para um lugar de pertencimento. Estabelece um novo olhar sobre a cidade, transformando a experiência em linguagem. Michel de Certeau (2008), em seu livro *A invenção do cotidiano*, discute a estrutura narrativa na configuração dos espaços:

> Na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam *metaphorai*. Para ir para o trabalho ou voltar para casa, toma-se uma "metáfora" – um ônibus ou um trem. Os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome: todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles o selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços. (CERTEAU, 2008, p. 199)

Pensar o relato como algo que atravessa e organiza lugares, como "percursos de espaços", nos leva à idéia da experiência do relato como produção de novas geografias. Os "transportes coletivos", os relatos, mencionados por Certeau (2008), enunciam novos territórios e expõem, em diversas situações, visões singulares sobre a mesma coisa ou sobre o mesmo lugar, sobretudo quando são realizados no espaço da cidade. Entendendo *espaço*, não como algo circunscrito, estabelecido, inerte, mas como um lugar híbrido, dinâmico, em trânsito, mutável, relacional que, associado ao urbano, faz com que a cidade se torne visível em toda sua dimensão cênica e discursiva.

Os relatos estão presentes nas práticas cotidianas quando descrevem lugares, situações, descobertas, acontecimentos. O ser humano desde sempre produz relatos das mais variadas formas. Hoje, para os historiadores, outras fontes, como as imagens ou os relatos orais, são tão importantes quanto a escrita no processo historico de um povo ou uma sociedade. Podemos então, ampliar o conceito de relato, não somente para as práticas orais, mas para o produto que delas surgem como nas sociedades que viveram há milhões de anos atrás, nos deixando, por assim dizer, um relato iconográfico de suas experiências e de seus saberes.

Por outro lado, algumas culturas, sobretudo as africanas, constituíram parte da sua história através da tradição oral – transmitindo conhecimentos adquiridos através da fala. Antes do surgimento da escrita, grande parte dos conhecimentos eram transmitidos oralmente. As memórias auditivas e visuais eram os únicos recursos de que dispunham as culturas para o armazenamento e a transmissão do conhecimento às futuras gerações, realizadas através de relatos de vida, que eram desempenhados pelos mais sábios, a partir do conhecimento acumulado.

Neste movimento, podemos observar que, para os gregos, o ato da fala era uma importante habilidade na vida pública. Estando aí, um dos pontos que participam desta pesquisa: quando a fala se torna pública, produzindo em seu ato, enunciados e discursos assumidos como prática social, estética e política na sociedade.

No ato da fala e no que será relatado não só está a ação descrita, mas tudo aquilo que foi experimentado. Produzimos linguagem, criamos ressignificações sobre aquilo que é visto, compartilhado, vivenciado; ou seja, ao produzirmos linguagem, estamos produzindo saber, conhecimento, história – coexistindo na esfera social e na medida em que estes saberes ganham forma e significado, esses discursos são absorvidos e apropriados pela sociedade como conteúdo e prática.

Analisando sob o ponto de vista do discurso e da prática discursiva, é o uso da linguagem que nos interessa para essa pesquisa e a maneira como se articula com a esfera da estética contemporânea. Ao invés de associá-la apenas ao instrumento correspondente do pensamento, a linguagem, segundo Foucault, demonstra a maneira como damos sentido às coisas, ao mundo. No entanto, precisamos compreender que o discurso não é uma compilação de palavras proferidas sobre um determinado assunto, uma ação concreta de pronunciar coisas, fenômenos. Mais do que isso, "os discursos formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irredutíveis à língua e ao ato de fala." (FOUCAULT, 1987, p.56)

As práticas discursivas para Foucault, "moldam nossa maneira de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele." (FOUCAULT apud VEIGA-NETO, 2007, p. 93.). E como unidade dessas práticas, há os enunciados que deflagram toda uma ordem discursiva que deverá ser posta em análise. Neles estão implícitas regras que são assumidas em um certo regime de 'verdade', dado historicamente, do qual nos apropriamos, e que repetimos, reproduzimos e transformamos. Não adianta avaliar apenas o que está dado, através do ato da fala, mas perceber sob o ponto de vista do discurso, o agrupamento de enunciados que o formam. Quais discursos estarão sendo produzidos pelos enunciados ônibus popular? Percurso Urbano? "seu Zequinha"? A cidade como lugar de culto? O barraco de D. Alzira? O artista em disponibilidade? O Coletivo Mediação de Saberes?

O enunciado Percurso Urbano já nos gera uma série de discursos que poderão ser debatidos diante da ideia da cidade como um lugar de produção de conhecimentos, de escola, de ensinamentos ou um lugar que estará para além de um trajeto estabelecido, um caminho que se segue, mas em seu campo discursivo, a presença da ideia de um transcurso, do passar

além, de tornar transversas suas percepções. Ao pensarmos uma cartografia atual dos Percursos Urbanos, obteríamos um mapa repleto de linhas que se conectam ou se atravessam, traçando caminhos que vão delineando todo um repertório acerca da cidade, seus meandros, suas margens, seus centros, suas linhas de fuga, seus desterritórios. Situa-se o espaço urbano como um campo de percepção aberto aos relatos que discutem a problemática das políticas públicas até o material cultural que é ofertado e, da forma como é ofertado, diariamente.

É o pensar com a realidade. Transitar e tornar transversa a experiência estética e política na cidade como metáfora para a arte, para além do campo circunscrito do que se convencionou chamar de sistema artístico, vislumbrando-a enquanto potência para o cotidiano, para a vida, para o exercício diário do pensar coletivo.

Os Percursos Urbanos participaram da 7ª Bienal do Mercosul em 2009, em que convidou 14 artistas para aplicar suas metodologias em comunidades de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, incentivando o encontro entre práticas artísticas e não artísticas e sobretudo, procurando escutar as necessidades das comunidades onde se inseriram.

Baseado nessa proposta, o Coletivo Mediação de Saberes desenvolveu o programa "Escuta na Cidade". Em um dos dias, com o tema "Cidade Desejante", seguiu para comunidades residenciais que estão à margem das iniciativas do poder público, em decorrência de inúmeras ocupações que, após persistentes mobilizações, os moradores conseguiram fixar e organizar. Em uma delas, na qual a renda é gerada a partir dos catadores de lixo, o grupo foi recebido pelo seu Luis, um dos moradores da comunidade que logo indaga sobre a iniciativa: "Eu entendo que este percurso tenha até a ver com cultura, mas com arte? Como esse percurso pode ser arte?" (LIRA, 2009, p. 128)

Partindo do argumento do coletivo, e no que se percebeu na resposta dada por Julio Lira em seu blog, o projeto tem, parcialmente, o objetivo de articular os saberes dos mediadores com os saberes dos demais participantes no sentido de construir uma visão da cidade mais pluralista e complexa, trazendo à tona, mesmo que para uma pequena parcela da sociedade (para não dizer ínfima), questões latentes na formação do tecido social e urbano. Esta resposta diz respeito em parte à dúvida do seu Luis. Mas e a arte? Que interesses haverá no ato da sua fala que poderão ser articulados e apropriados pelo discurso artístico? Até que ponto o sistema operativo da instituição arte é contagiada e mediada pelo discurso do não-artista[78] e o que, de fato reverbera para ambas as partes?

[78] Entendendo o uso do termo não-artista para designar toda pessoa que não possui uma prática formal artística.

Como uma possível experiência, a 7ª Bienal do Mercosul – Grito e Escuta, apostou no diálogo e na interação com a vida, apontando para o Programa de Residências, um discurso sobre o "artista em disponibilidade", posicionando o artista como ator social, que tem como papel fundamental, promover o debate em torno das realidades sociais, colocando em disponibilidade seu processo criativo. É a vivência social ou do social como parte integrante da experiência de arte hoje, do qual se observa e confunde-se cada vez mais com a vida e com o cotidiano.

Observamos na arte contemporânea um processo que abrange desde a apropriação de objetos à apropriação de situações, de microgeografias e micronarrativas. O artista, em dado momento, inaugura uma arte vivencial, que não existe sem a participação do espectador. Lygia Clark já dizia "se o espectador não se propõe a fazer a experiência, a obra não existe." (CLARK apud MORAIS 2001, p.173). No entanto, o que se observa como novos conceitos de contemporaneidade são as mudanças na atuação do espectador, que já não figura mais no campo participativo, como personagem que realiza proposições do artista, mas num campo de interseção, onde espectador, artista e crítico mudam constantemente suas posições na condução e produção do discurso artístico sobre a sua apresentação ou representação.

Entendemos que o exercício da arte hoje já não se pauta apenas pela criação, invenção de realidades ou ampliação de mundos, mas pela apropriação do que aí está, circulando, sobrevivendo, resistindo nas relações sociais que seguem seu curso e são distinguidas pelo discurso artístico no conceito 'vida' que se apresenta interessante à dimensão estética e política. De que maneira interessa à arte a 'vida' que se produz atualmente? Estamos nos referindo a que tipo de vida? Àquela que desperta enunciados, que ampliados poderão virar justificativas para novas experiências artísticas, vinculadas aos compromissos sociais, éticos e políticos?

A 7ª Bienal do Mercosul referiu-se ao papel do artista de agora, compromissado e exercendo sua cidadania. É a justaposição do discurso artístico a outros campos de discussão social, como a educação, a sociologia, a antropologia e as ciências sociais.

> O artista aliado ao compromisso público que vai além da missão de mostrar a sua arte, mas também de educar, formar, dialogar através dela. [...] Entra em cena um novo artista, como sujeito urbano, como educador, como construtor de espaços de comunicação.[79]

As discussões que engendram o campo ampliado da arte e as exposições promovidas por grupos sociais, configuram um novo jogo representacional das práticas artísticas. Quando

[79] Disponível em <http://www.bienalmercosul.art.br/novo/arquivos/publicacao/pdf/Catalogo_7Bienal.pdf> Acesso em 27 Fev 2011.

inseridas no debate dos ‘diários’ cotidianos da cidade, demarcam territórios para sua atuação. Os artistas formam grupos que atuam sobre outros grupos, coletivizando o discurso artístico sobre a experiência do que se tem, do que se vê e o que se percebe e escuta. Quais grupos participam deste mapeamento? Qualquer um? Ou qualquer um que, a partir de um relato, de uma fala, de um enunciado, se torna interessante ao ponto de ser capturado pelos juízos estéticos contemporâneos, o que automaticamente autoriza sua inserção no debate artístico? De que maneira, o debate produzido na esfera coletiva e, sobretudo, fora do eixo museu-galeria, se configura entre interlocutores formados não somente por artistas?

Interessam-nos as ações do projeto Percursos Urbanos do Coletivo MESA, por considerarmos nessa experiência pontos que deflagram mudanças no campo autoral da arte, sobretudo quando se pensa a arte, já não mais inserida no cubo branco, ‘segura’ e distanciada do cotidiano, mas como uma prática coletiva dinamizada na esfera da cidade, entendendo esta como um espaço plural e democrático às novas experiências estéticas contemporâneas.

2.6 Os Percursos Urbanos e o conceito de escultura social de Joseph Beuys

> Todo homem é um artista. Isso não significa bem entendido, que todo homem é um pintor ou escultor. Não, eu falo aqui da dimensão estética do trabalho humano, e da qualidade moral que aí se encontra aquela da dignidade do homem.[80]

Como anteriormente mencionamos, há na arte contemporânea uma dimensão mais ampliada da sua relação com a vida. E encontramos na obra do artista Joseph Beuys muitas iniciativas para tal proposição. Ao ignorar as fronteiras que delimitavam o território arte, o território comunicação social, o território natureza, Beuys inaugura reflexões que irão discutir os limites dos conceitos tradicionais em arte. Inclui para o debate outras disciplinas – como a política e a economia – para processos radicais de transformação social.

O homem é o interesse central de Beuys que alia à sua condição, a liberdade, como a maior busca e a criatividade como o exercício de poder que conscientemente as pessoas deveriam ter: “Quero dizer que as pessoas poderiam fazer a revolução se usassem seu próprio poder. [...] Mas elas não estão conscientes do enorme poder que têm, e é por isso que não se faz nenhuma revolução.” (BEUYS apud D’AVOSSA, 2010, p. 12)[81].

---

[80] Citação retirada de BEUYS, Joseph. Polentrasnport 1981: entrevista debate conduzida por Ryszard Syanislawisk. In: Et tous ils changet le monde. Catálogo da 2ª Bienal de Arte Contemporânea de Lion. p.110. Disponível em <http://www.aquinate.net/revista/edicao%20atual/Estudos/Estudos-8-edicao/Estudo%205-Portugal.pdf > Acessado em 05 jan. 2012.

[81] Antonio d’Avossa foi curador da exposição “Joseph Beuys: A Revolução Somos Nós”, realizada pela Associação Cultural Videobrasil e SESC São Paulo no SESC Pompeia, em São Paulo, 2010.

A criação da partitura[82] “A revolução somos nós” é um dos princípios fundamentais para seu conceito ampliado de arte. Um manifesto que proclamava a todas as pessoas, o exercício da autodeterminação e interação coletiva, cuja palavra ‘nós’ é imediatamente colocada em ação. Contudo, mais do que palavras organizadas em um slogan, o desafio era por em prática esta premissa. O artista reúne seus esforços para trabalhar por essa questão e cria o conceito de escultura social que tem como escopo – o pensamento, a comunicação, a produção de linguagem – peças fundamentais da sua produção artística. Essas ações que estão presentes no cotidiano eram consideradas por Joseph Beuys, processos de modelagem, de escultura. Uma escultura feita de palavras, gestos, imagens, símbolos, substâncias, metáforas que qualquer pessoa poderia dominar e desenvolver.

Beuys escolhe a arte como meio para comunicação e ação política e a assume como instrumento de diálogo para poder intervir sobre as políticas públicas e criar novas percepções sobre o sistema de arte. Consciente do quão complexo era seu ideal, além do exercício de artista, atua como professor na Academia de Belas-Artes de Düsseldorf e funda em 1971, a FIU – *Freie Internationale Universität*, a Universidade Livre Internacional para a Criatividade e a Pesquisa Interdisciplinar, incluindo no programa disciplinas ‘não-artísticas’ como ciências sociais e ecologia. (RAPPMANN, 2010).

A FIU evidenciou-se de diversas maneiras ao público, com interesse em chamar a atenção para uma possível transformação social e política pelo trabalho e revitalização dos ideais democráticos. Destaca-se na Documenta 6, em 1977, a obra “Bomba de mel no local de trabalho”, cujo ‘local de trabalho’ era uma sala da universidade, onde Beuys e seus colaboradores discutiram durante cem dias a escultura social e a democracia direta, como um novo modelo de sociedade. Em decorrência disto e de outras iniciativas, diversas proposições surgiram, como a criação de grupos que militavam por políticas alternativas; a criação do partido “Os Verdes”, partido dos ecologistas-pacifistas; projetos grandiosos que continuaram mesmo após sua morte, como os “7000 carvalhos” na Documenta 7 que consistia no plantio de sete mil árvores em Kassel e o projeto “Ônibus pela democracia direta na Alemanha”, um ônibus que circulava pelos estados alemães para discutir com as pessoas sua real participação na organização social de sua cidade. Enfim, muitos outros projetos surgiram, mas sempre com uma dimensão social muito séria, querendo provocar intervenções mais efetivas do que somente a criação de objetos de arte, que exerciam função complementar em seu trabalho:

[82] Termo importado da música, utilizado por Joseph Beuys, nos anos 1960/70. Eram folhas com desenhos e anotações, como ‘notações musicais’, que delineavam seus pensamentos e suas intervenções.

> [...] Quais meios usar para uma ação política? Eu escolhi a arte. Fazer arte é, portanto, um meio de trabalhar para o homem, no campo do pensamento. Este é o lado mais importante do meu trabalho. O resto, objetos, desenhos, performances, vem segundo lugar. No fundo não tenho muito a ver com a arte. A arte me interessa apenas enquanto me dá a possibilidade de dialogar com o homem. (BEUYS apud D'AVOSSA, 2010, p. 12)

Quando diz: "no fundo não tenho muito a ver com arte" Beuys sabe que a ação em arte, no seu sentido mais tradicional, não dá conta do espírito do seu pensamento, das demandas que vão surgindo e das pessoas envolvidas nos seus projetos. É preciso aliar-se a outros campos de conhecimento, a outros saberes. Suas iniciativas reviam a própria história da arte contemporânea, dimensionando seus interesses nos processos políticos e sociais para transformação social. Evidentemente, toda a obra de Beuys estrategicamente combinava com as propostas da Documenta que tem desde suas origens interesses pela arte dita social, não comercial.

Foi pela arte que Beuys cria o conceito de escultura social. E a 'palavra' na tarefa de transmitir o 'pensamento', conduz por meio da linguagem o principal veículo para seu projeto de informação e comunicação. Contudo, a palavra não era apenas matéria das suas 'obras-eventos', como mencionado anteriormente na ação dos cem dias de conversa por novos modelos sociais. Era também, transmitida através dos *vehicle art* – um enorme arsenal de material de propaganda. Seus cartazes expressavam todo seu pensamento e todo o percurso da sua obra. Anunciavam exposições, performances, e visualidades do seu pensamento. Além de ser um meio completamente acessível às pessoas, a produção e intenção dos 'múltiplos' estava, sobretudo, compromissada com a democratização do mercado de arte. E não apenas cartazes, mas postais eram produzidos intensamente e coletivamente, pois a multiplicação de tais obras necessitava do envolvimento de outras pessoas, como a colaboração de Klaus Staeck, principal editor dessas obras. Sabemos que a ligação com os meios gráficos atravessa gerações e até hoje é muito comum, na história da arte, seu uso para persuadir idéias políticas e sociais, como propagandas nas vanguardas russas no início do século XX.

Por meio dos cartazes ou dos discursos, Beuys acreditava no poder da obra que dimensiona o intercâmbio entre pessoas como a mais poderosa e ativa fórmula de trabalho. Se as críticas o vinculavam a uma noção publicitária da arte, para o artista o que mais preocupava era o que se estava anunciando. As categorias pouco lhe interessavam. Sua estratégia fundamental era despertar a consciência daqueles que acessariam os cartazes. Seus 'veículos' tinham um forte interesse político, pois criavam uma espécie de iconografia que divulgava e prolongava nas pessoas seu pensamento sobre os fundamentos da escultura social. Joseph Beuys declarou querer alcançar o maior número de pessoas, considerando seu aspecto

democrático, o que desencadeou moda nos anos 1960, levando os múltiplos a serem compreendidos como uma nova forma de produção artística: “Para Beuys, esses veículos multiplicados eram ideias e memórias permanentes, pontos de referência, monumentos transportáveis. Suas concepções chegavam às casas, a vida, à consciência das pessoas, e isso de forma bem simples [...].” (D’AVOSSA, 2010, p. 16)

Encontramos muitas referências do pensamento de Beuys no Coletivo Mesa. E de fato, o conceito de escultura social tem muitos pontos de contato com seus projetos, sobretudo, no desejo de trabalhar para ativar a consciência das pessoas em relação ao seu posicionamento nos sistemas políticos e sociais. O diálogo, o intercâmbio, a comunicação reverberada por Beuys, alia-se completamente ao que o Coletivo propõe para os Percursos Urbanos quando tentam ressignificar as relações interpessoais e interinstitucionais que caracteristicamente isoladas, exacerbam as segregações latentes na cidade.

Ambas as intenções, têm como principal objetivo, desalinhar o que está instituído. Promover reformas, revoluções no que se mostra limitado e tradicional. E no que se refere à autodeterminação promovida por Beuys, cuja ação individual está completamente associada à ação coletiva. O Coletivo evidencia através do mediador – aquele que é convidado a compartilhar sua experiência – o poder do lugar de fala. E para aqueles que participam, apresenta a escuta como lugar de reflexão e consciência. No entanto, esses lugares circulam e ora quem fala, escuta e vice versa. O corpo, nesse caso, é o veículo da informação, da comunicação, pois o meio e o fim dos Percursos são os encontros. Então os gestos, os braços, as mãos, a boca e os olhos são o que expressam e produzem pensamentos, reflexões e saberes.

Julio Lira propõe com o projeto na 7ª Bienal do Mercosul, “rasuras urbanas e criativas” com o intuito de fazer com que os participantes não se acomodassem com suas paisagens. Que promovessem rasuras, ou seja, criassem novas camadas de sentido sobre o que os espaços urbanos oferecem. Essa produção simbólica não se dá de maneira individualizada, mas dialógica, pois é no contato com o outro que possíveis mudanças na leitura e conhecimento da cidade poderão acontecer, como um corte afetivo sobre o ato de passear como prática estética e autoral. E não somente isto, mas o mapeamento que se desenha ao longo de vários percursos e os fluxos de energias que conseguem direcionar, deslocar pessoas, instituições, construindo territórios, móveis e efêmeros, plataformas de criação e contratos produzindo possíveis intervenções culturais, sociais e políticas.

3 MEDIAÇÃO III: A ARTE E AS PRÁTICAS COLABORATIVAS

3.1 Arte e vida cotidiana(s)

> Enquanto nos anos 60 e 70 o inimigo político era claro, estava relacionado à ditadura, hoje, no Brasil, esta questão está muito mais diluída, os contornos estão muito mais esparsos e os artistas têm se unido nos chamados coletivos. Eles surgem em formações variadas, abordando questões cotidianas e articulando o espaço público, e o que têm em comum é transformar artistas em agentes políticos, que cada vez mais quebram a distancia entre arte e cotidiano. (PELBART apud CANTON, 2009, p. 26)

Continuando a discussão a respeito da relação entre arte e vida, deflagrada no capítulo anterior, faremos um recorte sobre a dimensão do cotidiano. Assim como o filósofo Peter Pál Pelbart afirma na citação acima, o artista no contemporâneo é levado ao status de agente político quando assume, para seu discurso artístico, questões próprias do cotidiano e intervenção no espaço público. A conotação política do seu trabalho reflete a mobilização da sociedade civil em prol dos seus interesses, configurando uma renovação política em relação aos modelos tradicionais enfraquecidos pelas sucessivas crises e conflitos. Pelbart cita o sociólogo Ulrich Beck, quando alerta que "procuramos o político no lugar errado" (BECK apud PELBART, 2009, p. 27), o que na verdade, encontra-se descentrado, no bojo das relações sociais – nas micropolíticas, nas diferentes formas que o poder opera.

A relação da arte com a política permeia toda a história, contudo verificamos que cada período expõe um contexto específico, ou seja, datado, como o exemplificado por Pelbart, sobre a década de 60 e 70. Os artistas que produziram durante o regime militar apresentavam, em suas obras, conteúdos específicos associados às repressões do governo ditatorial, evidenciando tremores, violências, crises e resistências por parte dos indivíduos comuns e dos intelectuais. Portanto, o combate era direcionado claramente ao Estado. Já no contexto da arte e da micropolítica, é pulverizado entre as situações cotidianas que ganham mais visibilidade, sobretudo no espaço público da cidade.

Primeiramente, temos que identificar de qual perspectiva de cotidiano estaria a arte inserida. Heller (1989) nos aponta que a vida cotidiana é heterogênea – composta por diversas ações que compreendem organicamente as atividades as quais os indivíduos assumem e hierárquica, do ponto de vista da organização dos níveis de envolvimento com o trabalho, a vida privada, o lazer etc. Em seguida, a autora nos contribui com a seguinte questão: "A vida cotidiana é a vida do indivíduo", quer dizer que há uma particularidade, uma

individualidade concomitante ao que chama de “ser genérico [...] produto e expressão de suas relações sociais”(HELLER, 1989, p. 20-21).

De modo análogo, Guattari (2007) discute sobre a subjetividade que “é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p. 42). Sendo a subjetividade produzida no registro social, há indivíduos que se submetem reagindo de maneira alienada e oprimida enquanto outros a reinventam e recusam o que está preestabelecido, inaugurando um processo do qual Guattari nomeia de ‘singularização’, expresso por todo e qualquer ato de criação, portanto de resistência a “[...] todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular.” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p. 23). Contudo, as atitudes de resistência podem vir a ser apropriadas, controladas e manipuladas pelos modos de produção capitalista no que se refere não apenas ao campo da mais valia econômica, mas cultural.

A lógica da singularização evidencia a potência da invenção cujo modo de operar está próximo ao da arte. Segundo Heller (1989), citando Lukács, o artista possui também uma vida cotidiana, uma individualidade, que é suspensa nas fases produtivas para empreender uma “homogeneização” do cotidiano. O que isso significa? Do ponto de vista heterogêneo, nossas capacidades são solicitadas em várias direções, mas não nos concentramos em nenhuma em especial. Não transcendendo assim, formulações próprias do senso comum. Na provocação de uma experiência estética, por exemplo, o homogeneizar é concentrar toda a atenção em uma questão, mobilizando no outro, um foco, um ponto de reflexão crítica. Nessa perspectiva é necessário estar acessível ao exercício do distanciar-se e olhar o mundo tomando um ponto de referência externo a si próprio. No caso específico da arte, na abordagem de Lukács, esse movimento de superação da particularidade também é vivido pelo artista no momento de formulação e construção de uma experiência estética.

A arte, portanto, intervém nos processos de subjetividade como um tipo de reflexão crítica à fragmentação causada pelo fetichismo da sociedade mercantil. Interessada em discutir os ‘pormenores’ da vida cotidiana dos homens, “a arte produz uma ‘elevação’[83] que a separa inicialmente do cotidiano para, no final, fazer a operação de retorno” (FREDERICO,2000)[84]. Esse processo circular talvez nos leve ao entendimento de que a arte

[83] Não como fuga, devaneio, ilusão.
[84] FREDERICO, Celso. *Cotidiano e arte em Lukács.* 2000. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300022> Acessado em 18 fev. 2012.

contemporânea quando parte da vida cotidiana aproveita dos seus estados caóticos e heterogêneos para ressignificá-la, não no sentido de 'falar de', mas 'falar com', reiterando uma consciência crítica e ampliada sobre as coisas.

Para Lukács (1966), o cotidiano é onde nasce a práxis histórica de toda humanidade, diferente do que muitas teorias científicas afirmam sobre o saber do cotidiano ser um espaço do 'não saber'.

> Ao despreocupar-se com o cotidiano, seu saber e suas formas de agir, a epistemologia burguesa registrou uma cisão entre as esferas do saber cotidiano e as esferas do saber científico. Porém, o que é a ciência se não uma necessidade surgida da própria práxis humana cuja base de realização se dá a partir do cotidiano da vida social dos homens? (COSTA, 2001, p.45) [85]

No interesse pela compreensão das relações humanas, o saber científico ascende na modernidade e através dessa dinâmica se torna imprescindível entender a vida cotidiana dos homens, seus processos de atuação política, social e seus desdobramentos.

As inúmeras frentes impressas no cotidiano e o estado acelerado da vida urbana provocam um condicionamento por respostas práticas e imediatas. No entanto, esse processo não pode ser levado em consideração diante das diversidades percebidas na sociedade moderna. E somente as superficialidades empíricas, os utilitarismos pragmáticos não podem ser condição própria da vida cotidiana. Uma transcendência reposicionaria os indivíduos a uma atenção específica e assim, produziriam novas análises, compreensões e saberes do mundo.

A estrutura social, nos tempos modernos, se tornou mais complexa, sobretudo com a divisão social do trabalho que, inevitavelmente, se estendeu a outras esferas da sociedade. Lukács (1966) valoriza os interesses pelo cotidiano a partir de uma suspensão momentânea da própria cotidianidade, ou seja, dos códigos incorporados e assumidos pelo indivíduo nas relações sociais. Sinaliza que é preciso afastar-se do cotidiano para poder assimilá-lo teoricamente, entendendo que este afastamento não o elimina e não hierarquiza a realidade, tida como única – a mesma para a arte e a ciência: "Si queremos estudiar el reflejo en la vida cotidiana, en la ciencia y en el arte, interesándonos por sus diferencias, tenemos que recordar siempre claramente que las tres formas reflejan la misma realidad." (LUKÁCS, 1966, p. 35).

Lukács assume o materialismo dialético como método para discutir estas relações, que estão em completo dinamismo, processo, contradições e que, portanto, geram mudanças. É na práxis cotidiana que as questões próprias da arte e da ciência surgem e assim poderão ser

---

[85] COSTA, Lúcia Cortes. *A estrutura da vida cotidiana: uma abordagem através do pensamento Lukacsiano*, 2001. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/22/19> Acesso em 21 fev. 2012.

sobrepujadas para o desenvolvimento de outras novas questões que as satisfaçam. Portanto, nenhuma teoria pode responder plenamente a todas as dúvidas e prever de antemão, todos os acontecimentos da vida. A realidade é dinâmica e o conhecimento humano é enriquecido na mesma medida. Se a teoria não leva em consideração a novidade dos fatos, transforma-se num sistema de certezas absolutas, inertes, distanciadas da vida.

Mesmo diante dos distanciamentos provocados pela arte e pela ciência, Lukács nos alerta que o saber prático utilitário produzido pela lógica capitalista ainda é parte estrutural da vida cotidiana, pautada pela imediaticidade, heterogeneidade e superficialidade. Através de uma perspectiva dialética, tais incoerências podem produzir uma mobilização diante das necessidades cotidianas, pautadas por ações políticas reivindicatórias por parte da sociedade civil no que se refere aos seus direitos básicos. Desse modo, como pensar numa transcendência, numa suspensão da cotidianidade, quando se compreende a arte, no contexto brasileiro, inacessível à maioria dos indivíduos que passam grande parte de suas vidas trabalhando ininterruptamente para sua subsistência? Esta suspensão não seria um privilégio?

De fato, se formos pensar na aproximação da arte e vida nas décadas de 1960 e 70, constataremos que essa 'suspensão' era própria dos artistas. Os indivíduos 'comuns' no contato com as proposições artísticas, pautadas por objetos ou apenas ações, 'participavam', mas não havia objetivamente algo que reverberasse nos seus cotidianos. Até porque, como já vimos anteriormente, Lygia Clark em carta a Helio Oiticica afirmava que as participações não tinham a intenção de afetar diretamente o espectador, mas a proposição que em si era modificada constantemente.

As obras de arte desse período aproximavam-se do cotidiano pelo uso de materiais 'reconhecíveis' como a tradicional tela branca, pincéis e tintas – próprios do cotidiano de um pintor. Terra, pedras, tijolos, saco plástico, diferentes tipos de bolas, pães, guimbas de cigarro, carvão, espelhos, cédulas de dinheiro, garrafas de vidro, eram respectivamente utilizadas por Helio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape, Sérgio Camargo, Antonio Manuel, Waltercio Caldas, Cildo Meireles como uma geração que na sua diversidade conceitual produzia discussões em torno das imagens do ponto de vista estético, político e relacional. Não apenas no sentido formal, mas conceitual, vão discutir questões muito próximas apesar dos aparentes antagonismos no que se refere a "arte em vida" e "arte de galeria", exposto por Brett (2005):

> A "arte em vida" de Lygia Clark, Helio Oiticica e Lygia Pape tem sido usada para depreciar as premissas da "arte de galeria" de Sérgio Camargo e Waltercio Caldas, e vice-versa. [...] Parece-me, contudo, que estes artistas utilizaram táticas diferentes para abordar uma série de questões em comum, tendo produzido férteis e fascinantes paradoxos. Por exemplo, há interesse pela inter-relação de opostos nas obras de Sérgio Camargo e de Lygia Clark. Alguns dos objetos de Waltercio Caldas podem ser percebidos com uma postura bastante irônica

> diante da problemática do corpo e do espectador participativo. As proposições de Lygia Clark fundem o corpo com a mente. [...] Os objetos elegantes de Waltercio se matem a distância. (BRETT, 2005, p. 21)

Podemos constatar que a relação desses objetos e experiências com o espectador é o que vai estabelecer pontos de contato com a esfera cotidiana em suas diferentes dimensões. Mesmo quando sua intenção for de aproximação ou de afastamento, ambas estarão lidando com uma realidade cotidiana. No processo de elaboração do objeto artístico, quando instituído como tal, ou seja, produzido e exposto, segundo Waltercio Caldas, o mesmo objeto fará o caminho de retorno que, segundo Brett (2005), analisa sarcasticamente: "Com sua missão cumprida, depois de reproduzidos como arte, lá vão eles outra vez, dissolvendo-se no dia de 24 horas, desaparecendo novamente no hábito, lugar onde sempre estiveram e de onde jamais sairão." (WALTERCIO apud BRETT, 2005, p. 237)

No caso de Helio Oiticica e Lygia Clark, Sonia Salzstein, historiadora e crítica de arte, analisa que o fundamento da obra de arte para estes artistas é composto pelas referencias populares da sociedade enquanto processo e não como tema, imediatamente aplicado na vida e obviamente respondendo a uma demanda da cultura brasileira, "[...] conceberam o projeto mais amplo de uma arte brasileira voltada para escala social como estratégia de emancipação cultural" (SALZSTEIN apud BRETT, 2005, p. 92), superando os provincianismos próprios das noções de brasilidade e suas representações, encontrando eco internacional ao expandirem os rumos do objeto de arte para o "ambiente, à mistura de mídias e à participação do espectador." (BRETT, 2005, p. 96)

Em 2010, tivemos contato com a exposição "Museu é o Mundo", uma mostra itinerante sobre a obra de Helio Oiticica. Algumas obras propunham experiências cotidianas que deveriam ser revisitadas pelos espectadores, como andar com os pés nus sobre a areia ou autorizar-se a um lazer produtivo, experimentar "o dilatamento de suas capacidades sensoriais habituais" (OITICICA, 1986, 104), porém muitos espectadores resistiam àquela experiência. Observamos algumas ambiguidades nesses processos de aproximação entre arte e cotidiano. Não no sentido da produção da obra, mas na sua recepção. Mesmo que o uso de determinados materiais favoreça a aproximação com público comum, a experiência em si para os não-especialistas causava estranhamento e na maioria dos casos, precisavam de mediações. Qual seria a explicação da obra de arte, interessada nos processos cotidianos, não romper as fronteiras que a separa do mundo comum?

Encontramos na filosofia de Danto (2010), relações como que havíamos debatido em Lukács, sobre os reflexos do cotidiano na arte e na ciência. Ao partir para uma análise em busca de respostas sobre o que define uma obra de arte contemporânea, empreende em seu

percurso uma metáfora sobre o uso do espelho. Enuncia através das vozes de Sócrates e do texto de Hamlet que, “a arte é um espelho da realidade” (DANTO, 2010, p. 42). Certo da ironia de Sócrates acredita que o filósofo estava se referindo a arte como mimese. Mas indaga-se sobre que sentido estaria a arte associada a cópias fiéis da realidade se já a temos para constatá-la. Contudo, analisa em Hamlet que o uso dos espelhos deflagra um conhecimento externo a si próprio, “[...] os espelhos e, por extensão, as obras de arte, em vez de nos devolverem o que podemos conhecer sem eles, são instrumentos de autoconhecimento” (DANTO, 2010, p. 44), que o espelho é o próprio reflexo da consciência, portanto, uma obra de arte poderá refletir algo sobre aquele que a observa.

Na tentativa de investigar os hiatos existentes entre a arte que imita o real ou a arte que produz o real, Danto (2010) procura, primeiramente, entender de qual conceito de realidade e fantasia ou imitação se está falando. E na busca pelas distinções dos conceitos, diferentes dimensões do campo concreto e filosófico são evidenciadas. “Aprender a distinguir entre aparência e realidade é uma experiência de outra ordem, um pouco mais filosófica do que aprender a distinguir entre carne de porco e carne de vaca [...]” (DANTO, 2010, p. 52). No entanto, afirma que os desafios, sobretudo, na arte contemporânea são as relações conceituais muito estreitas às coisas comuns que ao se desprenderem do cotidiano para o status de obra de arte, provocam uma insegurança no sentido de nos questionarmos sobre o que fazer com aquilo que nos é tão próximo, mas ao mesmo tempo sabemos que não é. Expõe o exemplo de uma cama exposta num museu. A princípio é a aparência de uma cama comum. Mas conceitualmente não é somente uma cama. Assim como, andar pela cidade nos parece um exercício comum cotidiano e para os Percursos Urbanos há outras questões que envolvem seu sentido. Lembremos do “Seu Luis” ao indagar-se sobre o interesse da arte pela sua comunidade.[86]

Danto (2010) apresenta argumentos que discordam da posição do artista ‘assumir’ uma determinada realidade social e critica seu posicionamento único através de um olhar estético, quando o que realmente precisa ser feito é um envolvimento pragmático diante da situação. Como artistas que resolvem retratar a realidade in loco sem ao menos se envolverem, criando apenas objetos artísticos ou peças teatrais que evidenciam objetivos meramente estéticos. Contudo, isto contradiz todas as manifestações de arte ativista que pretendem, a priori, transcender a questão estética e avançar na prática, produzindo intervenções sociais e/ou

[86] Vide página 61-62.

política, como enuncia a arte relacional, sobretudo na última década do século XX, como emprego teórico na esfera das interações humanas no contexto social.

Bishop, crítica e historiadora da arte, em seu artigo *Antagonismo e Estética Relacional*[87] expressa as contradições que marcam a arte relacional, cunhada por Bourriaud (2009) em seu livro *Estética Relacional* que propõe uma teoria estética cujo julgamento à estrutura da obra de arte é elaborado a partir de uma relação intersubjetiva, coletiva, e emancipatória dos espaços autônomos e privados, assim afirma:

> Todos os artistas cujo trabalho deriva da estética relacional possuem um universo de formas, uma problemática e uma trajetória que lhes são próprias: nenhum estilo, tema ou iconografia os une. O que eles compartilham é muito mais importante, a saber, o fato de operar num mesmo horizonte prático e teórico: a esfera das relações humanas. (BOURRIAUD, 2009, p. 60)

Bishop enfatiza que o autor não a considera como uma teoria de arte interativa, mas analisa que, do ponto de vista cultural, é uma "resposta direta à mudança de uma economia baseada em bens para uma economia de serviços."[88]Cita algumas experiências históricas, também trazidas em nosso texto, quanto a participação do espectador, deflagrada nos movimentos da década de 60/70, do Fluxus, e as declarações de Joseph Beuys quanto a potência da participação do espectador no contexto da arte a partir do conceito de escultura social. Contudo, Bishop contrapõe Bourriaud quanto a noção de "obra aberta" quando este assume que a obra de arte é produtora de valores culturais e sociais e não somente reflexo da cultura moderna fragmentada. Portanto, Bourriaud direciona sua teoria para a questão da produção e não da recepção da obra de arte, já que a interação, portanto 'social', é superior à contemplação estética. A obra podendo ser modificada quantas vezes for necessário diante da interação como tema e estrutura, se torna um "retrato constantemente mutável da heterogeneidade da vida cotidiana"[89], critica a autora.

Estaria na concepção da arte relacional a diluição da arte na vida? E, portanto a 'democratização' do mundo da arte? A resposta seria apenas colocá-la em diálogo? No encontro? Na lógica das relações sociais? Bishop ainda argumenta que a atração que uma obra de arte relacional provoca na interação de grupos em galerias, ainda assim é voltada para espectadores que possuem algo em comum. Como um simulacro dos vernissages, encontros de profissionais e apreciadores da arte. Se há democratização da arte, existe, porém, para uma parcela 'interessada' na atmosfera harmoniosa dos encontros que a obra de arte

---

[87] Artigo traduzido pela Revista Tatuí, novembro de 2011. Disponível em <http://revistatatui.com/revista/tatui-12/claire-bishop/> Acesso em 22 fev. 2012.
[88] BISHOP, Claire, op. cit, p. 112
[89] Idem, p. 120.

contemporânea, nesse contexto, produz. Dessa forma, como julgar as 'relações' produzidas pela obra de arte relacional, para além do seu regime estético, mas pelo ético como supõe Bourriaud?

Assim como a 7 ªBienal do Mercosul[90], tem apostado nos discursos em torno do que prenunciou Helio Oiticica do artista educador e/ou empresário, a 27ª Bienal de São Paulo, em 2006, utilizou como slogan "Como viver junto", a transcendência dos valores estéticos para a "arte maior da convivência"[91] discutindo a diversidade cultural brasileira, o respeito às diferenças e como grande desafio o compartilhamento e a convivência frente aos níveis de tolerância e aceitação.

Lisette Lagnado (2006) em "No amor e na diversidade" expõe Helio Oiticica[92] como paradigma conceitual da mostra, mostrando que sua obra estava para além do aspecto interativo, superação dos modelos expositivos e do "desaparecimento gradual da figura do artista" (LAGNADO, 2006, p. 55), sobretudo quando se tratava da apropriação dos espaços coletivos e públicos, quando cunha a expressão Museu é o Mundo, criticando o sentido circunscrito de museu, galeria etc. É a cidade, palco para suas experiências que próximo a Gordon Matta-Clark[93], procurava revitalizar os espaços degradados e marginalizados pelas políticas públicas. Nesse engajamento quais são as partes envolvidas? A quem interessa intervir na cidade? É arte pública o que Helio Oiticica e Gordon Matta-Clark fizeram. E o que o Coletivo Mesa propõe?

3.2 Arte pública: democratização do território?

Ao invés de começarmos este subitem pelas inúmeras descrições do que viria a ser arte pública, preferimos iniciar uma discussão sobre a exposição da arte contemporânea na esfera pública, no sentido do 'estar exposto' publicamente, não somente as obras nos espaços públicos, mas a visibilidade dos discursos explícitos e implícitos na cidade.

Vivemos num sistema em que o consumo não está somente voltado para bens materiais, mas para modos de vida. Assim coloca Peter Pál Pelbar:

---

[90] Abordada no 2º capítulo.
[91] 27ª Bienal de São Paulo: Como viver junto/editores Lisette Lagnado, Adriano Pedrosa. São Paulo: Fundação Bienal, 2006.
[92] Tema de sua tese de doutorado "Helio Oiticica: o mapa do Programa Ambiental" defendida em 2003 pela FFLCH/USP.
[93] Gordon Matta-Clark (1943-1978), Formado em arquitetura pela Cornell University, foi um dos principais artistas da vanguarda de Nova York na década de 1970. Seu trabalho, como muitos de seus contemporâneos, foi feito em grande parte fora dos limites dos museus e galerias. Eram intervenções na paisagem urbana e performances que foram gravadas e fotografadas. Tendo como eixo a des-humanização do mundo moderno, o artista fazia intervenções em construções escolhidas fazendo cortes, criando aberturas e buracos em construções.

> Através dos fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que acessamos constantemente, absorvemos maneiras de viver e sentidos de vida, consumimos toneladas de subjetividade. Chame-se como se quiser isto que nos rodeia, capitalismo cultural, economia imaterial, sociedade de espetáculo, era da biopolítica, o fato é que vemos instalar-se nas últimas décadas um novo modo de relação entre o capital e a subjetividade.[94]

Nesse sentido, temos uma rede de colaboração em torno do capital 'nômade' que circula por todas as áreas e a arte perpassa também estes meandros quando é fonte de políticas de responsabilidade social. O atrelamento da arte às expectativas sociais das grandes corporações é concomitante ao seu próprio interesse também pelo social – pós-ditadura militar. Isso não significa agir na contramão dos controles do capital cultural, mas pensar nas relações e nos lugares assumidos de poder, que a arte poderá motivar uma crença na produção de novas formas de cooperação que não necessariamente precisam vir atreladas ao slogan de 'fazer o bem', de salvacionismos invariavelmente associados às iniciativas artísticas ligadas ao social. O acesso pela arte às questões sociais e políticas na dimensão do espaço público, se baseia em eixos colaborativos que não precisam induzir a uma ordem educativa, mas porque não, 'deseducativa', no sentido de provocar conflitos e 'democracias antagônicas' para produzir novas interações e invenções: "a invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum."[95]

No que compreendemos por democracia assim exposto no primeiro capítulo, o poder descentralizado do Estado, como *Rosalyn Deutsche* (2009) mostra em seu artigo "*A arte de ser testemunha na esfera pública dos tempos de guerra*" com nas revoluções democráticas do século XVIII, há um entendimento da ideia de democracia associada ao espaço público como lugar para a legitimidade do debate, como o lugar da aparição, "O espaço de aparição – a esfera pública – aparece então quando grupos sociais declaram o direito de aparecer" (DEUTSCHE, 2009, p. 176), manterem-se acessíveis uns aos outros. Sobre o conceito de aparição, extraímos de *Hannah Arendt* a associação ao conceito de *polis* apropriado aqui, também, por nós:

> A pólis [...] não é a cidade-estado no seu lugar físico; é a organização das pessoas à medida que surgem o atuar e o falar juntos, e seu verdadeiro espaço está entre as pessoas vivendo juntas para esse propósito, não importando onde estejam [...] é o espaço da aparição no sentido mais amplo da palavra, ou seja, o espaço em que eu apareço para os outros à medida que os outros aparecem para mim, em que o homem [...] faz a sua aparição explicitamente.[96]

---

[94] PELBART, Peter Pál. Biopolítica e Biopotência no Coração do Império. Disponível em < http://intervencaourbana.org/rizoma/rizoma_intervencao.pdf> Acesso em 22 fev. 2012.
[95] PELBART, Peter Pál. Biopolítica e Biopotência no Coração do Império. Disponível em < http://intervencaourbana.org/rizoma/rizoma_intervencao.pdf> Acesso em 22 fev. 2012.
[96] ARENDT apud DEUTSCHE, 2007, p. 175

Como o advento da sociedade, da qual alguns interesses privados acabam assumindo os públicos, portanto coletivos, segundo Arendt (2007), o termo 'público' é relativo a realidade – a aparência das coisas, quando tudo é visto e ouvido por todos de ângulos diferentes com grande divulgação. "A presença de outros que vêem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos." (ARENDT, 2007, p. 60)

Associa também 'público' ao mundo, que é comum a todos, um mundo produzido e que ao mesmo tempo separa e institui relações entre os homens. O público nesse sentido transpõe as camadas de tempo, as gerações, com o intuito de preservar e deixar 'permanente' tudo que puder estar além da duração da própria vida. A literatura e a arquitetura são claros exemplos.

A realidade como aparência nos remete ao que Deleuze (2005) analisa sobre os estratos ou formações históricas, o que está visível e dizível (ou enunciável) em Foucault. Quando Arendt (2007) afirma que a realidade é fruto do que se ouve e o que se vê, associamos a noção das formas visíveis e dizíveis, ou seja, os estratos da realidade que são formados pelo que se enuncia, o que se verbaliza, pelo que se observa, e o que se vê. Isso não quer dizer que uma coisa é consequência da outra, mas uma combinação de discursividades e evidências. Contudo, Deleuze (2005) nos alerta que o visível não está necessariamente associado a signos visuais.

> As visibilidades não são formas de objetos, nem mesmo formas que se revelariam ao contato com a luz e com a coisa, mas formas de luminosidade, criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações. (DELEUZE, 2005, p. 62)

Seu sentido está em extrair das palavras, frases, proposições, "evidencias" dos enunciados que não estão diretamente legíveis para a grande maioria dos indivíduos. Discursos são proferidos e expostos e é necessária a prática do desvelamento do que poderá estar 'oculto', 'invisível', para fazer ver algo diferente do que é simplesmente dito. As práticas democráticas na esfera pública exibem um discurso de uma política transparente. No entanto, sabemos que o que está implícito é justamente o que contraria todos os seus princípios.

O que vir a se tornar uma "evidencia" está em acordo com as próprias percepções da época. A posição do artista na esfera pública e os discursos produzidos em relação a sua posição hoje, não são os mesmos há cem anos. Assim expõe Deleuze (2005, p. 68) sobre os extratos históricos: "[...] cada formação histórica vê e faz ver tudo o que pode, em função de

suas condições de visibilidade, assim como diz tudo o que pode, em função de suas condições de enunciado”

Na esfera pública quais são os limites do que conseguimos ver, perceber, ouvir, identificar, do que conseguimos saber? Como buscar brechas nas ‘aparências’? A arte contemporânea poderá ser o meio para “rachar as coisas, quebrá-las?” (DELEUZE, 2005, p. 62).

Na perspectiva de arte pública associada aos monumentos, há na história da arte, centenas de exemplos. Monumentos reconhecíveis internacionalmente como *O Pensador* de Auguste Rodin (1840-1917), o *Memorial* de Constantin Brancusi (1876-1957), o projeto do monumento a *Terceira Internacional* de Vladimir Tatlin (1885-1953), o muralismo mexicano de Diego Rivera (1886-1957) e David Alfaro Siqueiros (1896-1974) são obras que estão associadas a questões políticas e sociais. Porém, a prevalência dos valores formais tenha prevalecido quanto a sua intenção política. Mesmo as obras que provocaram reações adversas quando foram expostas, sobreviveram à recepção pública no transcorrer dos tempos.

É importante analisar o público do ponto de vista da recepção, do envolvimento do ‘outro’ com a obra ou a proposta artística. Assim como, afirma Deutsche (2007, p. 176), “ser público é estar exposto à alteridade”. Uma arte com visão de rede social, o encontro do qual o artista afeta e é afetado. É a descoberta do outro que norteia a proposta e com isto, questões éticas e políticas de convivência se enunciam, sobretudo quando a resposta desta aparição é conjunta. Que formas de controle estarão envolvidas para ‘captar’, ‘utilizar’ e ‘produzir’ a participação exterior a do artista no projeto para uma arte pública? Como nesse sentido, o artista responde a aparição do outro?

A obra *Arco Inclinado* de Richard Serra (1939), e todos os pré-requisitos e requisitos assinados e assumidos no projeto, assim como o planejamento para sua construção e inserção no espaço público é domínio do artista, já a recepção do público não é. Mesmo que todas as expectativas estejam em torno da construção de espaços que contribuam para a transformação e/ou reflexão crítica do que somos, a recepção e a interação desse novo espaço ainda é uma incógnita.

O local onde foi colocada a obra, uma placa de metal curva de 3,6 metros de altura, inseriu no cotidiano dos transeuntes uma abertura na percepção da sua relação com o lugar. Uma relação concomitante entre o público e o privado se institui, como narra Michael Brenson (1998), historiador e crítico de arte,

> O lado convexo da escultura impele para fora, em direção aos edifícios e ruas movimentados e investidos de poder que existem no entorno. O lado côncavo, tão privado quanto o convexo,

> é público, oferece um refúgio, uma cavidade na qual se pode estar só e/ou se sentir protegido ou assimilar a informação tornada disponível pelo resto da obra. (BRENSON, 1998, p. 26)

Mesmo considerando neste caso, o espaço da criação ser o mesmo da recepção, a obra de Richard Serra, provocou muitos estranhamentos, inquietações e repúdios à escultura que interveio na rotina geográfica dos funcionários da prefeitura, dos escritórios, tribunais que ocupavam seu entorno, mas que, segundo Brenson (1998, p. 27), não conseguiu intervir na "rotina burocrática" da qual todos os indivíduos, sem resistir, se adaptavam diariamente. De fato, a escultura publicizava questões até então invisíveis àquele mapa político, social e econômico da cidade de Nova York. O *Arco Inclinado* funcionou como um "rachar as coisas", uma pluralidade de enunciados que se tornou visível a partir do projeto autorizado pelos órgãos competentes até a sua remoção ilegal[97]. A obra evidenciava não só o lugar do qual foi instalada, uma área que circunscrevia julgamentos de casos civis e criminais, mas todo um território simbólico ali existente. O sentido e a resistência vinham de fora, dos processos de adaptação do público com a obra e vice versa.

Diante disso, levantamos as seguintes indagações. Quem é o público da arte pública? "Quem controla o território público? Quais são as relações de força que se estabelecem entre o poder público, o artista e a população na produção e recepção da arte pública? E a pertinência da questão colocada por Brenson (1998), "Como seria a arte pública se tivesse de ser imediatamente aceita, quando não moldada, pelas pessoas que convivem com ela?"(BRENSON, 1998, p. 27)

Antes de nos aprofundarmos na recepção da arte pública, precisamos entender o que chamamos de arte pública. Se a relação da arte contemporânea com a vida já produz ambiguidades, o que diremos da arte atrelada ao conceito de público. Como vimos anteriormente, 'público' está endereçado ao mundo, o que produzimos e como democratizamos as ideias que anunciadas pertencerão à esfera pública. E não somente isto, o que é público e privado, no contexto brasileiro, também está associado à diferença de classes. O que é público é para o pobre, o que é privado para o rico, como os hospitais e as escolas por exemplo. E nesse sentido, tudo o que é privado, filtra seus acessos, enquanto o que é público pressupõe o acesso para todos.

Alves (2008, p. 5), doutor e mestre em teoria, história e crítica de arte, definiu duas características que determinam o que é incluído na esfera da arte pública: "a localização das obras de arte em espaços de circulação de público e a conversão forçada desse público em

---

[97] Consta que havia uma quantidade favorável superior à que votou contra, mas a sua remoção estava atrelada a um órgão, cujo líder era contrário a escultura.

público de arte.” Historiciza todo o ecletismo da produção artística no espaço público, cuja referencia tradicional são as arquiteturas e os monumentos realizados, geralmente, por acadêmicos, como esculturas comemorativas, chafarizes etc. As encomendas eram direcionadas, não só para artistas vindos do conhecimento formal, das escolas de Belas Artes e Artes e Ofícios, como os mais célebres eram convidados para desenvolver seus projetos na cidade. Obviamente, presume-se que todo investimento na arte pública, nesse sentido – do monumento – envolve os interesses das classes dirigentes em reafirmarem seus domínios.

Com a arte contemporânea, após os desdobramentos do minimalismo e intervenções *in situ* e *land art,* há uma profunda transformação nos domínios das experiências estéticas da arte pública. Além da instalação do objeto artístico, fruto de uma produção individual, outras proposições, processos, manifestações, ações experimentais com maior tendência política e social no que se refere a uma produção coletiva da arte conquistam espaço, ganham terreno. A arte ativista, nesse sentido, assume também esse lugar, do artista como agente que transcende as ‘fronteiras’ da arte para os campos das ciências sociais, para relacionar diretamente, in loco, seu projeto com as questões do público – da comunidade no espaço urbano.

Com interesse em inserir a participação direta do público nas propostas de arte, a arte ativista mobiliza coletivamente pessoas de diversas realidades sociais, evidenciando as condições econômicas, políticas e culturais próprias de sua convivência com o espaço urbano. Convém ressaltar que algumas iniciativas não estão somente associadas a gestos ou ações efêmeras, mas à performance que é assumida como linguagem artística e é inclusive documentada com registros de fotos e/ou vídeos para exposições. Em que medida as comunidades são envolvidas pelas experiências artísticas, compreendendo todo seu processo de planejamento, produção, execução e recepção, na esfera da arte pública?

Há nessa relação, uma dimensão de valor de uso e de troca tanto no campo concreto como no simbólico, determinante nos contratos sociais instituídos, em que a arte encontra-se inserida nesse contexto do território urbano. Entendendo território segundo Guattari (2007), como “o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos.” (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p. 388). Há uma capitalização do território, cujas atividades econômicas produzem relações de poder na disputa dos seus recursos, assim afirma Pallamin (2000):

> Deste modo, a caracterização dos atributos de um lugar urbano requer o discernimento sobre as utilizações de seus recursos, de seus detentores e as relações de poder que estes usufruem, atentando-se às contradições produzidas entre possíveis valores de uso destes recursos e sua manipulação enquanto valores de troca. (PALLAMIN, 2000, p. 34)

Retomando Foucault (1979), as relações de força produzem, não necessariamente, um caráter repressivo, “o que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como a força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 1979, p.8). E o território produz formas de controle dos quais a arte também se insere, não só no que se refere aos jogos políticos de ocupação do espaço, mas também no que Foucault chama de “metáforas geográficas” relativas a toda produção de saber associada ao espaço, enquanto força dialética, com caráter mais dinâmico, tal qual o tempo – “rico, fecundo, vivo”. (FOUCAULT, 1979, p. 158) Portanto, a inserção de uma proposta de arte pública no contexto da arte contemporânea está relacionada às próprias questões cotidianas dos espaços urbanos e também, à resistência e reinvenção de novas possibilidades para as práticas sociais, quando essa não se limitar a cumprir exigências patronais de ornamentação do espaço.

3.3 A mediação como dispositivo discursivo social e cultural

Em relação à produção e recepção do público, há que se indagar sobre seu papel diante do que é proposto, sobretudo pela arte contemporânea, quanto à sua participação. O conceito de recepção, nesse caso, já transpõe a noção de receptáculo, e torna-se pauta para os programas de arte contemporânea como a Bienal do Mercosul que tem balizado suas propostas em torno do público exterior ao *métier* artístico a fim de responder aos interesses educativos e aos programas de responsabilidade social das corporações.

> A 5ª Bienal do Mercosul apresenta um tema que contempla um público maior do que aquele de especialistas e de artistas em contato com a arte contemporânea. Tal escolha é fundada em uma tomada de posição quanto ao estágio educacional do Brasil e ao significado do esforço de um investimento dessa envergadura em uma exposição de arte por parte de seus patrocinadores – empresas públicas e privadas. O tema é *Histórias da Arte e do Espaço – construção e expressão nas experiências de espaço na arte contemporânea*. (DUARTE, 2006, p. 5)

Entendemos que o “estágio educacional do Brasil” se refere à produção de iniciativas do campo da arte, sobretudo pública, em nomear a educação como a mediadora do acesso aos conteúdos herméticos da arte contemporânea por parte do grande público, tanto em sua participação ‘produtiva’, isto é, quando seu contexto faz parte do projeto, quanto na recepção das propostas artísticas. O interesse pela escolha dos temas ‘adequados’ são sempre àqueles que, por verossimilhança, o público tende a recebê-los. Assim enfatiza Duarte (2006):

> São essas experiências que permitem uma aproximação maior do público com a obra contemporânea. Quase todos conhecem, mesmo sem querer, as diferenças entre o espaço privado, íntimo, e o público, o da rua, do trabalho, os de lazer e tantos outros para os quais vale o mesmo raciocínio. Já os moradores de rua não conhecem tanto essa diferença; para eles, o público e o privado necessariamente deveriam confundir-se, mas eles inventam seu próprio espaço, sempre provisório, à noite, em um canto da rua. (DUARTE, 2006, p. 12)

A chance do público exercitar uma consciência crítica é reduzida nesse contexto, quando os temas da arte contemporânea se 'aproximam' de suas 'realidades' cotidianas e 'mesmo sem querer' as atendem. Essa proximidade, no nosso entendimento, se torna 'afastamento' quando ganha o invólucro da arte e da instituição. Se a (des)função de um objeto é imediatamente acionada pelo artista quando faz do seu uso uma obra de arte que será exposta no museu, não aconteceria o mesmo com a apropriação das experiências cotidianas?

Ao pensamos numa aproximação do público com a arte, remetemos a 'quebra' da aura, que interviu na sacralidade do objeto artístico, da qual Walter Benjamin pronunciara sobre "A arte na era da sua reprodutibilidade técnica" utilizando como referencia o cinema e a fotografia. O contato com essas linguagens possibilitou qualquer indivíduo criar novos modos de acesso à arte. A recepção nesse caso é imediata no que se entende por uma integração das massas às experiências estéticas, desse modo, explicita Martín-Barbero (1997):

> Para a maioria dos homens, as coisas, e não só as de arte, por próximas que estivessem, ficavam sempre longe, porque um modo de relação social lhes fazia parecer distantes. Agora, as massas sentem próximas, com a ajuda das técnicas, até as coisas mais longínquas e mais sagradas. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 74)

Comenta sobre a imersão que as massas fazem no contato com o cinema, por exemplo, no que se refere a possibilidade de torná-las mais próximas à arte, pois o elemento da 'distração' conjugada à atividade crítica e artística produz um modo recíproco de emancipação tanto para as massas quanto para a arte. Há nesses novos modos de sentir, de se envolver, de se apropriar, uma 'aproximação' das massas, nomeada como signo por Walter Benjamin e citado por Martín-Barbero (1997), que expressa um processo de uma longa transformação social. "A morte da aura na obra de arte fala não tanto da arte quanto dessa nova percepção que, rompendo o envoltório, o halo, o brilho das coisas, põe os homens, qualquer homem, o homem de massa, em posição de usá-las e gozá-las." (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 72). A noção de "aproximação" possibilitou uma dimensão coletiva quanto à recepção da obra de arte em virtude de quebra de paradigmas à noção de valor 'cultural' da pintura ao valor 'expositivo' da máquina fotográfica.

Rancière (2005) discorda do argumento das teses benjaminianas sobre a noção da visibilidade dada às massas pelas artes mecânicas. Considera que, a fotografia, por exemplo, deve ser considerada, primeiro, como arte e não somente entendida como técnica para tal

feito. Entende que a revolução estética vem à frente da revolução técnica, a fotografia deve ser reconhecida como arte, não pela sua natureza mecânica, mas pelo seu tema, pela "assunção de qualquer um" que é "pictural" antes de qualquer coisa (RANCIÈRE, 2005, p.48), que é pela lógica estética que as massas ganham visibilidade e não pela ciência ou pela técnica.

Rancière (2005, p. 32-34) irá distinguir três grandes regimes de identificação da arte: o regime ético das imagens, do qual enfatiza o impedimento da individualização da arte diante da relação que estabelece com o "ethos" das coletividades; o regime poético, a mimeis, o domínio da representação das coisas, que possibilita o exercício do reconhecimento, da recepção e da crítica das 'belas artes' e o regime estético que corresponde ao "modo de ser específico do que pertence à arte" e, ao mesmo tempo a desobriga "de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e artes." O que não significa uma ruptura com as tradições artísticas, mas um novo contribuinte para a produção de novos modos de vida.

Há na "partilha do sensível" um interesse pelo rompimento da divisão de tarefas, "entre os que pensam e decidem, e os que são destinados aos trabalhos manuais" (RANCIÈRE, 2005, p. 66), de forma que as práticas artísticas não são exceções a outras práticas, mas as revelam na partilha de suas representações e reconfigurações.

E no que se compreende quanto à recepção do público a esses registros, Rancière (2010) em *O espectador emancipado* iniciou uma narrativa sobre o lugar do espectador, na sua acepção tradicional, como aquele que acessa apenas a superfície das coisas, mas não acompanha processos. E é através do teatro que empreende uma análise sobre seus estados passivos e ativos, que hoje são intensamente 'matéria-prima' para os artistas que desejam colocar o espectador numa posição mais ativa em relação à sua comunidade, sabendo, que há alguma coisa a fazer, mas o quê? Rancière aponta para uma questão fundamental nesse processo: "não será precisamente a vontade de suprimir a distância que cria a distância?" (RANCIÈRE, 2010, p. 21)

A relação com a educação e as iniciativas, sobretudo no campo das artes visuais, quanto à participação do espectador tem gerado inúmeras questões que estão para além de uma colaboração entre as áreas. Cayo Honorato, pesquisador em Educação e Arte Contemporânea, expõe que,

> [...] esse fenômeno da 'crescente incorporação da educação pelas práticas artísticas e curatoriais', foi percebido simultaneamente a outro fenômeno: a promoção da educação como instrumento de marketing na economia de produção das exposições de arte. A "educação" nesse caso é o que atrai um ou vários públicos (esses para os quais a arte é uma espécie de

> "currículo fundamental") e, ao mesmo tempo, o que justifica a "contrapartida social" das exposições. (HONORATO, 2011) [98]

O fenômeno evidenciado por Honorato é chamado de *education turning*, difundido no circuito internacional da arte, mas pouco discutido e experimentado no Brasil. A 29ª Bienal de São Paulo e a Bienal do Mercosul, apropriam a noção de curadoria-educativa, quando desenvolvem propostas nesse sentido, inspiradas na Manifesta 6 que contou com uma equipe de curadores *Anton Vidokle*, *Florian Waldvogel* e *Mai Abu ElDahab*, cuja proposta consistia em organizar uma escola temporária ou uma série de experiências educacionais. O projeto acabou não acontecendo. Contudo havia um interesse expresso no texto de *ElDahab* em questionar a instituição arte, o papel do artista, as políticas culturais e a educação:

> The Manifesta 6 School is a pretext, an excuse and an opportunity. It is a pretext for questioning and possibly challenging the methods of the institutionalised art world. It is an excuse to bring together inspiring thinkers and cultural producers to invigorate the position of art, and cultural production at large. It is a great opportunity for a wealth of critical endeavours: looking at the role of art institutions as participants in cultural policymaking; questioning the role of artists as defined by the institutional climate in which they practice and produce [...] And, finally, asking what kind of education do we as art professionals need today in order to play an effective role in the world? [99]

A questão lançada por *ElDahab* é fundamental para entendermos os usos dos termos colaboração, participação, troca e mediação como parte do 'pacote' da *education turning*, dos projetos curatoriais e das iniciativas alternativas como o projeto Percursos Urbanos do Coletivo Mesa inserido na programação do Centro Cultural Banco Nordeste, cujo maior interesse pelo programa, não difere do que já comentamos aqui sobre a contrapartida social das empresas.

Jaqueline Medeiros, coordenadora do setor de Artes Visuais afirma que, como toda empresa, o Banco Nordeste ao criar um centro cultural, tende para a perspectiva de atrelar sua imagem a um bem cultural que beneficie a sociedade. No entanto, afirma que o centro cultural enquanto instituição pública se interessa pela "criação de possibilidades e diálogos que fomentem a produção de pensamento do seu público e, sobretudo, problematize a produção e as condições do fazer artístico não inserido no grande sistema de arte." Insere os Percursos Urbanos como um espaço de resistência, "com qualidade técnica e que promove o pensamento crítico do público participante para outro olhar sobre a cidade." Ao perguntarmos

---

[98] Aula ministrada na Oficina de Curadoria e Mediação Crítica do Programa de Oficinas Curadoria e Contexto, realizada pelo Fórum Permanente, 2011. Disponível em < http://www.forumpermanente.org/.event_pres/oficinas-de-curadoria/curadoria-e-contexto/ Acesso em 27 fev. 2012.

[99] ELDAHAB, Mai Abu. *On How to Fall With Grace - or Fall Flat on Your Face.* Disponível em <http://manifesta.org/manifesta-6/> Acesso em 27 fev 2012.

sobre o retorno do programa para o Centro Cultural, responde primeiramente que é quantitativo, “pela participação do público lotando todos os percursos retorno de mídia impressas e televisivas espontâneas” e conclui que o principal retorno do programa para o CCBN é “ser reconhecido como uma intuição que não só possibilita o encontro entre público e arte para preservar e divulgar a produção cultural de qualidade, mas também ampliar conhecimentos que podem desestabilizar modelos de pensamento pré-estabelecidos.”[100]

De fato, as iniciativas do Coletivo Mesa, dentro da esfera da arte pública, deflagram novas percepções que situam criticamente o público quanto ao seu posicionamento no contexto da cidade. Os Percursos Urbanos surgem como um exercício de redescoberta da cidade e pretende na troca de experiências, informações, saberes entre seus participantes produzir novos conhecimentos sobre a cidade e identificar as problemáticas invariavelmente invisíveis do espaço urbano. Na concepção de Julio Lira, o projeto pretende ter uma abordagem mais voltada para uma experiência estética, histórica e crítica da cidade do que promover slogans educativos, com intuito de acessibilizar os saberes às massas ‘aculturadas’. Não há no projeto, qualquer interesse em salvar vidas ou fazer caridade às comunidades visitadas, mas colocar as pessoas nos embates com as diversas dificuldades que são próprias do contexto urbano e despertar um olhar, também no sentido literal, mais atento e crítico.

Nesse contexto, o viés educativo já está implícito, pois se trata de uma prática dialógica, criada, sobretudo, no encontro. Não há nos depoimentos do Coletivo Mesa e de Jacqueline Medeiros associação direta à uma prática educativa, pedagógica. Mas no site do CCBN o programa Percursos Urbanos recebe a seguinte referência: “essa atividade educativa é desenvolvida através da parceria com a ONG Mediação de Saberes.”[101] O que evidencia diferentes camadas quanto à intenção do programa. Julio afirma que tanto os Percursos quanto o Coletivo Mediação de saberes são dispositivos. E como dispositivo, ele incorpora múltiplas camadas de discurso. Então, não tem uma definição única. “o Percursos Urbanos para o Banco é uma coisa. Pra Mediação, é outra.”[102]

Agamben (2009, p. 28) elabora o termo dispositivo, a priori, a partir de uma afirmação de Foucault, que diz ser “um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas decisões regulamentares, leis, mediadas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, [...]”. Conclui, segundo a perspectiva foucaultiana, que o dispositivo tem função estratégica, visto que está inserido na intersecção

[100] Entrevista concedida via email em 23 fev 2012.
[101] Disponível em <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/Centro_Cultural/Percursos_Urbanos/gerados/apresentacao.asp> Acessado em 27 fev 2012.
[102] Entrevista concedida via email em 23 fev 2012.

das relações de poder e saber. Contudo, nos convida a abandonar essa definição e o situa de outra maneira. Decide ampliar o termo para outras estruturas diferentes daquelas cuja conexão com as formas de poder são evidentes, como a prisão, a escola, o hospital etc., para a "literatura, a filosofia, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares [...]" (AGAMBEN, 2009, p. 41), isto é, dispositivos midiáticos que produzem "dessubjetivação", que não agem mais na produção do indivíduo – na subjetivação – mas apenas no modo-controle.

A filiação da arte à educação refere-se a nosso ver, a algumas analogias às definições de dispositivo de Agamben (2009). No primeiro caso, segundo a definição foucaultiana, observamos uma relação de forças entre a instituição Arte e Educação de uma cobrança mútua de seus valores que hierarquizada, a educação que, subordinada, é apropriada pela arte que 'estetiza' sua relação com o social, para responder ao marketing das grandes corporações. Como a metáfora da música de Chico Buarque "Carlos amava Dora que amava Lia que amava Léa que amava Paulo que amava Juca que amava Dora que amava [...] que amava Dora que amava toda a quadrilha"[103], uma cadeia de interesses, disputas e repressões. O conceito de mediação, nesse caso, funciona como um dispositivo que controla a produção de saberes que, ainda discrimina aquele que sabe e aquele que não sabe sobre arte. Apesar de algumas iniciativas, tentarem rever essa noção do mediar como acesso, como meio para interação e recepção da arte.

O Coletivo Mediação de saberes redireciona o sentido de mediação colocado aqui, para uma dimensão discursiva, ou seja, desfaz as polaridades para circular entre várias estruturas. No contexto dos Percursos Urbanos, consideramos que o mediador pode ser uma pessoa, assim como uma paisagem, uma loja, um cartaz, um edifício, uma rua, cinema, trilho do bonde etc. Como um "mediador cultural" observado por Hermano Vianna, que apesar de reduzi-lo a "indivíduos intérpretes" (VIANNA, 2001, p. 23), nós aqui, daremos uma significação mais ampla.

Apoiados na referencia dada por Velho (2001), a mediação como um fenômeno sociocultural se insere nos processos de comunicação, cujo conflito faz parte da vida social que só existe nas relações de poder estabelecidas pela diferença: "A interação não é sinônimo de relação pacífica e harmoniosa, pois a própria diferença implica possibilidade de contradição", o que na política do cotidiano, com "crises, alianças, conflitos e rompimentos" a

[103] Flor da idade (1973), composição de Chico Buarque para o filme *Vai trabalhar vagabundo* e para a peça *Gota d´água* de Chico Buarque e Paulo Pontes.

mediação funciona como ação social permanente, visível ou não, “nos mais variados níveis e processos interativos”. (VELHO; KUSCHNIR, 2001, p. 9-10)

No contexto dos Percursos Urbanos, há um trânsito de indivíduos que percorrem diferentes mundos numa política de compartilhamento, ou seja, são trânsitos éticos, políticos e estéticos, que sob a perspectiva de coletivo, propõe uma “partilha do sensível”, um lugar de disputas por uma partilha do ‘comum’, assim evidenciado por Rancière, cuja própria produção de imagens é ‘autorizada’ pelo regime estético das artes.

O artista, hoje, deseja ativar a consciência do espectador a rever as oposições, próprias do lugar que ocupa, entre o ver e o agir, entre o que se submete ou é submetido. Na medida em que busca planejar mecanismos no projeto da obra para fazer com que aquele que a recepciona tenha a oportunidade de utilizar seu próprio texto, suas referências, seus saberes para produzir conhecimento sobre aquilo que efetivamente participa. E entendemos que a ida às comunidades antecipa esse interesse em aproximar os indivíduos dos processos dos quais não tinham acesso, emancipando-os mutuamente. Mas nos parece que ainda assim, a emancipação do espectador é controlada, sobretudo pelos meios mediáticos que ainda são posicionados nos ‘entres’ e não nos fluxos da relação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Morais (1998) organizou um livro chamado *Arte é o que eu e você chamamos de arte* trazendo inúmeras citações de artistas, teóricos e críticos de arte sobre diversos temas. Em seu texto de abertura, comenta as considerações que Mário de Andrade, em uma conferência em 1938, faz em relação ao artista ser considerado um bom artista quando "concomitantemente está se tornando artesão" valorizando seu domínio técnico, logo a produção de um objeto. E ainda produz uma crítica ao "individualismo desenfreado", a "estética experimental" lamentando que cada vez mais a referência à obra de arte não cabe mais aos objetos de arte, mas aos artistas. Obviamente, com as tendências modernistas, de fato, serão os artistas que determinarão do que se trata a arte e, sobretudo, críticos, historiadores e empresários. (ANDRADE apud MORAIS, 1998, p. 9),

Morais (1998, p.12) afirma que apesar de 40 anos de crítica assume suas incertezas quanto a sua definição de arte, considerando impossível a tarefa de definir algo que se mostra atualmente tão plural, híbrido e antagônico. Afirma que o artista é um "ser anfíbio, deslizante entre ismos, escolas e tendências" no sentido que se adapta às situações diferentes, correspondendo à outra lógica e por isso não supera as expectativas de Mário de Andrade, incomodado com algumas experiências realizadas no Salão de Maio (1937) que tinha como integrante, na comissão organizadora, Flávio de Carvalho, artista com características muito próximas às que Morais anunciou.

E no que se refere aos possíveis significados sobre arte, encontramos no livro a citação de Duchamp, um dado bem concreto e radical sobre o que determina as fronteiras do que define ser arte: "a arte pode ser ruim, boa ou indiferente, mas qualquer que seja o adjetivo empregado temos que chamá-la arte, do mesmo modo como uma emoção é ruim é uma emoção." (DUCHAMP apud MORAIS, 1998, p. 34). O artista desvincula um entendimento de arte que esteja associada à adjetivações, qualidades estéticas que medem ideais de beleza, se é boa ou ruim, mas o quanto a arte pode não agradar e questionar os gostos conservadores e puristas. Coloca inclusive em questão que a definição de arte pode ser tão ampla quanta a definição de emoção.

No capítulo sobre "A Arte" Morais (1998, p.37) reúne muitas citações que, na busca por uma definição, evidenciam algumas polarizações, como no exemplo de Naum Gabo: "arte é tudo. Tudo o que fazemos ou mesmo imaginamos é arte" ou "a arte não pode nada, não

deseja nada, não diz nada.” do Grupo BMPT.[104] Morais (1998) evidencia o quanto é complexo construir uma definição de arte, ao reunir duas citações que se contradizem. No entanto, consideramos que essas contradições ocorrem quando colocadas juntas para definir um campo, contudo fazem ‘sentido’ dentro de seus respectivos contextos.

Para abrir as considerações finais, escolhemos dentre todas as citações sobre arte, a de Bourdieu: “Toda obra de arte é, de alguma maneira, feita duas vezes. Pelo criador e pelo espectador, ou melhor, pela sociedade à qual pertence o espectador.” (MORAIS, 1998, p.173). E não é por acaso que escolhemos justamente a citação de um sociólogo. Ao longo do desenvolvimento desse trabalho observamos que nossas indagações e reflexões sobre as relações entre arte e sociedade, sobretudo no que se refere aos usos da noção de coletivo, dialogam consideravelmente com o campo das ciências sociais.

Enfrentamos nessa pesquisa, o limiar das fronteiras entre o campo teórico da arte e outras áreas de conhecimento. Constatamos que, o uso das ciências sociais não pode ser encarado como método para atender possíveis lacunas ou necessidades conceituais mútuas, mas promover uma relação dialógica em que a arte e as ciências sociais promoverão discussões sobre a diversidade de produções artísticas que apresentam, em suas formas e conteúdos, processos sociais que necessitam de análises mais profundas, sobretudo, considerando-se as constantes transformações e reinvenções de suas próprias produções e da sociedade. Escolhemos um “Percurso” em que a psicologia social, a sociologia, antropologia e arte travaram diálogos e não somente, respostas sobre questões próprias do contemporâneo levantadas nesse estudo.

Compreendemos que há diversas manifestações que reivindicam o *status* de arte contemporânea, portanto, qualquer definição seria ultrapassada, sobretudo quando analisamos o termo contemporâneo que, segundo Agamben (2010), não se restringe a atualidade, mas a ‘inatualiza’. Considera que ser contemporâneo não é exatamente coincidir com seu próprio tempo, pois aqueles que estiverem “plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.” (AGAMBEN, 2010, p. 59). Desse modo, observamos que as experiências coletivas atuais na arte são respostas a todo um processo histórico de autonomia da arte e de um retorno do seu interesse por uma função social mas com uma nova “roupagem”: a responsabilidade social.

---

[104] Grupo de artistas franceses do final da década de 1960. A sigla compreende o sobrenome dos artistas: Daniel Buren, Olivier Mosset, Michel Parmentier e Niele Toroni.

Os Percursos Urbanos discutem essencialmente as ‘mobilidades’. Uma ação que move diversas outras, como um dispositivo que deflagra revisões quanto a docilidade dos corpos, a cotidianidade que circunscreve zonas de conforto e adia novas descobertas, caminhos, possibilidades, e criticidade. A noção de coletivo que agrupa e desagrupa, que muta conforme as situações e que evidencia resistências quanto às poucas condições que os lugares oferecem. A produção de conhecimento na relação saber-poder na prática da mediação coloca em evidência pessoas oriundas de diversas áreas do saber e com experiências que trazem à tona discursos visíveis e invisíveis sobre o espaço urbano. Desse modo, a história da cidade é posta em movimento, anunciando anacronismos, tempos entremeados por outros tempos que vão desenhando novas cartografias.

Os Percursos Urbanos fizeram parte da Bienal do Mercosul (Porto Alegre), da Mostra SESC de Arte (São Paulo), estiveram em Rosário (Argentina), Asunción (Paraguai), atualmente fazem parte do circuito cultural de Fortaleza. Estão iniciando projeto no Cariri e inaugurando novas experiências que, apropriadas pelas grandes mostras, evidenciam cada vez mais a ‘noção ampliada’ de arte trazida à tona nesse trabalho e, suas possíveis aproximações com o pensamento de artistas como Beuys, considera o desenvolvimento da consciência humana, em si, um processo plástico.

Bourdieu (2011, p.100) em *Economia das trocas simbólicas*, aborda os processos de autonomização da arte que ocorreram a partir de uma série de transformações, dentre as quais, destacamos “a multiplicação e a diversificação das instâncias de consagração competindo pela legitimidade cultural” cujos modelos de pensamento, concepções artísticas são determinadas por uma *intelligentsia.* Dessa forma, no momento em que a arte consegue se libertar dos compromissos éticos e estéticos dos comandos da aristocracia e da Igreja assume novas formas de comando correlatas às “leis do mercado de bens simbólicos”, ou seja, às leis da oferta e da procura. E nesse sentido, a obra de arte é considerada como tal quando há uma ‘solidariedade’ mútua entre o artista e o crítico que, juntos, formulam sua forma e conteúdo. No que se refere aos Percursos Urbanos, o Coletivo Mesa, inicialmente não tinha intenção de se tornar um projeto artístico, mas pauta política para a cidade, contudo ao ser inserido em mostras, eventos de arte, valores estéticos passam a ser agregados ao seu conteúdo e nós, na tentativa de argumentarmos e problematizarmos esses fenômenos artísticos e culturais da atualidade, constatamos que os grupos dominantes continuam, desde sempre, a ‘solidarizar-se’ com a produção cultural e artística.

Anterior ao “grande público” há na arte um interesse por um público específico que conferirá valor cultural, legitimidade artística à obra, que produzirá um entendimento de que

“o verdadeiro tema da obra de arte é a maneira propriamente artística de apreender o mundo” (BOURDIEU, 2011, p.111), isto é, pelos modos de expressão original, dos refinamentos que os artistas desejam produzir e o esgotamento de todas as possibilidades experimentais frente às ortodoxias vigentes. E o ‘grande público nesse ‘processo’ é investigado quanto às suas opiniões que retornam para o sistema de arte enquanto forma e conteúdo: ‘o social’ como tema apropriado pela estética contemporânea. E a ação dos Percursos Urbanos quando abordam, sobretudo, as relações e os conflitos sociais no âmbito do espaço urbano e evidência as diversas percepções estéticas, políticas e éticas que são produzidas diariamente, afinal os Percursos em quase oito anos, apresentam, em quase oito anos, uma diversidade de temas sobre a cidade de Fortaleza com pouquíssimas repetições.

Constatamos que a arte coletiva promove tentativas de ampliar fronteiras que definem o sentido de ‘artista’ para além do seu papel ‘artístico’. A noção de ‘artista’ no contemporâneo associa-se em muitos casos à sua participação como cidadão, agente político, militante etc. E quando os artistas percebem um distanciamento do lugar que, tradicionalmente os definem como artistas tendem a repensar seu próprio *status*.

Se anteriormente, o artista como gênio isolado necessitava de esforços que, certamente, interferiam na última versão da obra de arte até chegar a público, os auxiliares, anônimos, nunca eram evidenciados. Atualmente, muitos projetos de arte assumem enquanto discurso a colaboração, cujas ações atingem uma diversidade de públicos que tem a possibilidade de interagir e contribuir para criação do próprio artista. Com isso, confirmamos as afirmativas de Bourdieu e Becker quanto a arte ser socialmente construída e, não mais considerá-la como uma categoria. A arte como uma ação coletiva, e não uma “ação espontânea de um gênio”, sempre envolveu muitos atores sociais e que na sua maioria não são caracterizados como artistas e definitivamente não serão considerados como tal, pois não se trata de uma iniciativa democrática do sistema de arte, mas um interesse do capital “em todas as suas formas, materiais ou simbólicas” em praticar o uso que a arte faz do coletivo em favor de seu próprio interesse. (ZOLBERG, 2006)

Os Percursos Urbanos descobrem o quanto somos estrangeiros em nossa própria cidade e o quanto precisamos provocar novos reconhecimentos sobre os lugares os quais ocupando. Com a proposta baseada também em acasos, pois não há como se ter precisão nos caminhos que serão percorridos, estaria os Percursos em um não-lugar? Augé (1994), em *Não-lugares* comenta que, “existe o não-lugar como o lugar: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõe nele; relações se reconstituem nele [...].” E ainda, “O espaço, para ele, é um “lugar praticado”, um “cruzamento de forças motrizes”: são os passantes que

transformam em espaço a rua geometricamente definida pelo urbanismo como lugar." (AUGÉ, 1994 p. 74) São as pessoas que significam os lugares e descobrem 'não-lugares' dentro de lugares. E o "cidadão-artista", mencionado pelo Julio Lira, exercita o papel primordial da descoberta e assim se apropria e intervém para aproximar-se do cotidiano da cidade e deslocar sua mensagem para outro campo semântico: o da potência política da experiência estética. Aquela que desloca percepções e lugares habituais. O que difere a apropriação de ações de arte contemporânea pelo espaço urbano público das demais formas de apropriação deste espaço é a sua utilização como espaço de enunciação de idéias, de falas individuais e, sobretudo de compartilhamentos coletivos.

Ao perseguirmos tantas questões que envolvem temas como a cidade, a produção coletiva de arte e seus desdobramentos no contemporâneo percebemos que muitas lacunas ainda precisam ser preenchidas. Confessamos inclusive, que ao final dessa etapa de pesquisa, nos questionamos se há alguma visibilidade e reverberação dessas iniciativas coletivas nas relações sociais cotidianas.

Consideramos que essa pesquisa, com base em um percurso histórico, aponta e discute questões que contribuem para a compreensão da noção de ´coletivo´ como um dispositivo discursivo, cuja origem não pode ser atribuída exclusivamente ao contemporâneo. A ação Percursos Urbanos do Coletivo Mesa é um exemplo de como a lógica da dispersão pode produzir significados e leituras de mundo, do ponto de vista estético-político.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios.* Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Geografia em ruínas. In: *A invenção do Nordeste e outras Artes.* São Paulo: Cortez, 2011. p. 51-70.

ALVES, José Francisco. *Experiências em arte pública:* memória e atualidade. Porto Alegre: Artfolio e Editora da Cidade, 2008.

ANJOS, Moacir dos. *Local/global:* arte em trânsito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ARCHER, Michel. *Arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ARENDT, Hannah. As esferas pública e privada. In: *A condição humana.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 31-83.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade:* o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAUMAN, Zigmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009

BARRIO, Arthur. *Artur Barrio:* a metáfora dos fluxos 2000/1968: catálogo de exposição. São Paulo: Paço das Artes, 2000.

BARROS, Regina Benevides de. Grupo. *A afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: Sulina Editora, 2009.

BATCHELOR, David. Essa liberdade e essa ordem: a arte na França após a primeira guerra mundial. In: *Realismo, Racionalismo, Surrealismo*: a arte no entre-guerras. São Paulo: Cosac & Naif, 1998. p. 3-85

BAXANDALL, Michael. *O olhar renascente*: pintura e experiência na Itália da Renascença. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BECKER, Howard Saul. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. *Falando de sociedade:* ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BELTING, Hans. *O fim da história da arte*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas:* magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

_____. *Passagens.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____. *Charles Baudelaire:* um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 3).

BISHOP, Claire. A virada social: Colaboração e seus desgostos. *Concinnitas*, Rio de Janeiro, ano 9, v. 1, n. 12, jul. 2008.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história ou O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2011.

BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 99-154.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRENSON, Michael. Perspectivas da arte pública. In: *Arte pública.* São Paulo: SESC São Paulo, 1998. p. 16-29.

BRETT, Guy. *Brasil Experimental:* arte/vida: proposições e paradoxos. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

BÜRGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. São Paulo: Cosac Naif, 2008.

CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1972.

CANTON, Katia. *Da política às micropolíticas*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano:* 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CLARK, Lygia, OITICICA, Hélio. *Cartas, 1964-1974*. Organização Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

COSTA, Firmino. *Vocabulário analógico*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1933.

COSTA, Lúcia Cortes. *A estrutura da vida cotidiana: uma abordagem através do pensamento Lukacsiano.* 2001. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/22/19>. Acesso em: 21 fev. 2012.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DANTO, Arthur. *Após o fim da arte:* a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

_____. *A transfiguração do lugar-comum.* São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. O mundo como armazém: fluxus e filosofia. In: *Catálogo da exposição O que é Fluxus? O que não é! O porquê.* CCBB: [s.n.], 2002. p. 23-32.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, GILLES. Controle e Devir. In: *Conversações: 1972-1990.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004. p. 209-218.

_____. *Foucault.* São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995. v.1-2.

DEUTSCHE, Rosalyn. *A arte de ser testemunha na esfera pública dos tempos de guerra.* Concinnitas, Rio de Janeiro, ano 10, v. 2, n. 15, dez. 2009. Disponível em: < http://www.concinnitas.uerj.br/resumos15/deutsche.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2012.

DUARTE, Paulo Sergio. Histórias da arte e do espaço: o projeto. In: *Transformações do espaço público.* Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2006. Disponível em: < http://www.public.art.br/wordpress/wp-content/uploads/transformacoes_DOWNLOAD.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2012.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: *Pistas do método da cartografia:* pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 92-108.

FERREIRA, Glória (org.). *Crítica de arte no Brasil*: temáticas contemporâneas. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

FREDERICO, Celso. *Cotidiano e arte em Lukács.* 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300022>. Acesso em: 18 fev. 2012.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. Sobre a geografia. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro:

Edições Graal, 1979.

GADELHA, Sílvio. *Biopolítica:* gorvenamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

GALIANO, Alfredo Guilherme. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1981.

GRECO, Patrícia Danza. Arte e revolução na rússia bolchevique. Revista Contra Cultura, Niterói, n.2, 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/revistacontracultura/Arte%20Revolucao%20Greco.pdf >. Acesso em: 04 fev. 2012.

GUATARRI, Félix. Caosmose. *Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATARRI, Félix. ROLNIK, Suely. *Micropolítica:* cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GULLAR, Ferreira. *Vanguarda e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. *Multidão.* Rio de Janeiro: Record, 2005.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972. v.1.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

JOURNAL, Renata. *Um tour pelos monumentos de Passaic, New Jersey (1967) – Robert Smithson*.2010. Disponível em: <http://textosetextos.wordpress.com/2010/09/18/um-tour-pelos-monumentos-de-passaic-new-jersey-1967-robert-smithson/>. Acesso em: 27 fev. 2011.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: *Pistas do método da cartografia:* pesquisa- intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 32-51.

KONDER, Leandro. *A poesia de Brecht e a História.* s/ano, p. 29. Disponível em: < http://www.iea.usp.br/iea/textos/konderbrecht.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2010.

LAGNADO, Lisette. *No amor e na diversidade*: catálogo da 27ª Bienal de São Paulo: Como viver junto. São Paulo: Fundação Bienal, 2006. p. 55-59.

LIRA, Julio. Escuta na cidade, ruído na Bienal, escuta na Bienal, ruído na cidade. In: *Micropolis experimentais:* traduções de arte para educação. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. p. 124-137

_____. Os jogos dos passos. 2008. Disponível em: <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/05_05_ensaio2.htm>. Acesso em: 26 dez. 2011.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010.

MACIUNAS, George. Manifesto Fluxus, 1963. In: CCBB. O que é fluxus? O que não é! O porquê. 2002.

MACPHERSON, Kitta. *The 'sultan of slime'*: Biologist continues to be fascinated by organisms after nearly 70 years of study. 2010. Disponível em: <http://www.princeton.edu/main/news/archive/S26/40/89S11/?section=featured>. Acesso em: 23 dez. 2011.

MATTAR, Denise. Mary Vieira. O tempo do movimento. In: *Catálogo da exposição Mary Vieira – o tempo do movimento*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Indústria Cultural: capitalismo e legitimação. In: *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 63-80

MARX, Karl. Divisão do trabalho e manufatura. In: *O capital:* Crítica da economia política. Livro Primeiro: O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: 1971. v. 1.p. 386-422.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *Feuerbach e história:* rascunho e anotações: a ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 29-78.

MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos de arte:* 801 definições sobre arte e o sistema de arte. Rio de Janeiro: Record, 1998.

OITICICA, Helio. Esquema geral da Nova Objetividade. In: *Escritos de artistas:* anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. p. 154.

_____. *Aspiro ao grande labirinto.* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 104.

PAIM. Claudia Teixeira. *Coletivos e iniciativas coletivas:* modos de fazer na América Latina contemporânea. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRG, Porto Alegre, 2009.

PALLAMIN, Vera. *Arte urbana*. São Paulo: Annablume Editora, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível:* estética e política. São Paulo: EXO Experimental Org.; Editora 34, 2009.

_____. *O espectador emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*: crônicas. São Paulo: Martin Claret, 2007.

RIOS, Kênia de Sousa. *Campos de concentração no Ceará:* poder e isolamento na seca de 1932. Fortaleza. Museu do Ceará, 2001.

SALLES, Eliane. Por onde anda o flâneur? *Veredas*, ano 4, n. 37, jan. 1999. Disponível em: < http://cei1011.files.wordpress.com/2010/09/flaneur-e-as-cidades-habitam-os-homens-ou-sao-eles-que-moram-nelas.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2011.

SARTRE, Jean Paul. Crítica *da razão dialética*: precedido por questões de método. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SÉGUIER, Jayme de. *Diccionário prático illustrado*. Porto: Livraria Chardron, 1928.

SCOVINO, Felipe; RESENDE, Renato. *Coletivos.* Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2010.

SESC POMPÉIA. Joseph Beuys. *A revolução somos nós*. São Paulo: Edições SESCSP, 2010.

SLIVE, Seymour. *Pintura holandesa 1600-1800.* São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

VEIGA - NETO, Alfredo. *Foucault e a educação.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIANNA, Hermano. Não quero que a vida me faça de Otário! In: *Mediação, cultura e política.* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 29-60

WACQUANT, Loïc. *Notas para esclarecer a noção de Habitus.* 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/N%FAmeros%20Anteriores/RBSE%208.23.ago2009%20em%20html/RBSE%206(16)%20Abril%20de%202007.pdf#page=6 >. Acesso em: 04 jan. 2012.

ZOLBERG, Vera. *Para uma sociologia das artes*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2006.

ANEXO A – Programação dos Percursos Urbanos no CCBN (2012 -2004)

2012
(março – dezembro)

Mapas da ditadura em Fortaleza
O que você tem a ver com fatos ocorridos há 25 anos que mexeram com toda a história do Brasil? Você já ouviu relatos de parentes, avós ou tios sobre a Ditadura Militar? Conhece alguém que viveu aquele período? O que será que resta da Ditadura? Essas são somente algumas das perguntas que irão nortear o Percurso Urbano deste dia: a ideia é percorrer locais da cidade de Fortaleza que ainda carregam não só simbolicamente, como fisicamente, resquícios da Ditadura Militar brasileira, que deixou mais de 300 mortos e desaparecidos políticos. Vamos mexer com esta memória e conversar sobre o que queremos fazer com ela? 210min.

Coletivo Aparecidos Políticos.

O livro, esse produto
Sem a pretensão de definir o livro como produto qualquer ou à parte, faremos um passeio pela cidade explorando os ciclos do livro: o criativo, o produtor, o formador e o regulador. A pauta será construída à medida que a cidade desvendar o livro, seus escritores, livrarias, editoras, gráficas, bibliotecas, escolas e universidades. O destino, o veículo e o trânsito. 210min.

Antônio Filho, autor dos livros O Sapo de Sapato, A Lagarta Faceira, O Menino e o Mar, O Carneiro Jasmim; membro do

Arborização Urbana
O clima urbano difere consideravelmente do ambiente natural. A presença das árvores ameniza muitos incômodos que nos afetam diariamente, elas alteram o micro-clima – boa sombra e umidade - controlam poluição atmosférica e sonora, atraem pássaros e embelezam. Mesmo assim, em Fortaleza continuamos derrubando mais árvores do que plantamos. Postes de iluminação pública, fiações, calçadas, fluxos de pedestres e árvores convivem em desarmonia devido à ausência de planejamento, tanto da arborização, quanto dos outros componentes desse espaço. No que poderemos ser mais bem sucedidos se observarmos alguns cuidados? E é sobre a disposição da cidade, das espécies, técnicas de plantio, manutenção, podas e mesmo da nossa postura e expectativas com relação às árvores e à cidade que conversaremos neste Percurso Urbano. 210min.

Membros do Movimento Pró-árvore.

Chão da cidade
Raras vezes se presta atenção ao chão em que se pisa, tantas são as sinalizações a administrar para andarmos no ritmo da cidade. Ainda presente nos nossos caminhos, o ladrilho hidráulico, que tem fabrico manual e, em Fortaleza, uma única fábrica, foi no passado largamente usado em casas e calçadas e outros espaços diversos. E se não "atualizado" por outros revestimentos, resistem a tantas caminhadas e outras intempéries até os dias de hoje. Basta o olhar atento para ver os mosaicos espalhados por aí, criando efeitos variados, entre geometrias e formas orgânicas, cores e relevos, uma verdadeira exposição permanente de arte urbana aos nossos pés. Este Percurso é um convite a apreciar um caminhar em um outro ritmo. 210min.

Ricardo Salmito, professor da UFC-Cariri, especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem e Mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea.

Ilhas desconhecidas
Assim como um Marco Polo contemporâneo, percorreremos alguns bairros de Fortaleza, a visitar e descrever espaços livres em busca de uma "nova geografia". O olhar será de um passeante atento, cuidadoso e criativo, a descobrir recantos e detalhes ainda não observados: as "Ilhas desconhecidas", por vezes ocultas por nossa costumeira urgência, outras vezes descobertas e utilizadas por quem delas se acerca. Vamos olhar para a cidade, imaginar espaços de convivência, destacar potencialidades, aprender a considerar os usos existentes e a propor novos usos para espaços públicos. 210min.

Mediação: Fernanda Rocha, Arquiteta e Urbanista, Professora e Pesquisadora da UNIFOR

Medicina verde

Aroeira do sertão, xarope de cumaru, chá de quebra-pedra... O que você conhece dessas e outras plantas que compõem o elenco das espécies medicinais do estado do Ceará? Tem alguma receita da avó, que passou para a mãe? Utiliza e recomenda porque ainda é o melhor dos remédios, melhor que alopatia? Vamos trocar receitas, descobrir as propriedades, formas de cultivo, preparação e uso e inclusive descobrir as origens dos saberes da medicina popular através dos estudos realizados pelo projeto Farmácias Vivas, criado pelo eminente e recentemente falecido Professor Dr. Francisco José de Abreu Matos e que tem como objetivo precípuo unir o saber popular ao conhecimento científico na abordagem das plantas medicinais em nosso estado. 210min.

Aleksandra Barroso, farmacêutica do projeto Farmácia Viva na Universidade Federal do Ceará

Herói jangadeiro
Em 1881 trabalhadores do porto pararam suas jangadas e se negaram a transportar os escravos até os navios, impedindo que os cativos fossem vendidos para o sul do país. A Greve dos Jangadeiros entrou para a escrita da história do Ceará, e Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar é conhecido até hoje como o grande líder da paralisação. Nesse sábado iremos visitar os lugares de memória do Dragão do Mar na cidade de Fortaleza, e refletir sobre os mitos, narrativas e histórias de Chico da Matilde. 210min.

Patrícia Xavier, historiadora autora do livro

Juvenal da tradição, praia e sertão
Juvenal Galeno, citado como "o pioneiro do folclore no Nordeste", filho de José Antônio da Costa e Silva, proeminente agricultor, e Maria do Carmo Teófilo, e primo do igualmente poeta Rodolfo Teófilo. Fez seus primeiros estudos em Pacatuba e Aracati, cursou Humanidades no Liceu do Ceará. O pai desejava que ele trabalhasse na área agrícola e por isso o manda ao Rio de Janeiro para estudar "assuntos de lavoura". Conta-se que ao se tornar amigo de Paula Brito, proprietário de uma famosa tipografia na época, Juvenal chegou a conhecer Machado de Assis, Quintino Bocaiúva e Joaquim Manuel de Macedo e colaborou com a revista Marmota Fluminense. Em seu retorno ao Ceará traz o seu primeiro livro de poemas, impresso às suas custas, e nada de aprendizado em "assuntos de lavoura"! Foi um dos fundadores do Instituto Histórico Antropológico e Geográfico do Ceará, fez parte da Academia Cearense de Letras e, ainda em vida, vê as duas filhas, Henriqueta e Juliana, criarem a Casa Juvenal Galeno, dedicada a assuntos literários e culturais. O poeta, que ficara cego em 1906, morre em 1931, aos 95 anos de idade. Nesta tarde conheceremos muito mais de sua biografia e literatura. 210min.

Antônio Galeno, bisneto de Juvenal Galeno e Diretor da Casa de Juvenal Galeno.

Beira de cidade: correnteza
Fortaleza é uma cidade consolidada sobre uma frágil planície de dunas litorâneas entrecortadas de pequenos cursos d'água e lagoas debaixo de uma superfície impermeabilizada, concreto, asfalto e por detrás, nos fundos de quintais, que ainda guardam alguma riqueza ambiental. Rios, dunas, lagos, vegetação ciliar, mangue... Do ponto de vista da conservação e convivência com esta riqueza, observamos que os diretamente relacionados estão bem míopes. Condomínios de luxo, favelas, poder público, iniciativa privada não reconhecem as potencialidades geradas pela preservação de espaços naturais no contexto urbano. Nós, dos Percursos Urbanos, iremos nesta tarde ter acesso a uma base de dados sobre a situação ambiental da cidade, especialmente sobre o sistema hídrico, que possibilita uma discussão de possibilidades e soluções para espaços públicos e áreas livres, e que em corrente nós próprios navegamos. 210min.

José Sales Costa, professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC, Conselheiro do IAB/CE, realiza projetos e consultoria ligadas ao setor de planejamento urbano e regional e, paisagismo, participou de projetos importantes como a reforma do Estádio Castelão, sede da Escola de Saúde Pública, Metrofor, Parque Raquel de Queiroz. 210min.

A cidade não morre na praia
Esta Fortaleza que já se defendeu do mar, se pôs de costas para ele e hoje o vende como vista-mar, será que conhece o mar? Contempla, molha os pés, pula sete ondas, pega jacaré, vai até onde dá pé, nada, bóia, navega, mergulha? A cidade não morre na praia. Nesta tarde de sábado iremos conhecer o que está submerso neste manto verde. Histórias, ofícios, práticas, lugares, achados e perdidos, vestígios de estranha civilização, resíduos, conflitos, mistérios e muita beleza composta por uma vida marinha diversificada. 210min.

Marcus Davis Andrade, publicitário, mergulhador há 16 anos, instrutor de mergulho, consultor de mergulho, fotógrafo e pesquisador de naufrágios, coordenador do Clube de Mergulho Mar do Ceará.

Pelos caminhos de Frei Tito
Tantas ruas, monumentos, logradouros, com nome de pessoas que não fazemos ideia de quem sejam. Poucas vezes buscamos saber e em geral são pessoas das quais não nos orgulhamos tanto e nem sabemos se foram mesmo tão importantes assim, o que andaram fazendo em vida e tantas vezes ficamos injuriados com tal homenagem. E Instituto Frei Tito, Escola, Creche, Posto de Saúde Frei Tito, Espaço Cultural Frei Tito, Memorial Frei Tito, Escritório de Direitos Humanos Frei Tito, Agência de Informação Frei Tito para a América Latina, CEI Frei Tito...? Será o caso? Ainda assim a maioria de nós não faz ideia de quem foi Frei Tito. O cearense, o filho, o irmão, o frade, o ativista, o preso político, o torturado, o exilado, o mártir... Conhecer sua história é mais um jeito de entender as lutas políticas e sociais populares. Nesta tarde nos aproximaremos dele através de suas coisas, palavras, estórias, família, trajetória e a importância de sua luta. 210min.

Lúcia Lima de Alencar, Assistente Social, sobrinha do Frei Tito.

Às Margens da Estação
Em maio de 2009 restou a faixa de domínio ferroviário de 2,5 Km X 15m no mesmo sentido do desativado trecho ferroviário, na Av. José Bastos, em Otávio Bonfim, trecho que data de 1917 e serviu por 92 anos de ligação de Fortaleza a Juazeiro do Norte. Nesta ocasião, quando partiu o último trem rumo a Estação Prof. João Felipe, a comunidade juntamente com a Paróquia de N.S. das Dores se mobilizou para preservar sua Estação. Também propôs um Corredor Ecológico homenageando Frei Humberto que, por sua vez, foi o defensor das árvores da Av. Bezerra de Menezes. O pioneiro cine Familiar, a Igreja de N.S. das Dores, as árvores da Bezerra, a Estação, os devotos e o Pão de Santo Antônio e, finalmente, o recente e não menos polêmico Corredor Ecológico entre muitos outros fatos e manifestações contam da cultura e das belas lutas de um território que é um entroncamento de várias comunidades e de curiosa ebulição de participação popular. Neste Percurso Urbano iremos conhecer tantas destas histórias através das pessoas que protagonizaram e conhecer e as atuais questões do corredor Ecológico em pleno debate. 210min.

Roberto Pedrosa, engenheiro, ambientalista, membro da coordenação do Movimento Pró-Parque Raquel de Queiroz, amante e defensor do transporte ferroviário.

2011
(janeiro – dezembro)

Pirambu da Saúde
A constituição do Pirambu tem a marca dos fluxos migratórios que ocorreram de forma intensa durante todo o século XX, na capital cearense. A população que chegou ali e estabeleceu residência, necessitava de todo o aparelhamento buscado na cidade. Desta forma, foram criando uma maneira muito peculiar de formas de agregação. Estas contaram com o auxílio de entidades internacionais inovadoras ou tradicionais de auxílio para se constituírem. A marca maior destas instituições é o auxílio. No entanto, especificamente, a busca pela cura se configurou como uma marca no bairro. Neste Percurso, descobriremos ações de instituições em nome das curas físicas e emocionais, assim como, um pouco mais dos processos que transformaram o Pirambu num local que, embora seja de conflitos, é, também, de resoluções. 210min.

"Seu Zequinha", terapeuta comunitário atuante na ONG Quatro Varas, organização que tem parceria com o Ministério da Saúde e com a Pró-Reitoria de Extensão da UFC.

Corte, Costura e invenção: ateliês de moda alternativa
O universo dos ateliês criativos recebe visita neste mês. O Percursos visitará as usinas de idéias de designs que operam sem preocupar-se com tendências, desenvolvendo assim uma moda alternativa. A experiência destes estilistas, assim como o conceito que envolve suas criações, será pauta. Poderemos conhecer, também, como uma peça chega a ganhar forma e clientes. Desbravemos este mundo que alia estilo e arte. 210min.

Silvânia de Deus é design de modas, trabalha em seu próprio ateliê com figurinos, moda e produção.

Coletivos de Arte Urbana
Durante toda esta década, os moradores de Fortaleza viram surgir nas ruas da cidade mais cores, mais arte. As tintas subiram pelas paredes, pelos muros e por alguns outros lugares que eram cinzas e deram formas à poesia que habita os citadinos. As estruturas urbanas e nossa urbe continuam a receber da arte. Este movimento é fruto da ação de coletivos cada vez mais numerosos e organizados. O Percursos Urbanos pretende dar voz àqueles que

usam pincéis e sprays, para que assim possamos descobrir este conceito de arte, a intervenção urbana, e seus personagens. 210min.

David da Paz é artista híbrido e educador, integra o Coletivo Curto-Circuito e o Laboratório de Arte Pública da Secretaria dos Direitos Humanos.

Epifanias Urbanas: os vaga-lumes no texto
A princípio, epifania era um termo de cunho religioso, referente à festa "Epifania do Senhor". Significava aparição, fenômeno miraculoso, mas também representava a assunção humana de Jesus Cristo, quando este dá-se a conhecer ao mundo. Na literatura contemporânea, as epifanias viram vaga-lumes textuais, desnudam um instante de revelação e alumbramento, como na obra de Clarice Lispector, Rubem Braga e Caio Fernando Abreu. Neste Percurso, seguiremos o voo dos vagalumes na literatura cearense, à procura de epifanias que marcaram personagens, autores, leitores, transformando e revelando novas possibilidades de convivência, de outras cidades, na mesma Fortaleza, e dentro de cada um de nós.

Ana Karla Dubiela.

Fortaleza em posts: protagonizando mudanças na cidade
A seção "Fortaleza, terra de ninguém" começou por acaso no Blog do Plínio; afinal, esse espaço *on line* nasceu para falar de comunicação e um pouco de política. No entanto, algumas jornadas a pé provocaram em seu criador a percepção do forte contraste entre a beleza das manhãs de Fortaleza e o descaso que via por onde pisava. Um primeiro *post* despretensioso foi o suficiente para que ele percebesse que o assunto toca - e incomoda - muita gente. Sigamos, então, o percurso que se revela nas postagens. 210min.

Plínio Bortolotti é jornalista, escreve semanalmente em seu Blog vinculado ao Jornal O Povo. Diretor Institucional do Grupo de Comunicação O POVO. Cidadão Cearense, por título concedido pela Assembleia Legislativa.

Salão de Abril, Salão de histórias
Visitaremos a mostra SALÃO DE ABRIL - De casa para o mundo/Do mundo para casa - 1980 – 2009, aberta desde o dia 28.12.10 (em funcionamento até o dia 27.02.11), no Museu de Arte Contemporânea do Dragão do Mar. Lá encontraremos a exposição de curadoria do artista plástico Herbert Rolim, com obras significativas para as artes visuais cearenses produzidas entre os anos 1980 e 2009 por artistas como Aldemir Martins, Antonio Bandeira, Raimundo Cela, entre muitos outros que se destacaram no período. O diferencial desta tarde está na possibilidade de compreender a fundo a relevância histórica do Salão de Abril nas artes visuais cearenses, além de prestigiar a força de nossa expressão artística. O Salão de Abril Histórico é uma iniciativa da Prefeitura de Fortaleza, através da Secretaria de Cultura de Fortaleza (Secultfor). 210min.

Maíra Ortins é coordenadora de Artes Visuais da Secretaria de Cultura de Fortaleza - Secultfor.

Fuzarca da Muvuca: Carnaval sobre rodas
No Percurso deste sábado, vamos fazer uma intervenção na cidade através de um passeio carnavalesco. Formaremos um ônibus-bloco, que sairá tocando marchinhas retrô, frevos danados, sambinhas e sambões, entre máscaras e serpentinas, contando/cantando histórias de outros carnavais. Visitaremos alguns redutos de folia e de boemia, descendo sempre do ônibus com o nosso som para confraternizar e brincar pela cidade. 210min.

Henrique Dídimo, pesquisador musical, escritor e realizador audiovisual.

A Fortaleza religiosa do início do século XXI
Entre os católicos cearenses, hoje mais do que no início do século XX, há diferentes modos de crer e de praticar. O cenário é igualmente marcado pelas práticas de outros sujeitos e grupos religiosos que disputam esse espaço, tornando a capital cearense uma cidade referência para acompanhar, por exemplo, a concorrência entre católicos e pentecostais. Pode-se adotar, como hipótese, que a maior visibilidade observada, a presença renovada no espaço público, está ligada a um processo de conversão interna ao catolicismo, que caracteriza usos renovados do espaço urbano, numa disputa com evangélicos, umbandistas, espíritas e ateus, principalmente. Marcas dessa "concorrência" podem ser identificadas em edificações como templos, imagens, santuários e comunidades. Este Percurso promoverá o acesso à discussão sobre esta nova religiosidade alicerçada no espaço físico da cidade. 210min

Miranda é socióloga, professora titular da UFC e coordenadora do Núcleo de Estudos de Religião, Cultura e Política daquela instituição.

História da Loucura em Fortaleza
Neste sábado iremos percorrer um pouco sobre a história da loucura no Ceará através da construção do primeiro hospital psiquiátrico, o São Vicente de Paulo, neste ano completando 125 anos de existência. Inaugurado em 1886, o São Vicente de Paulo, também chamado de asilo de alienados, recolheu de toda a Província do Ceará, em suas dependências, dezenas de mulheres e homens considerados insanos. Analisar sua história é reconstruir a memória desses seres humanos marginalizados social e historicamente. 210min.

Cláudia Freitas, historiadora, pesquisadora da história da loucura no Ceará no século XIX.

Segredos da cidade do sabor
Neste sábado faremos um passeio investigativo por nosso repertório afetivo de cores, cheiros, sabores. Estimularemos a curiosidade e descobriremos segredos da nossa cultura gastronômica. Para revisitar a memória afetiva dos gostos e cheiros de passado, de infância que perdemos momentaneamente e que vamos reencontrar em recantos da cidade. O segredo do pão em Messejana, o segredo da erva no Montese, o segredo do sertão no Centro. Neste percurso iremos trilhar as dicas de nossa mediadora para chegar aos melhores lugares de compras gastronômicas. 210min.

Renata Sampaio, agente cultural da SECULT-FOR, cozinheira formada pelo SENAC- CE.

Fortaleza 285
Os Percursos Urbanos, para que possam existir, vivenciam uma troca intensa com Fortaleza e neste abril não poderíamos esquecer disto, uma vez que comemoramos 285 anos da elevação de nossa cidade à condição de vila. Surgida espontaneamente em torno de um forte, a capital cearense apresentou de início pouca projeção política e econômica no Ceará. Consolidou-se como o principal centro urbano apenas na segunda metade do século XIX, sob a influência da Belle Époque. A partir dos anos 1930, a cidade tem um crescimento acelerado (incrementado nos anos 50), denotando suas contradições sociais e espaciais, as quais estão presentes ainda hoje. Passearemos entre as concretudes e subjetividades decorrentes dessa história numa redescoberta dela e de nós mesmos. 210min.

Airton de Farias, professor, historiador, advogado, autor dos livros História do Ceará: da Pré-História ao Governo Cid Gomes, Além das Armas: Guerrilheiros de Esquerda no Ceará Durante a Ditadura Militar e Fortaleza: uma Breve História.

Rádio na cabeça, música na cidade.
Já disseram que o brasileiro tem uma rádio na cabeça... E em Fortaleza, onde mora, onde se hospeda a música? Fortaleza pode ser considerada uma cidade da música? O que pode denotar esse título à cidade? Que música se escuta na cidade além do óbvio forró? Nesta tarde de sábado iremos percorrer uma trilha sonora inaudita da cidade da música. 210min.

Glauber Uchoa é jornalista, consultor de projetos na área cultural e é colaborador da candidatura da cidade de Fortaleza ao selo da Unesco cidade criativa em música.

O Primeiro Médico e a Pobreza
O século XIX foi um período marcado pelas epidemias em Fortaleza e cidades vizinhas. Jornais do período registraram as milhares de mortes causadas pela varíola e febre amarela, destacando sempre a falta de estrutura da cidade para atender seus doentes e enterrar seus mortos. É nesse cenário que se destaca a figura do Dr. José Lourenço, primeiro médico do Ceará. Conhecer sua trajetória é também perceber as dificuldades da Fortaleza provinciana que acompanhava os primeiros passos da medicina no nosso Estado. Natural de Aracati, formou-se no Rio de Janeiro e voltou a Fortaleza em 1838 para assumir o posto de "Médico da Pobreza". Mas o médico também atuou na Assembleia Provincial como deputado, por três vezes, em meio a elogios e intrigas políticas. Nesta tarde faremos uma discussão sobre essa importante personalidade ainda ausente nos livros didáticos de História do Ceará. 210min.

Luciana Rodrigues, historiadora, Coordenadora de Ação Educativa do Sobrado Dr. José Lourenço.

Castelos na Areia
A barra do rio Ceará - por onde quase tudo começou para a cidade de Fortaleza - será nosso ponto de partida para uma viagem às praias do litoral Oeste de Caucaia (praias Dois Coqueiros, Leblon, Iparana, Icaraí e Cumbuco). Iremos analisar os componentes ambientais, sua evolução nos últimos 50 anos e como foram reestruturadas - paisagens, ecossistemas e vilas de pescadores -, com o crescimento das cidades de Fortaleza e Caucaia. Vamos conhecer praias, primeiras dunas do litoral Oeste e as falésias que ainda resistem (as únicas na Região Metropolitana) à especulação imobiliária e à erosão, fortemente induzida pela ocupação inadequada dos sistemas ambientais litorâneos. No final da tarde, mirando o pôr-do-sol e diante do oceano Atlântico, lançaremos um olhar para o futuro ambiental que testemunhamos e estamos construindo. 210min.

Jeovah Meireles, professor do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará, dos programas de mestrado e doutorado em Geografia/UFC; membro da Rede Brasileira de Justiça Ambiental, do Fórum em Defesa da Zona Costeira do Ceará e do grupo de pesquisa Teorias Críticas na América Latina.

Bricolagens Visuais da Vida em Comunidade
A produção de vídeos populares, a partir da atuação das CEBs em Fortaleza na década de 1990, marcou um período da história contanto o cotidiano da vida comunitária na periferia. Hoje, o Instituto Lamparina, reunindo parceiros do Terceiro Setor, volta a produzir vídeos com foco no segmento popular, aproveitando uma tecnologia desenvolvida pelo Instituto Nosso Chão, que após 13 anos de atuação foi desativado em 2004, com produção de mais de 40 vídeos. Experiência iniciada em 2010, o Instituto Lamparina orienta sua produção com foco na cultura e em ideias voltadas para a sustentabilidade humana e planetária, numa visão altermundista. A sua última produção, chamada Bricolagens da Vida, percorre a trajetória que vai do universo indígena atual ao dia-a-dia do catador de lixo. 210min.

Elizeu de Sousa, jornalista, especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem (UFC), ex-coordenador executivo do Instituto Nosso Chão e coordenador do Instituto Lamparina.

As Cidades da Cidade: Fortaleza Como Campo de Pesquisa
Vamos percorrer lugares inspiradores das teses e dissertações que tiveram Fortaleza como objeto de pesquisa no Mestrado e Doutorado em Sociologia da UFC. Propomos, nesta edição do Percursos Urbanos, explorar a ideia de que existem diversas cidades na mesma cidade - algumas mais visíveis, outras só vistas por quem faz parte das redes sociais ligadas aos espaços urbanos. Como as cidades "invisíveis" se cruzam com os estereótipos da "Fortaleza turística", da "Fortaleza da violência", da "Fortaleza dos ricos" e da "Fortaleza dos pobres"? É a questão que buscamos levar à reflexão dos participantes da viagem. 210min.

Geísa Mattos, jornalista, doutora em Sociologia e professora da UFC. Pesquisa sobre política e espaço urbano, entre outros temas, e é co-coordenadora da pesquisa "Cidade e Política: percepções a partir do discurso acadêmico".

Livros, Leituras, Cidade: a palavra é Centro, um sobrevôo
No acervo documental, um coração de menino
Uma tarde para conhecer Gustavo Barroso, o escritor cearense que melhor expressa seu amor pelo Ceará. Além dos espaços, locais e edificações da sua época, o acesso a fotos, textos, livros, poesias sobre o Centro da Cidade, trazidos pelos participantes, fará bater mais forte o nosso "Coração de Menino", tal como na obra inaugural das memórias desse autor. 180min.

Profª. Olga Paiva, filósofa e pesquisadora do patrimônio cultural cearense.

Derivas - Fortaleza através das histórias em quadrinhos. E vice-versa.
Um estudioso das narrativas, aficcionado pelos mangás, quadrinhos japoneses, o jornalista Dellano Rios nos leva para o mundo das histórias em quadrinhos. Vamos experimentar os quadrinhos como suporte da história de Fortaleza e visitar lugares da cidade que são parte da história dos quadrinhos. No roteiro, desde o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico, a gibiterias do Centro, passando pela Gibiteca da Biblioteca Dolor Barreira e a Oficina de Quadrinhos da UFC. 180min.

Dellano Rios, editor de cultura do Diário do Nordeste, Mestre em Sociologia (UFC), professor universitário.

Entre livros e árvores

Os livros como um despertar para as possibilidades que a natureza oferece na cidade. Um percurso através do olhar atento onde a arte pode estar integrada e invisível. Como mapa, O Livro das Horas da Praça do Ferreira, do escritor José Mapurunga e do fotógrafo Jarbas Oliveira; do capítulo Árvores, do livro Geografia Estética de Fortaleza, de Raimundo Girão; e dos livros e objetos d'arte de Alba Alves feitos com sobras da natureza. 180min.

Vilani Moreira Barbosa, advogada, apaixonada por livros e árvores, é conhecedora da flora do Centro de Fortaleza.

Um percurso por Fortaleza através da Coleção Outras Histórias, do Museu do Ceará
A proposta deste percurso é conhecer a cidade por meio da reflexão de estudiosos que publicaram os seus trabalhos na Coleção Outras Histórias, do Museu do Ceará, linha editorial que hoje conta com 10 anos de existência e 65 títulos. 180min.

Cristina Holanda, historiadora, diretora do Museu do Ceará, professora universitária

A Fortaleza por debaixo do concreto e do asfalto
Todos os grandes centros urbanos foram erigidos a partir de uma relação na qual o homem existe sob o entendimento de que é hierarquicamente superior às demais espécies e que estes recursos existem para sua satisfação. Assim, explora-se de forma inconsequente o meio e revestem-se enormes áreas de camadas e mais camadas de concreto, asfalto e de uma nova cultura que impõe para si próprio um novo tempo e novo meio, sem observar o que é necessário manter, cultivar, nutrir, misturar de forma sustentável. O que se pode aprender através de sistemas de adaptação natural milenares de outras espécies e da importância de uma teia de vidas equilibrada. Viramos seres inventivos e com outra grande capacidade de adaptação, que produziu um grande legado artificial, tecnológico e cientifico, mas que interrompe importantes ciclos. Neste percurso, através de técnicas e vivências de ecologia profunda na cidade, tentaremos recriar a percepção prática de que o ser humano é parte inseparável do ambiente deste meio e que o mesmo não deve ser preservado apenas porque é importante para o homem. 210min.

Fernanda Rodrigues, educadora, ambientalista, integrante da Associação Alternativa Terrazul e da Rede de Juventude e Meio Ambiente pela Sustentabilidade (REJUMA)

Impressões – Olhares para o **Centro de Fortaleza**
Passar e nem olhar, passar e sentir, passar e parar, passar, parar e entrar e fuçar e olhar... O jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da UFC tem provocado em um grupo de alunos um rico processo de imersão no bairro do Centro. As apurações, os olhares que estes lançam serão nosso guia nesse Percurso com a turma através de caminhadas, experimentações, contemplações, observações etnográficas, divagações, derivas e entrevistas com moradores e transeuntes, a fim de dar mais contornos, mais elementos e mais vida à nossa percepção que muitas vezes ignora os signos que habitam os fluxos e permanências do centro da cidade. 210min.

Roger Pires, estudante de Jornalismo (UFC), representante da turma responsável pelo jornal-laboratório Impressões Centro no semestre 2011.1.

Break Dance: a **dança da minha rua**
B-boying, Popping e Locking... simplificando, as Break Dance, danças do movimento Hip Hop, tiveram origens na crise de 1929 dos EUA. Percorreram décadas e oceanos até chegarem a Fortaleza, inicialmente incorporando elementos locais da cultura pop dos anos 1980, e só no final da década o discurso contestador do Hip-Hop conquista nossos jovens. Desde então, a cena foi-se articulando em rede, à revelia da cultura oficial, e posteriormente dialogando com esta e, não apenas por isso, continua se fortalecendo e se ressignificando. Passaremos esta tarde a destrinchar polifonias culturais, conhecendo antigos e novos b-boys e crews de variados bairros e classes sociais, como trabalham sua expressão acrescentando elementos locais, jeitos de corporificar histórias da periferia de Fortaleza sampleadas com o mundo. 210min.

Waltembergy do Carmo (B-Boy Taurus), participante dos grupos Difusão Urbana Star Crew, do BD2G Crew e professor de dança de rua e dançarino de rua do Movimento Hip-Hop.

Cultura por pouco ou por quase nada

Não há muito tempo surgiu na internet o site A Preço de Banana com o objetivo de divulgar programação cultural grátis ou quase grátis em Fortaleza, selecionando diariamente as melhores e mais acessíveis oportunidades de fruição de cultura. Assim, dentre tantas pesquisas, a equipe de jornalistas responsáveis pelo site vem tomando conhecimento e revelando projetos, lugares e pessoas muito especiais, que, por iniciativa própria, promovem sem nenhuma ajuda do estado ou incentivo fiscal ou financiamento privado, uma cultura inclusiva, democrática e acessível. Nesta tarde, visitaremos alguns destes lugares e pessoas e descobriremos o que as mobiliza e as mantêm e suas estratégias. 210min.

Júlia Lopes, jornalista, atualmente repórter de cultura do Jornal O Povo, e Carlos Augusto Lima, poeta e professor.

Lembranças do movimento Punk de Fortaleza
O punk foi um coquetel motolov na cultura pop. Ao redor do mundo, ele se erigiu como uma crítica à estagnação do rock e foi a voz de uma juventude sem muita perspectiva para o futuro. Usando o corpo como suporte de um espetáculo denunciador do caos social, os punks espalharam pelos centros urbanos o couro, o preto, as pulseiras e uma maquiagem para retratar o escândalo. Na Fortaleza dos anos 1980, uma galera antenada a tudo, vinda do subúrbio e da periferia mostrou sua cara no Centro, no Jacarecanga e no Morro do Ouro e se espalhou pela cidade, ocupando seus espaços. Neste Percurso, traçaremos um itinerário poético dessa galera que flertou com um sonho libertário e saiu em busca de diversão. 210min.

Robério Sacramento, mestre em Educação Brasileira, especialista em estudos sobre juventude. Guitarrista e vocalista da banda Dago Red.

Fortaleza do alto
Dia 06, sáb, 15h às 18h30

Daqui de cima a cidade é uma. É um organismo. Ela acorda, vai ao trabalho, volta do trabalho, dança, vai à missa, vai à praia, grita gol! Dorme... Grita, silencia, se acalma, se irrita. Quase sempre estamos mergulhados na experiência "cidade", fazendo parte. Mas quem não experimentou emergir dela, flutuar, planar por ela? Separar-se dela? A proposta desta tarde é experimentar visualizar Fortaleza lá do alto daquele terraço ali, daquele morro acolá! Contemplá-la de cima de variados mirantes, outros ângulos, torná-la vista, paisagem diáfana atravessada por mil literaturas. Lá em cima a gente 'panoramiza' e lê, resolve se fala dela e/ou da gente. 210min.
Obs.: Leve um livro pra ler bem/no alto.

Mediador: Uirá dos Reis, poeta e compositor.

Frutas, Verduras, Secos e Molhados. Todos os mercados.
O que comemos todo dia? O que significam os mercados na história da humanidade e como isso se reproduziu no Ceará? Temos pistas: cada filigrana que compõe receitas, iguaria, fruta, cheiro, sabor. Nesta manhã, uma saborosa conversa entre corredores de mercados e caixotes da CEASA, sobre receitas e sobre os caminhos que percorrem hoje e percorreram historicamente o nosso "de comer". Delinearemos o imenso arquipélago multicultural do qual fazemos parte. 210min.

Peregrina Cavalcante, Doutora em Sociologia, professora do Departamento de Ciências Sociais da UFC, autora do livro Sabores e Saberes do Ceará.

Trabalhadores do Mar
Desde antes da cidade de areia ter sido cortada pelo asfalto, não só a paisagem da nossa orla mudou muito em pouco tempo, mas também os usos e principalmente como as pessoas convivem e se adaptam e aprendem com uma paisagem natural modificada pelo progresso. No início a praia era dos jangadeiros e depois foram se seguindo portuários, catraieiros, trabalhadores da indústria. Com o turismo, também pequenos comerciantes e prestadores de serviços. Na maturidade do uso para o lazer, também chegam os surfistas. Os Percursos Urbanos desta tarde procuram compreender que vida experimentaram e experimentam esses trabalhadores que se relacionam diretamente com o mar e principalmente que sabedorias, que segredos têm esses homens. 210min.

André Aguiar, formado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e coordenador de projetos sociais na comunidade.

Os penteados afro e os entrançados entre Ceará e África.

No corpo, os lugares que mais explicitam a negritude são pele e cabelo. E é no cabelo que o negro decide assumir ou não uma etnia. Perder ou não a invisibilidade. Os ricos entrançados entre Ceará e África, remontando a história do negro no Ceará, influências que permeiam dia-a-dia e suas atualizações próprias de um tempo globalizado, vivem momento potencialmente forte, pois já se firmam aqui a presença dos estudantes africanos, que têm circulado vestindo coloridíssimos trajes e cabelos entrançados em tramas variadas, que para eles traz um simbolismo ligado a crenças e origem, e para nós favorece a visibilidade afrocearense. Nesta tarde conheceremos as variações de tramas e simbolismos dos penteados afro e seus desdobramentos nas cabeças dos locais. 210min.

Geranilde Costa e Silva, professora da Rede Municipal de Fortaleza, mestre e doutoranda em Educação, membro do Núcleo das Africanidades Cearenses - NACE da UFC.

Turista em Fortaleza
Não raro estamos ouvindo na TV e no rádio discurso do governador, prefeito ou morador transeunte expressões da preocupação sobre quando o olhar do turista cai sobre a cidade. Às vezes parece que o fortalezense preferiria ser turista aqui! Bom, se é assim, vamos nos reposicionar como se vindos de outra cidade, chegar ao aeroporto Pinto Martins e abrir a janela em um hotel na Avenida Beira Mar com o olhar de novidade? De que lugar você viria? Aonde você iria de manhã à noite? Parece um circuito inescapável? E como um espírito curioso inventaria novos caminhos e possibilidade de turismo no destino mais procurado do Nordeste e na cidade do fortalezense que se constrói sob estes signos? Hoje é o que iremos descobrir. 210min.

Vanessa Luana Oliveira Lima, geógrafa, consultora do Instituto *Terramar e Rede Tucum.*

Fortaleza Moleque x Fortaleza Belle Époque
Entre o final do séc. XIX e o início do XX, contrapondo-se aos padrões refinados do contexto “belle époque” pretendido para Fortaleza, disseminaram-se, na cidade, recorrentes condutas jocosas e debochadas por parte de setores marginalizados da população. Cognominadas Ceará Moleque, tais manifestações irreverentes e transgressoras significaram uma singular e expressiva forma de repúdio contra aquele processo de modernização urbana elitista e excludente em constituição na capital cearense no período. Neste sábado passearemos por questões históricas deste humor e de nossos personagens. 210min.

Sebastião Ponte, historiador, professor do curso de História da UFC, autor do livro Fortaleza Belle Époque.

Alfaiates e a costura do tempo
A alfaiataria já foi uma das profissões que frente ao processo de industrialização teve sua morte anunciada como certa. O conhecimento e a arte da alfaiataria, o ato de cortar**,** coser tecido, moldar, “encaixar” com perfeição a roupa no corpo único, desenvolveram-se lenta e gradualmente e contam parte da história da moda no mundo e outras histórias. Na maioria das cidades sobreviveu ao pronto-a-vestir, a invenções e à aceleração vertiginosa dos ritmos de produção. Alguns profissionais seguem *Mestres-alfaiate*, passando sua técnica para aprendizes. Neste percurso urbano vamos conhecer peculiaridades e adaptações desses profissionais atuantes em Fortaleza. 210min.

Silvânia de Deus, estilista e produtora de moda.

Recantos verdes: Jardins e Jardineiros
Sabe aquele jardim da casa do vizinho que fica atrás do muro e só podemos ver a pontinha das folhas lá em cima? Esse percurso propõe uma pequena invasão a esses jardins não oficiais. Lugares íntimos de pessoas que gostam de plantas e misturam sem pudor as plantas da floricultura com outras bem populares: aquele capim santo que serve de remédio ou o comigo-ninguém-pode que afasta as más energias. Quais as histórias de cada um desses jardins escondidos e de cada jardineiro? É isso que vamos buscar. 210min.

Jared Domício, artista visual, cientista social e jardineiro.

Aldeias urbanas de povos praieiros
Alguém pode achar que numa cidade como Fortaleza não existe mais tanto que se descobrir ou como nada se esconder. A invisibilidade de alguns pontos de nossa orla, lugares de moradias populares, vida marítima e pesca artesanal, mantém em segredo uma rica história social e são considerados por seus moradores históricos paraísos escondidos, aldeias e vilas engolidas pelo crescimento urbano excludente. São inclusive lugares que revelam nossos pertencimentos afro-ameríndios descendentes, raízes profundas de nossa aldeia e muito mais. Hoje, à tarde de percursos será de descobrir/revelar a riqueza sociocultural e ambiental destes lugares. 210min.

Leonardo Sá, cientista social, professor de Ciências Sociais da UFC.

Cajueiros
Tem pseudofruto macio, suculento, carnoso de cheiro marcante e sabor travoso. Fruto é castanha, arquitetura da copa é de galhos tortuosos, folhas ovaladas e flores rosadas, pequeninas. A colheita feita de manhã cedinho. No Ceará quero ver quem não tem memórias debaixo de cajueiro, de castanha assada, de cajuínas. Viajar no imaginário do caju, saber da sua origem, dos usos e costumes, das histórias populares, investigar a economia da cajucultura. Uma visita ao projeto experimental Museu do Caju do Ceará, em Caucaia, que tem assumido a missão de trabalhar diversos aspectos dessa cultura. Nesta tarde de sábado, o percurso vai dar nódoa. 210min.

Gerson Linhares – turismólogo e pesquisador.

Quintal e literatura
Convidados de Vilani, a jardineira, conduzidos por um passeio no vizinho, por uma conversa de quintal. A nos esperar, anfitriões generosos: com adornos perfumados, elegância, graça e boa prosa o Chichá, o Perfumado Cumaru, o Jacarandá Mimoso, o Jasmim, a Tumbérgia Azul. Gentis, trazem chás o Juca e o Pau-Ferro e levam de nós tudo que é mazela. Os sucos são o brinde da Laranjeira, da Tamarineira centenária, do Limoeiro, da Mangueira. Quem oferece a música é o rio! E as brincadeiras trazem o Vento, os Lírios e Flores Vermelhas, Saguis e Raposas. Entre os jogos de Luzes e Sombras, entre textos escolhidos por Vilani, cujos protagonistas são essas árvores frondosas, anfitriãs generosas, passarão exuberantes tarde de sábado. 210min.

Vilani M. Barbosa, apaixonada pela natureza, observadora das plantas e advogada.

Dia de Criança, Árvore e Leitura.
Todo dia do ano é dia de tudo, mas o mês de outubro tem a alegria da meninada e os Percursos Urbanos presenteiam com um roteiro pensado para um público infantil. Antônio Filho, autor de O Sapo de Sapato e O Carneiro Jasmim, vai rechear nossa tarde de livros, leitura, literatura e árvores. Em sua companhia iremos colher as potocas do "Cajueiro Botador", flagrar piruetas do além da enxerida Bailarina Fantasma por detrás dos troncos e sombras do jardim do Teatro e passear por outras partes a procurar acalantos de árvores para debaixo ler e conversar e rir e brincar... Venha com a (o) pequeno (a) e traga um livrinho! 210min.

Antônio Filho, autor dos livros O Sapo de Sapato, A Lagarta Faceira, O Menino e o Mar, O Carneiro Jasmim, membro do Conselho Estadual de Cultura e do Conselho de Políticas Culturais do Município de Fortaleza.

Carnaúbas
Ela viu a floresta úmida tornar-se seca, soube adaptar-se e sobreviveu forte e generosa. Viu nascer o primeiro índio, viu chegar o primeiro branco e a ambos serviu e tem servido desde sempre. Fez-se uso e fez-se valor, viu homens explorando homens pela sua essência valiosa, correu o mundo, fez-se riqueza, ergueu cidades e desigualdades. Viu a floresta seca virar deserto, viu-se esquecida e exterminada e ainda assim teima em resistir. A Carnaúba, essa silenciosa testemunha do tempo há muito vem nos observando, será esta tarde por nós visitada, ouvida, sentida. Vamos conhecer um pouco de sua história que também é nossa história. 210min.

Oscar Arruda, músico, mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, autor do livro Extrativismo da Carnaúba no Ceará.

Baobás
A história e a cultura afro-brasileiras estão presentes também em nossa flora por intermédio do baobá, que é mais uma dádiva africana herdada pelo Brasil. Há quem diga "que é a partir do baobá que a vida pode ser recriada", pois dele se obtém água, comida, roupa, moradia e remédios. O baobá possui um tronco muito espesso na base, chegando a atingir nove metros de diâmetro e pode crescer até 30 metros de altura. Floresce durante uma única noite por ano, possui a capacidade de armazenar, em seu caule gigante, até 120.000 litros de água e vive por volta de seis mil anos! Também é com as suas sementes que podemos jogar um dos jogos de tabuleiro mais antigo do mundo, o Mancala, e possui ainda várias histórias e lendas que perpassam gerações e se mantêm vivas pela tradição cultural africana. Esta é a árvore das infinitas curiosidades. Em Fortaleza já contamos oito baobás, dos quais, nesta tarde, investigaremos suas histórias e visitaremos suas moradas e, ao redor desses troncos gigantes, nos reencontraremos com nossas raízes culturais africanas através das lendas, jogos e conversas. 210min.

Rinaldo Pevidor, professor da Rede Municipal de Cariacica e Vitória, ES. Mestrando em Educação pela UFC, membro do Núcleo das Africanidades Cearenses - NACE da UFC.

Olhares voadores
Gente que anda a olhar 'pro' céu corre risco de tropeço, atropelo, abalroamento. Pode ser chamado até de gente voadora, distraída, de pensamento ventilado, cabeça leve, mas no Percurso Urbano deste sábado, estas qualidades serão muito bem aproveitadas. Olharemos bem pro alto, no céu e na copa das árvores. Equiparemos este olhar com a técnica de quem deu asas a uma curiosidade que ultrapassou o espaço urbano aqui no chão e transformou-se em pesquisa sobre os moradores e turistas mais graciosos da cidade: as aves! A procurar o Gavião-pega-pinto, Sabiá da mata, Vem-vem, Choro-boi, Periquito-do-sertão, Periquito-manga e aves migratórias, como Falcão-peregrino e muitos outros, aprenderemos técnicas de observação e identificação das espécies, visualmente ou através do seu canto, caminhando silenciosamente por um parque. Recomendamos uso de bonés e tênis, e se possível, que levem binóculos. 210min.

Sanjay Veiga, graduando em Ciências Biológicas e membro do Grupo de Estudos de Animais Silvestres do Ceará – GEASCE.

De olho na Copa
A Copa do Mundo vem, mas você sai da sua casa, ok? Troca oferecida a mais de 5.000 famílias em Fortaleza, para que algumas obras da Copa 2014 sejam realizadas. E o Comitê Popular da Copa de Fortaleza lançou a ação "Olho Mágico, de olho na cidade", projeto em educomunicação para o fortalecimento da luta dos moradores das áreas atingidas, cujo objetivo é capacitá-los em produção audiovisual como um recurso para resistência e fiscalização de tais mudanças. Para esta tarde, a proposta é que acompanhados pelos participantes do projeto, façamos uma foto-reportagem. Seremos recebidos e conduzidos pelos moradores das áreas atingidas, tomando conhecimento de seus pontos de vista, problemas e soluções que apresentam como alternativas. Produziremos um ensaio fotográfico coletivo, entenderemos por que estas populações resistem produzindo imagem, conteúdo e fato. Uma visão de quem está por fora, mas quer entrar. Sugerimos que quem puder leve câmeras digitais, celulares com câmeras. 210min.

Roger Pires, coordenador de um dos núcleos do OlhoMágico; comunicador social.

"Sabi" em transição
Inspirados pelo Movimento Cidades em Transição um grupo de moradores da região da Unidade de Conservação da Sabiaguaba está partindo para ação para tornar real o primeiro bairro ecológico da cidade de Fortaleza. Passearemos por esta região das lagoas, rios, dunas e mangues, de grande relevância ambiental, acolhidos por estes moradores. Eles estarão nos conduzindo e trocando experiências, soluções e mostrando seu estilo de vida e opções, renovando as possibilidades para a vida urbana e apresentando várias experimentações ecossustentáveis e suas metodologias, técnicas, filosofias, resultados, expectativas e o encantamento com estas descobertas. 210min.

Luciana Campos, permacultora, designer em sustentabilidade e membro do grupo Sabiaguaba em Transição.

Coisas e o escambau
E as coisas? Porque há coisas vulgares, descartaveis e coisas que duram uma vida, uma memória? E de onde elas vieram? Pra onde elas vão? Onde se acumulam na cidade? Como e por onde escoam e se transformam? Há coisas que escapam de virar lixo, recomeçam uma história baratinha ou que não tem preço, virando soluções de problemas individuais e até mesmo de interesse público. Seguir coisas pelos sebos, colecionadores, brechós, lojas de usados e reciclagem é nossa missão neste sábado. Sugerimos que os participantes tragam coisas para o escambo ao final do passeio. 210min.

Fernanda Meireles, arte-educadora e escritora.

História da Loucura no Ceará
Nesse sábado iremos percorrer um pouco sobre a história da loucura no Ceará, através da construção do primeiro hospital psiquiátrico, o São Vicente de Paulo, este ano fazendo 125 anos de existência. Inaugurado em 1886, o São Vicente de Paulo, também chamado de "asilo de alienados", recolheu em suas dependências dezenas de mulheres e homens considerados insanos de toda a Província do Ceará. Analisar sua história é reconstruir a memória desses sujeitos marginalizados social e historicamente. 210min.

Cláudia Freitas de Oliveira, historiadora membro do Instituto Preservare e do GT História da Saúde e das Doenças (ANPUH-CE).

Crônicas no Centro
Os filhos de Fortaleza são dos nativos estrangeiros mais controversos desse Brasil. Enraizados no chão da Capital, cospem fogo pelas ventas de zanga dessa terra, mas curiam, quando a pressa e o mau costume deixam, o Facebook do Nirez - cheio de fotografias da cidade antiga. Os Percursos Urbanos deste sábado não quer debater história, nem políticas públicas, nem iniciativas culturais do Centro "velho de guerra". Nesse final de semana, a proposta é conversar sobre os sentimentos possíveis entre os homens e os espaços onde nasceram e vivem. Com fotógrafos, cronistas, jornalistas e pesquisadores convidados querem conversar de saudade, de pertença, de desconhecimento e de olhares inusitados sobre o bairro fortalezense dos pedestres, dos ambulantes, do lixo e do começo de tudo. 210min.

Janaína Brás, Jornalista, cronista.

Castelos de areia
Traga seu baldinho, pá e formas coloridas! É hora de construir castelos de areia. Os Percursos Urbanos vão à praia para construir pequenas fortalezas em frente ao mar. Areias entre os dedos e a brisa marinha fazem parte dessa atividade tão comum a todos que vivem no litoral, onde o ato de construir os castelos de areia é tão prazeroso quanto ver a maré levar tudo e preparar o terreno para novos bons momentos de construção. Esta é a proposição de um artista interessado em pensar a criação para além dos circuitos da arte. 210min.

Jared Domício, Cientista social, artista visual e construtor de castelos de areia.

2010
(janeiro – dezembro)

Livros da Cidade
Neste roteiro seremos apresentados ao Sistema Municipal de Bibliotecas. Conheceremos equipamentos da Prefeitura de Fortaleza e sua proposta de integração e desenvolvimento das práticas de leitura na cidade. 210min.

Maria Herbênia Gurgel Costa, diretora da Biblioteca Pública Municipal Dolor Barreira

Cidade Alada
Neste sábado convidaremos os participantes dos Percursos Urbanos para uma incursão pelos espaços verdes da cidade para observar moradores e visitantes de Fortaleza que muitas vezes nos passam despercebidos na vertigem cotidiana. O Falcão Peregrino, que vem do Alaska, o Rei Congo, os Maçaricos, os pássaros de mangue e as aves urbanas nos mostrarão que é possível vivenciar outras relações com o tempo e com o espaço urbano. 210min.

Sanjay Veiga, graduando em Ciências Biológicas e membro do Grupo de Estudos de Animais Silvestres - GEAS e Paulo Miranda, biólogo e membro do Grupo de Estudos de Animais Silvestres - GEAS

Decadência Urbana: Inspiração Lírica de um Rock Simbolista
Os prostituídos, os alucinados, os intoxicados, os travestidos e os abandonados são personagens comuns abaixo do céu cinzento das metrópoles e também são fontes de inspiração para as letras da banda pós-punk Plastique Noir. De um lado, a parte ensolarada, simulacro de bonança; de outro, a parte sombria e marginal, porém apaixonada. Neste percurso, músicos nos mostrarão como a decadência urbana lhes provoca em suas letras e sons. 210min.

Márcio Mäzela e Airton S, músicos do Plastique Noir, escrevem suas letras abordando o tema com sarcasmo e melancolia.

Fortaleza 2014

A Copa do Mundo de Futebol da FIFA terá a cidade de Fortaleza como sub-sede. A preparação para o evento demanda uma série de intervenções urbanísticas, o que provoca em alguns euforia, em outros preocupação. Que impactos urbanos e sociais podem chegar à cidade junto com o campeonato mundial? 210min.

Felipe Araújo, gerente do projeto Copa do Mundo FIFA Brasil 2014 da Prefeitura de Fortaleza e Sérgio Farias, militante do Movimento dos Conselhos Populares

Histórias dos Caminhos do Ar
Nesta tarde lançaremos um olhar panorâmico sobre a história da aviação no Ceará. Das ruínas do velho hidroporto, na Barra do Ceará, ao aeroporto construído por norte-americanos no Pici durante a Segunda Guerra Mundial, os projetos do primeiro aeroporto comercial de Fortaleza, que seria na Aldeota, e o de uma base de foguetes em Aracati. 210min.

Augusto Oliveira e Ivonildo Lavor, autores de A História da Aviação no Ceará.

Vamos Dividir o Boi!
No Percurso deste sábado, vamos re-visitar a Brincadeira do Boi, misto de reisado com danças populares, dramas e entremeios, um universo mítico que se remete a arquétipos ancestrais, ritos que foram recriados e recontados por vaqueiros, índios e caboclinhos nos sertões. Agora, já no ambiente urbano banhado de mar do Pirambu e das Goiabeiras, velhos jangadeiros ou jovens cabeludos, empunhando espadas, tambores e jaragus, são os mestres dessas brincadeiras de topar, sangrar e dividir o boi. 210min.

Henrique Dídimo, pesquisador musical, escritor e realizador audiovisual.

Cidade Noiada
Neste sábado conheceremos a proposta de um teatro posto como interface para dialogar com a cidade. O teatro como código, inserindo-se na sintaxe do cotidiano. Interferindo no fluxo da polis, ocupando pedaços de calada como ruptura e compartilhamento breve, no entanto coletivo e vivo, permitindo o convívio inesperado com os que trafegam urgentes, indiferentes, cheios de medo. 210min.

Karlo Kardozo, diretor executivo da Companhia P de Teatro e as atrizes Eugênia Siebra, Luíza Torres e Edênia Tutti, integrantes da Companhia.

Cidade-Corpo Sensível
Nesta tarde de sábado, profissionais do universo da dança apresentarão algumas situações que nos levarão a vivenciar novos estados de presença, a estabelecer trânsitos entre corpos e espaços sensíveis da cidade. Tais experiências darão suporte para reflexões sobre conceitos e propostas da dança contemporânea, de forma a aprimorar a formação dos participantes enquanto espectadores e criadores. 210min.

Concludentes da 2ª turma do Curso de Habilitação Profissional de Técnico em Dança (SECULT/SENAC/IACC)

Memórias de Mulheres Oculta (da)s na Cidade
Vamos solenizar um lugar na história para mulheres cearenses? Este é o sentido de nossa incursão, neste sábado, pelas veredas da cidade. Vamos procurar e encontrar vestígios de existência de mulheres que, nas suas práticas, nos caminhos trilhados, ousaram construir outra ordem para o mundo feminino. Vamos escavar experiências de mulheres que se configuram como práticas revolucionárias. 210min.

Gema Galgani Esmeraldo, Profª da Universidade Federal do Ceará.

De Olhos para o Tempo
19 de março, dia de São José, é data de grande importância para o sertanejo: marca as últimas esperanças de o inverno se manifestar. Precede de 48 horas o equinócio, não sendo raro nele a mudança de tempo. Neste percurso, com um pé na Ciência e outro na Cultura Popular vamos investigar a milenar relação entre homem e clima, das observações e previsões dos profetas da chuva aos equipamentos de coleta e análise de dados meteorológicos da FUNCEME. 210min.

Namir Mello (meteorologista da FUNCEME, especialista em Meteorologia e mestre em Engenharia Civil-Recursos Hídricos; é também filho de agricultores e neto de um profeta da chuva).

Por Trás da Lanterna Mágica

Afinal, como é realizada a programação dos cinemas de Fortaleza? Como funciona o seu mercado de exibição? Onde e como se dão as escolhas dos filmes que serão exibidos? Quais as diferenças nos processos de operação dos cinemas de arte? Um percurso pelas salas de projeção nos levarão a entender melhor o universo do cinema e sua dinâmica da distribuição e exibição de filmes. 210min.

Pedro Martins Freire, crítico de cinema do Diário do Nordeste e programador do Cinema de Arte do Multiplex Iguatemi.

Mostra Efêmera de Desenhos na Areia da Praia
Para esta tarde, os Percursos Urbanos convida todos a um passeio em que produziremos uma mostra efêmera de desenhos na areia das praias. A idéia é incentivar um momento de convivência entre desenhistas, profissionais e amadores, e o público em geral, desfrutando o prazer de desenhar e refletindo sobre esse ato.
Obs: como o destino desta edição serão as praias, é aconselhável ir de chinelo e roupas leves. 210min.

Weaver Lima, do Núcleo ARTZ – coletivo aberto que produz eventos e cria produtos relativos à cultura pop (design gráfico, histórias em quadrinhos, desenho animado, games, arte toy, tattoo, graffitti, zines, literatura, filmes B, arte digital, videoclipes, arte urbana etc).

Cultura Ponto a Ponto
Neste sábado, transitaremos por teatro, dança audiovisual, tradições populares e uma infinidade de outros campos, conhecendo as experiências desenvolvidas na cidade pelos Pontos de Cultura. Em contraponto à ideia da carência e da vulnerabilidade como partida para as políticas públicas, veremos como os Pontos partem da potência das manifestações culturais das comunidades, trabalhando na perspectiva da emancipação, para além do conceito de inclusão social. 210min.

Norma Paula, representante dos Pontos de Cultura do Estado do Ceará

Fortaleza Documentária
Que recortes são possíveis sobre a cidade, sem que os referentes culturais locais sejam diluídos sob uma pretensa máscara de universalidade? Que universo de representação é possível dentro de uma coerência interna, de um contexto de realidade, de uma experiência estética autônoma? Investigando escolas e propostas de documentário audiovisual, tradicionais e contemporâneas, traçaremos percursos imaginários e geográficos sobre Fortaleza, buscando reunir olhar, recorte, representação e estética, para discutir as possibilidades de produção de documentários com originalidade e potência local. 210min.

Philipi Bandeira, pesquisador, professor e realizador audiovisual, documentarista e fotógrafo por dedicação, autor de “Espelho Nativo”, ensaio documental com os índios Tremembés premiado pelo programa DOCTV IV, entre outros filmes e ensaios fotográficos.

Fortaleza fantástica
Seria Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção uma cidade assombrada? Por onde anda a Moça do Túmulo Rachado, a Perna Cabeluda que veio do Recife passar férias, o Cão da Itaoca? Estaria somente em nossa literatura oral? Apenas em nossas lendas urbanas? Ou continuariam presentes na imaginação de nossos escritores, nas páginas de nossos livros? Neste Percurso Urbano exploraremos a produção de literatura fantástica ambientada em Fortaleza, personagens e lugares que nela habitam. Venha ver (sic) com a gente como os escritores cearenses registraram essas nossas histórias de assombrações. 210min.

Pedro Salgueiro, bibliófilo, autor de O peso do morto, entre outros livros.

Aventurando por mundos virtuais
Nesta tarde de sábado iremos mergulhar no mundo dos games, percorrendo a cidade e encontrando personagens e lugares que fazem parte desse universo. Conversaremos com desenvolvedores de jogos, jogadores e educadores que utilizam jogos eletrônicos como ferramenta educativa. Como se estivéssemos percorrendo um mapa de um jogo que a cidade esconde. Games e gamers (jogadores), criadores e aficionados, conheceremos mais sobre esse mundo e sobre o poder dessa cultura que atravessa o mercado e cria novas relações entre as pessoas reais e suas representações virtuais. 210min.

Paulo Amoreira, artista multimeios, professor de designer gráfico, pesquisador de mídias digitais. Participantes: Interessados em geral, mediante inscrição prévia.

Rádios comunitárias: na nossa frequência
O rádio dialoga com a vida cotidiana das pessoas de forma acessível e dinâmica, criando imagens, estabelecendo laços afetivos e suscitando o sentimento de comunidade entre os ouvintes. Também propaga sua informação, sua história, sua música, seus eventos, suas notícias, ou seja, a autonomia da própria "imagem" projetada. Nestes meios, as pessoas passaram de espectadores passivos a produtores ativos de conteúdo e deram origem às rádios comunitárias, que são bem mais do que simples veículos de comunicação. Neste Percurso Urbano, iremos descobrir muito sobre a técnica, a história, a regulamentação, os conteúdos culturais e também sobre o lugar das rádios comunitárias na efetivação da comunicação como um direito humano. 210min.

Daniel Fonseca, jornalista e integrante do coletivo Intervozes

Nômades e circenses
Como experimentar deslocamentos sem sair de casa? Os livros são passaportes possíveis, bem como a condição de leitor como migrante. Assim faremos um percurso pela cidade, por caminhos cruzados com livros que trazem o deslocar-se como jeito de existir. "Lugares desertos", "Circo-teatro"... Robyn Davison, Ermínia Silva... Um passeio pela cidade conduzido por nômades e circenses, gente que não cessa de se deslocar. Um convite a sair do próprio acampamento, viajando através do olhar do outro. Convidamos os passageiros que tragam na pequena bagagem pelo menos um livro ou objeto que lhe lembre viagem. 210min.

Izabel Gurgel, jornalista, diretora do Theatro José de Alencar, além de irremediável bibliófila.

Ruídos, Temporalidades e Gestos Sobreviventes
De dentro do quadrilátero afrancesado de bulevares, nesta tarde passearemos e discutiremos o espaço urbano como um lugar de sobrevivência de gestos. Numa aula singular, percorreremos espaços que já foram de personagens literários, de fuzilamento de revolucionários, de prostituição e, enfim, espaços da belle époque que guardam no seu ar um silêncio aberto para uma conversa sobre a utilização do espaço público como uma sala de aula ampliada. Bem como lugar dos ruídos da cidade e os gestos ausentes que se incorporam numa conversa que atualiza por segundos os múltiplos tempos da cidade através da literatura de Adolfo Caminha, mas também Charles Baudelaire, Carlito Azevedo, Ricardo Domeneck, Carlos Augusto Lima e Diego Vinhas. 210min.

Eduardo Jorge, escritor.

A Nossa Cadeia do Lixo
Na calada da noite, enquanto sonhamos alguém passa nas portas de nossas casas, recolhe o lixo e leva pra bem longe. Em algum momento no qual não nos damos conta, alguém passa e recolhe cada papel, lata, garrafa, chicletes mastigados, enfim, restos de coisas que descartamos ao longo de nossos caminhos. Mas e se acaso algo nos despertasse a curiosidade sobre estes restos? De onde vêm? Pra onde vão? Se decidirmos nos responsabilizar pelos impactos que nossa própria existência produz? Nesta tarde, descobriremos quais os reais perigos que provocamos com nossos restos e estilo de vida. Como e onde trabalham as pessoas que estão envolvidas profissionalmente com esta cadeia invisível e quais as possibilidades seguras, reais e eficientes para o acondicionamento do lixo em Fortaleza. 210min.

Mário Fraga, Agrônomo, Ecólogo, Permacultor; e Maria Eugênia, Jornalista

Mobilidade Humana, Cidade para as Pessoas
As cidades brasileiras se formaram urbanisticamente a partir da pressão exercida pelo crescimento vertiginoso da frota de automóveis, embora a grande maioria da população dependa de coletivos e não-motorizados. As características de nossas ruas, calçadas, abandono dos demais modos de transporte, têm provocado desigualdade de acessibilidade e hostilidade no meio urbano. Nesta tarde, iremos compartilhar experiências sobre as relações que mantemos com a rua, as pessoas, os significados individuais, sociais e coletivos que atribuímos aos movimentos que fazemos e a quem somos quando nos deslocamos e pensar possibilidades de uma mobilidade sustentável. 210min.

Gislene Macedo, pesquisadora em mobilidade, é professora do curso de Psicologia da UFC em Sobral e membro do Movimento Mobilidade Humana.

Para Caminhar Sobre as Águas

Todo o litoral cearense é marcado pelo talento de homens carpinteiros que, no passar dos anos, vêm fundindo técnicas vindas do atravessar de tantos mares. Assim, marinheiros, pescadores, mestres construtores e seus auxiliares vêm esculpindo uma tradição, desenvolvendo habilidades na construção de embarcações próprias para nossos ventos, pescados, marés e feitas com matéria-prima local. Estes saberes empíricos foram dominando o mar valente, nas mais diversas formas construídas para andar sobre as águas. Nesta tarde iremos conhecer a lida, a pesca, a arte e a fé desses artesãos. A variedade das embarcações e como elas têm se adaptado ou resistido aos novos tempos. 210min.

Lourdes Macena, pesquisadora, professora do IFCE, presidente da Comissão Nacional de Folclore.

A outra cara do consumo
Será que a diferença entre comprar na bodega, na feira ou no supermercado está só no preço? Olhando suas compras, você saberia dizer a procedência dos produtos, como e por quem foi feito? Em geral, nossa relação com o consumo beira à mágica ou ao caos. Quase todos os produtos estão reunidos no mesmo lugar e nós compramos e compramos. Produtos, ofertas e cifras... Desejos ou necessidades? Não dá tempo de compreender que gestos e opções diárias afetam não só a nossa vida, mas a vida de outras pessoas e põem em causa a sustentabilidade do planeta. Nesta tarde de sábado o Grupo de Consumidores Responsáveis do Benfica vêm nos mostrar posturas interessantes para quem quer entender e agir nos efeitos de seu consumo, pensando no limite, na disposição e nas possibilidades dos indivíduos e da nossa cidade. 210min.

Grupo de Consumidores Responsáveis do Benfica

Passeio com Milton Dias
Neste encontro passearemos pela Fortaleza de Milton Dias e, enquanto visitamos os locais que ele frequentava, exploraremos a produção literária do autor de Entre a boca da noite e a madrugada e Fortaleza e Eu. Em que se transformou a casa de Milton Dias? A banca de revista onde comprava jornais ainda existe na praça? E a Fundação com seu nome, continua guardando sua imensa biblioteca e objetos de sua residência? Ou tudo se tornou apenas um inesquecível patrimônio de lembranças? Descobriremos muito de Miltón, como era chamado pelos amigos, juntos nesta tarde de sábado. 210min.

Silas Falcão, escritor, membro da Associação Cearense de Escritores, desenvolve pesquisa sobre as crônicas inéditas (em livros) de Milton Dias.

Na minha rua, a minha música, a minha Fortaleza
Areia, boemia, samba e diversão. Transversando línguas, Breculê descortina Fortaleza por um percurso sonoro das marcas deixadas pela cidade em seus versos e arranjos. O grupo formado por moradores e amantes desse espaço urbano propõe um passeio pela cidade, conhecendo histórias que se tornaram músicas. Ficção ou memória, o Breculê pretende mostrar uma cidade feita de poesia, a partir da experiência biográfica com Fortaleza de seus próprios integrantes. 210min.

Integrantes da Banda Breculê
Comunidade do Açude João Lopes recebe Percursos Urbanos
Outrora no ônibus “Açude João Lopes”, cuja passagem custava 300 réis, e hoje no ônibus “Percursos Urbanos”, os participantes serão recebidos por uma comunidade que deseja contar sua história. Na década de 30 a área do entorno do açude entre os bairros Ellery e Monte Castelo, já começava a ser ocupada. “Desenvolvemos todo um modo de vida ligado ao açude. Consumimos sua água que era bastante limpa, tomamos banhos, lavamos roupas, pescamos”. Momentos de lazer se alternaram com terríveis enchentes, canalizações, remoções. Destruição e reconstrução. O reconhecimento da importância do açude impulsionou a pesquisa histórica popular e as mobilizações para reurbanização do mesmo. A história de luta nos será contada pelos próprios sujeitos, nesta tarde de sábado, nas ruas e nas salas de estar. 210min.

Aguinaldo Aguiar, pesquisador popular, militante do Movimento sócio-ambiental de Fortaleza.

Os sons da tradição dobram nos berimbaus
Nesta tarde, nosso percurso passa por um portal imaginário que se enriquece com o passear do tempo. Em algum gentil bairro de Fortaleza, com cadeiras na calçada e cabeças brancas que conversam entre risos e brincadeiras de crianças, ouve-se a música popular da melhor qualidade. Violões, cavaquinhos e bandolins choram, nas residências e nos bares. Tambores troam, pífanos assobiam, berimbaus dobram. Opa! Berimbaus? Sim! A Capoeira Angola refletida nos espelhos da educação e na conquista da Academia e não por acaso também moradora da Redenção, a Rua, que como todas, sempre levam a uma praça. É capoeira, é dança, é percussão, é

teatro, é pura poesia ao pôr-do-sol, é história, muita história da História, passados próximos e distantes. Guiados pela mão da Capoeira Angola, brincando e jogando, passearemos por uma amostra deste círculo cultural até festejarmos em suas praças, que são, como todas, do povo. 210min.

Armando Leão, mestre de Capoeira Angola e historiador.

Moda e cidade: um footing pela Fortaleza dos anos 1920.
A moda, geralmente associada ao fashion, luxo, exótico e a futilidade, parece não interagir tanto com outros aspectos mais profundos quanto à individualidade, identidade e à psicologia dos indivíduos e suas cidades. Nesse sentido, convidamos aos interessados, a fazer um footing por Fortaleza, aos lugares e suas histórias que fizeram sucesso entre a elite, por conta da moda dos anos 1920, com o glamour e requinte franceses que impulsionaram pessoas e o comércio, dando um suposto ar de modernidade divulgado pela imprensa local no início do século XX. 210min.

Diocleciana Paula, historiadora e pesquisadora de gênero.

Ciro Colares: a crônica paixão por Fortaleza
A "Fortalezamada" pelo cronista Ciro Colares convida a um roteiro tendo por paisagem as inspirações de um amante da cidade em sua literatura coloquial, a poesia do cotidiano. Nessa tarde, flanaremos pelas coisas que permeiam a escrita e o sentimento do jornalista-escritor: a simplicidade do Beco do Segundo e de sua Academia; o Jardim América de pracinhas e canais; a saudade da Fortaleza antiga com seus bondes e chapéus; a infância de piões, liceus e arraias; a cidade como extensão do lar; a Fortaleza que cresce da areia ao asfalto, do Centro à periferia. 210min.

Lucíola Limaverde, jornalista, desenvolveu pesquisa sobre as crônicas de Ciro Colares.

Polo Cultural do Benfica no meio-fio
Da rua Padre Cícero à avenida Duque de Caxias e da rua José Bastos até a avenida Aguanambi, entre limites afetivos e culturais, encontra-se o chamado Polo Cultural do Benfica. O seu coração é residencial e universitário, cheio de equipamentos culturais e história. Concentra universidades, museus, teatros, auditórios, anfiteatros, cinemas, estádio e ginásios esportivos, quadras de futebol, feiras livres, casario e residências universitárias, rádio, igrejas, livrarias, bares e praças. Programações culturais ao prazer boêmio e compromisso social. Lugar de inspiração literária e musical. Palco de performances dramáticas, intervenções urbanas, relações de vizinhança, enfim, área de intensas convergências culturais autênticas de naturezas diversas. É por estes caminhos cruzados, por esta forma risomática de lugar que nos perderemos com o olhar de cronistas nesta tarde de sábado. 210min.

Kelsen Bravos, escritor, editor e professor.

A Ziniteca Imaginada
Fanzine - ou zine - parece um jornal, mas não é, parece uma revista, mas não é, às vezes parece uma carta... Mas não é! Criados por uma pessoa só ou por um pequeno grupo, multiplicados em máquinas fotocopiadoras e distribuídos em geral de forma gratuita ou vendidos a preço de custo. Um estilo de vida atravessado pelos correios, por imaginar outros mundos, pela visão crítica da mídia, pelo idealismo e/ou ingenuidade, pelo lema punk do-it-yourself (faça-você-mesmo). Vamos nos debruçar sobre a curiosa história dos zines em Fortaleza, conhecer como essas discretas publicações circulam na cidade. Autores, oficinas, exposições, encontros de troca, salas de aula e a História de uma futura Ziniteca de Fortaleza! 210min.

Fernanda Meireles, pesquisadora, arte-educadora e fanzineira

Gente do Jacarecanga
Conhecer um pouco da cidade de Fortaleza nos caminhos historiográficos construídos na lembrança dos seus moradores. O Bairro do Jacarecanga é uma expressão forte da construção e formação da cidade. Com suas casas e instituições educacionais, militares, religiosas, industriais e de serviço social, nos permite que nos caminhos de construção desta cidade encontremos pessoas e movimentos que ajudam e impulsionam a estruturação dela. O percurso permitirá ver e ouvir parte do patrimônio e da memória de Fortaleza constituídos na primeira metade do século XIX, dos anos 1920 a 1950. 210min.

Fátima Araripe, coordenadora do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), desenvolveu pesquisa sobre o Jacarecanga.

Igrejas e teatros: para comer com os olhos
Igrejas católicas e teatros como lugares de encontro, para onde se vai para ver e ser visto. No Brasil, diz Pierre Verger, citando Gilberto Freyre**,** os teatros de certo modo surgem e ocupam o lugar que era dos templos religiosos, como espaço de exibição pública. No ano em que o Theatro José de Alencar completa 100 anos, um roteiro pela Fortaleza de 1910, ano de sua inauguração. Nesta tarde de sábado, voltaremos no tempo e veremos juntos o nascimento do nosso Theatro e daí pra frente chegaremos ainda mais dentro dele. 210min.

Izabel Gurgel, jornalista, diretora do Theatro José de Alencar

Juventude é apenas uma palavra?
Hoje em dia prefere-se falar em "juventudes", já que ela é uma fase vivida diferentemente por classes, gêneros, credos religiosos etc. A juventude é vista ora como perigosa e digna de policiamento, ora como promissora e portadora da voz do futuro e do idealismo. O que os estudiosos sobre juventude têm feito é desconstruir essas representações. Levar essa discussão para o percurso mostrará para os participantes as juventudes de Fortaleza, através de espaços de convivência, criação, ONGs e políticas públicas, onde mostraremos o que diferentes jovens fazem, não só em termos de lazer, mas de atuação social. 210min.

Robério Sacramento, pedagogo, professor da Faculdade de Educação da UFC, desenvolveu dissertação sobre juventude e educação brasileira.

Curiosos sons do Jardim
Dos aboios das vacarias, dos bois desgarrados, estampidos da honra construída nos gritos na rua permitidos, legítimos, naturais, moleques. Os segredos se revelam como se não houvesse paredes entre as casas e nem muros para as ruas. E vozes e pregões e tambores e alto-falantes e risos e vaias. Gol! O curioso vai seguindo a origem da zoada e descobre a origem do bairro na origem da cidade, a história, os causos, imagens surreais de zepelim estacionado na conversa de calçada no Jardim América de se ouvir. 210min.

Paulo Camelo, músico, cientista social, morador do Jardim América desde que nasceu e antes.

Cidade da Criança
Criança, literatura e espaço urbano! Ler a cidade a partir de obras infantis ambientadas em Fortaleza e inventar jeitos de brincar na rua, na praça, na cidade da criança. Contar mentiras com Túlio Monteiro no Cajueiro Botador e brincar com Raquel de Queiroz, Socorro Accioli, com a bailarina fantástica, Horácio Dídimo, mestre Jabuti e a bicharada. Com o mar e os meninos... Os meninos e o mar. Como se escolhe um livro? Essa já é a conversa que fica pra hora do piquenique. Leve sua merendinha! 210min.

Antonio Filho, escritor dos livros O Carneiro Jasmim, Sapo de Sapato, A Lagarta Faceira, consultor do Eixo de Formação do Leitor e Literatura Infantil da Secult.

Historia verde, futuro verde
Fortaleza perdeu, em pouco menos de 40 anos, 90% de sua cobertura vegetal e tem menos de 4 m^2 por habitante de área verde, quando o mínimo recomendado pela OMS é de 12 m^2/hab. Observando verdes remanescentes de áreas que estão preservadas, experimentando o conforto climático e tátil, pensando no uso destes espaços como lugar do lazer e entendendo a cadeia que eles compõem hoje com a cidade que avança rápida sobre seu ambiente natural, conheceremos as histórias das conquistas. De como e de quem conquista a preservação destes respiros para reafirmar nosso desejo com a cidade que queremos verde para continuar esta história. 210min.

militantes e movimentos que lutaram pela preservação (SOS Cocó, Salvem as Dunas do Cocó, Pró-Parque etc).

Formação e processos. Dança e cidade. Percursos e Bienal. De Par em Par.
Nos últimos dez anos, a dança cearense tem estado cada vez mais evidente nos diversos espaços cênicos de Fortaleza, inserindo-se inclusive em contextos nacionais e internacionais de difusão e produção. Ao ver obras coreográficas sobre os palcos da cidade, o público muito provavelmente não se dá conta dos processos que possibilitaram a dançarinos, coreógrafos e performers, entre outros, chegarem àquele lugar. Os processos de formação, entre outros, continuam sendo determinantes para a carreira dos artistas da dança. Nestes Percursos Urbanos, pretendemos evidenciar um esboço dos atuais itinerários formativos em dança na cidade, perspectivando e situando suas propostas no contexto local. Convidamos assim os participantes a conhecer um pouco das estruturas que, ao longo da última década, têm funcionado como espaços referenciais na formação desses artistas. 210min.

Ernesto Gadelha, professor e gestor em dança.

Maracatu e 74 anos de história e memórias de um mestre
No ano de 2010, a cultura popular comemora os 74 anos do maracatu mais antigo do Ceará, em atividade. E para contar essas histórias preparamos uma bela caminhada com o Maracatu Az de Ouro, que desfilou, pela primeira vez, com apenas 27 participantes e, em 1970, passou para as mãos de Joaquim Pessoa de Araújo (Mestre Juca do Balaio). Entre idas e vindas, Juca do Balaio o transformou no Az de Ouro que hoje sai com quase 300 brincantes na Avenida Domingos Olímpio, fazendo uma das mais belas apresentações em vibrantes vermelho e amarelo, mexendo na vida e misturando alegrias de moradores do Jardim América, Bela Vista e circunvizinhanças, e de intelectuais e artistas de toda a Fortaleza. 210min.

Associação Cultural Maracatu Az de Ouro.

O que é que esta Praça tem?
Pavimento, bancos, árvores, parques, passeios e passeantes, postes de iluminação. Só isto? Não, cada praça tem um jeito só seu, uma forma de uso peculiar a sua localização e forma. Contém, também, histórias, abrigam um outro tempo, outras pessoas, com costumes anteriores aos nossos, que trafegaram ali. Neste Percurso, a memória nos levará a descobrir o que cada uma das praças visitadas veio a ser, como ela atingiu a configuração atual e como este espaço é no presente utilizado. 210min.

Fátima Araripe é professora do curso de Biblioteconomia da UFC, tem estudos na área de memória, patrimônio cultural, cidade e trabalhos com projetos de extensão em leitura.

Circo: eterno tráfego de vida e sonho
Respeitável público, sejam bem-vindos ao espetáculo! Descobriremos o universo dos pequenos circos que itineram por Fortaleza. World Circo, Circo do Motoka e Circo J. Gomes são alguns dos nomes que iluminam, mesmo que com pouca suntuosidade, o topo das lonas. Essas pequenas companhias levam dentro dos trailers-moradia um tipo de entretenimento que tem uma forma de ser envolvente. Associados, os donos de circos lutam para garantir direitos. Descobriremos um pouco desse “eterno tráfego de vida e sonho”. 210min.

Silêda Franklin é gestora cultural, curadora do projeto Circo de Todas as Artes, da SECULTFOR, e uma das articuladoras do movimento da categoria circense em Fortaleza.

Dia Nacional da Consciência Negra
No Dia Nacional da Consciência Negra, descobriremos grupos e locais nos quais se exerce amplamente a percepção a respeito da negritude. Nesta data, criada com o intuito de causar a reflexão a respeito da inserção do negro na sociedade brasileira, iremos conhecer um pouco mais da história do negro no nosso Estado. Adentraremos também naquilo que é vestígio de sua presença, além de conhecermos os caminhos de sua afirmação. 210min.

Henrique Cunha Junior é professor titular da UFC, membro do Núcleo de Africanidades Cearense - NACE - UFC.

BORA ouvir ou BORA andar?
Qual será o caminho, o percurso, por onde passa a música desta Fortaleza? Será que passeia por alamedas de um passado com olhos para o mar do sul e a nostalgia de um futuro? Será que se arquiteta em sonhos? Será que dorme em uma concha à espera de ser descoberta qual uma peróla? Será que a música desta Fortaleza cansada de silêncios e guerras se cansa do lodo das longarinas e se grita quase muda a se anunciar por seus percursos? Pelo sim ou pelo não, Bora, que este lugar é Criativo, é Autoral. Há de se descobrir caminhando sempre!!! Do pessoal à massa, do plural e do singular, do quintal à feira. Bora? 210min.

Alan Mendonça é escritor, compositor e articulador do Movimento Bora! Ceará Autoral Criativo.

Todo o Cocó para tod@s
Na segunda parte de roteiros dedicados a expor e discutir as lutas do movimento ambiental na cidade de Fortaleza, o Rio Cocó e todos os ecossistemas que se interligam a ele tornam-se pauta. A extensa paisagem tão valorizada do Cocó vem sendo gravemente prejudicada pela sequência de ações de construtoras e imobiliárias, assim como, por obras realizadas por aquele que deveria ser o maior preservador das condições ambientais, o Estado. Após 25 anos de existência, o Movimento SOS Cocó tenta pressionar o Governo a transformar a área em

uma Unidade de Preservação Permanente, o que impediria que o Cocó continuasse a ser "comido pelas beiradas", fato que vem ocorrendo devido a ininterrupta tomada e construção dos seus arredores. O título deste Percurso Urbano toma de empréstimo o nome da campanha iniciada em Junho de 2010, escolha que pretende chamar atenção para a adesão de tod@s à causa. 210min.

Militantes do Movimento Ambiental de Fortaleza.

Experiência dos agentes ambientais do Parque Santa Rosa.
A escassez de qualificação profissional somada à necessidade de separar os resíduos produzidos na cidade criam o ambiente favorável para que surjam trabalhadores que desempenhem a função conhecida como "catador de lixo". Estes, por trabalharem com resíduos descartados, passam a ser descartados e, assim, desumanizados. No entanto, no Parque Santa Rosa uma ação é iniciada em nome de reverter esta situação. Este Percurso trará a experiência de transformação destes, antes trabalhadores do lixo, em agentes do meio ambiente. 210min.

Integrantes da Associação Civil Alternativa Terrazul, entidade não-governamental que trabalha com educação ambiental, agroecologia e juventude.

Bom piquenique
A refeição traz consigo a vontade de estar entre comuns e de celebrar a vida, simbolizada no que a possibilita, o alimento. Num movimento de unir e de experimentar, o último Percurso do ano, convida seu público para um piquenique na beira da cidade, na metropolitana Maranguape. Manual de piquenique: Numa cesta grande ou num depósito com alça e compartimento protegido, coloque, carinhosamente, seu lanche principal. Sugestão: um sanduíche bem leve. Acomode, também, frutas e sucos, além de água, guloseimas e, claro, livros, para alegrar ainda mais sua tarde. Ah! Lembre-se de levar sua toalha quadriculada. 210min.

Ednaldo Vieira, guia turístistico atuante no município de Maranguape.

2009
(janeiro a dezembro)

Paisagens Sonoras
Pessoas que não enxergam nos conduzirão pela cidade, levando-nos a conhecê-la através da escuta, do tato e da atenção sinestésica. Questões como acessibilidade e comunicação serão debatidas. 210min.

Antônio Mota, presidente da Associação de Cegos do Estado do Ceará – ACEC; Carlos Viana, funcionário do setor de Braile da Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel; e José Waldyr, massoterapeuta.

1604 ou 1726? (ou Como Nasce uma Cidade)
Neste Percurso iremos à Barra do Ceará, local de construção do Forte São Tiago, e ao entorno da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Acompanhados por um historiador, buscaremos compreender e avaliar o sentido da polêmica do aniversário da cidade. 210min.

Américo Souza, historiador

Às Margens de uma Cidade de Água e Sal
Neste sábado, o Percurso vai em busca das lagoas – as que resistem e as que desapareceram – da cidade. História e peculiaridades, necessidades e percepções de uma população que trabalha e se diverte, construindo uma íntima relação com esses espaços naturais. 210min.

Hélio Monteiro, sociólogo, pesquisador, professor e autor da dissertação "Fortaleza na Ponta do Anzol".

A Arte da Terra
Nesta tarde, transitaremos pelo universo da cerâmica: do campo da produção utilitária ao campo da arte contemporânea. Quem produz? Que tipo de produtos? Além de investigar esses temas, os participantes terão uma oficina de modelagem em argila. 210min.

Bosco Lisboa, artista e arte-educador, tendo no barro a matéria-prima de sua carreira

O Clube do Cinema de Fortaleza

Neste dia o percurso apresentará aspectos essenciais da história do cineclubismo em Fortaleza, movimento cultural muito importante para a formação de cineastas, para a difusão do cinema de arte na cidade e da crítica de cinema local. 210min.

Augusto César Costa, jornalista, fotógrafo e produtor cultural, convive desde criança com o ambientes dos cineclubes e cinemas de arte de Fortaleza.

Nas Asas de Uma Cidade que Voa
Neste percurso iremos investigar a influência de Juazeiro do Norte na vida de Fortaleza, colocando-nos no caminho do ouro de Juazeiro, na pegada do milagre, no rastro da arte como ofício. 210min.
Mediadora: Dodora Guimarães, especialista em Comunicação e Imagem, curadora e pesquisadora apaixonada pelas pessoas e ofícios da região.

Comércio Verde
Nesta tarde de sábado saberemos mais sobre o processo de seleção, produção e comércio de plantas e afins, direcionados ao paisagismo e jardinagem. Para quem gosta e para quem quer aprender a cuidar de jardins, um percurso dedicado ao tema. 210min.

Vilani Barbosa, pesquisadora autodidata, dedica parte de seu melhor tempo à natureza.

Púlpitos, Tribunas e Caixotes
Quem coloca uma pessoa no púlpito é Deus e se supõe que sua voz esteja guiada pelo Espírito Santo. Nas tribunas se fala em nome do povo... O caixote é quase coisa de contraventor, frequentemente quem o utiliza é chamado de perturbador. Neste sábado, um percurso sobre a necessidade da liberdade de expressão. 210min.

José Maria Arruda de Sousa, professor, filósofo, pesquisador da Filosofia Política e do Direito, com doutorado pela Universität Gesamthochschule Essen e pós-doutorado pela Universidade de Aachen, ambas na Alemanha.

Tarde no Mangue
Um grupo de amigos transforma uma antiga barraca de praia em um minimuseu. Sua auto-sustentabilidade se baseia em atividades ligadas ao meio ambiente, esporte e ecoturismo. Nesta tarde de sábado, devido a inúmeros e insistentes pedidos, revisitaremos o Museu Natural do Mangue, com direito a uma minioficina de canoagem em caiaque e a trilha em Sabiaguaba. 210min.

Rusty Sá Barreto, ambientalista e desportista.

Acesso aos Centros Culturais de Fortaleza
Experimentar, conferir, aprender o valor dos bens culturais. Desvendar os caminhos do acesso à cultura, entender estruturas, bastidores, canais de comunicação e acesso. Os grupos de abril são convidados a se antenar com os Centros Culturais da cidade. 270min.

Planejando Fortaleza
Qual o papel de cada um de nós na construção de um local melhor de se viver? Neste sábado, um percurso pela cidade real, conversando sobre o Plano Diretor de Fortaleza e suas recentes alterações, como a ampliação da área de interesse ambiental e a demarcação de Zonas Especiais de Interesse Social. 210min.

Valéria Pinheiro, bacharel em Direito, coordenadora de projetos da ONG Cearah Periferia.

A Mente Quieta, a Espinha Ereta e o Coração Tranquilo
Elementos das culturas indianas podem nos ajudar a conviver com a nossa cidade? Nesta tarde de sábado, conheceremos espaços usados para o aprendizado e para a prática de yoga milenar saber de integração de várias facetas da personalidade, mente, corpo e espírito. Alongamentos, técnicas de meditação e de controle da agitação mental estão no roteiro. 210min.
Hélder de Lima, graduado em Engenharia Elétrica, instrutor de Yoga no Instituto Clara Luz e outros espaços da cidade, com formação livre de Yoga (Maria Laura Packer), curso de extensão em Yoga (ACEPY/UFC), introdução à Medicina Ayurvédica e Bio-Psicologia (Instituto Visão Futuro/SP).

Messejana: Uma Aldeia que Virou Cidade

Para além de sua arquitetura e história, Messejana serve de ícone para a representação da natureza que insiste em sobreviver à modernidade. Exploraremos em meio ao caótico trânsito e um desenfreado crescimento de sua área central, as nuances da metamorfose da aldeia que virou cidade. 210min.

Francisco Edmar de Freitas (poeta, formado em Letras pela UECE, pesquisador da História de Messejana, pres. da Associação de Moradores de Messejana (AMME) e autor de "Messejana, um lugar mágico" e "Poemas de Amor Messejana". Felipe Alves de Freitas Neto (graduando em História pela UECE, pesquisador da História de Messejana e atualmente concluindo a monografia "Muito além dos muros do Forte - as dinâmicas que propiciaram a anexação do antigo município de Messejana a Fortaleza em 1921 e os seus desdobramentos").

Ser-Ver-Luz
O Coletivo Fotográfico Olhar Ser-Ver-Luz do coletivo Serviluz sem Fronteiras recebe em seu bairro outros grupos convidados dos Percursos Urbanos para uma oficina de fotografia e para ver o pôr-do-sol. E também é convidado a ir à comunidade da Maravilha, onde serão recebidos pelo grupo Clica Maravilha para uma outra experiência por intermédio da imagem. 180min.

Elitiel Guedes, jornalista, pesquisador, fotógrafo, especialista em teorias da comunicação e da imagem, coordenador do Coletivo Olhar-Ser-Ver-Luz, educador popular.

Primeiras Impressões
Uma tarde em que o público conhecerá os meandros do processo gráfico da xilogravura, desde o desenho até a impressão (manual e mecânica). Os participantes terão um momento para a apreciação das exposições em cartaz no CCBNB (Gravadores do Cariri e Gravura Contemporânea Brasileira) e também farão uma visita ao ateliê de nosso artista convidado. 210min.

Gerson Ipirajá é artista de múltiplas técnicas (xilogravura, colegravura, gravura em metal, monotipia e infogravura) e já participou de diversas exposições dentro e fora do Brasil.

No Tempo em que o Futebol Andava de Trem
Operários fortalezenses dos anos 1930, compelidos a prestar horas-extras noturnas, aproveitam o "intervalo forçado" entre um turno e outro para praticarem o football. Da pelada nasceria o Ferroviário Atlético Clube. O time de ferroviários tornou-se símbolo para militantes de esquerda e chegou a eleger um comunista para a Câmara de Fortaleza, logo caçado pelo Estado Novo. Neste percurso, futebol, política e outras histórias do Expresso Coral, que neste dia completa 76 anos. 210min.

Airton de Farias, historiador, autor de FERROVIÁRIO: Nos Trilhos da Vitória e Evandro Ferreira Gomes, diretor de comunicação e pesquisador da história do Ferroviário Atlético Clube.

Uma Fortaleza Kitsch
O Kitsch é a cultura do mau gosto, do exagero, da imitação barata – em suma, do culto à aparência desprovida de conteúdo. No Percurso deste sábado, viajaremos por diferentes manifestações do brega-kitsch em nossa arquitetura e espaço urbano. Procuraremos compreender o que torna esse fenômeno tão peculiar à nossa cidade que antecipara em muito o que só depois a civilização ocidental viria a conhecer (se nos permitem o exagero, evidentemente...). 210min.

Gustavo Costa, arquiteto e urbanista formado pela Universidade Federal do Ceará, bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará.

Entre Cliques e Avenidas
Nesta tarde de sábado, os participantes do Programa Percursos Urbanos investigarão Fortaleza literalmente com um olhar fotográfico. Enquadramento, luz, ângulo, abertura e muitos cliques estão no roteiro desse PerCurso em que o público trocará as palavras pelas imagens para expressar o sentimento de transitar nesta cidade. 210min.

Elitiel Guedes, graduado em Comunicação Social-Jornalismo (FANOR), especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem (UFC), pesquisador em fotografia e coordenador do grupo de fotografia Olhar Ser-Ver-Luz.

Na Marcha do Peixe Roncador
Pirambu em tupi-guarani significa: Peixe roncador. A área é uma das mais superpovoadas do País, perdendo só para a Rocinha no Rio de Janeiro. Nos anos 1960, vinte mil pessoas se mobilizaram até o Centro de Fortaleza

numa grande manifestação, a "Marcha do Pirambu", que chamava atenção contra a marginalização e os esteriótipos dados pela sociedade de Fortaleza. No lugar onde os peixes roncam, a população se organiza para a ação social e cultural. Neste PerCurso, conheceremos o Pirambu do ativismo, da cultura pulsante e veremos algumas iniciativas de organização social, educacional e de saúde mental. 210min.

José Airton Paula Barreto, Advogado, Fundador do Movimento Emaús em Fortaleza e Membro da Comissão de Justiça e Paz da CNBB-CE.

Trocando Imagens
Dando continuidade ao ciclo de visitas entre os grupos de Fortaleza que trabalham inclusão social e fotografia, o Grupo Vista Bela em Bela Vista recebe o Grupo Clica Maravilha. As trocas serão de experiências decorrentes dos projetos já executados, experiências em técnica de fotografia, metodologias e passeio para mostrar a Bela Vista em seus lugares de sociabilização e hábitos e cultura de seus moradores. 180min.

Entre Nós, Bibliófilos
Uma tarde de paixão e devoção pelos livros é a promessa deste percurso. Seremos guiados por uma leitora que se empolga com os romances, novelas que lê e passa a narrá-los para os que lhe rodeiam, retransmitindo sua afeição pela leitura. O participante do percurso será apresentado a textos e a lugares da cidade que se abrem para os bibliófilos e, por sua vez, compartilhará suas leituras. 210min.

Izabel Gurgel, jornalista, diretora do Theatro José de Alencar, além de irremediável bibliófila.

Memórias de um Coração de Menino
Gustavo Barroso enveredou por temáticas e caminhos diversos: romances, contos, crônicas, poesias, ensaios, biografias, obras didáticas... versava sobre museologia, arqueologia, política, sociologia, história, folclore, filologia. Neste percurso, faremos um passeio pela obra e pela Fortaleza do escritor, a partir da seleção de uma historiadora que se debruçou sobre as memórias do intelectual com Coração de Menino. 210min.

Afonsina Moreira, professora e pesquisadora do Departamento de História da UFC, mestra e doutora em História Social pela PUC-SP.

Histórias em Cliques
Neste Percurso, grandes e não tão grandes fatos que marcaram a história do Jornalismo em Fortaleza; o papel do fotógrafo como criador de uma narrativa visual; a ética do foto-editor e da empresa jornalística na seleção e no trato das imagens serão alguns dos temas discutidos neste roteiro que ainda nos permitirá observar uma fotojornalista em ação, numa simulação em algum lugar da cidade... 210min.

Fernanda Oliveira, professora de Fotojornalismo na Faculdade Integrada do Ceará (FIC) e diretora do Instituto da Fotografia (IFOTO).

Fortaleza Medieval: Passeio Entre Resíduos
Neste Percurso, vamos ver que a Idade Média foi um período muito fértil da história humana e que ainda hoje permanecem alguns resíduos na nossa vida diária. O Brasil, embora tenha sido descoberto apenas depois do fim da Idade Média, está marcado por uma série de procedimentos sociais e artísticos medievais, trazidos pelo colonizador em sua bagagem cultural. 210min.

Rodrigo Marques, escritor e professor

De Quadro em Quadro: um Passeio pelo Mundo da Animação
Dos zoetrópios e flipbooks aos sofisticados filmes contemporâneos produzidos com tecnologia digital, a animação é motivo de fascínio em toda cultura do século XX. Neste PerCurso conheceremos pessoas e instituições que produzem, ensinam e exibem a famosa arte do cinema de animação na nossa cidade, além de um giro pela safra de filmes produzidos no Estado. 210min.

André Dias, criador de filme de Animação e instrutor em oficinas pela Casa Amarela Eusélio Oliveira, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Protestos, Motins e Sublevações
Neste Percurso, vamos passear pelos palcos de revoltas e reivindicações bem distintas entre si: a Confederação do Equador; a passeata das crianças contra o Governo Acioly; o massacre de estudantes na Praça José de Alencar, em 1968. Analisaremos a memória dessas lutas, seus marcos e marcas nos espaços da nossa cidade. 210min.

Edmilson Maia Jr., professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Quixadá (CE), e mestre em História Social pela UFC.

Sons Emergentes
As novas tecnologias e as readaptações na forma de se consumir música transformaram as relações entre quem toca, quem produz e quem consome. Neste PerCurso, exploraremos os novos sons da cidade, visitando de estúdios a casas de espetáculos por uma Fortaleza recente, conectada com a cultura universal e um tanto "desapegada" à tradição. 210min.

Felipe Gurgel, jornalista (UFC) e músico.

Sou Louco Por Ti, Meu Amor...
Neste Percurso, transitaremos entre declarações de amor, abandono e solidão, desilusões amorosas, temáticas recorrentes de um estilo difundido nas camadas mais populares e desprezado nas demais – o Brega. O passeio por esse emotivo e bem-humorado universo nos promete fazer entender um pouco mais sobre o cotidiano da gente simples que habita nossa metrópole. 210min.

Silvino Neves, apresentador do programa "Clube do Brega" (TV Diário).

Turismo Comunitário
Um turismo não-predatório é possível? Neste percurso conheceremos a proposta do turismo comunitário. Numa visita à Comunidade Jenipapo-Kanindé, no Iguape, veremos como a própria comunidade se articula e se torna construrora da cadeia produtiva do turismo, ao mesmo tempo em que valoriza o seu patrimônio natural e cultural. 210min.

Vanessa Luana Oliveira Lima, geógrafa, consultora do Instituto Terramar.

Lendas Urbanas: Intrigantes, Cabeludas e Misteriosas Histórias Sobre Nós Mesmos
O que a Perna Cabeluda, o Cão da Itaoca e a Caminhonete Preta têm em comum? Que anseios, interdições e desejos nossas lendas urbanas revelam sobre nós? E o que as mídias mais atuais têm a ver com a oralidade e as lendas urbanas? Corre por aí que é nesse roteiro que os participantes do "Percursos Urbanos" vão descobrir... 210min.

Natália Paiva, jornalista, mestranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Coletivo de Artistas
Neste sábado, o "Percursos Urbanos" facilitará o encontro entre artistas e amantes das artes. Compartilham o ônibus nesse passeio: o público, participantes do Fórum Cearense das Artes Visuais, artistas do Pirambu e do Grande Bom Jardim. Além de fazer novos amigos e conversar sobre processos criativos, uma oportunidade para levantar informações sobre a situação das artes visuais em Fortaleza. 210min.

Carlos Macedo, coordenador do Fórum Cearense de Artes Visuais.

Histórias de Vida, História da Cidade
Nesta tarde, transitaremos pelos meandros da memória, em Fortaleza, conversando sobre as histórias de vida e seu papel como elemento que reconstitui a experiência humana sob um prisma afetivo. As lembranças são motes para mostrar que sempre se tem algo a contar sobre si, sobre o outro e sobre a cidade... 210min.

Miguel Leocádio Araújo, professor e pesquisador.

Cidade-Salão
A vontade de educar o corpo, de socializar e otimizar a vida tem feito muitas pessoas procurarem academias para aprender os primeiros passos das danças de salão. Mas nesta edição do "Percursos Urbanos", veremos como

fortalezenses estão extrapolando os espaços e horários regulares das aulas e salões, promovendo através de encontros em parques e praças uma saudável relação entre o corpo, a dança e a cidade. 210min.

Diego Borges, licenciado em Educação Física, especializando em Metodologia do Ensino da Dança e professor do "Dançar Faz Bem", projeto de Extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC).

A Fortaleza de Fausto Nilo
Abrindo a programação comemorativa dos cinco anos de parceria CCBNB/Mediação de Saberes com o Programa Percursos Urbanos, neste sábado nós iremos enveredar por um instigante diálogo entre a música e a arquitetura, tradição e modernidade, herança e novidade. Uma oportunidade também para tecer reflexões sobre as decisões e omissões que alteram paisagem, trânsito e cotidiano da cidade. 210min.

Fausto Nilo, arquiteto e urbanista, poeta e músico.

A Cidade como Playground
Neste percurso, interagindo com um grupo de artistas que tem como mote principal a surpresa e como foco as relações interpessoais, transitaremos por formas lúdicas e criativas de relacionamento com os espaços públicos. 210min.

Integrantes do Grupo GARIS (Fernando Cattony, ator e educador; Aristides Ribeiro, ator; e Castro Segundo, músico profissional, ator e educador).

Fortaleza em Três Tempos
Neste sábado, lançaremos o olhar sobre o constante processo de construção e reconstrução da cidade, as lutas pelo espaço e as sucessivas conquistas de territórios do passado e do presente, os problemas e possibilidades que se apontam em perspectiva para o futuro de nossa urbe. 210min.

José Borzacchielo da Silva, professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), mediador da primeira edição dos Percursos Urbanos.

O Saco: Criatividade e Resistência
Bastaram 15 meses de atividade para a revista literária O Saco lograr uma distribuição nacional, chegando tanto a importantes cidades do Brasil (com tiragem de 15 mil exemplares!) quanto à mesa dos censores e da Polícia Federal em pleno regime militar. Neste PerCurso, faremos um passeio sobre o ambiente da cidade, a produção literária e os seus intelectuais, O Saco e seu conteúdo editorial, num importante momento da Cultura no Ceará. 210min.

Carlos Emílio Correia Lima, escritor, poeta, editor, ensaísta, antidesigner, um dos fundadores da revista O Saco.

O Segredo e a Rua: a Maçonaria no Ceará
Neste percurso conversaremos sobre a inserção pública da Maçonaria, seus confrontos, sua atuação no movimento operário e presença no cenário político e intelectual local, investigando também sua sociabilidade interna, seus símbolos e ritos. 210min.

Marcos Diniz, historiador, doutor em Sociologia pela UFC, professor da UECE (FECLESC-Quixadá), pesquisador da maçonaria e espiritismo no Ceará, autor de "No Compasso do Progresso: a Maçonaria e os Trabalhadores Cearenses".

Viajando com os Caixeiros
Da luta que os antigos caixeiros viajantes, como eram chamados, travaram pelo direito a uma folga semanal, em 1870, às atuais reivindicações pela remuneração do trabalho aos domingos. Neste percurso conheceremos uma importante página da História do Trabalho em Fortaleza: a luta dos comerciários. 210min.

Valmir de Sousa, graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), comerciário e sindicalista.

100 Anos de Literatura Infantil
Conhecendo de autores do início do século XX aos mais contemporâneos em nossa cidade, nesta tarde veremos como as preocupações e a escrita das obras infantis têm se modificado, acompanhando as mudanças do mundo, da gente grande e dos pequenos. 210min.

Andréia Leão, socióloga, professora da UFC (Programas de Pós-Graduação em Educação Brasileira e em Sociologia), atua nas áreas de Sociologia e Literatura, com ênfase em Literatura, Livro e Leitura.

Fortaleza Babaquara
Nepotismo, brutalidade, perseguições covardes. Nosso mais importante teatro, a primeira faculdade, um mercado público. Neste percurso, um roteiro sobre o mais controverso dos governantes cearenses: Nogueira Accioly. 210min.

Ednilo Soares, membro efetivo do Instituto Histórico, Antropológico e Geográfico do Ceará, presidente da Academia Fortalezense de Letras, sócio da União Brasileira dos Escritores e da União Brasileira dos Bibliófilos.

Vídeo-Arte-Cidade
Neste sábado convidamos o público para conhecer algumas experiências de vídeo-performance realizadas em Fortaleza e em outras cidades do Brasil e para realizarmos uma ação de videoarte interagindo com a cidade, propondo ocupações e ressignificações de espaços. 210min.

Waléria Américo, artista plástica, pesquisadora em performance, especialista em Audiovisual em Meios Eletrônicos pela Universidade Federal do Ceará.

Sim! Existem Negros No Ceará!!!
Na universidade, pesquisas mais recentes sobre nossa cultura apontam para uma realidade radicalmente diferente das ensinadas nas escolas, que afirma que a escravidão e a vinda de negros para o Ceará foi insignificante, ecoando ainda os interesses dos antigos e novos colonizadores. Através de oficinas de práticas básicas de Capoeira, nossos grupos convidados experimentarão no corpo o gingado desta arte marcial brasileira disfarçada de dança e conversando sobre História no Ceará, trilhando o caminho dessa nova historiografia que nos oferece dados para enxergar o negro em nós e ao nosso redor. 270min.

Paisagens Circulistas
Nesta tarde de sábado, conheceremos um pouco da história dos Círculos Operários de Fortaleza, associações de trabalhadores que buscavam soluções para os problemas relacionados à sobrevivência, lazer e sociabilidades, ao passo em que almejavam um novo modelo de sociedade para os novos tempos, porém baseado nos valores da Igreja. 210min.

Ana Cristina Pereira Lima, historiadora, professora, mestre em História Social pela UFC.

Clandestinidade na Ditadura
Neste percurso, conversaremos sobre os caminhos daqueles que se tornaram clandestinos em sua própria cidade, os que dela não podiam sair nem podiam ficar. O que faziam esses fortalezenses? Como enfrentavam o dilema cotidiano de existir sem poder assumir o que pensavam ou quem eram? Quais suas estratégias de resistência, seus trânsitos? 210min.

Mário Albuquerque, presidente da Associação 1964/68 e da Comissão de Anistia Wanda Sidou no Ceará

Arte do Bom Jardim
Neste sábado, conheceremos um galpão que serve de base para vários artistas no Bairro do Bom Jardim. Esses artistas falarão de suas técnicas de produção e materiais utilizados, incluindo pesquisas com cerâmica e materiais recicláveis. Uma oficina de iniciação à cerâmica também fará parte desta tarde. 210min.
René Melo, artista plástico.

Passeando com Moreira Campos
Neste percurso, nosso passeio pela cidade enfocará a obra de Moreira Campos e sua singular visão crítica, que prima pela fina caracterização das personagens e do meio em que estão inseridas. 210min.

Pedro Salgueiro, contista, cronista, licenciado em Pedagogia pela UECE e em História pela UFC.

A Cidade, Entre Cores e Versos
Neste percurso, partiremos da obra do poeta e pintor Otacílio de Azevedo para uma compreensão sensível da história de Fortaleza. Uma cidade que se debate com o passado e se inicia na modernidade do século XX será revelada em crônicas, poemas e pinturas; nos medos, odores e sistemas de valores deste artista anfíbio. 210min.

Herbert Rolim, artista plástico, mestre em Literatura Brasileira pela UFC, doutorando em Belas Artes pela Universidade de Lisboa.

Walter Benjamim, para olhar Fortaleza
As imagens de uma cidade se limitam ao que é visto objetivamente? Não para Walter Benjamim, para quem o espaço urbano se constitui num enigma cuja interpretação não está livre das desordens do desejo, da subjetividade do observador. Nesta tarde de sábado, a filosofia de Benjamim estará a bordo do ônibus do Percursos Urbanos, numa mediação entre o que vimos janela afora e as cidades dentro de nós. 210min.

Abrahão Sampaio, licenciado e mestrando em Filosofia pela UFC.

Partilhando Saberes
Neste último percurso do ano, conheceremos um pouco da história do pão, alimento constante em várias culturas e elemento simbólico presente em momentos de confraternização, do Oriente ao Ocidente. No roteiro, teremos ainda a oportunidade de conhecer técnicas atuais de produção em uma padaria da cidade, além, é claro, de nos juntarmos para celebrar mais um ano de trânsitos e partilhas de afetos e aprendizagens pelo Programa Percursos Urbanos. 210min.

Lauro Martins, diretor do Sindpan

2008
(março – dezembro)

O Theatro da Belle Époque
Em 2008, o Theatro José de Alencar comemora 100 anos do início de sua construção. Comemorar é reunir as pessoas para marcar festivamente algo comum às suas memórias. Este percurso é um convite ao jogo da memória que se constitui de lembrar, mas também de esquecer. Revistaremos a memória da cidade que, pela Ponte dos Ingleses, embarcou algodão e sementes e desembarcou libras esterlinas e influências culturais européias que mudaram sua face e introduziram novas formas de sociabilidade; a Fortaleza que há cerca de um século mandou-se embelezar abrindo ruas, prendendo mendigos e "loucos" em asilos e construindo espaços de lazer como o Passeio Público e uma suntuosa casa de espetáculos. A relação do quase centenário teatro com sua cidade ontem e hoje é o foco de nossas perambulações urbanas desta vez. 180min.

Verdades e Mentiras Sobre o Caju (ou sob o cajueiro)
Viajar no imaginário do caju, saber da sua origem, dos usos e costumes, das histórias populares, investigar a economia da cajucultura. Uma visita ao projeto experimental Museu do Caju do Ceará, em Caucaia, que tem assumido a missão de trabalhar diversos aspectos dessa cultura em nosso Estado. Abrindo mais um ano de programação dos Percursos Urbanos, esse roteiro nos oferecerá ainda a oportunidade de provar delícias de uma culinária que tem como base esse fruto regional. 210min.

Gerson Linhares – turismólogo e pesquisador

A História em Processo
Uma cidade, diferentes crimes e vários aspectos do cotidiano da sociedade fortalezense no início do século XX. A história de uma Fortaleza que crescia em meio a contradições entre um discurso disciplinador e as práticas sociais: ao passo em que uma série de regras e códigos ditava o desenvolvimento da capital alencarina, muitos indivíduos "burlavam" esse rígido controle enveredando por caminhos à margem da lei. Neste percurso acompanharemos as histórias de mulheres, homens e jovens habitantes da cidade que se envolveram em crimes e, com o auxílio da análise de historiadores sobre seus processos criminais, buscaremos compreender um pouco mais da cultura de nossa cidade. 210min.

Márcio Inácio da Silva - mestre em Historia Social (UFC) com a dissertação "Nas telas da Cidade: salas de cinema, vida urbana na Fortaleza dos anos de 1920".
Marla Albuquerque - mestra em História Social (UFC) com a dissertação "Mulheres Infanticidas: O infanticídio em Fortaleza na primeira metade do século XX".
Raquel Caminha - graduada em História (UFC), colaboradora na coletânea de artigos "A História em Processo - Ações Criminais em Fortaleza (1910-1950)".

De Olho na História, Com as Mãos na Massa

Um tanto artista, um tanto investigador. Um pouco peão, um pouco arquiteto. Nesse percurso, conheceremos o trabalho do profissional restaurador de construções consideradas bens culturais por seu valor histórico e estético. No roteiro, visitas a sobrados, casarões e prédios públicos que tiveram seus traços originais reconstituídos para nos revelar em suas pinturas, alvenarias e madeiras os estilos e valores de tempos idos. 210min.

André Santos da Silva, Aurileide Abreu de Paula e Lucélia Nascimento da Costa – profissionais formados pelo Curso de Restauração da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho.

Sábado no Mangue
Criado há dez anos por um grupo de amigos, no espaço de uma antiga barraca de praia, o Museu Natural do Mangue fica na boca da barra do Rio Cocó, em Sabiaguaba. Auto-sustentado, o Museu é uma iniciativa de cunho social e educativo, com três vertentes principais: meio ambiente, esporte e ecoturismo. No local encontraremos fósseis, animais taxidermizados, sementes do mangue, além de uma pequena biblioteca. Nesta tarde de sábado no mangue, uma minioficina de canoagem em caiaque e opções de trilhas em duas modalidades: interpretativa, com uma monitoria que dá explicações sobre o ecossistema local; ou contemplativa, em que o visitante pode fazer o percurso e contemplar o espaço livremente. 210min.

Rusty de Castro Sá Barreto (ambientalista e desportista)

Caminhos de Chumbo
Ao contrário da visão conservadora sobre a passividade do povo cearense, em diversos momentos este se rebelou contra a ordem social opressora. Nos anos 1960, quando num contexto político e cultural de rebeldia, diversos cearenses empunharam armas em grupos guerrilheiros acreditando que assim poderiam transformar a sociedade, criando um mundo mais justo. Entre os méritos da coragem e os equívocos da escolha, pelos sonhos traçados e por pesadelos vividos transitaremos nesta edição do Percursos Urbanos. Visitando pontos marcantes em nossa cidade no contexto dos "anos de chumbo", uma análise em busca da compreensão de nosso passado recente. 210min.

Airton de Farias, professor, historiador, autor de vários livros de História do Ceará

Pelas Ondas do Rádio
O mundo do rádio na perspectiva de quem ama ouvir. Histórias de uma época de ouro e a luta pela qualidade da programação nos dias de hoje. Do lado de lá e do lado de cá, a influência de locutores, produtores, jornalistas no dia-a-dia do cidadão e o papel ativo dos ouvintes nas transformações desse meio de comunicação. Um roteiro sentimental, político e entusiasmado pelas ondas da radiofonia fortalezense. 210min.

Francisco Djacyr Silva de Souza , professor e presidente da Associação de Ouvintes de Rádio do Ceará – AOUVIR-Ce

Uma Viagem com Ângela Gutiérrez: do Mundo de Flora à Fortaleza de Hoje
A menina Flora nasce na Fortaleza do século XX , cresce remexendo no passado de sua família e de sua cidade e salta das páginas de dois romances – O mundo de Flora e Luzes de Paris e o fogo de Canudos – para mostrar a Fortaleza dos séculos XIX e XX que ainda vive na Fortaleza de hoje. O Passeio Público, a igreja da Prainha, o Theatro José de Alencar, o Colégio da Imaculada Conceição, a nova Sé resistem ao tempo, ainda plantados em seus espaços de origem. Mas para onde foram a velha Sé, casas antigas do centro, o Café Java? E a fonte da Lagoinha, o Arcanjo São Miguel da Prainha? Onde foram cantar os congos da igreja do Rosário? E a biblioteca de verdade que inspirou a criação da biblioteca do bisavô de Flora? E o casarão? Fantasia e memórias da cidade são os temperos literários deste sábado. 210min.

Ângela Gutiérrez, escritora, autora dos romances O mundo de Flora e Luzes de Paris e o fogo de Canudos, professora do Departamento de Literatura da UFC, doutora em Letras (UFMG), membro da Academia Cearense de Letras.

Caminhos Coloniais
Neste mês de fevereiro, é a vez de alunos de um cursinho da universidade pública, de jovens e de mães atendidas por projetos sociais da cidade terem contato direto com nossa história colonial. O programa Percursos Urbanos deste mês levará seus convidados à Aquiraz, onde se localizou a primeira sede administrativa do Ceará. No roteiro, histórias protagonizadas pelos personagens que transitavam pelo Antigo Mercado da Carne, Hospício dos Jesuítas, Casa do Capitão-mor e a oportunidade de conhecer personagens do presente: jovens que integram grupos artísticos formados pela população local. 180min.

Cidade-Mangue, Mangue-Cidade
Neste mês, o Percursos Urbanos promoverá um intercâmbio entre nossos grupos convidados e a comunidade de Sabiaguaba. Em três dos roteiros, levaremos pessoas de diferentes bairros de Fortaleza para conhecer a fauna e a flora do manguezal, através de trilhas ecológicas e de uma visita ao Museu Natural do Mangue, do Projeto Educar. Em outro roteiro, serão os alunos do Projeto Educar (comunidade de Sabiaguaba) que nos acompanharão em um passeio por equipamentos culturais de Fortaleza. A cidade vai ganhar o mangue, o mangue vai tomar conta da cidade. 180min.

Entre saltos e galopes
Como esporte, o hipismo realça a ligação entre o cavaleiro e sua montaria em provas de perícia, velocidade e adestramento. É também uma das poucas modalidades em que homens e mulheres competem entre si. Porém hipismo é mais: esporte, lazer, transporte e arte. Nesta tarde de sábado, o Programa Percursos Urbanos convida seus participantes a enveredar por aspectos do mundo hípico em Fortaleza. 210min.

Ivo Filho, do Centro Hípico Harafat

Da platéia para o palco
Nesta edição especial do Programa Percursos Urbanos, os participantes serão convidados para uma vivência do fazer teatral. Um roteiro pelas práticas do ator, compreendendo exercícios de expressão corporal, jogos dramáticos e improvisação, acompanhados por um professor do Curso de Princípios Básicos de Teatro do TJA. Roupa leve, disposição de corpo e espírito são a pedida para a atividade desta tarde. 180min.

João Andrade Joca, arte-educador, ator e diretor

Na Cadência Bonita do Samba
Neste Percurso, vamos conhecer uma turma bamba que acerta o passo e não deixa o samba acabar. São músicos, boêmios, sambistas que se espalham pela cidade, tocando e dançando o samba em bares, terreiros e quintais. Vamos transitar por esses redutos e conhecer os personagens que fazem desse ritmo sincopado o próprio movimento da alma, tamborilando a vida entre cavacos, pandeiros e violas. 210min.

Henrique Dídimo, pesquisador musical, escritor e realizador audiovisual

Mar à Vista
O trabalho portuário está intimamente ligado ao desenvolvimento da cidade, seja pelo aspecto econômico seja pelo aspecto cultural. Afinal, muito do que somos hoje nos chegou pelo mar: das estruturas de ferro do Theatro José de Alencar e do Mercado de Ferro aos primeiros cinematógrafos; das idéias literárias, políticas e filosóficas que chegavam da Europa pelos navios a práticas sociais como o futebol. Aproveitando a ocasião dos 200 anos da Abertura dos Portos Brasileiros, nesta edição faremos um roteiro sobre o trabalho dos marítimos e sobre o cotidiano do porto de Fortaleza para, de perto, ter idéia da importância dos portos para as cidades em geral e para a nossa em especial. 210min.

Rinaldo Medeiros, delegado do SINDMAR-FORTAL

Às Margens da História
Fortaleza, neste mês festejando seus 282 anos, tem um território geográfico com significativas e históricas relações com a água, que remontam há mais de quatro séculos. Ao norte, banhada pelo Oceano Atlântico; a leste e a oeste, tem seus limites nos rios Pacoti e Ceará; tem também o seu centro cortado pelo riacho Pajeú. Estes dois últimos têm grande representatividade para a história da cidade por representarem as primeiras tentativas de ocupação do colonizador europeu. O desordenamento do uso e da ocupação do espaço urbano, entretanto, tem causado sérios problemas à hidrografia de Fortaleza, comprometendo o elemento gerador da vida e "originador" da cidade e o bem-estar de seus habitantes, podendo ter conseqüências ainda mais sérias num futuro próximo. 180min.

Se Esta Rua Fosse Minha
O convite é para bater pernas pela Praia de Iracema, para um encontro com a história do bairro, através das narrativas de uma antiga moradora, e em seguida se aprofundar no tema da requalificação do bairro promovida pela Prefeitura de Fortaleza.
Teremos oportunidade de dialogar com a coordenadora do Projeto sobre as propostas: bulevar da Avenida Almirante Tamandaré, Pavilhão Atlântico, calçadões, áreas de lazer e equipamentos culturais como o Estoril.

Dúvidas vivenciadas pela comunidade do Poço da Draga também serão discutidas. Uma tarde para quem gosta de cuidar da cidade. 210min.

D. Alzira, moradora da Praia de Iracema, e Lia Parente, coordenadora do Projeto de Requalificação da Praia de Iracema

Eureka!
Um cidadão de Nova Russas que criou uma "máquina despoluidora" e um aparelho auditivo que toca rádio e mp3; uma incubadora de empresas criativas, que desenvolvem tecnologias e lançam no mercado produtos inovadores; um museu-laboratório onde é possível o contato com experimentos científicos de forma bem interativa. Neste PerCurso, encontraremos pessoas e instituições para quem a criatividade está entre as principais leis da ciência. 210min.

o inventor Manuel de Souza Araújo e profissionais do Parque de Desenvolvimento Tecnológico do Ceará (Padetec) e da Seara da Ciência (UFC)

O Art Déco na Fortaleza dos anos 1930 e 1940
O PerCurso deste sábado investigará o Art Déco e as transformações arquitetônicas ocorridas na Fortaleza das décadas de 1930 e 1940, períodos caracterizados por um forte processo de crescimento e modernização da capital, aceleração de sua dinâmica e tecnicização de seus serviços.
Para isso, serão apresentadas algumas edificações do período, todas localizadas no centro da cidade, núcleo nervoso e gravitacional onde as mudanças ocorriam com maior ressonância. Um roteiro que orientará nossa percepção acerca da emergência de novos marcos arquitetônicos na paisagem local, do estopim de uma linguagem de cunho moderno e o paulatino processo de verticalização da capital cearense. 210min.

Marília Borges, arquiteta e urbanista formada pela Universidade Federal do Ceará e mestra em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo.

Na Trilha das Estrelas
Nesta edição do Percursos Urbanos, faremos uma viagem pelo cosmos. Planetas, estrelas, constelações, galáxias e astros errantes estarão presentes em nosso roteiro a partir de observações ou relatos de uma turma que vive a trilhar os segredos do universo – os membros do Clube de Astronomia de Fortaleza (Casf). 210min.

Membros do Clube de Astronomia de Fortaleza

A Cidade Lida
Uma oficina de leitura sobre rodas. O tema é Fortaleza. Poemas, romances, crônicas literárias e textos memorialistas e históricos sobre a cidade orientarão o roteiro de cinco edições dos Percursos Urbanos para convidados neste mês de maio. A partir da leitura de livros distribuídos entre os participantes escolhemos, na hora, os pontos do roteiro. Cidade, ônibus, livro se confundem. O ônibus sai e a cidade vai sendo lida como texto: ruas viram páginas; os bairros são capítulos; transeuntes, personagens; e passageiros, leitores. Ao parar nos pontos escolhidos, o objeto livro vira ônibus, ao transportar o grupo por espaços e épocas da cidade, em leituras compartilhadas de textos sobre cada lugar. Que relações conseguimos perceber entre a cidade lida e a cidade escrita? 180min.

Cenas de uma Paixão Crônica
Tomamos o bonde da história e nos perdemos nas pequenas cenas cotidianas que entrelaçam o fato e a ficção nas esquinas da cidade. A paixão pela urbe é latente em antigos e novos cronistas, flâneurs de ruelas do século XIX e voyers urbanos contemporâneos que compõem o imaginário aquém da janela. O passeio do escritor-jornalista, revivido neste percurso urbano, atravessa sentimentos e becos, bares históricos e fantasmas, mudanças de rumo, devaneios, desencontros. No caminho, personagens anônimos traduzem Fortaleza, pelas mãos hábeis do cronista. Milton Dias, Pedro Salgueiro, Rubem Braga serão alguns dos condutores dessa viagem. 210min.

Ana Karla Dubiela, jornalista, mestre em Literatura Brasileira e doutoranda em Literatura Comparada, pela Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ). Autora do livro A traição das elegantes pelos pobres homens ricos – uma leitura da crítica social em Rubem Braga.

Religiosidade Afro-Brasileira: A Cidade Como Lugar de Culto
Nossos movimentos se realizarão em torno de símbolos e ritos presentes – alguns mais visíveis, outros sutis – no cotidiano de Fortaleza: culto a Iemanjá nas praias; culto às Almas Benditas e ao mestre Zé Pilintra no Cruzeiro

do Cemitério São João Batista; comércio religioso do centro e de ervas no mercado São Sebastião; lugares de oferendas, como matas, estradas, encruzilhadas, praças e trilhos, cabarés. A proposta é observar como são estreitas as relações entre as vivências religiosas afro-brasileiras e o espaço urbano. 210min.

Cleudo Pinheiro de Andrade Junior (Olutoji), babalorixá e babá egbé de candomblé, pesquisador e escritor, presidente do IAAGBA – Instituto de Articulação e Assessoria aos

Lugares do Entre
O que estamos propondo é uma perambulação pelo espaço arquitetônico do entre, pelo mundo da réplica, entre o objeto único e o objeto reproduzido, ou seja, o espaço da "pseudo-arte'', como entende Anatol Rosenfeld. Uma catedral gótica inacabada, que foi abandonada, atualmente sem teto, com marcas acentuadas em sua estrutura, luta contra o tempo para não se tornar ruína, funcionando quase normalmente com seu calendário de missas, casamentos, batizados etc. O Passeio Público, que se apresenta como reflexo da Belle Époque francesa, exibe-se como uma cópia da réplica, sem lembranças de um período que nunca lhe pertenceu. O projeto do hidroporto da Panair, localizado no rio Ceará, mostra-se como algo que nunca teve início, uma lembrança de réplica não existente. 210min.

Solon Ribeiro, fotógrafo, artista plástico e professor

Grafite (e a Arte de Rua)
Escorrendo pelas brechas do caos visual da cidade, entre cartazes de festas e cultos, outdoors e a insuportável dominação dos letreiros de propaganda pintados em todos os espaços em branco possíveis da metrópole, a arte do Grafite vem se destacando cada vez mais, desviando o olhar alheio para as possibilidades das manifestações artísticas de rua em Fortaleza. Transitaremos assim pelo trash nouveau arquitetônico em que se transformou nossa cidade, reconhecendo, além de muros completamente pichados, casas e prédios azulejados (que mais parecem banheiros às avessas), a manifestação de grupos de grafiteiros, artistas plásticos, "cartazeiros", enfim, interventores urbanos em geral, que tentam se expressar, seja denunciando, protestando ou simplesmente embelezando o visual da nossa cidade. 210min.

Robézio Marqs e Def E, artistas urbanos

Junho com o ProJovem
O Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) atende jovens de 18 a 24 anos e tem entre suas diretrizes pedagógicas a ação comunitária. Neste mês, os participantes desse programa, junto à equipe de assistentes sociais e em parceria com o Programa Percursos Urbanos, desenvolverão um projeto de intervenção na tentativa de trazer melhorias aos bairros em que moram. Violência urbana, meio ambiente e desemprego serão temas trabalhados por nove escolas que utilizarão o ônibus como suporte comunicativo em quatro intervenções pela cidade. 180min.

Mundo Circular
Para este percurso, estamos fazendo uma convocação dirigida a pessoas que foram ou são passageiros da linha Circular para se juntarem à produção coletiva de um pequeno documentário. O script não poderia ser mais tradicional: seguir a rota realizada pelo Circular, conhecer o contexto da época em que esta linha foi criada, a transformação da paisagem nas últimas décadas e, principalmente, explorar a relação afetiva dos fortalezenses com o que deveria ser apenas mais um instrumento de um sistema de transportes. Uma tarde dedicada à produção videográfica sobre um importante patrimônio imaterial de Fortaleza. 210min.

Mediação de Saberes e Júlia Manta, historiadora, produtora da Mantra Produções e realizadora de audiovisual, diretora do filme "Guerra dos Bárbaros".

Cenografia de Museus
Muitos são os artistas, pesquisadores, autores e produtores que acreditam que o suporte pelo qual se constrói a arte e a cultura muda a forma de perceber a mensagem e traduzem assim a marca de um tempo: inauguram-se novas tradições. Quando vamos ao museu de História, buscamos encontrar a marca de nosso tempo em articulação permanente com a existência de um tempo passado. Neste percurso, conheceremos um pouco sobres as possibilidades de diálogos entre exposição e espectador, a partir das escolhas de quem organiza e monta as exposições. Uma possibilidade também para visitar instituições de Fortaleza e da região metropolitana. 210min.

Xico Aragão, Museógrafo, Cenógrafo, formado pela Universidade Politécnica da Catalunha (Espanha) e funcionário do Museu da Imagem e do Som (MIS) .

Trilhas da Diversidade
Convencionou-se internacionalmente, a partir de 1968, comemorar no mês de junho o surgimento do movimento homossexual, data em torno da qual atualmente se realizam as Paradas pela Diversidade Sexual. Sob esta temática, seguiremos as trilhas que o movimento organizado vem traçando em Fortaleza, desde seu surgimento na década de 1980. Assim, lugares de memória, como a avenida Duque de Caxias, a Praça do Ferreira, a sede do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), e os espaços de sociabilidade, como a boate Divine e a Praça da Gentilândia, serão visitados a fim de dialogar com os participantes sobre questões pertinentes à diversidade sexual em Fortaleza. 210min.

Aterlane Martins é historiador, licenciado e bacharelando pela Universidade Federal do Ceará e integrante do Coletivo Divers@s – UFC, movimento pela diversidade sexual.

Andanças e Gestos Pela Cidade
Andanças e gestos pela cidade é um convite para que o público realize um percurso urbano em companhia da coreógrafa e dos bailarinos da Companhia da Arte Andanças. A proposta é promover uma conversa sobre a inserção dos gestos cotidianos nas composições coreográficas da dança contemporânea, transitando por espaços cênicos da cidade e refletindo sobre construções poéticas possíveis, a partir do movimento. Para tanto, o percurso iniciará no auditório do Centro Cultural Banco do Nordeste, com uma breve contextualização da história da dança cênica ocidental; seguirá em trânsito até o Teatro das Marias e ao Theatro José de Alencar, onde entraremos em contato com a pesquisa de companhias e grupos que incorporam à composição elementos das danças tradicionais e da cultura urbana. O percurso culminará nos espaços urbanos da Praça José de Alencar e da Praça do Ferreira, onde os próprios participantes do percurso serão convidados a participar de uma intervenção urbana, em conjunto com os bailarinos da Companhia. 210min.

Andréa Bardawil, coreógrafa da Companhia de Arte Andanças.

Trânsitos Identitários em Fortaleza
Vivem atualmente em Fortaleza cerca de 400 estudantes africanos de Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Quênia e Angola. Eles estudam em sua maioria na Universidade Federal do Ceará (UFC) e na Faculdade Nordeste (FANOR), morando nos bairros do Benfica e Papicu. O percurso do dia 5 de julho (dia da independência de Cabo Verde) será mediado pela vivência urbana desses estudantes que transitam pela cidade, estabelecendo com ela relações de afinidade (afetivas) e estranhamento. 210min.

Aoani Dias Neto Dalva – estudante são-tomense, cursa o 7o semestre de Jornalismo na FANOR.
Benjamim da Silva Sanca - estudante guineense, cursa o 8o semestre de Sistema de Informação FANOR.
Braima Baldé – estudante guineense, formando de Ciências Contábeis na UFC.
Daniele Ellery Mourão – Pesquisadora e realizadora audiovisual. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará com dissertação intitulada África "na pasajen": identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas.

A Arte de Falar dos Trabalhadores do Mar
No decorrer do século XX, o litoral de Fortaleza sofreu profundas transformações econômicas, sociais e culturais. A tradicional enseada de jangadeiros do Mucuripe, por exemplo, abriga atualmente personagens e sociabilidades que pouco lembram o cotidiano de trabalho da pesca. Neste percurso urbano, chegaremos à pequena praia do Serviluz, no extremo leste da cidade. Apesar de estar localizada entre a luxuosa Avenida Beira-Mar e a badalada Praia do Futuro, a praia não se insere nos roteiros turísticos oficiais da cidade. Ali, em meio a um moderno complexo portuário-industrial, encontraremos a convivência de distintas temporalidades históricas. Um roteiro alternativo no qual pescadores, surfistas e outros trabalhadores do mar falam de um tempo presente em que ainda predomina uma relação orgânica entre homem e natureza, entre natureza e cultura. 210min.

André Aguiar Nogueira, formado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e coordenador de projetos sociais na comunidade.

Um Programa Familiar
Desobedecendo aos mapas oficiais, Otávio Bonfim se afirmou como bairro há muito tempo, com sua praça que até hoje é lugar de encontros de namorados e brincadeiras de crianças, à sombra da Igreja Nossa Senhora das Dores. Guiados por um morador muito especial, cruzaremos com memórias como a da distribuição do pão dos pobres, as de espaços como a Siqueira Gurgel tão famosa pelo Sabão Pavão e o Óleo Pajeú. Haverá tempo para

ler trechos da peça O Morro do Ouro, de Eduardo Campos, e assistir um velho e bom filme no recém-ressuscitado Cine Nazaré. Ao final da tarde, esperamos ter captado um pouco do espírito deste bairro tão tradicional. 210min.

Seu Vavá, morador do bairro e o mais antigo projecionista de cinema de Fortaleza em atividade

Clube do Vento
A Mediações de Saberes tem destacado em suas atividades na cidade a intenção de criar situações onde a população possa fruir o espaço urbano de uma maneira humanizada, com ambientes mais favoráveis ao diálogo, à convivência e à contemplação. Neste roteiro, partilharemos uma das experiências desse grupo, já realizada em 2007 em outro projeto: na primeira parte do itinerário, os participantes serão conduzidos a um espaço onde realizarão oficina de produção de brinquedos eólicos; promovido o encontro e o entrosamento entre pessoas de diferentes origens e interesses, partiremos para uma revoada de pipas, no Aterro da Praia de Iracema. Aproveitando o início da temporada de ventos, uma intervenção estética e lúdica na busca de uma poetização do espaço urbano. 210min.

O Futebol Amador em Fortaleza
No suburbão, lá e cá, tem um cara que arrisca uma bicicleta, uma jogada individual, chute de longe, o goleiro enfeita na defesa. Os jogadores têm mais coragem que no futebol profissional. Menos medo de errar. E daí também vem a graça, o lance pitoresco também: alguém toma uma bolada no rosto, uma chuteira voa, a bola embarca, um cachorro passa pelo campo, alguma senhora reclamando da zoada. Venha conhecer alguns destes certames pelos bairros e prepare-se para a diversão. 210min.

Saulo Raphael Rodrigues, graduando de Ciências Sociais e entusiasta do futebol.

Nem anjo, nem demônio: Entre o sagrado e o profano
Zé Alcides foi tudo ao mesmo tempo. Respirou, por sobre as árvores do seu quintal e de sua cidade, as mais vivas e ricas palavras. Neste mês, o programa Percursos Urbanos faz um passeio pela Fortaleza do escritor. Levando consigo sopros literários, romances e poemas, os participantes desta edição farão soar a obra de José Alcides Pinto por lugares onde o poeta passou e que, de certo, o inspiraram em parte de sua obra. Uma tarde para devassar a cidade com palavras robustas e floridas, para repetir suas perguntas... "Mas quem pode afirmar com absoluta certeza se o morto não está vivo embora morto esteja?". 210min.

Ayla Andrade, poeta e contista.

Cultura, comunicação e espaços coletivos
Para muito além das grandes empresas de TV ou redações de jornais, a comunicação é algo latente e cotidiano do povo; é criada e cultuada nas ruas, nas feiras, em casa, nas propagandas, na arte. Muito dessa espontaneidade é captada em mídias alternativas, em veículos de comunicação ressignificados e produzidos por muitas mãos. Para este percurso, convidaremos interessados no Lado B da comunicação para conhecer quatro locais importantes da cidade, que produzem coletivamente jornal, rádio, TV e fanzines, tudo de maneiras muito criativas. 210min.
Rodrigo de Oliveira, educador da ONG Comunicação e Cultura, músico e luthier; Ethel de Paula, jornalista, editora da Revista Farol; e Jovens Comunicadores (jornais, rádios, TV).

Percursos obscuros da cultura gótica
O gótico, também conhecido como dark, é uma cultura pop urbana surgida nos anos 1970 na Europa (após o boom do punk), e que hoje possui adeptos em todo o mundo. São artistas e entusiastas dos mais variados, conhecidos por suas roupas e maquiagens negras, adereços “exóticos”, aspecto vampiresco e por sua música soturna, porém dançante. Em Fortaleza esta tribo urbana também existe. Este percurso tentará decifrar sua ética-estética, calcada basicamente em obscuridade, morbidez e fetichismo – mas com boa dose de sarcasmo e humor negro. As trevas chamam... 210min.

Márcio “Mäzela” Benevides, comunicólogo, mestrando em Sociologia (ambos pela Universidade Federal do Ceará – UFC) e guitarrista da banda gótica Plastique Noir.

Para receber a floração
Sabemos as diferenças entre uma quantidade infinita de objetos, animais e espaços urbanos, mas classificamos milhares de seres de nossa cidade sob o genérico nome de árvores. Nosso olhar cega para os ipês amarelos e vermelhos, não temos idéia de onde saem os flocos que vão pelo ar nos encantando; tampouco sabemos porque o

jatobá é tão especial. Nesta tarde de sábado, observaremos, identificaremos e nos informaremos sobre o mundo das árvores. E assim nos prepararemos para a floração em Fortaleza.

Vilani M. Barbosa, pesquisadora autodidata, apaixonada pela natureza, observadora das plantas e advogada.

Clube da Pipoca
Vendo a vida passar e vendo histórias contadas por outros, assim, grupos de senhoras, senhores e jovens – freqüentadores de programas sociais em bairros da cidade – serão levados neste mês em quatro percursos conhecendo os espaços de exibição disponíveis na cidade. A ênfase é para os cineclubes com uma programação regular e gratuita em Fortaleza. Usufruindo do roteiro cultural da imagem em movimento, nossos convidados conhecerão, através das telas de exibição, histórias parecidas e diferentes das suas, de outros lugares, outras emoções. Ir ao cinema vai ser a maior diversão. 180min.

Comunicação Alternativa: Para Além da Grande Mídia
A cidade tem sua voz, que sai pela boca de diferentes sujeitos, que reverbera em todos os cantos e ecoa novamente no peito-mente dos diferentes sujeitos. Assim a comunicação se faz: cíclica, diversa e empolgante. Para muito além das grandes empresas de TV ou redações de jornais, a comunicação é algo latente e cotidiano do povo; é criada e cultuada nas ruas, nas feiras, em casa, nas propagandas, na arte. Muito dessa espontaneidade é captada em mídias alternativas, em veículos de comunicação ressignificados e produzidos por muitas mãos. Para este percurso, convidaremos interessados no Lado B da comunicação para conhecer quatro locais importantes da cidade, que produzem coletivamente jornal, rádio, TV e fanzines, de maneiras muito criativas. 210min.
Rodrigo de Oliveira, educador da ONG Comunicação e Cultura, músico e luthier; Ethel de Paula, jornalista, editora da Revista Farol; Jovens Comunicadores (jornais, rádios, TV).

Permacultura Urbana
Aquecimento global, lixo, poluição dos rios, mares e mangues... O que minha cidade tem a ver com isso? O que minha casa tem a ver com isso? O que EU tenho a ver com isso? A complicada teia da vida se manifesta de momento a momento e nem sempre estamos conscientes das suas relações. Venha passear pela cidade lançando sobre ela o olhar sistêmico da Permacultura, entendendo e investigando como as pessoas, as estruturas físicas, a natureza e todos os problemas estão relacionados. Neste roteiro, visitaremos lugares que desenvolvem experiências de planejamento, implantação e manutenção de ecossistemas dentro da cidade, buscando torná-las sustentáveis (permanentes). 210min.

João Paulo Diniz, guia de turismo, permacultor, articulador da Rede de Permacultura do Ceará.

Entre a Costura e a Cultura
Para esta tarde de sábado, acompanhados por um professor de Antropologia da Moda e por uma estilista, visitaremos alguns pontos da cidade estreitamente vinculados com o vestir e suas representações. Do Beco da Poeira, onde a moda de grifes famosas se vulgariza quase instantaneamente em cópias consumidas com avidez por camadas populares, ao ateliê, onde a cultura popular é re-simbolizada e ganha valor comercial; da relação entre os indivíduos e os objetos às relações sociais mediadas pelos produtos da moda; dos elementos utilizados na confecção da peça ao endereço do ponto de venda, investigaremos como botões e linhas, símbolos e representações se empregam na costura das relações sociais da cidade. 210min.

Fábio Azevedo, professor de Antropologia da Moda da Faculdade Católica do Ceará, e Silvânia de Deus, estilista.

Pelo Caminho do Samurai
Aproveitando o mote das comemorações do centenário da imigração japonesa para o Brasil, neste percurso vamos explorar aspectos da milenar cultura japonesa, conhecendo sua influência sobre jovens fortalezenses do século XXI. A partir da experiência do Instituto Niten, entraremos em contato com o Boshido, código de honra samurai que serve de alicerce de treinamento com a espada. Técnicas como as do Iajutsu, Kenjutsu e Jojutsu que ensinam do desembainhamento à luta com espadas e bastões nos serão apresentados na tarde deste sábado, simultaneamente à muita filosofia oriental outros elementos da cultura nipônica. 210min.

Ariel Scafuri, coordenador da unidade Fortaleza do Instituto Niten

Cultura e Preservação da Memória em Fortaleza

Este percurso busca enfocar as relações existentes entre cultura, história e preservação da memória nos séculos XIX e XX em Fortaleza. Com base na abordagem do patrimônio histórico-documental de instituições como o Arquivo Público do Estado do Ceará, a Biblioteca Pública Menezes Pimentel, o Museu da Imagem do Som, pretende-se mergulhar no universo de construção da História no Ceará.
Qual o papel do documento para a História? Qual a função do historiador? E como as instituições de preservação da memória e patrimônio influenciaram na construção das concepções de nossa História? 210min.

Mardônio e Silva Guedes, historiador, doutorando em Educação Brasileira pela FACED – UFC.

O Nome dos Anônimos
Durante dois anos de pesquisa, um grupo de jovens profissionais de comunicação e arte coletou histórias de pessoas que passam suas madrugadas nos sete terminais de ônibus de Fortaleza. Com suas estruturas acinzentadas que servem como pontos de confluência do transporte público da cidade, esses espaços podem ser calvário para alguns e local de encontro para outros. Os resultados desta escuta estão reunidos na publicação Cadeira com Rodas, uma revista jornalística com história de personagens dos mais diversos tipos. Neste sábado temos um percurso por alguns dos sete terminais para compartilhar algumas histórias coletadas e apresentadas na revista e em um documentário. 210min.

Integrantes do Grupo T.R.E.M.A. (Território de Expressão no Mundo Anônimo) – Formado por profissionais de comunicação, a equipe, nos últimos dois anos, teve como grande projeto garimpar histórias nos terminais de ônibus de Fortaleza.

O Benfica de Ontem e de Hoje
O bairro do Benfica começa nas caixas d'água e termina no riacho do Tauape: menos de dois quilômetros de extensão. Mas neste percurso a geografia da memória extrapolará os limites físicos e, assim, ruas, prédios antigos, pessoas, eventos vão se sobrepor numa narrativa não-linear, baseada na afetividade. O percurso e a própria tarde parecerão pequenos demais para lembrar do fim da linha do bonde, do calçamento de paralelepípedos, das tamarineiras imensas, do surgimento da Universidade Federal do Ceará, do time do Gentilândia – ou para ver a confraria que se reúne todos os sábados sob um benjamim, ou, ainda, as obras do metrô que anunciam os novos tempos deste charmoso recanto da cidade. 210min.

Francisco de Andrade Barroso, diretor da Sociedade Cearense de Geografia e História, sócio do Colégio Brasileiro de Genealogia, autor de “O Benfica de Ontem e de Hoje”, infância e mocidade vividas no Benfica.

A Céu Aberto
Neste percurso, iremos conhecer melhor o teatro de rua, este gênero dramatúrgico que encontra seu espaço de origem e fim usando como palco praças, avenidas, caminhões, estruturas leves e uma capacidade de diálogo e interatividade extraordinárias. Uma tarde para observar o pensamento, as inspirações, as referências, a inserção nas ações políticas, as experiências de pessoas e coletivos como os grupos Teatro de Caretas, Nóis de Teatro e o Garajal. 210min.

Vanéssia Gomes, pesquisadora em artes cênicas, atriz do Grupo Teatro de Caretas

Em Volta da Mesa
A cozinha é a alma de um povo e os restaurantes são suas embaixadas. Nesta tarde de sábado, iremos visitar algumas dessas casas de cultura que fazem da mesa o lugar de convivência e partilha. A idéia é conhecer o modo de trabalho dos restaurantes, desde os segredos na elaboração do cardápio, a história dos seus profissionais, às técnicas e afetos que permeiam este universo cultural cada vez mais profissionalizado. 210min.

Renata Sampaio tem um pé na sua formação em marketing e outro na cozinha. Além do trabalho no mundo da Comunicação, estuda gastronomia no SENAC e estagia no restaurante L’Ô.

Verde Entre os Cinzas
Em plena zona urbana, por trás da Avenida Washington Soares, está a Reserva Ecológica de Sapiranga. A área é particular e seus 60 hectares abrigam um trecho do rio Coaçu, sangradouro da lagoa da Precabura, parte da lagoa da Sapiranga e um manguezal repleto de guanhamuns, uçás e aratus, alheios à movimentação da quinta metrópole do país. A Reserva também é morada de socós, garças, raposas e guaxinins e ainda recebe pequenos visitantes que viajam em bando do Ártico para a Patagônia, fazendo escala em Fortaleza. É nesse santuário que vamos respeitosamente adentrar nesta edição do Percursos Urbanos, para compreender a importância da

preservação de patrimônios naturais na cidade. Disposição física, roupa e calçados bem leves para usar (e molhar) nas trilhas do mangue são a orientação. 210min.

Prof. Oriel Herrera Bonilla, botânico, doutor em Ciências Naturais pela Universidade de Bielefeld (Alemanha), com ênfase em Ecologia de Ambientes Costeiros e professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

"Espaços Invisíveis" na Fortaleza Turística
Fortaleza é reconhecidamente um dos roteiros turísticos mais requisitados do Brasil. A atividade turística, porém, tem se notabilizado por propiciar ao turista um deslocamento urbano que evidencia somente determinados pontos da cidade, tornando outros "invisíveis". Sem ter que travar contato com o "peso" (história-memória-identidade) da cidade e de seu morador, sem ter que se adaptar ou se aclimatar a esse novo contexto, o turista percorre uma espécie de "trilha urbana" da qual parece não poder sair, pois corre o risco de perder-se ou de não aproveitar seu escasso tempo. Neste percurso, simularemos a trilha de nossos visitantes: do Aeroporto Internacional de Fortaleza ao Blue Tree Hotel, na avenida Beira-Mar (ícone do turismo de luxo em nossa cidade). Por último, visitaremos dois ícones da ação dos processos de "sociabilidades turísticas": a estátua de Iracema e o Passeio Público (marco referencial de nossa história, apagado dos roteiros turísticos convencionais). 210min.

Radamés Rogério é sociólogo, bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Arronches
No início do século XVII, Pero Coelho de Souza adentra no território cearense e deixa na população dolorosas marcas de sua passagem. Em seguida, aqui aportam dois jesuítas, Pe. Francisco Pinto e Pe. Luís Filgueiras, que se dirigem da barra do Jaguaribe à Ibiapaba, na tentativa diplomática de conter o espírito libertário dos índios, que ganharia força até o início do século XVIII, com a Guerra dos Bárbaros. Duas localidades próximas à futura capital se tornariam aldeamentos indígenas: Paupina e Arronches; a primeira se tornaria Messejana, e a segunda, Parangaba. O que restaria, atualmente, desse período tão importante da nossa história? 210min.

Olga Paiva, pesquisadora, professora, chefe da Divisão Técnica da 4ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Cidade-Papel
Neste roteiro, a proposta é seguir o olhar do artista e pensar os lugares do bem viver, as formas de ocupação de ruas e praças, as maneiras de se relacionar com a cidade atendendo às necessidades do corpo e da alma. Será a arte o elo perdido que liga o homem da cidade à felicidade de morar nela? Descobriremos a partir das conversas e das sensações experimentadas numa intervenção ao final deste percurso. 210min.

Júlio Silveira, artista plástico.

Pelos Aromas do Café
Desde os tempos dos pastores na Arábia até o nossos dias, as pessoas têm recorrido aos sabores do café para reavivar o espírito e corpo. Nesta tarde de sábado, iremos, como personagens de desenho animado, seguindo os aromas de café torrado, de café expresso ou coado, para descobrir as várias maneiras como o grão e a bebida são preparados. A idéia é visitar os lugares onde o café ocupa o centro da cena, com saberes e técnicas a serviço dos prazeres e trabalhos que se dão junto a uma simples xícara. 210min.

Vladimir Onofre, formado em engenharia de alimentos pela UFC. Além do trabalho com consultoria e treinamento em serviços de alimentação, trabalha com produção cultural.

Itinerário Boêmio
Neste último Percurso do ano, remontaremos alguns dos muitos caminhos percorridos pelas pessoas que levam a vida sem complicações, carregadas de muita alegria e paz: os boêmios. São aqueles que permanecem na vigília enquanto todos dormem. Quando chegam ao boteco, eles se sentem em casa, falam alto, gritam, esticam a perna na cadeira vazia. Ao mesmo tempo, fazem dali um lugar de conhecimento e diversão. Visitaremos os bares como espaço de firmação de relacionamentos, amizades, desafetos, amores, tragédias. Lançaremos vistas sobre a (i)lógica do funcionamento desses espaços essencialmente coletivos, expondo causos, lendas, histórias que correm sobre – e até mesmo sob – suas mesas. Que grandes feitos nasceram nas mesas de botequins? Movimentos literários, belas canções, parcerias consagradas, planos de grandes revoluções, de assalto a banco?

E para encerrar 2008 com uma genuína confraternização boêmia, suspenderemos os copos para celebrar: "Paz na terra aos homens de botequim". 210min.

Fábio Marques, boêmio e comunicólogo, autor da monografia “O Ciço e o Bar: um estudo sobre botequins e seus habitantes”, e Tiago Coutinho, jornalista, também boêmio, mora literalmente dentro de um bar há 24 anos.

2007
(janeiro – dezembro)

Miragens
Nesta manhã de sábado, integrantes da Associação de moradores da Graviola serão convidados para ver a cidade de Fortaleza do alto, em locais onde a vista da cidade é privilegiada. Um momento de descanso e reflexão, vendo e conversando sobre o tempo e a cidade a partir dos horizontes possíveis de nossa capital. 240min.

Mediação de Saberes.

A Cultura dos Clubes
Desde suas origens, com as agremiações burguesas da segunda metade do Século XIX , a formação de clubes conferiu à nossa sociedade o status de modernidade, de poder econômico e organização social, ao mesmo tempo em que projetava Fortaleza como centro urbano. Se isso serviu por um lado como elemento de segregação social, por outro foi importante espaço de sociabilidade, num modelo de associação que alcançaria quase todas as camadas sociais. Este PerCurso, ao se apoiar em 150 anos de História, nos dará muitos elementos para compreender a cultura de Fortaleza. 210min.

Francisco Benedito (guia de turismo cultural, cientista social, escritor e pesquisador sobre a história da cidade).

Sentido Sertão-Praia
Neste mês de férias, os Percursos Urbanos conhecerão as opções de diversão e cultura para os moradores de Fortaleza que moram um pouco afastados da nossa orla marítima. Partindo do “sertão” até esbarrar no mar, os participantes desta manhã de sábado refletirão sobre as diferenças e as alternativas da programação de férias da cidade de Fortaleza, sentido sertão-praia. 240min.

Mediação de Saberes.

A Cena do Rock em Fortaleza
Num mês em que o CCBNB dedica atenção especial ao rock, teremos uma tarde para compreender melhor a produção roqueira local. Traçando um esboço para uma história do rock na cidade, descobriremos um pouco mais sobre esse gênero musical que comemora mais de meio século de existência e começa a revelar artistas cearenses ao Brasil, a partir de grande profusão de novos talentos. Através da análise de sua história e seus valores, buscaremos trilhar os caminhos que levaram as bandas de rock da cidade aos estúdios profissionais e a excursões por outros países. 210min.

Robério Sacramento (Pedagogo e músico. Vocalista da banda Dago Red, atuante na cena de rock de Fortaleza desde o início da década de 1990 e integrante do I Festival BNB do Rock-Cordel).

No Gargarejo
Os convidados dos Percursos Urbanos irão ocupar a primeira fila do teatro, o gargarejo — como dizem. Jornalistas juvenis terão a oportunidade de conhecer o Teatro por dentro e por fora, conversando com um ator e com um teatrólogo sobre as artes e as artimanhas do teatro. A conversa antecipará o clima do Festival de Teatro de Fortaleza que acontecerá na semana seguinte. 240min.

Mediação de Saberes.

Nas Areias da Praia do Futuro
Cidade marítima, Fortaleza já elegeu o banho de mar e a cerveja com caranguejo nas barracas de praia como hábito. E de todas, a Praia do Futuro é a mais escolhida. Neste sábado, procuraremos refletir sobre as práticas de lazer, os equipamentos urbanos e os serviços oferecidos em toda extensão desta parte da orla. Indo além da beira do mar, procuraremos compreender o processo de ocupação do bairro, o uso diversificado do espaço que incorpora também as funções residenciais e comerciais. 210min.

Ângela Maria Falcão (Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Ceará -UFC).

Hora do Recreio
Um sábado para rememorar as brincadeiras antigas e para reviver os tempos de criança, num parque e no palco de um teatro de Fortaleza. Explorar os espaços urbanos que ainda permitem o tempo da brincadeira, da contação de histórias e do convívio, e explorar também o palco de um teatro de Fortaleza, esta é a proposta da hora do recreio dos Percursos Urbanos. 240min.

Mediação de Saberes.

O Cenário das Histórias em Quadrinhos de Fortaleza
Uma oportunidade para conhecer os principais autores deste gênero, que publicação foram e estão sendo lançadas, onde encontrar este material na cidade, conhecer locais particulares que escondem grandes coleções de revistas e adentrar estúdios de produção de desenhistas. Esta edição contará ainda com um lançamento de uma publicação reunindo trabalhos e depoimentos de diversos autores cearenses. 210min.

Weaver Lima (um dos mais atuantes artistas a produzir, discutir e promover as HQs no Estado do Ceará).

Boca de Cena
Máscaras, cenas e palcos, os participantes desta manhã de sábado dos Percursos Urbanos serão convidados para abrir as cortinas de um teatro de Fortaleza, conhecendo seus bastidores, truques e luzes. Um momento para conversar com os profissionais do teatro e com aquelas pessoas que se dedicam a cuidar das casas de espetáculos da nossa cidade. 240min.

Mediação de Saberes.

Arquitetura para Chegar e Partir
"Tem gente que chega pra ficar / Tem gente que vai pra nunca mais / Tem gente que vem e quer voltar / Tem gente que vai e quer ficar / Tem gente que veio só olhar / Tem gente a sorrir e a chorar / E assim chegar e partir de partida, aventura, e também de alívio da chegada". Esta canção servirá de trilha sonora em um passeio pela história e pelas formas da rodoviária e do aeroporto de Fortaleza. Neste percurso seremos recebidos e acompanhados pelos criadores desses importantes marcos da cidade. 210min.

Luiz Muniz Deusdará, arquiteto e urbanista, autor do projeto do Aeroporto Pinto Martins e Marrocos Aragão, arquiteto, urbanista, paisagista e ambientalista, autor do projeto da Rodoviária Engenheiro João Tomé.

Na Beira da Lagoa
Os Percursos Urbanos, neste sábado, deixarão pegadas na beira das lagoas de Fortaleza, num roteiro que tem como sentido a água e o seu repouso no espaço urbano. Fontes de vida, trabalho e lazer, as lagoas nos permitirão discutir o equilíbrio ambiental e a preservação dos recursos naturais da nossa cidade, além de representar um instante de reflexão e ócio em meio ao asfalto e à pressa. 240min.

Mediação de Saberes.

Ó, Abre alas...
O carnaval cearense desde os seus primórdios tem uma bonita história para ser contada. Desde os primeiros cordões, passando pela saudosa Escola de Samba Luiz Assumpção, o mais antigo Maracatu Áz de Ouro, até o mais recente Nação Fortaleza e os atuais blocos pré-carnavalescos, a trajetória momina alencarina, inclusive com sucessos musicais nacionais gravados por grupos vocais/instrumentais do Ceará serão revividos nesta edição dos Percursos Urbanos. 210min.

Nelson Augusto, jornalista da Rádio Universitária FM e Editor de Conteúdo do site musical www.nelsons.com.br.

Passagens
Quem anda de ônibus em Fortaleza eventualmente passa pelos terminais de integração de ônibus da cidade. Por eles, diariamente, passam e esperam uma média de 850 mil pessoas, imersas em uma lógica apressada e efêmera. A proposta deste dia é utilizar os terminais para pensar a cidade com suas contradições. Pelo viés da lógica

classista dos bairros e do cotidiano de trabalhadores, estaremos atentos a narrativas culturais, políticas e existenciais que tecem esse imenso texto urbano. 210min.

Grupo Trema, grupo de produção em comunicação.

No Centro do Som
Ruídos, distorções e improvisos, como um concerto sem fim, a cidade vai projetando um som desencontrado nas praças, ruas e avenidas. Jovens participantes dos projetos da Associação de Cegos do Estado do Ceará - ACEC. explorarão, neste Percurso, os sons do centro da cidade, procurando sentir e estabelecer conexões entre os sons/ruídos e as mudanças urbanas. 240min.

Mediação de Saberes.

Dionísios na Avenida
Os Percursos Urbanos ainda no ritmo dos tamborins de carnaval. Saindo em bloco pelas ruas do centro da cidade, os participantes investigarão esse espaço carnavalesco e dionisíaco por excelência, conhecendo e reconhecendo os lugares que proporcionam o ano inteiro um festim cotidiano: o happy-hour com churrasquinho e farinha, o encontro das pessoas, o barulho das praças, os centros culturais, os teatros, as figuras etc. 240min.

Mediação de Saberes.

A Poesia Viva de Maranguape
Esta cidade serrana nos oferece, além de uma agradável paisagem, uma intensa produção literária, que passeia entre o erudito e o popular, tendo em comum o lirismo do cantar das gentes e das coisas da vida. Na nossa visita, vamos bater um papo com alguns dos artistas do verso, poetas e trovadores de todos os estilos e inspirações, tendo como cenário o patrimônio histórico da cidade, as praças e os casarões seculares e as árvores centenárias. 210min.

Urik Paiva, escritor e estudante do Curso de Letras da UECE.

Teatralidades Circenses
Uma tarde dedicada a um irrequieto Dionísio, o deus do Teatro, que não tem lugar fixo para acontecer, que ora está agindo como artista na rua, na praça ou em um lugar que não se fixa (a lona móvel) e que, mesmo quando ocupa um lugar estável, faz com que tudo fique mutante e mutável a cada encontro com o público. Uma investigação sobre o espírito do Teatro no meio da nossa população urbana. 210min.

Izabel Gurgel, produtora cultural autônoma, bacharel em Comunicação Social, mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Teatro a Céu Aberto
Durante este percurso, tendo Fortaleza como cenário, será feita a leitura dramática de textos onde se discute a cidade no testemunho de alguns atores. Como eles se vêem dentro desse espaço público, urbano e caótico, onde todos nós, atores sociais, atuamos. A partir da peça “Multiplicidade”, já encenada no Teatro Universitário, de criação dos próprios atores, terá destaque o testemunho do ator como veículo de sua própria arte e sua vivência, interferências, relações com a cidade. 210min.
Eugênia Siebra, atriz e artista visual.

Caminho para Santo Antônio do Pitaguary
Uma tarde que começa em Messejana e se estende até Pacatuba – um caminho de beleza verdejante, que encobre o sofrimento do Povo Pitaguary em terra de trilhas e lugares sagrados. Oportunidade de se remeter ao século XVII, data da origem do Aldeamento, quando os missionários Jesuítas tentavam submeter os índios à fé católica. Ouviremos histórias que revelam um tempo de liberdade e de cativeiro: a mangueira sagrada, o buraco de Santo Antônio, o Açude, a oca do Cacique, o Sítio São Bento, a Aldeia Nova serão alguns dos pontos de atenção. 210 min.

Maria Amélia Leite – professora, pesquisadora e secretária geral da Organização Missão Tremembé.

Ao som do cavaquinho

No Ceará, muitos músicos e compositores carregam na alma e nos dedos os acordes maravilhosos desse estilo de tocar genuinamente brasileiro, o chorinho. Neste percurso, os convidados vão conhecer um pouco da musica que teve em Joaquim Antônio da Silva Callado, Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth os seus precursores. Um percurso para aprender, ouvir e cantar. 210 min.

Dos contos aos recantos
Neste percurso, conheceremos recantos de Fortaleza que serviram de ambientação para alguns contos de Moreira Campos, um dos maiores escritores do Brasil, com obras traduzidas para o alemão, francês, hebraico, italiano e inglês. Nossa visita terá momentos de leitura dos textos desse ficcionista cearense, além de instantes de contemplação de vários ambientes de nossa cidade. 210 min.

Tércia Montenegro – escritora e professora de Literatura.

Pelo mundo das artes visuais
Pensando em aproximar do universo da arte estudantes universitários e usuários de associações e projetos sociais, será realizada uma série de percursos em que esses convidados terão acesso às galerias e bastidores do Centro Cultural do BNB, do Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e do ateliê do artista José Tarciso. Além de apreciar trabalhos de arte, a idéia é investigar o que fazem, como trabalham essas instituições dedicadas à difusão das artes visuais. Uma oportunidade para aprender que um sistema da arte se compõe também de bibliotecas, salas de exposições, oficinas, acervos, catálogos, convites, vernissages, palestras... enfim, de muitas portas de acesso ao mundos criados pelos artistas. 240min.

São dois pra lá, dois pra cá
As danças sociais, ou danças de salão, têm sido usadas ao longo da vida para promover felicidade e relacionamentos no mundo inteiro. Cada povo tem seus gêneros próprios e alguns destes atravessam fronteiras e se alojam na alma popular. Assim – nós brasileiros, nordestinos, cearenses – amamos além do forró tantos outros estilos dançantes. Neste percurso compreenderemos melhor como e onde os praticantes de danças como tango, forró, rumba, bolero se encontram e se divertem em Fortaleza. Poderemos, inclusive, identificar passos e ensaiar alguns. A idéia é contextualizar este habitat cultural que cria – através da dança, da elegância e do respeito – uma mediação com a cidade e das pessoas consigo mesmas. 210 min.
Lourdes Macena (professora de Danças Sociais do IV semestre do Curso de Artes
Cênicas, de Cultura Popular e diretora do Grupo Mira Ira do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará – CEFET/CE).

Da rua ao silêncio do ateliê. E vice-versa
Em comemoração ao Dia do Artista Plástico, que acontece na quarta-feira anterior, iremos explorar o mundo poético de um artista conhecido por suas esculturas geométricas em grandes dimensões, dispostas nos espaços públicos, já incorporadas definitivamente à paisagem da cidade. Além de rever algumas de suas peças de arte urbana, teremos oportunidade – em meio a máquinas de soldar, torno, prensa do seu ateliê – de compreender seu processo criativo, desde o momento inicial da intuição até o fim da construção do objeto. 210min.

Sérvulo Esmeraldo (escultor e gravurista internacionalmente reconhecido).

Pilhéria e Vanguarda: o início do Modernismo em Fortaleza
Um trajeto do primeiro tempo modernista na cidade de Fortaleza, começando com as idéias e as músicas inovadoras de Alberto Nepomuceno no começo do século XX (antecipando muito do que Villa-Lobos faria), passando pelos suplementos literários Cipó de Fogo e Maracajá do jornal O POVO, com os primeiros poetas modernistas, chegando até à arquitetura de casas e prédios e, por fim, à pintura abstrata de Antonio Bandeira. 210min.

Rodrigo Marques (mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, professor do departamento de Literatura da UFC, autor do livro Fazendinha).

Desenho no Jardim Botânico
Um percurso para quem gosta de desenho e de contemplar a natureza. A idéia é despertar o interesse pelo desenho de observação, voltado para o registro de paisagens, com uma abordagem rápida e direta das técnicas e materiais para a realização de um desenho artístico. E depois todo mundo – desenhistas de última hora, inclusive – com lápis, carvão e prancheta à mão, deixando o tempo passar quieto, de olho em partes de uma cidade freqüentemente invisível. 240min.

Mário Fernandes (desenhista e estudante do Curso de Artes Plásticas do CEFET-CE).

Fortaleza: Urbanização, Cultura e Violência nos Séculos XIX e XX
A proposta desta edição dos Percursos é discutir elementos da construção do espaço urbano em Fortaleza nos séculos XIX e XX. Penetraremos no universo social de formação da cidade, atentando para as práticas sociais produzidas pelo poder público e elites citadinas, no intuito de disciplinar e ordenar a capital cearense. Este caminho nos ajudará a abordar as formas de sociabilidade, o cotidiano e os espaços de lazer e diversão, bem como a problematizar os conflitos existentes entre ações de violência das camadas populares e o ideário de urbanização. Enfim, uma ocasião para refletir sobre os valores culturais gestados naquele período. 210min.

Mardônio e Silva Guedes, historiador, doutorando em Educação Brasileira pela FACED – UFC.

Terreiros e Roças
Este percurso começa mais cedo, pois há muito o que se conversar e conhecer: as manifestações religiosas negras na Grande Fortaleza, indo dos cultos católicos da Igreja do Rosário dos Pretos, no centro, aos tambores dos terreiros de umbanda, nos subúrbios, chegando até as roças de candomblé Ketu, no entorno da capital. Um roteiro pela resistência de afro-descendentes que cantam, dançam enquanto rezam e que se recriam cotidianamente como um povo vivo e atuante apesar das tentativas de invisibilidade. 270min.

Mediador: Cleudo Pinheiro de Andrade Junior (Olutoji), babalorixá e babaegbe de candomblé, pesquisador e escritor presidente do IAAGBA.

Entre a Memória e a Ficção, Rachel de Queiroz
O romance Caminho de Pedras (1937) e As Três Marias (1939) trazem Fortaleza como palco de seus enredos. O primeiro resgata o momento das lutas políticas dos anos 1930, onde as personagens fazem parte de um grupo de comunistas cheios de ideais que, ao longo da narrativa, se desfazem. No segundo, em tom de memórias, a ficção se confunde com a vida da autora no Colégio da Imaculada Conceição. São livros com fortes traços autobiográficos, como a descoberta do mundo após o internato e a desilusão da escritora com o Partido Comunista. Tendo como base essas duas obras, os participantes do percurso serão guiados pelo centro da cidade — Praça do Ferreira, Passeio Público, Praça dos Leões e Colégio da Imaculada Conceição — sob o prisma lítero-memorialista de Rachel de Queiroz. 210min.

Carmélia Maria Aragão, mestranda em Literatura Brasileira pela UFC, com produção publicada e premiada nas categorias contos e crônicas. Cherlanyo Barros, estudante de Comunicação Social (Jornalismo) na Faculdade 7 de Setembro e autor do livro de contos Dulcinéia em Hollywood (2006).

Pelas Trilhas de Sapiranga
As Reservas Ecológicas Particulares (REP) são consideradas como "unidades de conservação de uso sustentável, com normas específicas, que visam compatibilizar a preservação dos recursos ambientais com as atividades humanas, tentando manter as condições naturais para a sustentabilidade do ciclo biológico de espécies da fauna e flora nativas onde estão inseridas". Em plena área urbana de Fortaleza, existe uma REP aberta a visitações por sua mantenedora, a Fundação Maria Nilva Alves. A idéia deste sábado é fugir do ritmo urbano, percorrendo trilhas e se abrindo para o convívio com a natureza. 270min.

Cacá Ferreira, pedagogo, professor de jardinagem em projetos sociais, morador da região da Sapiranga.

A Mente Quieta, a Espinha Ereta e o Coração Tranqüilo
Elementos das culturas indianas podem nos ajudar a conviver com a nossa cidade? Certamente. Nesta tarde de sábado, espaços públicos calmos e silenciosos serão usados para prática de yoga, este milenar saber de integração de várias facetas da personalidade, da mente, do corpo e do espírito. Os participantes terão oportunidade de praticar exercícios físicos de alongamentos, técnicas de meditação e de controle da agitação mental. Dentro do ônibus, na rua, em todos os lugares, poderemos ver que é possível manter a calma, a atenção mental e a paz interior. 210min.

Juliana Luna, professora de Yoga, passou recentemente três anos na Índia, realizando intensas vivências em meditação.

A Cidade e o Mar
A modernidade poria o ponto final na visão aterrorizante do mar, na metáfora religiosa do oceano como inferno. A partir do século XIX, os europeus mergulham em suas águas de forma medicalizada, como quem vai para as estações de água. Essa mudança de mentalidades teria efeitos em todo o mundo. A relação do ocidente com o mar seria cada vez mais recreativa e amistosa, terminando por se difundirem os banhos por pura diversão e os esportes marítimos. O turismo e o veraneio aproximaram ainda mais a sociedade e o mar, destacando o litoral como espaço prioritário para lazer e moradia nas grandes aglomerações urbanas. Nesta tarde iremos à Prainha, procurando entender as relações entre urbanização e maritimidade moderna. 270min.

Alexandre Queiroz, mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará, professor substituto do Departamento de Geografia da UFC.

Imagens da Cidade
Nesta edição dos Percursos Urbanos, vamos procurar novos olhares sobre a cidade através da lente dos realizadores audiovisuais. Exibiremos três vídeos de curta-metragem realizados em Fortaleza e visitaremos os locais onde foram produzidos. Nesses espaços, conversaremos com algumas pessoas que fizeram parte da realização dos filmes, buscando elementos para entender a cidade subjetiva que se esconde sob cada olhar. São rotas que se entrecruzam e se ramificam, projetando uma cartografia afetiva das imagens e sons da cidade. 210min.

Henrique Dídimo, escritor, professor e realizador audiovisual.

Portais da Cidade Digital
As Lan Houses de Fortaleza estão presentes em todos os bairros como pontos de encontro entre a cidade real e a cidade virtual. Locais para se exercer a cidadania digital, divertir-se coletivamente sozinho ou em rede, manter conexões diversas, usufruir a criação autoral ou compartilhar idéias e visões, através dos fluxos que ligam formas de ser e sentir entre pessoas próximas ou distantes. Nesta tarde de sábado iremos conhecer mais um pouco desta realidade e dos conceitos que lhe rodeiam, como homem pós-orgânico, ciborgues, arte virtual, entre outros. 210min.

Paulo Amoreira, fotógrafo e coordenador da Linguagem de Mídias Digitais da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo (Funcet).

Personalidades Vegetais
Memória se faz muito pelo afeto e, a comprovar, temos a História de Fortaleza permeada de árvores que tomaram conta do coração de seus moradores. Neste sábado, deixaremos para trás os tempos das areias, dos portugueses procurando o pau-violeta (Dalbergia cearensis) em nosso litoral. Iremos arruando, acompanhando, aqui e acolá, verdadeiras personalidades vegetais, protagonistas da convivência urbana, como o Cajueiro do Fagundes, o Oitizeiro do Rosário, o Cajueiro da Mentira, o Baobá do Passeio Público, entre tantas. Boa deixa para pensarmos nos rumos da nossa cidade arbórea. Ao final, refletiremos e repensaremos, sob a copa de árvores, propostas para o nosso patrimônio histórico arborícola. 210min.

Raymundo Netto, escritor, autor de Um Conto no Passado: cadeiras na calçada, pesquisador e ambientalista responsável pelo Centro de Educação Ambiental do Parque Zoológico ECOPOINT.

À Flor da Pele
A história da tatuagem vai bem além dos dias em que o Capitão James Cook descreveu em seus diários a "tattoo" da Polinésia e seus marinheiros ajudaram a difundir aquele estilo de gravação na pele. Neste percurso passaremos rapidamente por muitas culturas, cruzaremos os dias em que era considerada "coisa do demônio", até chegar às nossas ruas sob a forma de arte e ofício, a dermopigmentação. Misturados ao som dos zumbidos das máquinas de tatuar, uma tarde para observar pigmentos da memória e da estética. 210min.

Juan Heros, tatuador, presidente da Associação de Tatuadores e Body Piercing do Ceará.

Rosa dos Ventos
No corpo de cada fortalezense, nas venezianas onipresentes, em inspiradas composições, ainda a memória dos ventos e das brisas, da temperatura amena na boca da noite. Em tempos de arranha-céus e aquecimento global, um percurso para seguir a sombra do vento, entendendo suas origens e seus destinos. Velhos amigos dos meses

de "bro" vão ganhar nomes sérios como Ventos Alísios de Sudeste e lugar de nascença, no centro de alta pressão do Atlântico Sul. Um olhar da ciência sobre a Rosa dos Ventos. 210min.

Maria Elisa Zanella, Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará.

Da Loucura de Todos Nós
A idéia deste percurso é abordar as diferentes trajetórias do cuidado sobre a loucura na cidade, do lugar da clausura (manicômios, hospícios, cárceres privados) ao lugar da liberdade (serviços substitutivos como CAPS e residências terapêuticas), passando pela transformação da representação social e a ressignificação da loucura. Oportunidade para entrar em contato com o mundo daqueles que, por serem portadores de algum tipo de sofrimento mental, lhes foi negado o convívio com a sociedade. Oportunidade de compreender novas formas de cuidado, onde o acolhimento, a escuta, o respeito e a tolerância são praticas cotidianas. 210min.

Sylvia Sousa e Fabíola Pessoa, assistentes sociais e participantes do Fórum Cearense da Luta Antimanicomial.

Pelas Linhas de Oliveira Paiva
No romance A Afilhada se lê: "A Fortaleza não tinha aristocracia, nem classes (...), a florescente cidade poderia comparar-se a um organismo em formação, a uma semente fermentando, onde só o olho do sábio divisa o que há de ser caule, folha, raiz". Na trilha da pena de Oliveira Paiva, percorreremos a Fortaleza escrita no final Século XIX. Trata-se da cidade em formação. Os intelectuais anseiam pelo progresso, mas a população se assusta com o apito do trem e com a iluminação pública. Fortaleza entre o ser e o querer ser. A cidade quer ser Paris, mas a população, boa parte iletrada, põe o projeto ao avesso. A Fortaleza de Oliveira Paiva é uma disputa cultural de poder entre elites e camadas populares. Alguma semelhança com a Fortaleza do Século XXI? 210min.

Tiago Coutinho, mestrando em Sociologia com pesquisa sobre o romance A Afilhada, de Oliveira Paiva.
Participantes: interessados em geral, mediante inscrição prévia.

Dos mercadores aos mercados
No século XXI, a vocação mercantilista cearense continua a se expandir e os mercados permanecem como marcos referenciais no espaço urbano, já como espaços de lazer, mas sempre fiéis à sua vocação de símbolos da vocação mercantilista cearense. No século anterior, Fortaleza se urbanizava movida pela justa preocupação das elites em aformoseá-la. Movimentava-se em feitio maior com novos equipamentos urbanos. A proposta deste percurso é observar a história de Fortaleza através da história dos mercados de Fortaleza. 210min.

Olga Paiva, pesquisadora, professora, chefe da divisão técnica da 4ª Superintendência Regional do IPHAM.

Jardins de Burle Marx em Fortaleza
Nesta tarde de sábado buscaremos refinar nossa apreensão de alguns espaços verdes em Fortaleza através do olhar de um dos maiores paisagistas nacionais, internacionalmente reconhecido, Roberto Burle Marx, que executou importantes jardins de nossa cidade. Sua luta em favor da paisagem e do ambiente brasileiros produziram algumas das mais significativas intervenções em nossas paisagens e sua compreensão da natureza e de seu funcionamento serviram de base à sua atuação destacada. 210min.

Fernanda Rocha, arquiteta e urbanista, professora dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Turismo da Universidade de Fortaleza (Unifor) e coordenadora do Laboratório da Paisagem da Unifor.

Três casas, uma novidade
Casa Brasil é um projeto de formação e capacitação em tecnologia aliada à cultura, arte, entretenimento e participação popular. Seu objetivo é reduzir as desigualdades sociais em regiões de baixo Índice de Desenvolvimento Humano, levando para esses lugares um espaço que desencadeia um forte apoio à produção cultural local. A proposta para este sábado é conhecer as três casas que estão sendo implementadas pelo Governo Federal em Fortaleza, enfatizando seus serviços e perspectivas. 210min.

Paulo Amoreira, artista multimeios, professor da escola de audiovisual de Fortaleza, designer gráfico e ilustrador, pesquisador em linguagens experimentais, coordenador de fotografia e coordenador de mídias digitais da FUNCET.

Pelos caminhos de ferro
A ferrovia corta a cidade de Fortaleza e ao longo de sua malha guarda marcas díspares que evocam um passado muitas vezes camuflado pela multiplicidade de elementos da paisagem urbana. Experimentar uma aproximação

com a ferrovia é também dialogar com as memórias dos moradores da cidade. A partir disso, podemos pensar a linha dos trilhos como um caminho que possibilita encontros e reencontros com esta metrópole que se reinventa no convívio com as sempre "novas" tecnologias. 210min.

Daniela Medina, professora de História e mestre em História Social (UFC).

Cidade Revista
Feita de grandes reportagens, a revista Farol, produzida pela Prefeitura de Fortaleza, centra foco nas histórias de vida de uma parcela da população notadamente esquecida ou estereotipada pela grande mídia. Interessam suas narrativas, saberes, valores, modos de habitar, festejar, transcender e conviver coletivamente. Por isso, a ênfase na oralidade própria das ruas, na memória e na subjetividade que perpassam as narrativas. Com periodicidade trimestral e tiragem de 25 mil exemplares, a revista conta em suas páginas histórias maravilhosas, algumas delas compondo o tema deste percurso. 210min.

Ethel de Paula – jornalista, coordenadora de Comunicação Social da FUNCET e editora da revista Farol.

Jogo Cantado
"Te dou duas bolas no pano, se você me der a saída", diz o malandro. O outro responde: "Vamos jogar no sinucão!? É melhor. Tu me dá um partido de 30 pontos na 3 e a gente joga umas cinco séries de cinco a cinqüenta conto (sic) cada. Vamos?!". O linguajar é típico dos freqüentadores da sinuca. Seja em um bar de elite ou num boteco de periferia, a sinuca está sempre presente no cotidiano brasileiro. Para alguns, o jogo é apenas lazer, para outros, profissão. Do pó de madeira das fábricas da mesa ao universo ficcional do cinema brasileiro, um passeio pelo imaginário da sinuca em Fortaleza. 210min.
Cleber Parente (Pebinha), jogador e fabricante de sinuca em Fortaleza, campeão cearense e do Norte/Nordeste de sinuca.

De verde nos quintais
A cidade se verticaliza e nessa mudança os quintais desaparecem. Somem, com eles, um mundo de possibilidades – os pés de fruta (e meninos chupando a fruta tirada do galho); galinhas no terreiro; varais de roupa; o palco de invenção da infância, o tablado da imaginação. Que tal, então, um passeio por alguns quintais da cidade? Entre outros encantamentos, para esta tarde de sábado, um passeio ao quintal-jardim dos artistas plásticos Estrigas e Nice, na Maraponga. 210min.

Eleuda de Carvalho, jornalista, mestra em Letras (UFC), pesquisadora da cultura popular.

História e Ensino em Fortaleza
Como se deu a construção histórica do saber e do aprendizado em Fortaleza no final do século XIX e começo do século XX? Para esta tarde de sábado, a proposta é pensar as relações existentes entre ensino, história e memória tomando por base as ações e discursos elaborados pelas instituições escolares em formação naquele período. Práticas educativas, políticas educacionais, cotidiano institucional escolar serão alguns dos temas recorrentes desta edição dos Percursos Urbanos. 210min.

Mardônio e Silva Guedes, historiador, doutorando em Educação Brasileira pela FACED – UFC.

No lugar da arte
Uma questão fundamental para a produção artística contemporânea é a sua relação com os espaços de exibição. Há algum tempo, a produção de arte problematiza o "cubo branco", considerando-o um espaço ideológico, projetado para dar visibilidade a obras de arte pretensiosamente autônomas. Por outro lado, existe a necessidade de espaços adequados à exibição da produção artística interessada em participar da vida cotidiana. A partir da visita às principais galerias institucionais de Fortaleza, pensaremos como pode se caracterizar um lugar específico para dar visibilidade à produção artística atual. 210min.

Enrico Rocha, mestre em Linguagens Visuais, professor da Faculdade Católica do Ceará.

Tudo o que Você Queria Saber Sobre Lixo e Nunca Perguntou
Quantos quilos de chiclete são retirados das calçadas da Av. Beira-mar todas as semanas? Onde vai parar tudo o que a população de Fortaleza descarta como imprestável? Será possível repensar nossas relações de consumo a partir do conhecimento sobre o destino dos diferentes tipos de lixo? O PerCurso desta tarde de sábado se propõe a discutir de questões curiosas às muito sérias. No roteiro, espaços públicos, centro de reciclagem e aterro

sanitário. E muita conversa com aqueles que cuidam da nossa limpeza. 210min.

Eribaldo Medeiros, supervisor da ECOFOR

Histórias que o Cinema não Contou
Do lado de lá, amores hollywoodianos, histórias de cowboys, galãs italianos, musas francesas. Do lado de cá, casais que construíam seus próprios romances no escurinho da sala de projeção; crianças que se empolgavam com mocinhos e bandidos nas matinês e gente que, seduzida pelo universo da imagem em movimento, criava cines mágicos improvisados em garagens, levava molduras dos cartazes para os cinemas em troca de entradas, tinha nos bastidores dos cines de Fortaleza os principais cenários da própria vida. Um olhar para a nossa história e sonhos a partir das vivências de um homem da sala de projeção é a proposta desta tarde de sábado.

Seu Vavá, ex-projetor de cinema em Fortaleza

Castelos de Areia - A Erosão Litorânea em Fortaleza
No atual contexto de erosão das praias e elevação dos níveis marinhos, Fortaleza apresenta-se como um preocupante exemplo: diversas formas de intervenções humanas vêm modificando os processos e o equilíbrio natural do litoral. Nesse PerCurso que vai da Praia do Caça e Pesca até a Praia da Barra do Ceará, vamos explorar a costa da cidade, além de discutir a relação problemática entre a natureza e setores da sociedade, bem como suas conseqüências para Fortaleza, seu bioma (mangues) e o modo de vida de seus habitantes.

Marcelo Martins de Moura Fé, geógrafo, mestrando em Geografia (UFC) e_pesquisador em Evolução Geomorfológica do Sítio Natural de Fortaleza; Mônica Virna de Aguiar Pinheiro, geógrafa, mestranda em Geografia (UFC) e pesquisadora em Evolução Geohistórica das Dunas Costeiras de Fortaleza.

No Passo-Compasso do Hip Hop
A cultura hip hop é formada pelo rap, o grafite e o break com sua dança. Muitos incluem o basquete. O percurso deste sábado pretende observar como, no contexto do hip hop, a dança de rua (também conhecida por street dance) trabalha a expressão das classes oprimidas. Vamos observar como jovens de diversas áreas e classes acrescentaram o jeitinho brasileiro e aderiram a um movimento transformador da realidade, um movimento de grande impacto estético e social. 210min.

Waltembergy Sousa (B´boy StarTaurus), Coordenador de Comunicação do MH2O do Ceará e Representante do Fórum Cearense de Hip Hop (FCH2).

Um percurso colonial
Lendas de cobras com olhos de fogo saindo da Lagoa Encantada e de tesouros escondidos no tempo dos jesuítas. Um velho engenho e a casa do capitão-mor. Casarios antigos ostentando o estilo dos colonizadores d'Além-mar. Um ar setecentista promete inebriar os participantes que neste percurso se aventurarem a desbravar as terras e as histórias da primeira sede administrativa da capitania do Siará-Grande. A história e os atuais desafios de Aquiraz são os motes do roteiro desta tarde de sábado. 210min.

Saulo Vinícios, ex-coordenador de patrimônio da Prefeitura de Aquiraz

Pela janela do bonde
Fortaleza será revisitada a partir de um imaginário bonde elétrico, a correr pelas antigas linhas de Fortaleza. Para cada linha, a descrição de um dos seus usuários mais populares. Os cobradores - com seu sóbrio uniforme de brim cáqui e com quepe da mesma cor e tecido - merecerão um capitulo especial . A proposta também é se debruçar na janela da memória para reencontrar igrejas, escolas, pontos de encontro e diversão, bares famosos, residências, automóveis, tipos humanos que fizeram a história e a paisagem de Fortaleza. 210min.

Zenilo Almada, advogado e memorialista, autor do livro “O bonde e outras recordações”

Do mercado à cozinha, uma aula de culinária
Nesta tarde de sábado, a pedida é levar uma boa sacola para fazer a feira no mercado São Sebastião. Acompanhados por um chefe de cozinha vegetariana, aprenderemos a escolher legumes e frutas, a descobrir novas - e deliciosas - possibilidades de uma cozinha que faz a felicidade bovina. No final da tarde, uma tradicional aula de culinária, com um olho no fogão e outro no cotidiano da cultura indiana. 210min.

Vaikuntha Prasada, proprietário e chefe do restaurante vegetariano Krishna Prasada

2006
(dezembro a janeiro)

Na Rota(ção) dos LPs
Neste Percurso, iremos descobrir as trilhas que levam aos LPs, os discos de vinil, produtos já fora de fabricação, mas com um charme cada vez maior. Quem são os amantes do LP? Onde se encontram? Onde podemos ouvir ou comprar esses discos que já viraram artigos de colecionador? Percorrendo os locais de audição, compra, venda e troca de LPs poderemos abrir o baú das memórias afetivas e musicais e descobrir recantos onde se pode ouvir e relembrar o som que acompanhou gerações dos anos 60 aos 90 do século passado, época em que reinou o LP.

Henrique Dídimo, escritor, pesquisador musical e amante dos LPs.

Espaços e processos criativos
Como nasce uma obra? Como trabalha um artista em seu ateliê? Dando continuidade à proposta de aproximação entre público e artes, realizaremos uma visita, mediada por um curador, aos espaços de produção dos artistas plásticos Cláudia Sampaio, Eduardo Frota e Herbert Rolim. Será uma oportunidade para os participantes vivenciarem, conhecerem e ouvirem dos próprios artistas informações sobre seus processos criativos e seus contextos existenciais e sociais.

Ricardo Resende, diretor do MACCE - Museu de Arte Contemporânea do Ceará.

Como quem vai as compras
A proposta é visitar três centros de comercialização do artesanato em Fortaleza: o Mercado Central, a Emcetur, e a popular feirinha da Beira-Mar. Observaremos a diversidade da produção, suas diferentes linguagens e tendências. Conversando com os mais antigos comerciantes, passearemos pela historicidade de cada um desses centros na busca de compreender a dinâmica interna vivenciada pelos comerciantes. Muito mais que objetos, o que é negociado econômica e simbolicamente é o tema central deste percurso. E se der para fazer uma pechincha, por que não?

Danielle Araújo, Mestre em Antropologia (UFPE), Arte-Educadora, Pesquisadora do Mis (Museu da Imagem e do Som do Ceará).

Paisagem e sociedade
Duas áreas públicas: um parque e uma praça. O Parque Adahil Barreto (Pq. do Cocó antigo) e a Praça Martins Dourado, no bairro do Papicu. Uma mantida pelo poder público, outra mantida pela comunidade. Um universo de questões a nos fazer pensar. Qual a importância daqueles espaços para a nossa vida? Por que devemos lutar pela conquista de espaços como aqueles? Como a comunidade pode se envolver para melhorar a qualidade ambiental? Que tipo de solução precisamos para os nossos problemas urbanos? Qual a importância dos espaços verdes para o controle da poluição ambiental? E a poluição da segregação social? Quais os caminhos para um futuro urbano melhor? Haverá respostas para essas perguntas? Vamos fazer uma viagem às lembranças da nossa infância: as praças onde brincamos, os parques que fizeram parte da nossa história. Ver o que nos é oferecido em termos de espaços livres na nossa cidade e refletir sobre o que podemos fazer para melhorá-los.

Ricardo Figueiredo Bezerra, arquiteto paisagista, professor da Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFC.

Moradas dos mortos: arquitetura fúnebre e funerais em Fortaleza nos séculos XIX e XX
Neste percurso visitaremos os cemitérios São João Batista e Parque da Paz, para promover uma reflexão histórica sobre a relação dos homens e da sociedade fortalezense com a morte. Perceberemos transformações ao longo do tempo evidenciadas na arquitetura de túmulos e mausoléus, bem como nas mudanças dos locais e procedimentos dos ritos fúnebres.

Américo Souza, historiador e doutorando em História Social na UFF

Apostólicos Romanos
Quantos cearenses não fazem o sinal da cruz ao passarem por uma igreja? Neste percurso será possível compreender a origem deste traço cultural e se deter sobre as circunstâncias da presença católica ao longo de

nossa história. Olharemos, por exemplo, para o século XIX, quando chegaram os Padres Jesuítas e as Filhas de Caridade, com o objetivo de evangelizar a população, por intermédio de colégios e seminários. Templos católicos como referenciais no espaço e no cotidiano urbano serão o objeto de investigação nesta tarde de sábado.

Olga Paiva, pesquisadora, professora, chefe da divisão técnica da 4ª Superintendência Regional do IPHAN

Carnaval de rua
Em Fortaleza são os blocos de sujos, são as escolas, blocos e maracatus que fazem todo ano o nosso carnaval, apesar de muitos fortalezenses teimarem em sair da cidade e curtir trio elétrico nas praias. Neste sábado iremos estar com os brincantes, conhecer seu espaço de criar, de fazer as fantasias e sonhar com seus baticuns e conhecer este "corso" que se espalha por bairros diversificados onde se encontram os QGs das agremiações carnavalescas de nossa cidade.

Lourdes Macena, Profa. CEFET/CE, coordenadora da Especialização em Cultura Folclórica Aplicada.

Barra do Ceará
Deixando o ônibus, os participantes utilizarão um barco para conhecer a foz do Rio Ceará e seus mangues, atravessar a barra, caminhar pela praia até Guaié, uma comunidade de pescadores. O facilitador contextualizará a paisagem remontando aos tempos da colonização com suas fortificações, do hidroporto, do clube de regatas, entre outros marcos de uma história que transcende sua importância local. 240min.

Alberto Souza Filho, guia e morador do bairro.

De A a Zine
Neste Percurso, entraremos em contato com a produção dos zines na cidade de Fortaleza e perceberemos a força da mídia alternativa impressa reproduzida em xerox. Será uma oportunidade para conhecer os editores da produção impressa alternativa de nossa cidade, esclarecendo dúvidas e contribuindo na formação e produção desse meio de comunicação, que surgiu no começo do século XX e tem se alastrado em rede pelo mundo desde meados da década de 1970. 240min.

Thaís Aragão, jornalista pela UFC, pesquisadora de mídia alternativa e editora do zine Pub (publicado pelo jornal O Povo, 1997/1998) e produtora da Gerador Cultural; e Vitor Batista, graduando em Arquitetura e Urbanismo pela UFC, e autor de quadrinhos, tendo publicado em revistas e fanzines desde os anos 1990.

Que moda é essa?
Nesse Percurso refletiremos sobre um conceito de moda que envolve elementos regionais, cultura e arte, incorporando a roupa e seus usos a uma história do cotidiano. Fugindo das passarelas iremos buscar material para nossas investigações nas praças, mercados, galerias de arte, quarteirões comerciais e espaços de lazer. A proposta é refletir sobre a função da moda, inclusive como templo de consumo, através da análise dos costumes, valores, cenários, modos de vida e de pensamento da nossa cidade. 240min.

Ruth Aragão, psicóloga (pela UFC), estilista e consultora de moda.

Uma cidade dentro da cidade – Conjunto Ceará
A proposta deste sábado é destacar pontos que marcaram a trajetória deste bairro e que ainda hoje permanecem nos corações de seus moradores. Passaremos pelas quatro etapas, mostrando a configuração espacial, o comércio e os diversos serviços (hospital, escolas, bancos etc.) que são ofertados neste conjunto habitacional. Pretende-se, ainda, fazer uma discussão comparando-o com os demais bairros limítrofes, de forma a compreender melhor as diversas realidades existentes na periferia de Fortaleza. 240min.

Pedro Araújo – produtor cultural e morador do bairro; e Wesley Rocha Barbosa – Licenciado em Geografia (pela UFC), foi monitor de trilhas urbanas no centro de Fortaleza e no Conjunto Ceará. Cursa Mestrado na área de solos e nutrição de plantas.

Lonas da Periferia
Neste percurso, observaremos os pequenos circos na atualidade e sua luta para levar a alegria dos palhaços, os riscos dos saltos mortais, o suspense dos atiradores de faca e a beleza artística para crianças e adultos. Também

viajaremos pela história do circo e seu processo de estabelecimento até os dias de hoje, quando busca se restabelecer no mercado esmagador e competitivo da mídia atual. 240min.

Sâmia Bittencourt, atriz, bailarina e circense

Sobre rodas
Neste sábado nós vamos conhecer dois espaços culturais que preservam as histórias dos jeitos de se locomover em Fortaleza: o Espaço Cultural da Federação dos Transportes/SEST-SENAT, no Centro, que apresenta quatro exposições sobre bondes e ônibus, e o Museu do Automóvel. Um tour de 1909, ano em que Júlio Pinto fez o primeiro passeio com o seu Rambler Sedan, até hoje, quando carros particulares, ônibus, táxis e vans convivem e disputam as ruas da cidade, servirá de pretexto para discutir a dimensão cultural do transporte urbano. 240min.

Patrícia Menezes, historiadora pela USP, especialista em Arquivos, coordenadora do Centro de Documentação da Federação dos Transportes.

Especial – Aniversário de Fortaleza
Enquanto Fortaleza estiver comemorando seus 280 anos, um grupo de iniciantes (e outros nem tanto) na arte da fotografia percorrerá a cidade ganhando intimidade com suas máquinas e registrando festejos, expressões urbanas, pessoas. Os participantes terão a oportunidade de ouvir reflexões e experiências, além de tirar dúvidas práticas, com um reconhecido fotógrafo. Excepcionalmente, este percurso acontecerá numa quinta-feira. 210min.

Gentil Barreira, fotógrafo atuante em publicidade, jornalismo, artes visuais, arquitetura, entre outras áreas.

Uma crônica da televisão no Ceará
No final de 1960 nasceu à primeira emissora cearense, em meio ao alvoroço da população. Desde seus primórdios, a TV trouxe uma revolução cultural que alterou o cotidiano e estruturas sociais da região. Neste percurso, guiados por um dos pioneiros, observaremos a iniciativa dos Diários Associados, a transição das radionovelas para a dramaturgia televisiva; iremos adiante, acompanhando a evolução das tecnologias e do mercado, que estimulou a existência de novas emissoras. Mais do que tudo, sentiremos a dimensão humana, afetiva, de como se constitui a história dos meios de comunicação no Ceará. 210min.

Ary Sherlock – ator, diretor, dramaturgo, cenógrafo atuante em todas as fases da TV cearense.

Entre os trilhos e o rio
A comunidade do Lagamar foi fundada na década de 1950 a partir dos sonhos por uma vida melhor. A antiga área de mangue e pesca foi se modificando com o ritmo da cidade, das ações políticas e urbanísticas. Este percurso terá como fio condutor as memórias fragmentadas de seus habitantes, de mulheres, homens e jovens que tecem no cotidiano a identidade do bairro. 210min.

Lídia Valesca Pimentel, doutora em Sociologia, professora de Sociologia da Fanor e das Faculdades Farias Brito; e Mônica Cordeiro, mestre em Sociologia, professora de Sociologia da FIC e Universidade Christus.

As Quatro Nobres Verdades – O Budismo em Fortaleza
Surgido na Índia, o budismo se difundiu influenciando a cultura em todo o mundo. Neste sábado, ao visitar as escolas atuantes na cidade – o Centro Zen Budista de Fortaleza e o Centro Budista Tibetano Chagdud Mon Lan Ling –, teremos oportunidade de conhecer um pouco de sua história e alguns de seus princípios, como as Quatro Nobres Verdades. Ainda teremos tempo para praticar um pouco de meditação. 240min.

Paulo Parente, psicólogo, fundador e coordenador do Instituto Gaia, que se considera um aprendiz do budismo.

Benfica! Benfica!
A ordem do dia é explorar a vitalidade de um dos bairros mais antigos e queridos pela população de Fortaleza. Conheceremos a evolução espacial, desde que surgiu como área de chácaras até os dias de hoje com suas edificações neoclássicas, instituições de ensino, igrejas, conventos, bares, praças, espaços para os encontros e as contradições. Bons pretextos para pôr em pauta a discussão sobre o que é ser de um lugar e para celebrar a boemia. 240min.

Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Jr., professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará, mestre em geografia pela Universidade Estadula do Ceará (UECE) e doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UECE).

Em outras águas
Crianças e adolescentes terão oportunidade de conhecer a história das lagoas de Porangabuçu, Messejana, Maraponga e Opaia. Descobrirão sua funções dentro de uma realidade ampla que envolve aspectos culturais e biológicos. A proposta é observar no cotidiano a importância das lagoas para a qualidade de vida na cidade de Fortaleza. 240min.

Profissionais da Associação Cearense Cultural de Rock (ACR) e da ONG Mediação de Saberes

Na Rota(ção) dos LPs – Lado B
Deixar descer leve a agulha em outras trilhas, sonoras e afetivas, no encontro com uma época que, embora extensa (dos anos 1950 aos 1990), já ressoa como outro tempo na memória. Nesse trajeto, buscaremos os espaços que revelem a rotação desse tempo: as lojinhas de bairro onde se vendem elepês usados, os barzinhos que só tocam bolachão, os sebos empoeirados entre calçadas e becos do Centro. 240min.

Henrique Dídimo, pesquisador e criador na área de musica e vídeo

Cidade de Alencar
Fortaleza, aos poucos, foi assimilando a obra e o homem José de Alencar. Os participantes percorrerão espaços públicos que, de alguma forma, estão ligados aos romances, às crônicas, ao teatro e à biografia alencarina. Aproveitando as referências urbanas, serão realizadas leituras de trechos das mais conhecidas obras do autor, bem como de obras não tão conhecidas do grande público, reproduzindo assim o hábito de ler coletivamente, hábito tão bem cultivado por Alencar na infância. 240min.

Rodrigo Marques, escritor, pesquisador, mestre em Literatura pela UFC

Maranguape, um refúgio na metrópole
Fugindo da turbulência e do calor de Fortaleza, iremos em direção às serras azuis para passar a tarde deste sábado na tranqüila cidade de Maranguape, conhecendo um pouco da sua história e de suas gente. O acervo arquitetônico que remonta ao século XIX será um dos focos de atenção.

Evanilson Lima, guia cultural, morador e estudioso da história de Maranguape

Nestas Quinas Azuis da Música Popular Cearense
Um roteiro para redescobrir lugares onde a música reverberou como marco da história cultural da cidade. Relembraremos espaços onde nossos músicos se reuniam desde os meados da década de 1960, como a Barraca do Anísio, ambiente que fermentou canções como “Terral” e “Mucuripe”. A Concha Acústica, o Quina Azul e o Estoril também servirão de cenários para contar e cantar a história recente da música popular cearense.

Aparecida Silvino, regente, pianista, preparadora vocal, compositora e intérprete premiada.

Meireles - Porque flanar parece com viver
A idéia é passear como moradores recém-chegados, descortinar o bairro do Meireles para além dos cartões postais: os arrecifes no mar, a paisagem entrecortada pelos prédios tão altos, o futebol pulsando no Campo do América, uma comunidade popular encravada bem no coração da Aldeota, as possibilidades de flanar por lugares como o Palácio da Abolição, o MIS e o calçadão.
Eleuda de Carvalho, jornalista, radialista, mestra em letras (UFC). Nasceu em Jaguaruana (CE), há 46 anos. Mais da metade da vida morou no Benfica. No Meireles, vive há um mês.

Anarriê, alavantu!
Um fim de tarde, um pedaço de noite para participar dos festejos juninos e observar seus componentes lúdicos, religiosos, culinários e estéticos. O passeio servirá de pretexto para analisar as relações entre tradição e contemporaneidade na realização desta festa no século XXI (em particular, as transformações das quadrilhas juninas, que são mais visíveis) e também nos seus elementos simbólicos (bandeiras, fogueira, balões, culinária de

época, simpatias etc). A velha e sempre atual questão da autenticidade da cultura é o pano de fundo, deste percurso em ritmo de festa.

Henrique Pereira Rocha, gestor cultural, pesquisador de cultura popular e vice-presidente da Comissão Cearense de Folclore. É especialista em Gestão de Produtos e Serviços Culturais pela UECE e em Cultura Folclórica Aplicada pelo CEFET/CE.

Piquenique na Lagoa
Em Fortaleza, a gente não tem muito esse costume, mas a proposta para comemorar o mês do aniversário do CCBNB junto com as crianças é estender toalha ou colcha na grama, pôr em comum o lanche, o biscoito, o refrigerante e alguma guloseima... fazer novos amigos... sentir a brisa e o cheiro de mato... passear e brincar entre as árvores da Lagoa da Maraponga... E porque pra criança o muito é pouco, um palhaço muito esperto e um divertidíssimo espetáculo de bonecos completará essa tarde de alegria. 240min.

Ângela Escudeiro, diretora artística e administrativa do grupo Bonecos e Mamulengos, com participação em mais de trinta festivais de Teatro de Bonecos nacionais e internacionais; e Fernando Cattony, ator e fundador da Escola de Circo no Benfica, que tem trabalhado para a humanização de empresas, ONGs, hospitais e é apresentador do programa de televisão Ceará Sim.

Será Arte? Será Cidade?
O mês é também pretexto para comemorar a satisfação do trabalho realizado entre público e artistas visuais. O percurso deste sábado segue neste espírito, de busca das fronteiras entre arte e vida, observando as formas de organização estética e usos da estrutura da cidade. Ao considerar o artista-cidadão como um estrategista das formas, cores e situações que Fortaleza oferece, traçaremos um caminho que busca um tipo de intervenção incisiva, que dialoga com o meio urbano e nos oferece uma percepção intensa das relações entre o morador e sua cidade. 240min.

Jared Domício – artista visual, cientista social, desenvolve pesquisa na área de artes visuais.

Allegro Non Troppo
Neste percurso nos aproximaremos do universo da música erudita feita em Fortaleza. Passearemos pela música de câmera e suas vertentes. Lembraremos as nossas orquestras atuais e as do passado, com suas dificuldades, soluções e desafios para o futuro. Viajaremos pelos grandes nomes da nossa música, desde Alberto Nepomuceno até Liduíno Pitombeira, passando por figuras importantes como Paulo Abel e Jacques Klein. Para não fechar, discutiremos as perspectivas para os jovens músicos cearenses. 240min.

Heriberto Porto – flautista dos grupos Syntagma, Marimbanda, Metalira e Quinteto Alberto Nepomuceno. Professor do curso de música da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

A Alma Nordestina no Ceará
O convite está posto: andar por Fortaleza, a cidade-antena, para encontrar o nordeste-raiz.
Visitar nossa igreja mais antiga, observar as características dos transeuntes na Praça do Ferreira, atentar para a criatividade dos engenhos manuais agora transformados em produtos decorativos nos mercados, provar das iguarias tradicionais, conhecer uma casa de forró pé-de-serra, são alguns dos caminhos que nos levarão a compreender melhor como se construiu a força que permitiu e permite – na sombra histórica dos coronéis e da ausência dos poderes públicos – a convivência com a rudeza do clima, do solo e da carência de recursos hídricos. 240min.

Elmo de Paula Vasconcelos Jr., Prof. Adjunto da UECE, mestre em Geografia pela UECE, doutor em educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Fortaleza na Era do Cinema
Se você pensa que multiplex é cinema de verdade, esqueça! Venha dar uma volta por uma Fortaleza obcecada pelas telas, pelos cinemas suntuosos, pelas roupas especiais, pelo ritual que acompanhava a ida ao cinema e os filmes que se renovavam diariamente. Partiremos das primeiras sessões ao ar livre, até o glamour do Cine Moderno e do Majestic. Fotos, folhetos e muita pesquisa nos aguardam nesta tarde de sábado. 240min.

Christiano Câmara - Pesquisador de Música e Cinema dos Anos 1930, 1940 e 1950

Percursos Cascudos

Para comemorar o Mês do Folclore, os Percursos Urbanos matutinos – eventos pela manhã, voltados para públicos de instituições previamente convidadas – levarão na bagagem a obra de Câmara Cascudo e de admiradores como Horácio Dídimo. Lendas e mitos brasileiros, provérbios e ditos populares, adivinhas e receitas regionais servirão de mote para o convívio com nossas tradições, através de leituras e conversas, da memória e da visita a espaços públicos destinados ao exercício da cultura.

Trajetória do Protestantismo em Fortaleza
Perscrutando a história da religiosidade em nossa cidade, desde as primeiras ações de missionários norte-americanos, no século XIX, até o boom do movimento pentecostal da segunda metade do século XX, esse percurso conduzirá seus participantes a refletir sobre a trajetória do protestantismo em Fortaleza, suas implicações para configuração e a vivência de sua paisagem urbana. 210min.

Américo Souza, doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Uma Tarde em Sabiaguaba
Neste sábado vamos conhecer uma paisagem litorânea repleta de sistemas ambientais em elevado estado de preservação: Parque Natural Municipal das Dunas de Sabiaguaba, onde desembocam os rios Cocó e Pacoti. Vamos presenciar a dinâmica evolutiva de uma paisagem que ameniza o clima da cidade e que detém um importante reservatório de água subterrânea. Um lugar para assistir a conexão das principais energias da natureza - ventos, ondas, marés - transformando-se em lagoas costeiras, praia, manguezal, mata arbórea e dunas, acompanhado de um magnífico pôr-do-sol. 240min.

Jeovah Meireles, professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutor em Geografia Física pela Universidade de Barcelona (Espanha).

Magical Mystery Tour dos Beatles em Fortaleza
Aqui, ali, em todo lugar, a música dos quatro cabeludos de Liverpool há muito vem acompanhando gerações. Nesta viagem misteriosa e mágica, passaremos em revista as histórias dos beatlemaníacos de Fortaleza, desde a época do iê-iê-iê, dos primeiros fã-clubes, passando pelo Programa Freqüência Beatles, da Rádio Universitária, até as festas das bandas covers que agitam as noites da cidade. Muita música, memória e paixão ao som dos acordes de John, Paul, George e Ringo nos esperam nesta tarde. 210min.

Kildare Rios, baixista e vocalista da banda Rubber Soul e beatlemaníaco de carterinha.

Fogueira, Forno, Fogão
Alunos do Curso de Artes Cênicas, do Grupo Miraíra e da pós-graduação em Cultura Folclórica, todos do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), serão convidados para descobrir os sabores, os aromas e os cacarecos da cozinha brasileira, tendo como roteiro básico o livro História da Alimentação no Brasil, de Câmara Cascudo. A idéia é trocar receitas e encher as sacolas com o que de mais singular nossa cozinha oferece. 240 min.

Mediação de Saberes.

Dengosa e Cruel, a Fortaleza de Ricardo Kelmer
Nossa cidade, em suas várias facetas, para sempre registrada nas linhas do cronista. Fortaleza, amante descuidada que expulsa seus artistas. Fortaleza alcoviteira, seduzindo com as curvas de seus morros. Fortaleza boêmia, esticando a noite manhã a dentro. Fortaleza moleque, que se veste de mulher para brincar com os turistas. Fortaleza cheia de mato e bicho, que o progresso asfaltou. 210min.

Ricardo Kelmer - escritor, letrista, roteirista - tem escrito com regularidade crônicas sobre a cidade de Fortaleza.

Leituras do Mangue
Embarcaremos para conhecer a foz do Rio Ceará e seus mangues. Além da paisagem natural, reconheceremos marcos de uma história que transcende sua importância local. Em paralelo, um percurso pela leitura de "Josué de Castro", da poeta Tânia Lima, e "Catadores de Siri", de José Alcides Pinto. Para completar um pôr do sol ao som de músicas pós mangue-beat. 240min.

Maria Tabosa, moradora do bairro e guia turística

Nossa Língua, Nossa Pátria
Nossa Língua, nossa pátria. No mês de setembro, quando o espírito cívico hasteia sua bandeira e toca seus tambores, os Percursos Urbanos percorrerão os caminhos e os descaminhos da Língua Portuguesa, essa Língua que nos habita e onde nós habitamos. A oralidade, a literatura, as palavras dos muros e da paisagem musical de Fortaleza sugerirão uma pesquisa móvel sobre a nacionalidade e a universalidade dos falantes, d'aquém e d'além mar, de Língua Portuguesa. 210min.

Ana Miranda, cronista, romancista, autora do livro Boca do Inferno, entre outros

Saindo do Forno
Um pão bem cearense e quentinho será dividido nesta manhã de sábado aos participantes do percurso: uma visita literária e histórica à Padaria Espiritual, movimento artístico que agitou a cidade na virada do século XIX para o XX. Irreverência, boemia e cultura; parnasianos e simbolistas; letras, jornais e política; os padeiros do Café Java e seus quitutes nos esperam nesta manhã espiritual. 210min.

Carla Pereira de Castro, pedagoga e graduanda de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Rodolfo Teófilo, um Humanista Contra a Peste
A partir de um poeta a visão de um sanitarista que foi para o Ceará bem mais que Oswaldo Cruz e Vital Brasil para o nosso País. Incansável, salvou milhares de vidas no nosso Estado, fabricando aqui a vacina contra a varíola e fazendo uma cruzada vitoriosa contra a peste. Mais do que o médico dedicado à saúde pública, neste percurso, visitando prédios e lugares relacionados com sua vida e época, os participantes conhecerão um pouco mais de suas faces como escritor, poeta, professor, inventor e abolicionista, entre outras. 210min.

Rouxinol do Rinaré, poeta, autor de um cordel sobre o tema do percurso

A Normalista
Quem nunca quis pular para dentro de um livro? Neste percurso, seremos um voyeur privilegiado do romance A Normalista, do cearense Adolfo Caminha. Lado a lado com os personagens e o narrador, percorreremos os principais pontos do romance através da vivência dos locais da trama. 240min.

Mediação de Saberes

Ratos de Sebo
De onde vem a palavra sebo? Como encontrar livros que não constam mais dos catálogos? Qual a diferença entre livros velhos e antigos? O que faz cada vez mais pessoas passarem horas em espaços abarrotados de livros usados? Como calcular se o preço é justo ou se o dono do estabelecimento está “enfiando a faca”? O ambiente dos sebos propicia a convivência entre freqüentadores? Estes e muitos outros temas serão apresentados e debatidos por um escritor que conhece os subterrâneos do mundo dos livros. 240min.

Pedro Salgueiro, bibliófilo, autor de O peso do morto, entre outros livros.

Museu de Tudo
A memória de um povo ou de um bairro, a vida de uma pessoa ou de um país, o mundo gravado no tempo e nas prateleiras, a arte da museologia. Os convidados desta manhã visitarão dois museus da cidade: um particular e um público; a pesquisa móvel focará a afetividade de quem trabalha num museu público ou de quem, simplesmente, constrói um para viver. 240min.

Mediação de Saberes.

A Invasão dos Bichos Fantásticos
Tudo começou com pinturas de animais estranhos nas paredes de algumas casas de gente humilde de Fortaleza. E as casas viravam palácios de arte e ninguém percebia, até que um francês viu e disse que aqueles trabalhos eram muito preciosos. Aí os bichos começaram a percorrer casas de pessoas importantes e correr por todo o Brasil e até pelo exterior, sempre encantando a todos. Neste sábado, mergulharemos nesta história encantada de Chico da Silva, o artista que transformou o imaginário de Fortaleza. 210min.

Roberto Galvão, crítico de arte, pesquisador, mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Participantes: Interessados em geral, mediante inscrição

Ateliês Abertos
Quadros por fazer, esculturas pela metade, tintas, palhetas, ferramentas no chão, o ateliê de um artista visitado nesta manhã de sábado. Os participantes descobrirão algumas oficinas artísticas que a cidade abriga; suas figuras, seus mistérios e alquimias e mais ainda: será a cidade, suas ruas, praças, muros e avenidas um ateliê possível, um lugar de arte e criação ao ar livre? É percorrer para ver. 210min.

Mediação de Saberes.

Planejando Fortaleza
Através da revisão do Plano Diretor, a lei municipal de desenvolvimento urbano, a população tem agora a oportunidade de influir no crescimento de Fortaleza para os próximos dez anos. Neste passeio pela cidade real, refletiremos sobre a cidade que queremos e podemos ter, qual a proposta de lei que saiu do processo conduzido pela Prefeitura, as críticas do movimento urbano a ela e o papel de cada um de nós na construção de um local melhor de se viver. 210min.

Valéria Pinheiro, bacharel em Direito, coordenou a campanha “Por Um Plano Diretor Participativo”, promovida pelo Centro de Estudos, Articulação e Referência sobre Assentamentos Humanos (Cearah Periferia) e pelo Núcleo de Habitação e Meio Ambiente (Rede NUHAB).

Fortaleza em Preto e Branco
Abrir o álbum de fotografias da cidade de Fortaleza e percorrer cada foto, o preto e o branco, a cidade de Fortaleza no fio do tempo. Nesta manhã de sábado, os alunos do projeto "Ampliando nossos olhares" encontrarão nas fotos antigas de Fortaleza e nos locais fotografados paisagens urbanas desaparecidas, modificadas ou conservadas pelo tempo. Refletir sobre a memória e sobre o que fazemos e o que fizemos da nossa cidade, um tempo para fotografar e ver fotografias. 210min.

Mediação de Saberes.

Prostituição em Fortaleza no Início do Século XX
O tema deste percurso, o Meretrício, se desdobrará em subtemas ou fará interseção com outros aspectos da vida urbana: Cidade e Violência no século XX; Mapeamento da Prostituição no Espaço Urbano; As Donas de Pensões; Limites Morais na Cidade; Ordem e Policiamento; Fregueses e Sexualidade; Moral e Comportamento; O Feminino e o Masculino na Prostituição; Fregueses, Amantes e Agressores. Enfim, os participantes terão oportunidade para conhecer o universo de uma consistente pesquisa. 210min.

Mardônio e Silva Guedes, doutorando em Educação Brasileira e diretor do Arquivo Público do Ceará.
Participantes: Interessados em geral, mediante inscrição

As Paisagens de Emílio Hinko
Neste sábado, conheceremos a história de um húngaro que trabalhou no escritório de Stacchini, arquiteto oficial de Mussolini e mais tarde fixou residência em Fortaleza. Aqui viria a marcar profundamente as paisagens da cidade com obras como a Secretaria de Finanças, a Base Aérea, o Clube Náutico, a Casa do Estudante, a Secretaria de Segurança Pública, a Igreja de São Pedro, entre tantas outras. Será impossível olhar Fortaleza da mesma forma após este percurso. 210min.
Margarida Andrade, mestra em Arquitetura e Urbanismo e professora do departamento de Arquitetura da UFC.

Raquel de Queiroz e Henrique Jorge
Moradores da Regional III irão conhecer os espaços de onde se erguerão as futuras bibliotecas Raquel de Queiroz, no bairro Antônio Bezerra, e a biblioteca do Henrique Jorge. O Percurso aproveitará a deixa e investigará as relações dos moradores com a leitura, com os livros e com a cultura de um modo geral, tendo como mote a obra de Raquel de Queiroz e a biografia musical de Henrique Jorge. 240min.

Mediação de Saberes.

Chorões e Chorinhos
Com características essencialmente urbanas, o choro teve seu surgimento no Rio de Janeiro e os primeiros representantes foram músicos do quilate de Joaquim Antônio da Silva Callado, Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth. No Ceará, a influência do choro até hoje revela regionais e músicos que continuam a manter, vivos e "ao vivo", os acordes maravilhosos desse estilo de tocar genuinamente brasileiro. É um pouco dessa história aqui

em Fortaleza que você vai conhecer nessa edição do Percursos Urbanos. 210min.

Nelson Augusto - Jornalista da Rádio Universitária FM e Editor de Conteúdo do site musical Participantes: Interessados em geral, mediante inscrição

Matinê de Livros
O antigo Cine Teatro de Messejana será o palco da nova biblioteca das terras do autor de Iracema. Os futuros usuários poderão conversar sobre leitura e cinema e questionar quais atividades desejam para a sua biblioteca. O Percurso ainda conhecerá uma biblioteca comunitária e descansará nas sombras dos cajueiros do Alagadiço Novo. 240min.

Mediação de Saberes.

Cadeiras na Calçada
O Programa Percursos Urbanos, neste sábado, percorrerá alguns pontos de Fortaleza, cenários da obra Um Conto no Passado – Cadeiras na Calçada, romance histórico-memorialista cearense ganhador do I Edital de Literatura da SECULT em 2004, com o objetivo de repensar a cidade e suas reminiscências, vivenciá-las, despertando sua ressignificação. 270min.

Raymundo Netto, pesquisador, escritor, autor da obra homônima.

Vila de Livros
Dando segmento à viagem na rede municipal de bibliotecas, os Percursos desta manhã de sábado chegarão à Vila União para conhecer as futuras instalações da biblioteca daquele bairro. Os moradores também conhecerão uma biblioteca em reforma, a velha Dolor Barreira, e, sob o signo da reconstrução, descobriremos que biblioteca se quer construir e desconstruir. 240min.

Mediação de Saberes.

Guaiúba
Na região metropolitana de Fortaleza, o município de Guaiúba se destaca por uma altitude que varia de 650 a 900m. Recentemente passou a ocupar espaço na mídia não pelo seu clima mais ameno e por suas vegetações tropicais mescladas com faixas de caatinga, mas por suas políticas públicas na área de cultura. Nesta tarde teremos oportunidade de conhecer e discutir as iniciativas locais. 270min.

Rogério Jales, músico, secretário de Cultura, Turismo e Meio Ambiente de Guaiúba.

Etapa dos Livros
Uma manhã para trocar idéias e leituras, uma manhã para falar de livros e conhecer a casa que os abrigará num dos maiores conjuntos habitacionais de Fortaleza, o Conjunto José Walter. Num local distante das livrarias e bibliotecas da cidade, os moradores do Prefeito José Walter discutirão a convivência que eles mantêm com a leitura e com os livros. Um momento para refletir sobre o espaço urbano e suas distâncias com a vida cultural da urbe. 240min.
Mediação de Saberes.

A Fortaleza de Milton Dias
Um hino de amor a Fortaleza foi instaurado nas vivências de Milton Dias, cidade que tão bem o adotou. Com suas crônicas, percorreremos espaços em que se confronta a Fortaleza de agora e a de outras décadas: 1920, 30, 40, 50, 60 e 70. Conheceremos essa evolução espacial que, aos poucos, perdeu seu referencial boêmio, intelectual... Bom momento para refletirmos sobre a urbanização dessa cidade, constructo da biografia "miltondiana". 240 min.

Sueli Oliveira, professora do pré-vestibular dos colégios Christus e Batista, mestra em Literatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Sábado no parque
No Centro da cidade, em meio a trânsitos e prédios, pessoas e ruas, o Parque das Crianças deixa ver –
pelas grades de seus muros – árvores, canteiros, pequenas trilhas, algodão-doce e pipoca. Os Percursos Urbanos desta manhã viverão momentos de ócio e de boa conversa, não esquecendo, é claro, de pesquisar os locais do Centro de Fortaleza onde a natureza esconde seus mistérios e sua sorte. 240min.

Mediação de Saberes.

A Era do Rádio em Fortaleza
Depois de 1934, às tradicionais conversas noturnas acrescentou-se a presença da P.R.E.-9, ecoando as vozes da música local e da música brasileira, mas também contribuindo com noticiários, radionovelas de grande repercussão, programas de auditório etc. Com o surgimento da Rádio Iracema, em 1948, e outras como a Uirapuru, Verdes Mares e Dragão do Mar, na década de 1950, a força do rádio como meio de entretenimento, de informação e difusão cultural viria a se consolidar. As ondas que geraram ídolos como Orlando Silva, Nelson Gonçalves e Luiz Gonzaga é o tema deste percurso. 210min.

Nonato Lima (radialista, jornalista, professor de radiojornalismo do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Lingüística, especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem).

Estrada Mangue
Uma das áreas mais importantes para o equilíbrio ambiental da nossa cidade, o Parque do Cocó resume bem os conflitos entre as ações do homem e as questões ambientais. Conhecer melhor os limites entre o asfalto e o Cocó, aproveitar também para descansar, ler e curtir um pouco a vida ao ar livre no maior parque urbano da América Latina. 240min.

Mediação de Saberes.

Da moagem ao alambique
Uma tarde para analisar a história do ciclo da cana-de-açúcar e sua importância para o Ceará. Procuraremos também compreender a produção de aguardente como atividade complementar deste ciclo econômico, bem como a formação de hábitos alimentares que se apresentam como típicos do homem nordestino, como beber garapa de cana, comer rapadura, batida, usar o melado. Um dos pontos de referência será o Museu da Cachaça que narra a história da família Telles como fabricante da bebida. 240min.

Georgina Gadelha (graduada e mestranda em História pela UFC, capacitadora do Instituto Práxis)

Entre as memórias e os esquecimentos: três praças
O intuito é pensar sobre as memórias que se fazem nesses espaços públicos, na medida em que se constituem como espaços das mais variadas convivências em diversas temporalidades urbanas. As Praças General Tibúrcio, do Ferreira e José de Alencar, além de abrigar monumentos significativos para a nossa história, que revelam determinadas maneiras de construir sentido para o passado, são territórios de trânsito e tradições, mudanças e permanências, obediências e rebeldias. Espaços cotidianos de tensões entre passado, presente e futuro. 210min.
Régis Lopes (Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professor da UFC, diretor do Museu do Ceará).

No Paço: Natal
Neste Percurso, os participantes do Programa trocarão presentes com a cidade de Fortaleza: poemas, canções e esculturas que têm a capital da Terra do Sol como motivo, servirão para celebrar a cidade e este momento tão festivo do ano. O Paço Municipal e as margens do Rio Pajeú servirão para o início da troca de presentes. 240min.
Mediação de Saberes.

Confraternização em Maranguape
Para celebrar o fim-de-ano escolhemos como destino o Ecomuseu de Maranguape, sediado em um casarão de 1837. A idéia é a de um piquenique recheado com trilhas ecológicas, contatos com os trabalhos de grupos de arte e cultura popular da própria comunidade. E como que nos preparando para a passagem do ano, ainda há de sobrar tempo para perceber as metodologias que a comunidade de Cachoeira utiliza para promover o diálogo entre passado e presente. 270min.

Samuel Viana da Costa (guia ambiental e pesquisador da flora local)

2005
(dezembro a março)

Pela estrada do gado
Parangaba se reveste de uma pluralidade de símbolos, herança viva da vila, município, distrito que foi. Apesar da ocupação urbana por excelência, permanece uma forma de se deixar estar, de um fazer simples, mais próxima de um tempo natural, rural. Percorreremos a estrada do gado, fazendo o sentido inverso, saindo simbolicamente de Fortaleza, como se fôssemos ao antigo município, ao encontro desse passado diverso que ainda permeia o bairro. O bairro de hoje ainda é passagem, espaço essencial, onde o povo caboclo se encontra para cultuar a Coroa de um Bom Jesus, o que vela pelos Aflitos. Parangaba, é tudo ao mesmo tempo agora.

Lourdes Macena. Prafa. CEFET/CE, mestre em Gestão em Negócios Turísticos, presidente da Comissão

Pelas praças do Centro
O centro de Fortaleza, este velho e familiar conhecido, merecerá nossa visita. A idéia é nos despojarmos dos olhares automatizados e observarmos o que está ali sempre disponível e por isso mesmo, talvez, invisível. Voltaremos a olhar para seus monumentos e prédios, caminharemos entre as pessoas que refazem de forma criativa os espaços. Enfim, estaremos em contato com um reservatório de uma cultura eminentemente popular.

Lidia Valesca Pimentel, socióloga, doutora em sociologia, com tese intitulada: Vidas nas ruas, corpos em percursos pelo cotidiano da cidade. Professora das Faculdades Farias Brito e Fanor.

Festejos Natalinos
Nesta Fortaleza fundada e alimentada pelo comércio, interessar-se - partindo de um passado nem tão distante pela vida cultural, social e econômica, gerada pelos festejos de natal é crucial para recompor uma essência afetiva que faz de Fortaleza uma cidade invisível que só cuidadosamente se deixa mostrar. Com esta disposição percorreremos o centro da cidade, relembrando a mistura de festa cristã com evento comercial que saltava aos olhos (ainda salta) com as músicas miúdas e repetitivas, adornos, luzes, enfeites, vitrines, lapinhas, presépios vivos, lojas famosas, cinemas, praças. Compartilharemos experiências com essa cidade que é dinâmica e se reinventa.

Demitri Túlio, jornalista, editor do Caderno Cidade do Jornal O Povo e responsável pela coluna de crônicas Das antigas do mesmo jornal.

Religiosidades Afro-brasileiras
Neste PerCurso serão visitados terreiros de umbanda e rodas de candomblé, expressões de espiritualidade e de resistência cultural afro-brasileiras. Os ritos, a organização, os deuses, a relação com a sociedade e a reestruturação social e comunitária dentro do espaço religioso serão apresentados por seus sacerdotes. Um dos objetivos é contribuir para uma percepção não folclorizada das diferenças culturais. Observação: roupas pretas devem ser evitadas para o acesso ao candomblé.

Cleudo Pinheiro de Andrade Júnior (pesquisador e babalorixá).

Visões da paisagem
Este Percurso discutirá o conceito de paisagem ao longo do tempo e sensibilizará o olhar dos participantes para a apreensão de diferentes "fortalezas". A visita guiada por jardins, bosques, praças e pelo setor atacadista em torno do Riacho Pajeú permitirá alguns questionamentos acerca do processo de configuração da paisagem urbana local e das possibilidades que se apresentam neste momento.

Fernanda Rocha (arquiteta e urbanista).

Maranguape: a serra em contraste com a cidade
Percorrendo a estrada, a serra e o centro de Maranguape, realizaremos um passeio pela história das relações entre campo e cidade na Região Metropolitana de Fortaleza. Sentiremos o contraste entre o crescimento da urbanidade em meio ao ambiente rural, legado pelo passado; compreenderemos como antigos e novos problemas se fundem no espaço tecido pela economia e pela cultura.

Antonio Tavares Bittencourt (pesquisador e professor de História)

Entre bilros e agulhas
Neste Percurso faremos uma visita ao Centro das Rendeiras da Prainha, um dos lugares mais antigos de produção organizada de artesanato de renda do nosso estado. Na visita, os participantes poderão observar o feitio da renda, especificamente renda de bilro e labirinto, compreendendo os processos do fazer, bem como o contexto

sócio-cultural em que esta prática está envolvida. Na seqüência, seguiremos em direção à residência de algumas rendeiras e pescadores, observando também a confecção de tarrafas, permeadas por conversas, histórias da vida e do fazer das pessoas da comunidade. Neste movimento descortinaremos trajetórias e sentidos dessa cultura praieira sempre presente em nosso cotidiano.

Danielle Araújo (Arte-educadora, bacharela em Antropologia pela UFPE e pesquisadora do Museu da Imagem e do Som do Ceará).

Entre vilas e mansões
Lugares para o lazer, lugares para o trabalho, morada dos ricos, morada dos pobres, espaços de naturezas e fins diversos dentro de um único perímetro: o bairro do Jacarecanga, marcado por uma riqueza de representações que podemos estender até os dias de hoje. Pensar e olhar pro nosso passado, discutir a divisão social da cidade nos séculos XIX e XX nos faz pensar nos reflexos, investigar o porquê do lugar das coisas e lógicas de ocupação que acompanham Fortaleza até hoje.

Américo Sousa (historiador, doutorando em História Social da UFF).

Da Polinésia ao Titanzinho
Incorporado na moda, na produção de imagens, no imaginário cotidiano, o mundo do surf possui dimensões peculiares e desconhecidas da maioria das pessoas. Neste sábado visitaremos alguns "picos" da costa de Fortaleza, fazendo uma parada no Titanzinho, outra em uma fábrica de pranchas e uma última em uma escola para "pregos". Teremos tempo para discutir o surf enquanto mercado, esporte e estilo de vida. Conheceremos algumas de suas gírias, hábitos, publicações, músicas. Poderemos, enfim, compreender melhor como uma prática nascida na Polinésia pode ajudar a compor o retrato de uma cidade como Fortaleza.

Carlos Henrique (surfista há 13 anos, já viajou para vários picos de surf no Brasil e em outros países, hoje competindo na categoria universitária).

Foi Massa. Foi Feira. Foi Livre. Foi Massafeira Livre.
Nos dias 15, 16, 17 e 18 de março de 1979, no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, aconteceu o último movimento artístico cearense coletivo que teve destaque no Brasil inteiro.
Foi o Massafeira Livre, que reuniu desde os artistas plásticos, passando pelos poetas até os músicos, em quatro dias, "como se fosse o carnaval mudando de data e mais verdadeiro". Para quem viu, relembrar, para que não viu, saber como foi, teremos uma tarde com muita música, dedicada a um movimento artístico de porte nunca igualado em Fortaleza.

Nelson Augusto (jornalista e radialista, trabalhando na Rádio Universitária FM, produtor musical e criador do site www.nelsons.com.br.)

Vida e morte de um bairro
Também os bairros possuem um ciclo de vida? Neste PerCurso, percorreremos as ruas do José Bonifácio, um dos bairros mais antigos e tradicionais de Fortaleza e que mantém até hoje um jeito antigo, com suas calçadas altas, com traços de cidade pequena, como as pessoas que ainda se sentam à porta de casa para ver o movimento da rua. Tomaremos conhecimento de suas origens, das suas funções até os dias de hoje, quando aos poucos desaparece dos mapas, tragado pelos bairros adjacentes.

Pedro Salgueiro (escritor e ex-morador do bairro).

Aquiraz, além da pedra e cal
Neste segundo percurso à primeira capital do Ceará apreciaremos pequenas capelas, casas de engenho e residências, compreendendo-as como vestígios do processo de ocupação colonial, das tradições rurais, da produção canavieira. As atenções estarão focalizadas no patrimônio dito imaterial procurando contextualizar suas origens e funções. Entre outras manifestações culturais observaremos os costumes indígenas e sua agricultura de subsistência, as técnicas de pesca, as danças ancestrais, o uso das frutas sazonais, o beneficiamento da mandioca, o artesanato.

Olga Paiva (pesquisadora, professora, chefe da Divisão Técnica da 4ª Superintendência Regional do IPHAN).

Às portas de um mundo

Iremos do desconhecido porto de Howkshow à Ponte Metálica e de lá até o Porto do Mucuripe, onde observaremos toda a sua rica história, que vai desde o desembarque do primeiro europeu no Brasil, Vicente Pinzón, antes dos portugueses e holandeses. A importância da passagem daquele espanhol pelo litoral brasileiro para a formatação do atual desenho do Brasil será objeto de destaque, ao lado da visita às instalações portuárias do Mucuripe, e das conversas sobre suas influências culturais nas comunidades vizinhas. Ao final, esperamos compreender melhor a importância de um porto para a transformação de uma cidade.

Rodolfo Espíndola (jornalista, autor do livro Vicente Pinzón e a descoberta do Brasil).

Sabiaguaba, um outro viver
As lagoas, os manguezais, o Rio Cocó, a praia e uma grande área de dunas servirão de contexto para conhecermos a Comunidade Alternativa de Sabiaguaba, iniciada em 1975 no bairro da Lagoa Redonda, divisa com Sabiaguaba. Com suas 4 casas construídas em taipa, tijolos artesanais e carnaúba em meio a um bosque verdejante, ela oferece uma opção original de vida a um grupo de amigos com um projeto compartilhado. Na conversa com os moradores, vamos explorar os aspectos alternativos da forma de vida comunitária.

José Albano (fotógrafo, representante regional da Associação Brasileira de Comunidades Alternativas – ABRASCA).

Frutas, verduras, secos e molhados, etc.
A idéia é começar se perdendo nas dependências da CEASA, deixando cada um seguir os odores, as cores, os sabores cearenses e brasileiros. Encontrar-se de novo para compartilhar e, partindo das vivências pessoais e coletivas, realizar uma imersão na cultura gastronômica e na história do nosso país e do nosso estado, para assim delinear o imenso arquipélago multicultural do qual fazemos parte.

Peregrina Cavalcante (Doutora em Sociologia, professora da Universidade Federal do Ceará, autora do livro Sabores e Saberes do Ceará).

Fortaleza na linha do tempo
Este percurso apresentará Fortaleza através da história, indo dos principais marcos remanescentes no espaço urbano até os cartões postais do pós-modernismo. Serão abordados tópicos como a fundação da cidade pelos holandeses (1643), sua elevação à condição de vila (1649) e o lento crescimento da cidade até as primeiras décadas do século XIX. A modernidade urbana será entrevista na chamada Aldeota antiga, de onde se fará um salto para a pós-modernidade, observando o processo mais recente de expansão da cidade nas regiões leste e sudeste.

Linda Maria de Pontes Gondim (Socióloga com mestrado e doutorado em Planejamento Urbano, professora do Departamento de Ciências Sociais da UFC)

Aquiraz, uma vila da memória
Marcando a Semana do Patrimônio percorreremos a primeira capital do Ceará que prolongou-se no tempo quase como que intocada, evocativa e guardiã da memória da colônia. Nossas conversas remontarão ao início do século XVII, quando a enseada do Iguape foi escolhida por piratas franceses para aportar e observaremos como o colonizador português se estabeleceu e marcou a cultura local em contato e confronto com os povos indígenas. A grande praça, típica dos aldeamentos; a Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu de Arte Sacra; o Mercado da Carne, construído em adobe e carnaúba; a Igreja Matriz; as ruínas do Hospício Jesuíta serão algumas das passagens que nos ajudarão a reconstruir a atmosfera de uma época.

Olga Paiva, pesquisadora, professora, chefe da divisão técnica da 4ª Superintendência Regional do IPHAM

Uma tarde, duas exposições
Antecipamos a comemoração do Dia dos Artistas, que ocorrerá no dia 24 de agosto, para não perder os últimos dias da exposição Arte Brasileira nas Coleções Públicas e Privadas do Ceará. Os trabalhos expostos servirão de pretextos para um mergulho na história da arte e obter uma melhor compreensão sobre seus caminhos, das tradições à contemporaneidade. A caminho teremos oportunidade de apreciar o Salão de Abril e refletir sobre a produção das artes visuais no Ceará.

Álbio Sales, doutor em história da arte pela UFPE, professor da UECE

O Montese do Dr. Ximenes
Nesta tarde, tendo como guia um dentista apaixonado por sua vizinhança, autor de um livro sobre o bairro, vamos explorar as principais ruas e marcos do Montese para conhecer sua história e seu cotidiano. Do recanto de aspecto rural e bucólico da antiga Pirocaia - que na sua origem significa Aldeia dos Peles Queimadas - iremos adiante testemunhando a transformação ao longo de meio século na vida do bairro, até sua configuração atual, reconhecida por sua capacidade de gerar empreendimentos e desenvolvimento.

Raimundo Ximenes, um dos fundadores do bairro e pesquisador da história local

Cenas de ir e vir
A proposta para esta edição é experimental: deter-se sobre o tempo que passa nos ônibus e suas paradas através de poesias, textos confessionais e improvisações, cenas que serão produzidas pelo Elenco do CEM - Centro de Experimentações em Movimentos. Quantas situações vivemos nesses momentos de espera? Qual a nossa relação com o ato de esperar? Quantos sonhos? O que acontece entre as pessoas que habitam um mesmo espaço em movimento? Perguntas como essas, relacionadas ao estar indo e vindo no sentido mais amplo, serão colocadas neste percurso que também poderia se chamar "o que se faz enquanto o ônibus segue, o tempo passa e a felicidade chega."

Elenco do CEM, sob a coordenação da diretora teatral Sílvia Moura

Líbano-Ceará, Beirute-Fortaleza
Que país é o Líbano, a chamada Pérola do Oriente? Quando e como começou a imigração dos libaneses para o Ceará? Onde encontrar na cidade de Fortaleza as marcas da presença desse povo tão parecido com os cearenses? Estas perguntas conduzirão os participantes na exploração da contribuição sócio-econômica e política que os libaneses e seus descendentes deram à nossa sociedade.

Zaira Ary - Professora aposentada da UFC; doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Paris VII (França) e psicanalista

Duas trilhas ecológicas no Parque do Cocó
Através de caminhadas ecológicas no manguezal situado no Parque Adahil Barreto e na foz do rio, na praia do Caça e Pesca, os participantes terão acesso à diversidade ambiental do Parque Ecológico do rio Cocó. Nessas duas trilhas poderão observar as relações entre a comunidade, a fauna e a flora daquela unidade de conservação. Um dos objetivos do percurso é refletir sobre as políticas de conservação desse importante sistema ambiental e cultural.

Jader de Oliveira Santos e Ana Maria de Albuquerque, geógrafos formados pela UFC e mestrandos em geografia pela UECE

Muito Breve e Movimentada História do Teatro Cearense
A proposta desta tarde é partir da história da dramaturgia universal, da sua origem e suas grandes divisões no decorrer dos séculos e alcançar o Brasil pela mão dos jesuítas, destacar o teatro “pequeno” feito nos colégios, nas comunidades interioranas, para então desenvolver um itinerário por Fortaleza, reverberando Carlos Câmara, seus textos, grupos e pessoas que se destacaram na sua história.

Erotilde Honório - Teatróloga, professora do Curso de Comunicação da Unifor, doutora em Sociologia.

Mucuripe: Homens e Mulheres do Mar
A proposta deste sábado é conhecer um pouco da história do Mucuripe a partir das memórias e experiências de seus moradores. Homens e mulheres que tendo o mar como companheiro buscam através de suas formas de trabalho, vida e atuação se tornaram agentes sociais de sua própria história, seja organizando um museu do bairro, saindo cedinho para pescar, ou dançando a Caninha Verde.

Simone Oliveira de Castro, historiadora e pesquisadora de cultura popular, professora da especialização do curso de arte educação do CEFET.

Batendo bola com a História
Nesta edição do programa percorreremos lugares ligados ao cotidiano e à tradição do futebol em Fortaleza procurando conhecer um pouco da sua história e de suas implicações econômicas e culturais. Também teremos

acesso aos gramados, bastidores e subterrâneos de um clube e dos Estádios Presidente Vargas e Castelão, normalmente inacessíveis aos torcedores.

Saulo Raphael Rodrigues, graduando em ciências sociais, aficcionado em futebol.

Matas úmidas
Na semana do meio ambiente, estaremos realizando um percurso ecológico para serra de Maranguape. Naquele ambiente serrano de belas paisagens, clima ameno, e fauna e flora peculiares, conheceremos um pouco mais sobre as matas úmidas do Ceará - verdadeiros oásis da nossa região semi-árida, que exercem um papel relevante na manutenção climática e de recursos naturais. Lembramos a necessidade de vestimentas apropriadas para este tipo de atividade (calça comprida, sapatos e bonés) e suprimento de água.

Nádia Helena Oliveira Almeida, geógrafa e ambientalista.

Estudantes nos Anos 60
Neste percurso discutiremos espaços, bandeiras e fatos do movimento estudantil universitário da cidade de Fortaleza nos anos 60, percorrendo e comentando o trajeto Reitoria/Benfica – Praça José de Alencar – Praça do Ferreira. Rememoraremos os percursos feitos pelos estudantes na suas principais manifestações dos anos 60 como a "Passeata dos 20 Mil" e as "Passeatas dos Bichos".

Edmilson Alves Maia Junior, professor de História da UECE

A Produção das Festas Juninas
Neste percurso trocaremos experiências com responsáveis por festas juninas e observaremos as características que assumem essas manifestações da cultura popular nordestina na periferia e no centro de Fortaleza. Conheceremos o processo de produção, o espaço onde a festa se realiza, as decorações e barracas de comidas típicas e por fim presenciaremos a apresentação de uma quadrilha junina.

Henrique Pereira Rocha, gestor cultural, especialista em Gestão de Produtos e Serviços Culturais (Uece) e sócio-colaborador da Comissão Cearense de Folclore.

Faces do Pirambu
Os participantes deste percurso poderão conhecer as estratégias de reconhecimento e táticas que os moradores do bairro do Pirambu construíram para inserirem-se na cultura urbana da cidade de Fortaleza. A luta contra a estigmatização social que tem seu início na construção do lazareto em 1870, a luta pela transformação da favela em bairro serão alguns dos aspectos colocados em relevo.

Pádua Santiago, professor de História da UECE

Mártires da Confederação
Nesta edição do programa refaremos o trajeto percorrido pelos revolucionários da Confederação do Equador: Padre Mororó, Carapinima, Pessoa Anta e Ibiapina, condenados à morte em um ritual de fuzilamento. Terá início na Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, onde se dava o ritual de degradação dos condenados, subirá pela atual rua Conde D'eu, em direção à Igreja do Rosário, na qual tinha lugar a missa de recomendação das almas. Os participantes seguirão pela Praça do Ferreira e descerão pela Rua Floriano Peixoto até o atual Passeio Público, antigo Campo da Pólvora, onde se davam os fuzilamentos. Durante o percurso serão realizados autos, quando se descreverão os fatos que tiveram lugar em cada passagem.

Professor e pesquisador Oswald Barroso

Políticas Culturais
Refletir sobre os desafios e propostas da Prefeitura de Fortaleza para a área cultural é o objetivo desta edição do programa. Visitas à Galeria Antônio Bandeira, ao Teatro Antonieta Noronha, ao Mercado dos Pinhões, ao anfiteatro do Palácio do Bispo, entre outros equipamentos, servirão de pretexto para um debate sobre cultura e cidadania.

Presidente da Funcet, Professor Alexandre Barbalho

Fortaleza Antes e Depois
Passear por Fortaleza comparando as paisagens atuais com os registros fotográficos do arquivo Nirez é o eixo deste Percurso. O objetivo é fornecer elementos iconográficos e informativos mais amplos para que os participantes possam compreender o espírito e o processo das transformações a que Fortaleza foi submetida desde as últimas décadas do século XIX.

Jornalista e pesquisador Nirez Azevedo

No Caminho da Tapioca
Nesta tarde iremos pelos caminhos da memória buscar o cherinho do café passado no pano, do coco ralado naturalmente e do leite tirado para ensopar a tapioca quentinha. Faremos um percurso em direção aos saberes informais que povoam e integram nossa vida ainda hoje neste espaço global e midiático que habitamos.
Obs.: Sugerimos aos participantes levarem alguma quantia em dinheiro para o café com tapioca.

Lurdinha Macena, professora e pesquisadora de cultura popular

Primeiro de Abril!
Em comemoração à boa aclimatação em Fortaleza do Dia da Mentira, com suas brincadeiras feitas com a intenção de provocar hilaridade, este roteiro se dispersará pela história da cidade recolhendo elementos para um crônica-ensaio sobre os usos e desusos locais de tal artifício. Os vinte primeiros inscritos terão direito a uma cadeira permanente nos Projeto Percursos Urbanos.

José Mapurunga, escritor e dramaturgo

Bastidores da Mídia
Um encontro de adolescentes responsáveis por jornais estudantis de escolas públicas com profissionais da imprensa é a deste percurso. Além do bate-papo sobre o chamado quarto poder com o ônibus em movimento os participantes conhecerão a Praça da Imprensa, o funcionamento de um departamento de jornalismo de uma emissora de televisão, a redação de um grande jornal impresso e de uma agência de notícias com abordagem diferenciada.

Janaína Braga de Paula, jornalista e assessora de comunicação.

Barra do Ceará I
Deixando o ônibus, os passageiros dos percursos urbanos nesta edição embarcarão em um barco para conhecer a foz e seus mangues, atravessar a barra, caminhar em uma ilhota. A facilitadora, moradora do bairro, contextualizará a paisagem remontando aos tempos da colonização com suas fortificações, do hidroporto, do clube de regatas, entre outros marcos de uma história que transcende sua importância local.Os participantes são convidados a contribuir com leituras sobre o lugar.

Maria Tabosa Rodrigues, guia turística.

Fortaleza, 279 Anos
Nesse percurso, os participantes terão a oportunidade de celebrar o aniversário da cidade conhecendo lugares e construções históricas que marcaram Fortaleza na virada do século XIX para o século XX - período de sua belle époque e em que a cidade consolidou-se como centro urbano hegemônico do Ceará –, além de refletirem acerca das transformações sócio-urbanas e dos tipos de relações sociais que caracterizaram a sociedade fortalezense naquele momento ímpar de sua história.

Sebastião Rogério Ponte, Mestre em História pela PUC-SP, professor e chefe do departamento de História da UFC

Diários de uma cidade
A Fortaleza descalça, o Ceará cômico, a cidade de ontem e de anteontem num passeio pelos percursos das memórias de cronistas cearenses do século XIX e XX. Edgar de Alencar, João Brígido, Otacílio de Azevedo e João Nogueira nos apresentam por meio de suas reminiscências aspectos de uma capital provinciana que sonha com o progresso ao mesmo tempo em que faz pastiche de si mesma...

Vicente Neto, pesquisador, prof. de história do Projeto Novo Vestibular. (UFC)

Barra do Ceará II
Deixando o ônibus, os participantes utilizarão um barco para conhecer a foz do Rio Ceará e seus mangues, atravessar a barra, caminhar pela praia até Guaié, uma comunidade de pescadores. O facilitador contextualizará a paisagem remontando aos tempos da colonização com suas fortificações, do hidroporto, do clube de regatas, entre outros marcos de uma história que transcende sua importância local.

Alberto Souza Filho, guia e morador do bairro.

2004
(dezembro a setembro)

A Fortaleza de Adriano Espínola
Os livros Táxi e Fala Favela servirão como referência a este percurso conduzindo os participantes por fortalezas assimétricas, plurais, em que camadas de sentidos e paredes desinventam a cada instante a cidade instituída. O próprio autor ocupará o papel de facilitador e mestre na atividade; um taxista e uma moradora da antiga favela da José Bastos também serão convidados a enriquecer o diálogo.
Poeta, Doutor em Literatura pela UFRJ Adriano Espínola

Feiras Livres
Visitar e entender o universo das feiras, tanto do ponto de vista da distribuição espacial e da territorialidade, quanto de uma perspectiva social e histórica será o objetivo deste evento. As feiras de Messejana e de Parangaba servirão como objeto de uma investigação a ser articulada com os participantes do percurso. Feirantes serão convidados a contribuírem com seus conhecimentos.

Professor Vicente de Paula Lima Menezes, Mestrando em Geografia da UECE e profissionais da ONG Mediação de Saberes

Mangue Nação
Nesta edição do projeto, a poeta Tânia Lima conduzirá os participantes pelos mangues do Parque do Cocó, do Caça e Pesca e da Barra do Ceará. Um percurso paralelo será feito pelos mangues entrevistos em "Iracema" de José de Alencar, nas "Praias e Várzeas" de Gustavo Barroso, nos "Catadores de Siri" de José Alcides. História, geografia, ecologia, urbanismo margearão a discussão.

Doutaranda em Literatura pela UFPE e Poeta Tânia Lima e profissionais da ONG Mediação de Saberes

Grande Circular, O Jogo
Nesta edição do projeto, jovens de uma escola pública do Benfica utilizarão a rota do Grande Circular para compreender os processos sócio-espaciais das diferentes Fortalezas. Este percurso foi proposto pelo Laboratório de Prática de Ensino de Geografia da UFC. Como atividades complementares os estudantes assistirão à palestra do Prof. Dr. José Borzachiello e colherão subsídios para a elaboração de um jogo de RPG tendo como cenário nossa cidade e como protagonistas personagens inspirados nos fortalezenses.

Geógrafas e ambientalista Nádia Almeida e Emiliele Carvalho

Sabores e Saberes do Ceará
Este percurso se propõe a aproveitar a pesquisa para o livro homônimo para fazer uma abordagem cultural e histórica do jeito de ser cearense, dar vistas ao de fazer e ao de-comer, transmitido espontaneamente de geração a geração, para delícia de nossa memória. Tal qual no livro, a proposta deste sábado é compreender como a sociabilidade se constrói também a partir das festas, do folclore, da história real e imaginária, centralizando o que, e como, as pessoas degustam as comidas, eternizando estes momentos.

Peregrina Cavalcante, Professora da Universidade Federal do Ceará e Doutora em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Praças: Caminhos de Sombras e Histórias
Lançar novos olhares sobre as praças, espaços de sombra, e também o lugar da memória, das histórias narradas e vividas na correria do cotidiano é a proposta deste percurso; entendê-las como espaço de produção, do comércio, das artes e do prazer de estar com o outro. Nesse contexto, percorreremos esses espaços de vida e de construção

humana – descendentes da antiga ágora – que também representam a ternura, a poesia e as sombras dos afetos e dos bairros.

Lídia Eugenia Cavalcante, Professora da Universidade Federal do Ceará, Doutora em Educação, Mestre em História Social.

Entre tapiocas e cheesburguers
Neste percurso, um roteiro atento a manifestações representativas do encontro das tradições com as culturas populares servirá de pretexto para reflexão sobre conceitos como folclore, cultura de massa, aculturação, identidade, globalização, heterogeneidade, entre outros temas.

Lourdinha Macena, professora do Cefet, coordenadora do Fórum de Cultura Popular Tradicional, presidente da Comissão Cearense de Folclore.

Pelos Olhos de Rachel
Nessa edição dos Percursos Urbanos, o participante verá Fortaleza pelos olhos de Rachel de Queiroz. Visitará locais que a autora escolheu como cenário de seus romances. Em cada local, ouvirá o que Rachel disse e pensou sobre os lugares registrados em sua obra. Acompanhados por relatos biográficos, conhecerá também lugares onde a escritora viveu.

Socorro Acioli, jornalista e pesquisadora de literatura cearense.

Poesia para a Cidade Prometida
Uma organização não governamental voltada para questões urbanas e um grupo de poesia formado por alunos e professores do CEJA José Walter convidarão os moradores da comunidade Terra Prometida, do Pirambu, a lançarem novos olhares sobre a cidade; a literatura servirá de deixa para discussões acerca de temas como vida, vizinhança, dificuldades cotidianas, organização comunitária, expressão cultural, déficit habitacional, concentração de renda, resistência, entre outros.

Técnicos da ONG Cearah Periferia e o Grupo Sarau da Lua Cheia.

Fortaleza Indígena
Os passageiros deste percurso terão oportunidade olhar a história e a geografia de Fortaleza a partir da perpectiva indígena. Poderão compreender a distribuição e as inter-relações das sociedades nativas tanto em épocas anteriores quanto posteriores à colonização. A resistência e o encantamento dos povos indígenas também serão analisados tomando como foco a situação atual na região metropolitana de Fortaleza.
Participantes: Interessados em geral

Claudio dos Reis, liderança tapeba; Maria Amélia Leite, pesquisadora atuante na Organização Missão Tremembé; Isabelle Braz, professora de antropologia da UFC.

Maravilha vai ao Centro
O projeto Percursos Urbanos conduzirá famílias da comunidade da Maravilha (nas imediações do Colégio Piamarta) até instituições como o Centro Cultural BNB, Museu do Ceará e o Theatro José de Alencar, estimulando o diálogo e a reflexão sobre o papel das atividades culturais na formação das crianças.

Mediação de Saberes

Bom Jardim pesquisa Centros Culturais
Representantes da Região do Bom Jardim, envolvidos no projeto do Centro Cor de Cultura, observarão estruturas e dinâmicas de diversos centros culturais, relacionando, comparando ou contrapondo com suas próprias realidades.

Gestores de museus e Profissionais da Mediação de Saberes

Jacarecanga, uma chave para nossa história
Neste Percurso, os “passageiros” terão oportunidade de observar fábricas, vilas operárias, elegantes sobrados, estradas de ferro ao mesmo tempo em que estabelecerão nexos entre a indústria de beneficiamento de produtos do interior (carnaúba, algodão, mamona, café, por exemplo) e a afirmação de Fortaleza como centro político e

econômico. Jacarecanga, como ícone da industrialização, marcando o distanciamento da cidade e do estado das culturas de apoio ao ciclo da Cana de Açúcar é uma das perspectivas a serem apontadas.

Euler Sobreira Muniz, arquiteto e urbanista, coordenador do Curso de arquitetura da Unifor.

Museus de Fortaleza
Visita técnica a vários museus seguida de uma discussão sobre as tendências da museologia e o acesso aos bens culturais em Fortaleza. Ao final, os participantes contarão com mais elementos para observar os limites e perspectivas para os museus em Fortaleza.

Historiador Régis Lopes, diretor do Museu Histórico do Ceará.

ANEXO B – Alguns Percursos Urbanos.

Imagens do grupo “Percursos Urbanos”
Fonte: http://www.facebook.com

Fonte: http://percursosurbanosblog.blogspot.com

Percurso “A religiosidade brasileira: a cidade como culto” Fortaleza/CE
Fonte: http://percursosurbanosblog.blogspot.com/2008/08/percurso-religiosidade-afro-brasileira.html

Percurso “Sábado no mangue” Fortaleza/CE
Fonte: http://percursosurbanosblog.blogspot.com/2008/05/blog-post.html

Percurso “Na casa das coisas – museu” Fortaleza/CE
Fonte: http://percursosurbanosblog.blogspot.com/2008/04/percurso-na-casa-das-coisas-museus.html

Percurso “Espaços Invisíveis na Fortaleza Turística" Fortaleza/CE
Fonte: http://percursosurbanosblog.blogspot.com/2008/11/percurso-espaos-invisveis-na-fortaleza.html

Percurso “Chão da cidade” – Foto Hemerson Martins (estudante e morador de Fortaleza)

Percurso “Chão da cidade” – fotos Hemerson Martins (estudante e morador de Fortaleza/CE)

Percurso "A Arte de Falar dos Trabalhadores do Mar" Fortaleza/CE
Fonte: http://percursosurbanosblog.blogspot.com/2008/08/percurso-arte-de-falar-dos.html

Percursos Urbanos "Se essa rua fosse minha" Fortaleza/CE
Fonte: http://percursosurbanosblog.blogspot.com/2008/08/percurso-se-esta-rua-fosse-minha.html

Percurso “A cidade desejante”
Foto: Eduado Seidl
7ª Bienal do Mercosul “Grito e Escuta” (2009)
Porto Alegre/RS

Percursos Urbanos em Assunção/Paraguai (2011).
Fonte http://percursosurbanosblog.blogspot.com/